



**Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO**  
**Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – CCBS**  
**Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Biociências –**  
**Doutorado - PPGENFBIO**

Mary Ann Menezes Freire Morais

**As Representações da Técnica no livro “Técnica de Enfermagem”, de**  
**Záira Cintra Vidal (1933 – 1963)**

Rio de Janeiro

2014

Mary Ann Menezes Freire Morais

**As Representações da Técnica no livro “Técnica de Enfermagem”, de Zaira Cintra Vidal (1933 – 1963)**

**The Representations of the Technique in the book "Nursing Technique" by Zaira Cintra Vidal (1933-1963)**

**Las Representaciones de la Técnica en el libro “Técnica de Enfermería”, de Zaira Cintra Vidal (1933 – 1963)**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências, do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: ENFERMAGEM, BIOCÊNCIAS, SAÚDE, AMBIENTE E CUIDADO.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Mendonça de Amorim

Rio de Janeiro

2014

F866 Freire, Mary Ann Menezes.  
As representações da técnica no livro “Técnica de enfermagem”, de  
Zaíra Cintra Vidal (1933-1963) / Mary Ann Menezes Freire, 2014.  
268 f. ; 30 cm

Orientador: Wellington Mendonça de Amorim.  
Tese (Doutorado em Enfermagem e Biociências) – Universidade  
Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

1. Vidal, Zaíra Cintra, 1933-1963 - Técnica de enfermagem.  
2. Enfermagem. 3. Enfermagem - História. 4. Cuidados de enfermagem.  
5. Obras de referência. I. Amorim, Wellington Mendonça de.  
II. Universidade Federal do Estado do Rio Janeiro. Centro de Ciências  
Biológicas e de Saúde. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e  
Biociências. IV. Título.

CDD – 610.73

Mary Ann Menezes Freire Morais

**As Representações da Técnica no livro “Técnica de Enfermagem”, de Zaira Cintra  
Vidal (1933 – 1963)**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências. Área de Concentração: ENFERMAGEM, BIOCÊNCIAS, SAÚDE, AMBIENTE E CUIDADO.

Aprovada em 10 de dezembro de 2014.

Banca Examinadora:

---

Dr. Wellington Mendonça de Amorim - UNIRIO  
Presidente

---

Dr. Silvio de Almeida Carvalho Filho - UFRJ  
1º Avaliador

---

Dr. Aníbal Francisco Alves Bragança - UFF  
2º Avaliador

---

Dr. Fernando Rocha Porto - UNIRIO  
3º Avaliador

---

Dr. Luiz Henrique Chad Pellon - UNIRIO  
4º Avaliador

---

Dr. Alexandre Barbosa de Oliveira - UFRJ  
1º Suplente

---

Dr. Osnir Claudiano da Silva Junior - UNIRIO  
2º Suplente

Rio de Janeiro

2014

## DEDICATÓRIA

Dedico o fruto desse estudo, primeiramente, aos meus pais, Oswaldo (em memória) e Gloria. Mestres não só pelo amor incondicional, mas pelos exemplos que me inspiram. Particularmente, por força do destino, dedico o trabalho, em especial, à minha mãe. Lições incansáveis de responsabilidade, amor e respeito ao próximo e à família, garra, determinação e dedicação, foram as principais demonstrações de sabedoria que ela me passou. Seus ensinamentos a transformaram na principal referência de minha vida, em qualquer lugar que eu esteja. Obrigada pelas por todo o carinho, pela preocupação constante, pelo apoio incondicional e, principalmente, por ter me ensinado a ser uma pessoa melhor a cada dia. Obrigada por apoiar e sonhar comigo os meus sonhos! É um grande orgulho tê-la como minha mãe! Essa conquista é mais sua do que minha!

Dedico este estudo também ao meu marido, Rafael... Amor, amigo, companheiro de todas as horas, e um dos meus grandes incentivadores. Inesquecíveis as demonstrações de amor, fidelidade e orgulho no dia-a-dia, doações que facilitaram minha caminhada, me impulsionando a vencer desafios e saltar obstáculos. “O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Coríntios 13:7). Obrigada por tudo!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as oportunidades, por todas as bênçãos... Por guiar a minha vida pelos Seus mais perfeitos caminhos... Por abençoar e tornar realidade todos os meus sonhos! Pela força, saúde e determinação plantadas em mim para que eu pudesse concluir mais esse desafio.

Ao meu orientador, prof<sup>o</sup> Dr. Wellington Mendonça de Amorim, pela parceria de longos e proveitosos nove anos. Muito obrigada pela paciência, pelos ensinamentos, por me ajudar a colocar cada tijolinho na trajetória profissional e científica que venho construindo... Mais que mestre, mais que orientador, um grande amigo... Obrigada por se fazer presente na minha vida, por dedicar tanto tempo, por dividir tanta sabedoria, por confiar, por acreditar.

À minha família... À minha mãe, à minha vó Lourdes, ao meu irmão Dennis, à minha tia Geni, à minha prima Natalia... À todos! Obrigada pela compreensão e pelo apoio, sempre presentes em todos os desafios que enfrento, nos momentos mais difíceis, nos momentos em que estive mais ausente! Tenho certeza que vocês sonham comigo os meus sonhos, e isso já faz de mim a pessoa mais feliz e corajosa desse mundo!

Ao meu marido, Rafael, pela paciência, pelo apoio e incentivo, pelo amor que compreendeu e superou momentos de estresse, finais de semana perdidos, ausências... Pelos sonhos que sonhamos juntos... amor paciente, amor que é paz... “O amor só é lindo quando encontramos alguém que nos transforme no melhor que podemos ser” (Mário Quintana).

Às minhas amigas, antigas e novas... À Micheline, Marcelle Fernanda, pela compreensão, pelo apoio, pelas palavras de incentivo... À Lilian, grande amiga que Deus colocou em minha vida num momento tão intenso, de tantas lutas... À todas vocês, meus imensos agradecimentos... Obrigada por dividirem comigo esses momentos, pelos ouvidos cansados de tanto me ouvir... Com certeza ficarão eternamente em meu coração!

Aos professores, membros e amigos do Laphe e Lacenf, pelos exemplos transmitidos, pelos saberes compartilhados, pelos muitos momentos de alegrias! Obrigada pelo acolhimento, pelos ensinamentos, pelo apoio, pelos incentivos!

Aos meus colegas de trabalho, parceiros, amigos... Muito obrigada é pouco para agradecer a compreensão nos momentos difíceis, as palavras de carinho, de força, o companheirismo... À todos vocês do DESP, Adri, Pellon, Florence, Joanir, Vanessa, Simone, Liliana, Fátima... os meus eternos agradecimentos!

À Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, que mais uma vez contribuiu para minha formação e enriquecimento profissional! É com grande orgulho que hoje faço parte da Escola que me formou! Não me faltam referências para a construção de um caminhar profissional de sucesso!

À todos os membros da banca examinadora, pela generosidade em ter aceitado o nosso convite, pelas contribuições, pelos sábios ensinamentos...

À profª Nalva Pereira Caldas (Centro de Memória da Faculdade de Enfermagem da UERJ), Márcia Dantas e Walny Martins (administrativas do Centro de Memória da FENF/UERJ), Suelen de Mendonça Soares Cóquero (da biblioteca da Escola de Enfermagem da Universidade Federal Fluminense), Karina Parreira (bibliotecária da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz, de Itajubá – MG), Vanessa (coordenadora do curso de Técnico de Enfermagem da Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha – RJ), profª Tânia Cristina Franco Santos (EEAN/UFRJ), funcionários da Fundação Biblioteca Nacional, enfim, à todos, inclusive àqueles que minha memória, pelo cansaço, não me permitiu lembrar aqui, mas que certamente se encontrarão no resultado desse trabalho... À vocês agradeço, por toda e qualquer contribuição... As pesquisas em História da Enfermagem não seriam possíveis se não existissem pessoas como vocês!

**Muito Obrigada à todos!**

Livros são lembrados pelas palavras que portam, pelas mensagens que transmitem, pelos sentimentos que fazem brotar naqueles que os leem. Mas são lembrados também pelas suas formas, pela sua encadernação e pelo seu valor como objeto.

*Giselle Martins Venancio*

## RESUMO

O estudo traz como objeto as representações da técnica para a enfermagem no livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal. Como objetivos, foram definidos: caracterizar a materialidade da obra *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal; analisar as representações da técnica de enfermagem na obra intitulada *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal; e discutir as implicações destas representações para o processo de desenvolvimento da enfermagem. Como proposta metodológica teve como alicerce a abordagem teórica da Nova História Cultural, conforme postulada por Roger Chartier, que prioriza a análise documental para se compreender os processos envolvidos na construção do sentido de realidade a partir da produção, circulação e recepção dos textos impressos. Constituíram-se documentos-objetos sete das dez edições do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, compreendidas entre o período de 1933 a 1963. A análise dos dados convergiu para a construção de quatro categorias: de Zaíra ao livro – o complexo contexto de construção de personalidades e produção de conhecimentos; representações e dispositivos de leitura – o livro *Técnica De Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal; leituras e representações – a técnica no contexto da Enfermagem; representações e práticas - implicações para o processo de desenvolvimento da Enfermagem. Num processo de evolução, formação e profissionalização, pode-se notar que houve uma grande preocupação em preparar e formar enfermeiras de alto padrão. A preocupação com o ensino e a influência norte-americana na Escola Anna Nery foram fatores que direcionaram a formação pensada de líderes da enfermagem. Zaíra Cintra Vidal foi uma dessas personalidades formadas, cuja prática e produção científica influenciaram na conformação do campo educacional ao longo de alguns anos. Seu livro *Técnica de Enfermagem*, revestido de significações plurais e móveis, enunciou aquele que foi tido como o saber da enfermagem: a técnica. Apesar da inexpressividade de sua circulação, pode-se observar a notória relevância de sua temática, que circulou nos meios acadêmicos e órgãos de divulgação, sendo consideradas como uma das primeiras manifestações organizadas e sistematizadas do saber na enfermagem.

Palavras-chave: História da Enfermagem. Cuidados de Enfermagem. Enfermagem.  
Obras de Referência.

## ABSTRACT

The study brings as its object the representations of the technique in Nursing in the book *Nursing Technique* by Zaíra Cintra Vidal. The defined objectives were: to characterize the materiality of the work *Nursing Technique* by Zaíra Cintra Vidal; to analyze the representations of the nursing technique in the work entitled *Nursing Technique* by Zaíra Cintra Vidal; and to discuss the implications of these representations in the process of nursing development. The methodological proposal had as its foundation the theoretical approach of the New Cultural History, as postulated by Roger Chartier, which prioritizes the documental analysis to understand the processes involved in the construction of a sense of reality based on production, circulation, and reception of printed texts. Seven out of the ten editions of the book *Nursing Technique* by Zaíra Cintra Vidal, from the period 1933 to 1963, were used as object documents. The data analysis converged to the construction of four categories: from Zaíra to the book – the complex context of construction of personalities and knowledge production; representations and reading devices – the book *Nursing Technique* by Zaíra Cintra Vidal; readings and representations – the technique in the context of Nursing; representations and practices - implications in the process of Nursing development. In a process of evolution, training, and professionalization it may be noted that there was a great concern to prepare and train nurses of high standards. The concern with education and the American influence in the Anna Nery School were factors that guided the thought through formation of leaders in nursing. Zaíra Cintra Vidal was one of these formed personalities, whose practice and scientific production influenced the conformation of the educational field over a few years. Her book *Nursing Technique*, embedded with plural and moving significations, enunciated what was regarded as the nursing knowledge: the technique. Despite its inexpressive circulation, its notorious thematic relevance can be observed, which circulated in academia and organs of dissemination, being regarded as one of the first organized and systematized manifestations of knowledge in nursing.

Keywords: History of Nursing. Nursing Care. Nursing. Reference Works.

## RESUMEN

El estudio tiene como objetivo las representaciones de la técnica para la enfermería en el libro *Técnica de Enfermería*, de Zaíra Cintra Vidal. Fueron definidos como objetivos: caracterizar la materialidad de la obra *Técnica de Enfermería*, de Zaíra Cintra Vidal; analizar las representaciones de la técnica de enfermería en la obra titulada *Técnica de Enfermería* de Zaíra Cintra Vidal; y discutir las implicaciones de éstas representaciones para el proceso de desarrollo de enfermería. Como propuesta metodológica tuvo como fundamento el enfoque teórico de la Nueva Historia Cultural, como postulada por Roger Chartier, que prioriza el análisis documental para comprender los procesos involucrados en la construcción del sentido de realidad a partir de la producción, circulación y recepción de los textos impresos. Se constituyeron en documentos-objetos siete de las diez ediciones del libro *Técnica de Enfermería* de Zaíra Cintra Vidal, comprendidas entre el período 1933 a 1963. El análisis de los datos convergió para la construcción de cuatro categorías: de Zaíra al libro – el complejo contexto de construcción de personalidades y producción de conocimientos; representaciones y dispositivos de lectura – el libro *Técnica de Enfermería* de Zaíra Cintra Vidal; lecturas y representaciones – la técnica en el contexto de la enfermería; representaciones y prácticas – implicaciones para el proceso de desarrollo de la Enfermería. En un proceso de evolución, formación y profesionalización, se puede notar que hubo una gran preocupación en preparar y formar enfermeras de alto nivel. La preocupación con la enseñanza y la influencia norteamericana en la Escuela Anna Nery fueron factores dirigidos a la formación pensada de líderes de enfermería. Zaíra Cintra Vidal fue una de esas personalidades formadas, cuya práctica y producción científica influyeron en la conformación del campo educativo por algunos años. Su libro *Técnica de Enfermería*, revestido de significados plurales y móviles, enunció aquello que se consideraba como el conocimiento de la enfermería: la técnica. A pesar de la inexpresividad de su circulación, se puede observar la notoria relevancia de su temática, que circuló en los medios académicos y órganos de divulgación, siendo considerada como una de las primeras manifestaciones organizadas y sistematizadas del conocimiento en la enfermería.

Palabras clave: Historia de la Enfermería. Cuidados de Enfermería. Enfermería. Obras de Referencia.

## LISTA ESPECIAL DE IMAGENS

Imagem 1	Capa do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra Cintra Vidal, 1933.....	79
Imagem 2	Capa do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra Cintra Vidal, 3ª edição (1942).....	79
Imagem 3 e 4	Capas das 4ª (1943) e 6ª (1948) edições do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra Cintra Vidal, 1943.....	80
Imagem 5, 6 e 7	Capas das 7ª (1953), 9ª (1959) e 10ª (1963) edições do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra Cintra Vidal.....	80
Imagem 8, 9 e 10	Dorso do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal – 7ª (1953), 9ª (1959) e 10ª (1963) edições, respectivamente.....	87
Imagens 11 e 12	Capa dos <i>Annaes de Enfermagem</i> (Outubro de 1934). Fonte: Arquivo Lacenf – EEAP – UNIRIO. Capa do Livro <i>Técnica de Enfermagem</i> (4ª, 6ª, 7ª, 9ª e 10ª edições).....	87
Imagem 13, 14 e 15	Lombada – Livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal – 7ª (1953), 9ª (1959) e 10ª (1963) edições, respectivamente.....	89
Imagem 16, 17, 18 e 19	Livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Ana Vitória Reidt e Domingos Albano, 1ª edição (1941) – capa e divisão das partes internas.....	92
Imagem 20	Falsa folha de rosto do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933.....	93
Imagem 20 (com ampliação)	Falsa folha de rosto do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933.....	94
Imagem 20 (com ampliação)	Falsa folha de rosto do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933.....	95
Imagens 21	Falsa folha de rosto. Livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , Zaíra C. Vidal – 9ª (1959) edição.....	97
Imagem 22	Falsa folha de rosto – Livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , Zaíra C. Vidal – 10ª (1963) ed.....	99
Imagem 23	Folha de rosto do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933.....	101

Imagem 23 (com ampliação)	Recorte ampliado da Folha de rosto do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933.....	124
Imagem 24, 25 e 26	Folha de rosto do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1942, 1943 e 1948, respectivamente.....	102
Imagem 27, 28 e 29	Folha de rosto – livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra Cintra Vidal – 7ª (1953), 9ª (1959) e 10ª (1963) edições, respectivamente.	104
Imagem 30	Dedicatória do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933 (com ampliações).....	105
Imagens 31 e 32	Prefácio (primeira e última páginas) do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933.....	106
Imagens 33	Agradecimento – livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal – 4ª (1943) edição.....	111
Imagem 34	Livro <i>Arte e Técnica da Enfermagem</i> , do médico Mário Rangel – 1ª (1953) edição.....	113
Imagem 35	Introdução do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933.....	114
Imagens 36	Descrição de uma das técnicas trazidas no livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933.....	116
Imagem 37, 38, 39 e 40	Imagem utilizada no livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, nas 6ª (1948), 7ª (1953), 9ª (1959) e 10ª (1963) edições, respectivamente.....	118
Imagem 41, 42, 43 e 44	Imagem utilizada no livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, nas 6ª (1948), 7ª (1953), 9ª (1959) e 10ª (1963) edições, respectivamente.....	119
Imagens 45 e 46	Cabeças - Livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra Cintra Vidal, nas 1ª (1933) e 7ª (1953) edições, respectivamente.....	120
Imagens 47, 48 e 49	Índice - Livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, na 7ª (1953) (imagem 57) e 9ª (1959) (imagens 58 e 59) edições, respectivamente.....	121
Imagem 50	Penúltima página do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933.....	121
Imagem 50 (com ampliação)	Recorte ampliado da penúltima página do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933.....	124

Imagem 51 e 52	Colofão e dorso do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal – 9ª (1959) edição.....	124
Imagem 53	Última página do Índice – livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra Cintra Vidal – 10ª (1963) edição.....	125
Imagens 54	Capa do livro <i>Novo Manual de Técnica de Enfermagem</i> , de Elvira de Felice Souza, 4ª (1966).....	135
Imagem 55	Anúncio sobre o livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, Annaes de Enfermagem – Dez./1933. Fonte: Arquivo Lacenf – EEAP – UNIRIO.....	147
Imagem 56	Reportagem publicada em 03/09/1942, no periódico <i>Gazeta de Notícias</i> , onde é possível encontrar a figura de Zaíra Cintra Vidal em destaque. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira – Fundação Biblioteca Nacional.....	152
Imagem 57	Descrição de uma técnica com registros da aluna/leitora – página 22 do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933.....	159
Imagens 58	Descrição de uma técnica com registros da aluna/leitora – página 26 do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933.....	160
Imagens 59	Descrição de uma técnica com registros da aluna/leitora – página 80 do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933.....	161
Imagens 60	Parte destinada a Apontamentos, com registros da aluna/leitora – página 94 do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933.....	162
Imagens 61	Parte destinada a Apontamentos, em branco – página 88 do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1933.....	162
Imagens 62	Parte destinada a Apontamentos, com registros da aluna/leitora – página 36 do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1953.....	163
Imagem 63	Parte destinada a Apontamentos, com registros da aluna/leitora – página 219 do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1953.....	164
Imagem 64 e 65	Parte destinada a Apontamentos, com registros da aluna/leitora em folha solta anexada à página – página 147 do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1953.....	165

Imagem 66	Descrição de uma técnica com registros da aluna/leitora – página 196 do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1953....	166
Imagem 67	Descrição de uma técnica com registros da aluna/leitora – página 95 do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1953.....	167
Imagem 68	Panfleto informativo sobre material hospitalar colado ao livro – página 154/155 do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1953.....	168
Imagem 69	Panfleto informativo sobre material hospitalar colado ao livro (aberto) – página 154/155 do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1953.....	168
Imagem 70	Panfleto informativo sobre material hospitalar colado ao livro (verso) – página 154/155 do livro <i>Técnica de Enfermagem</i> , de Zaíra C. Vidal, 1953.....	168
Imagem 71	Recorte de notícia publicada no <i>Diário de Notícias</i> (de 27 de agosto de 1952).....	227
Imagem 72, 73 e 74	Maria Aurineide quando aluna, formada e docente da Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, respectivamente. Fonte: Fichas dos alunos e prontuários dos servidores – Centro de Memória da Faculdade de Enfermagem da UERJ.....	229

## LISTA ESPECIAL DE ABREVIATURAS

ABED	Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (1944 – 1954).
ABEn	Associação Brasileira de Enfermagem (1954 – ).
ABRADHENF	Academia Brasileira de História da Enfermagem (2010 – ).
ANED	Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas (1926 – 1929).
ANEDB	Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (1929 – 1944)
CEDOC / EEAN / UFRJ	Centro de Documentação (1993 – ), da Escola de Enfermagem Anna Nery, da UFRJ.
CFE	Conselho Superior de Ensino (1911 – 1925); Conselho Nacional de Ensino (1925 – 1931); Conselho Nacional de Educação (1931 – 1961); Conselho Federal de Educação e os Conselhos Estaduais de Educação (1961 – 1971); Conselhos Municipais de Educação (1971 – 1994); Conselho Nacional de Educação (1994 – ).
CIE / ICN	Conselho Internacional de Enfermeiros (1899 - ).
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (1951 - ).
COC - FIOCRUZ	Casa de Oswaldo Cruz (criada em 1985, torna-se uma das unidades técnico-científicas da Fiocruz em 1986 – ) - Fundação Oswaldo Cruz (1900 – ).
DNSP	Departamento Nacional de Saúde Pública (1920 – 1937) / DNS – Departamento Nacional de Saúde (1937 – 1953).
DOS	Divisão de Organização Sanitária (1941 – 1953)
EEAN	Escola de Enfermagem Anna Nery (1923 – ).
EEAP	Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1890 - ).
EERP	Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (1951 – ), da Universidade de São Paulo – USP.
EEUSP	Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (1942 – ).
EUA / USA	Estados Unidos da América (1783 – ) – Data oficial de independência dos EUA.
FENF / UERJ	Faculdade de Enfermagem (1944 – ), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1950 – ).
HCTE - UFRJ	História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (2005 – ), da

	Universidade Federal do Rio de Janeiro.
IAIA	Instituto de Assuntos Interamericanos (1942 – 1945)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1937 - )
Lacenf	Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (2009 - ).
Laphe	Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem (2000 - ).
MEC	Ministério da Educação e Cultura (1953 - )
MES	Ministério da Educação e Saúde (1937 – 1953)
MESP	Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública (1930 – 1937)
MS	Ministério da Saúde (1953 - )
OMS	Organização Mundial de Saúde (1945 - )
REBEn	Revista Brasileira de Enfermagem (1954 - ).
Seec	Serviço de Estatística de Educação e Saúde (1937 – 1956); Serviço de Estatística de Educação e Cultura (1956 – ).
SNEL	Associação profissional das Empresas Editoras de Livros e Publicações Culturais (1940 – 1941); Sindicato Nacional das Empresas Editoras de Livros e Publicações Culturais (1941 – 1959); Sindicato Nacional dos Editores de Livros (1959 – ).
SESP	Serviço Especial de Saúde Pública (1942 – 1960) / FSESP – Fundação Serviço Especial de Saúde Pública (1960 – 1990).
UFF	Universidade Federal Fluminense (1960 – ).
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro (1965 – ) / Universidade do Brasil (1937 – 1965) / Universidade do Rio de Janeiro (1920 – 1937).
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (1976 – ). Editora UNESP (1987 – ).
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1979 – ).
USP	Universidade de São Paulo (1934 – ).

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>1 ASPECTOS CONCEITUAIS: PERSPECTIVAS E PRESSUPOSTOS DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL</b> .....	34
<b>2 OPERAÇÃO METODOLÓGICA</b> .....	40
<b>2.1 Documento Histórico e Objeto Cultural – buscas pelas edições do livro “Técnica de Enfermagem”</b> .....	47
<b>3 DE ZAÍRA AO LIVRO – O COMPLEXO CONTEXTO DE CONSTRUÇÃO DE PERSONALIDADES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS</b> .....	54
<b>3.1 Figuras do autor: a enfermagem na produção do conhecimento</b> .....	63
3.1.1 <u>Atuação na Associação Brasileira de Enfermagem</u> .....	67
3.1.2 <u>Contribuições de sua Atuação na Área da Educação</u> .....	69
<b>4 REPRESENTAÇÕES E DISPOSITIVOS DE LEITURA – O LIVRO “TÉCNICA DE ENFERMAGEM”, DE ZAÍRA CINTRA VIDAL</b> .....	72
<b>4.1 O livro “Técnica de Enfermagem”, de Zaíra Cintra Vidal</b> .....	72
4.1.1 <u>Elementos Pré-Textuais do Livro – Representações de Autoridade, Poder e Institucionalização do Saber</u> .....	76
4.1.2 <u>Elementos Textuais do Livro – Representações de Competência Intelectual</u> .....	115
4.1.3 <u>Elementos Pós-Textuais do Livro – Representações de Colaboração de Autoria</u> ...	120
<b>5 LEITURAS E REPRESENTAÇÕES – A TÉCNICA NO CONTEXTO DA ENFERMAGEM</b> .....	128
<b>5.1 Circulação do Livro “Técnica de Enfermagem” – a inexpressividade do objeto cultural face sua importância histórica</b> .....	129
5.1.1 <u>A Circulação do Livro em uma Instituição de Ensino</u> .....	130
5.1.2 <u>A Circulação do Livro em Órgãos de Divulgação</u> .....	143

<b>5.2 Práticas de Leitura – materialidade do texto, corporalidade do leitor.....</b>	<b>154</b>
5.2.1 <u>Apropriação do livro através dos vestígios dos seus leitores.....</u>	156
5.2.2 <u>Apropriação do livro: representações de status e intelectualidade.....</u>	169
5.2.3 <u>Apropriação do livro no ensino e nas publicações de enfermagem.....</u>	171
<b>6 REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS - IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA ENFERMAGEM.....</b>	<b>182</b>
<b>6.1 Técnicas de Enfermagem – expressões de um saber.....</b>	<b>182</b>
<b>6.2 Trajetória das Técnicas de Enfermagem – significados históricos.....</b>	<b>186</b>
<b>6.3 A Técnica e suas relações com o desenvolvimento da Enfermagem.....</b>	<b>191</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>196</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>202</b>
<b>DOCUMENTOS.....</b>	<b>214</b>
<b>RESUMO BIOGRÁFICO DOS PRINCIPAIS ATORES QUE COMPÕEM O ESTUDO.....</b>	<b>218</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>238</b>
<b>Apêndice 1:</b> Quadro I - Grupos de Pesquisa que atuam com estudos sobre a Nova História Cultural.....	238
<b>Apêndice 2:</b> Quadro II – Universidades Federais do Brasil com Escolas de Enfermagem – processo de busca pelo documento-objeto.....	240
<b>Apêndice 3:</b> Quadros III a XVI – Mapas de Frequência à Biblioteca da atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, detalhados por ano (1949 a 1963).....	252

## INTRODUÇÃO

O homem em sua trajetória sempre teve como preocupação central a busca de novos conhecimentos. A necessidade de buscar o conhecimento seguramente é uma das características presente em cada um de nós desde que o ser humano começou a percorrer a trajetória que o transformou naquilo que é hoje. Saber para que serve a água e a necessidade que temos de ingeri-la, bem como os alimentos dos quais precisamos foram as primeiras percepções necessárias à sobrevivência. O exemplo está bem distante da ideia que temos hoje sobre o que vem a ser conhecimento, mas, certamente, estas inquietações levantaram dúvidas e questionamentos no homem ancestral e o fizeram buscar respostas (CAVALLO; CHARTIER, 1999).

Nesse sentido, o surgimento de doenças, a necessidade de organização e crescimento dos países, nas esferas política, social e econômica, foram outros fatores que impulsionaram a busca e construção de conhecimentos ao longo dos tempos. Foi por essa perspectiva, lembra Lopes (2002, p. 53), que o conhecimento científico, ou não, permeou e perpassou a história da humanidade.

Vamos considerar esse aspecto como ponto de partida de nossa discussão. Sabe-se que a enfermagem moderna foi pautada nos princípios fundamentais e proposições explicativas de Florence Nightingale (NIGHTINGALE, 1989). Seymour (1947), aliás, fortalece tal perspectiva ao afirmar: “Em sua gênese e desenvolvimento, a enfermagem é consistente com a arte de cuidar específica de uma prática científica, que corresponde a uma verdadeira reforma sanitária e, por isso, reconhecida de alta relevância”.

Dessa forma, é notório que sua trajetória histórico-evolutiva e o progresso profissional, decorrente de sua expansão paradigmática em todas as partes do mundo, estão socialmente reconhecidos. Se a enfermagem, porém, não culminou como ciência, *em si e por si*, é que “a ciência não nasce toda equipada do cérebro do cientista, ela é um processo antes de ser um acabamento; ela é um penoso esforço para recomeçar perpetuamente a pensar de maneira precisa” (MOLES, 1995).

Segundo Carvalho (2003, p. 423), a ciência é uma atividade humana complexa, tão integrada a mudanças aceleradas, em forma e conteúdo, que não se pode, simplesmente, superestimar ou subestimar a confiabilidade do conhecimento. É preciso

atenção não só aos fundamentos da enfermagem, mas aos preceitos do conhecimento científico.

No que diz respeito ao processo de cientificação da enfermagem, pode-se dizer que o fenômeno ocorreu de diferentes modos, segundo as características apresentadas pela comunidade científica, e as lutas simbólicas ocorridas dentro e fora do campo da enfermagem, a cada momento histórico (SALLES; BARREIRA, 2010, p. 145).

A construção e evolução do conhecimento científico na área da enfermagem ao longo do tempo permitiu identificar as bases fundamentais da produção de saberes responsáveis pelo desenvolvimento da profissão. Bases estas entendidas como documentos de relevância histórica para a compreensão dos fatos e fenômenos que nortearam a consolidação da profissão. A importância desses documentos enquanto suportes para a transmissão do saber passaram a ser destacadas nos estudos a medida que novas formas de olhar para as fontes foram sendo descortinadas.

Samara e Tupy (2007, p. 117 – 118), ao abordarem documento da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, citam e destacam cartas, livros, relatórios, diários, pinturas, esculturas, fotografias, filmes, músicas, mitos, lendas, falas, espaços, construções arquitetônicas ou paisagísticas, instrumentos e ferramentas do trabalho, utensílios, vestimentas, restos de alimentos, habitações, meios de locomoção e meios de comunicação, ampliando o olhar sobre as fontes do conhecimento histórico. As autoras sublinham, desta forma, os sentidos culturais, estéticos, técnicos e históricos que esses objetos expressam, organizados por meio de linguagens.

Dentro dessa diversidade de registros, um suporte, em especial, nos chama a atenção: o livro. Seja do ponto de vista das técnicas ou das tecnologias, dos saberes contidos no processo da produção editorial, além de sua relação com a cultura material e a história social, os livros ocupam um lugar específico, quer como protagonistas, quer como coadjuvantes indispensáveis à produção e disseminação do conhecimento. Frederiksen (2010, p. 151), ao estudar livros dinamarqueses para estudantes de enfermagem e medicina, entre 1870 e 1956, destacou um fragmento, datado de 1891, de autoria do médico Rasmussen, que escreveu a seguinte passagem na primeira página de um dos primeiros livros compostos e editados em dinamarquês para enfermeiras, intitulado *Handbook for Nurses*:

Gone are the days when having ‘good intentions’ was enough to be a nurse. Nowadays we require a full education in a hospital from the woman who wants to become a nurse, and this woman must be endowed with many

qualities and talents in order to successfully undertake nursing. These demands are made on her by doctor and patient. The doctor demands knowledge and nursing skills and absolute obedience. The patient expects her to know all the comforts improved nursing has resulted in, which aim to soothe his condition. But apart from knowledge and skills she must also understand how to treat the patient with tact and humanity<sup>1</sup>.

No referido trabalho, livros são considerados como parte do corpo de conhecimento incorporado na profissão de enfermagem. Seu papel, portanto, é estratégico. Livros didáticos são lidos e entendidos como parte de um discurso de conhecimento formando um quadro de conhecimento em torno do profissional. Foucault (2000) reconhecia discursos “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. Não como documentos de uma verdade, mas como monumentos de sua construção. Frederiksen (2010, p. 151-52), à luz da obra do filósofo francês Michel Foucault, traz que os discursos do conhecimento são entendidos como contribuição para a formação do enfermeiro, bem como influenciador das práticas no campo da educação.

Um livro contém o que é tomado como evidência em um determinado período; ele contém o que é percebido e necessário para um leitor vir a saber. Assim, um livro é tomado como evidência em determinado período, informando o que é percebido e necessário para um estudante/leitor distinguir o que saber e o que fazer. Estes conteúdos podem parecer estar sob uma roupagem de neutralidade. Mas até mesmo a apresentação mais simples dos fatos anatômicos irá representar uma interpretação do tema tratado no texto através da forma como o texto está escrito e através das palavras escolhidas e as metáforas usadas. De acordo com Frederiksen (2010, p. 151-52), o corpo de conhecimento destinado a enfermeiros ou quaisquer outros profissionais, portanto, contém mais do que apenas um conhecimento neutro. Para ele, constitui um desafio presente investigar como o conhecimento julgado como necessário para uma enfermeira foi construído, como também as características distintivas desse corpo de conhecimentos.

Belo (2008) acrescenta que o livro é uma das fontes mais ricas de que o historiador dispõe. Nele encontramos idéias do seu autor, as marcas do lugar social de

---

<sup>1</sup> O trecho correspondente na tradução é (tradução nossa): [Longe vão os dias em que ter “boas intenções” foi o suficiente para ser uma enfermeira. Hoje em dia precisamos de uma educação completa em um hospital para a mulher que quer se tornar uma enfermeira, e essa mulher deve ser dotada de muitas qualidades e talentos a fim de encarregar-se com sucesso do exercício da enfermagem. Essas demandas são garantidas pelo seu médico e pelo seu paciente. O médico exige conhecimento e habilidades e obediência absoluta da enfermagem. O paciente espera que ela conheça todos os confortos aperfeiçoados pelo conhecimento da enfermagem, que visam aliviar sua condição. Mas, para além dos conhecimentos e habilidades, ela também deve compreender como tratar o paciente com finura e humanidade].

onde escreveu, os indícios da produção e da venda da obra, do trabalho de ilustração, de grafismo, além da materialidade e espiritualidade do escritor.

Um livro, em uma determinada época, seja ele impresso ou manuscrito, traz em si, para além das marcas de um trabalho intelectual, marcas de uma relação com o poder ou com outros indivíduos. Ainda de acordo com Belo (2008, p. 104), os livros são marcas do estatuto social dos seus autores, marcas da relação do texto com o leitor, marcas de um uso da língua, enfim, marcas de um proprietário ou mesmo de um ato de leitura. Tudo o que está no livro, em qualquer livro, pode nos reenviar para fora dele.

De acordo com a arqueologia, são considerados documentos todos os vestígios do passado, passíveis de análise histórica, inclusive o livro. Neste sentido, sustenta Silva Junior (2011), a perspectiva da pesquisa histórica ganha amplitude e traz à tona novas questões. Estas últimas, submetidas à percepção, seleção e interpretação do leitor permitem novas leituras e, não raro, a reinterpretção do processo histórico. Todo produto da atividade humana, portanto, pode se tornar um documento com interesse para a história.

Segundo Chartier (2002, p. 13), os documentos não são mais considerados somente pelas informações que fornecem. Hoje eles são estudados também em si mesmos, em sua organização discursiva e material, em suas condições de produção e suas utilizações estratégicas. Mais do que isso. Ainda sob a perspectiva de mudança do olhar sobre os livros e outros documentos, e sob a ótica de Roger Chartier e da Nova História Cultural, os livros, em especial, não têm sentido estático, universal, fixo. Os livros não se apresentam para o seu público de forma ingênua, sem intenções. Eles estão investidos de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam (CHARTIER, 1994, p. 09).

Nesse contexto, uma obra em especial fez surgir uma inquietação e nos remeteu à temática abordada e discutida até então. Trata-se da obra *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal. Este livro, escrito por uma enfermeira brasileira, atravessou décadas (sua primeira edição data de 1933 e a última edição identificada data de 1963), e tem características distintas no que diz respeito à saúde pública brasileira. Por esse e outros motivos, ganhou destaque e contribuiu com a difusão dos conhecimentos na área da Enfermagem.

Vamos destacar aqui alguns pontos para ilustrar o porquê da importância desta obra e como ela nos motivou. É possível observar a Enfermagem como uma profissão que se consolida no Brasil num momento em que sua prática era vinculada às políticas públicas, quando o saber médico (destacando-se com o modelo sanitarista), paralelamente, se institucionalizava e começava a se organizar na área de Saúde Pública. Conforme destacam Freire e Amorim (2008), a enfermagem, portanto, estava associada ao Estado, ao saber médico e à Saúde Pública brasileira. Reorganizada para atender às necessidades da saúde pública, a disciplina foi profundamente influenciada por modelos de origem francesa, alemã e anglo-americano, prevalecendo o último, caracterizado pelo estudo sistemático das doenças e o consequente cuidado ao doente, além do estudo das relações do ambiente com a saúde da população e, portanto, centrada nos Centros de Saúde.

Tal afirmação, no entanto, não é uma unanimidade. Zaíra Cintra Vidal (1937), por exemplo, cita que a educação da enfermeira estava subordinada a dois fatores: um deles é a instrução recebida na sala de aula e o outro a experiência nos diferentes serviços do hospital. Na publicação, intitulada “O trabalho prático nas enfermarias”, a autora explicava a estratégia que era usual na época. Na sala de aula, disse ela, a enfermeira se preparava teoricamente para cuidar do doente e, no hospital, ela adquiria a habilidade prática necessária à profissão. Assim, é possível observar que o “treinamento” do olhar da enfermeira tinha como foco o corpo do paciente hospitalizado, isto é, doente. Depois, estes saberes e fazeres, segundo ela, eram, então, “adaptados” aos corpos sadios que seriam objeto do trabalho das enfermeiras de saúde pública, tendo como cenário as unidades sanitárias ou os domicílios.

Portanto, ainda que o modelo sanitarista se destacasse na prática até meados do século XX, havia também um destaque nas atividades práticas nos hospitais, por parte das instituições de ensino. Esta é também a trajetória da Enfermagem, tanto nos Estados Unidos da América (EUA) como na Inglaterra, onde as escolas fundadas no final do século XIX eram vinculadas aos hospitais particulares. Isso permitia a formação de mão de obra em menos tempo e com menor custo, fato este que começa a ter novos horizontes, para além da técnica, principalmente nos EUA, nas primeiras décadas do século XX (KRUSE, 2008).

As técnicas de enfermagem, no contexto do cuidado de enfermagem, em ambas as áreas, sanitarista e hospitalar, foram as primeiras manifestações organizadas e sistematizadas de saber na enfermagem. Elas contêm as descrições do que deve ser

executado pela enfermeira, passo a passo, relacionando também o material a ser utilizado. Autores como Almeida e Rocha (1986) se debruçaram sobre o tema. De acordo com eles, a sistematização da prática da enfermagem pode se referir tanto a procedimentos relacionados ao paciente (técnica de curativo), como a rotinas administrativas (alta hospitalar) ou procedimentos de manuseio do material hospitalar (montagem da sala de cirurgia). Esses procedimentos foram organizados como um saber no início do século XX, nos Estados Unidos, e passaram a compor manuais, sendo considerados como a arte da enfermagem. Representam, assim, uma grande parte do trabalho da enfermagem e foram se modificando, desde uma simples descrição de passos até a apropriação de saberes de outras áreas do conhecimento, para encontrar as razões dos procedimentos. Ao fazer esta articulação, as autoras dos manuais à época começam a mencionar que a enfermagem é, além de arte, uma ciência. E que o acervo de técnicas de enfermagem é que faz esta tensão entre a ciência e a arte (KRUSE, 2006, p. 409).

Mais tarde, a partir da década de cinquenta do século passado, os princípios científicos de enfermagem passaram a ser construídos. Na época, foram olhados como um avanço em relação às técnicas de enfermagem, pois representavam a incorporação dos princípios da ciência à prática da enfermagem. Esses princípios constituem um saber que precede as teorias de enfermagem e constam de livros como *Princípios científicos da enfermagem*, um clássico da época, editado em 1950, nos Estados Unidos, e que teve sua primeira edição brasileira em 1965. No prefácio, as autoras inventariam as ciências que estariam relacionadas com a enfermagem e explicam que o termo princípio “significa um fato científico que justifica os métodos em prática” (MCCLAIN; GRAGG, 1965). O texto relembra recorrentemente a importância do método e da eficiência no trabalho da enfermeira, sendo que os resultados esperados só serão obtidos se a “enfermeira compreender as razões em que se baseiam os métodos que usa” (MANDU; ALMEIDA, 1999).

A mesma obra faz referência a “uma filosofia” e introduz uma outra terminologia, ainda não utilizada na enfermagem, que nos anos seguintes viria a ser difundida: as necessidades básicas<sup>2</sup>. Da mesma forma, introduz outras expressões como

---

<sup>2</sup> No Brasil, a Enfermagem iniciou esse movimento em 1970, com a Teoria das Necessidades Humanas Básicas, de Wanda de Aguiar Horta. A referida teoria tem como objeto o ser humano no atendimento de suas necessidades básicas afetadas, para torná-lo independente dessa assistência, quando possível, pelo ensino do autocuidado. Baseia-se ainda em que ele recupere, mantenha e promova sua saúde em

“cuidar do paciente como um todo”, incluindo-se neste conceito seu trabalho, suas relações afetivas e os princípios científicos que “orientam as técnicas” (ALMEIDA, 2002). Apesar de a ênfase ter sido reduzida, ainda é citada a importância da arte na enfermagem. No texto, a enfermagem eficiente é vista como uma confluência entre os porquês (ciência), acrescidos das habilidades (fazer) e atitudes (comportamentos) (KRUSE, 2006).

Ainda nesse contexto, destaca-se, segundo Marina de Andrade Resende<sup>3</sup>, sobre a literatura profissional:

um dos fatores culturais que pode ser controlado pelos enfermeiros, é ainda escassa no Brasil. [...] É compreensível e aceitável a colaboração de profissões afins. Mas seria incompreensível e inaceitável se a literatura profissional de enfermagem permanecesse produzida pelos profissionais afins. [...] As enfermeiras, mesmo as que sabem e podem escrever, são muito ocupadas; entretanto, a ocupação e a obrigação compreendidas e aceitas afetiva e inteligentemente, geram a ordem e assim, algumas de nossas colegas souberam encontrar tempo para enriquecer o patrimônio da enfermagem com artigos e livros, abrindo caminhos a serem trilhados com mais frequência e menos dificuldades pelas gerações mais jovens.

Marina de Andrade Resende destacou, ainda, no referido texto, que contribuir para a expansão do conhecimento científico em linguagem técnica era uma atribuição a que os enfermeiros não se poderiam furtar; era uma responsabilidade que não poderia ser delegada a outras categorias profissionais; a tarefa exigia, por isso mesmo, reflexão constante e progressiva sem o que estariam os enfermeiros omitindo um dever. Era notória, na literatura de enfermagem à época, a valorização do conhecimento através da produção, pelas enfermeiras brasileiras, de conteúdos que viessem a consolidar a profissão e trazer destaque para o país.

Considerando então os discursos do conhecimento construídos no Brasil, a obra *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, e também a influência norte-americana no país desde o início do século XX, considero pertinente questionar de que forma a comunidade de enfermagem apropriou-se das representações da técnica contidas na referida obra, num contexto de diferentes influências na construção do conhecimento.

Como hipótese operacional aponto que a obra *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, ao ordenar pensamentos e condutas relativas à assistência de enfermagem,

---

colaboração com outros profissionais e com seus próprios recursos (Albuquerque; Nóbrega; Fontes, 2008, p. 393).

<sup>3</sup> Marina de Andrade Resende. Literatura profissional e Enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem. Junho de 1963. Página 133 - 134.

por meio da força de suas representações das técnicas, procurou constituir-se como um manual de referência para as alunas de enfermagem à época e reestruturação de uma prática de escrita científica mais autônoma no campo da Enfermagem profissional.

O conceito de representação na perspectiva de Roger Chartier - referencial teórico a ser adotado neste estudo - refere-se às materializações das operações mentais e intelectuais de determinados agentes/atores envolvidos no processo de produção do texto escrito. Essa ferramenta prioriza a modalidade impressa - que se encontra condicionada às convenções, competências e protocolos de leitura de seus potenciais leitores. Apesar das representações do mundo social “aspirarem a uma universalidade de um diagnóstico fundado na razão”, elas não são discursos neutros e são sempre determinadas pela impressão daqueles que as produzem. Situam-se sempre, desta forma, num campo de concorrências e de competições (CHARTIER, 1990, p.17).

Fica claro, assim, a pertinência desse estudo e sua relação com os pressupostos da Nova História Cultural. A análise do livro na perspectiva da Nova História Cultural, tendo como fio condutor as suas representações, remonta a história da leitura, as suas formas de apropriação e o processo de formação e produção de conhecimentos da enfermagem brasileira. Concebemos aqui, desta forma, as representações, como a materialidade e a estética textual, enquanto potencial revelador das formas, usos e efeitos da escrita na determinação de um campo concorrencial. É neste espaço que se inscrevem diferentes visões de mundo a disputar a construção de um sentido de realidade, ou, nesse caso, de conhecimento, numa relação dialógica entre representação escrita e sua apropriação pela leitura.

Não é por outro motivo que as representações devem ser observadas como os mecanismos pelos quais um grupo tenta exercer a sua dominação e exercício do poder, impondo sua concepção de mundo social, suas escolhas, condutas e valores projetados em objeto material destinado à circulação em nichos intelectuais específicos de recepção. Elas (as representações) têm o potencial de revelar as concorrências de visões de mundo em torno da edificação de um sentido de realidade; na prática, fornecem elementos capazes de estabelecer os nexos existentes na relação entre os dispositivos formais e materiais responsáveis por “modelar” o conteúdo a ser impresso e as diferenças socioculturais existentes entre os agentes envolvidos com a sua produção e consumo (CHARTIER, 2003a).

Nesse entendimento, tanto os aspectos materiais, quanto a circulação e recepção do livro constituem objeto da Nova História Cultural, que busca resgatar o papel do

leitor, neste caso estudantes e profissionais de enfermagem, na construção do sentido de uma forma de conhecimento e, por conseguinte, da sua realidade. Neste processo, o leitor exerce sua liberdade de apropriação das representações por meio da leitura - ato capaz de contribuir para criar as condições de julgamento e de intervenção no mundo.

Assim, as representações da técnica contidas no livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, são consideradas como moldes de práticas culturais que embutem modalidades diversificadas de apropriação e de produção do sentido de um conhecimento influenciadores na prática profissional da enfermagem.

Isto posto, e considerando os livros como suportes para a produção do conhecimento para a enfermagem, passível de diversas representações e apropriações, é que definiu-se, como objeto de estudo as representações da técnica para a enfermagem no livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal.

Para operacionalizar o estudo, foram definidos, então, os seguintes objetivos: caracterizar a materialidade da obra *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal; analisar as representações da técnica de enfermagem na obra intitulada *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal; e discutir as implicações destas representações para o processo de desenvolvimento da enfermagem.

## **Estado do Conhecimento**

A historiografia contemporânea tem se mostrado extraordinariamente pródiga no que se refere à multiplicação do seu espaço intradisciplinar. Desde a primeira metade do século XX, surgiram, sucessivamente, modalidades diferenciadas da historiografia, como a História Social, a História Demográfica, a História das Mentalidades, e tantas outras. Entre estas diversas abordagens da História, algumas primam particularmente pela riqueza de possibilidades que abrem aos historiadores, ainda que, por vezes, com perspectivas antagônicas entre si. A História Cultural – campo historiográfico que se torna mais preciso e evidente a partir das últimas décadas do século XX – é, entre os diversos modelos, particularmente rica no sentido de abrigar no seu seio diferentes possibilidades de tratamento (BARROS, 2005).

A Nova História Cultural, tal qual conhecemos hoje, tornou-se possível na moderna historiografia a partir de uma expansão de objetos historiográficos. Uma das possibilidades destes novos objetos, conforme postula Roger Chartier, é o livro, objeto

cultural reconhecido por todos os que até hoje se debruçam sobre os problemas culturais. Considerar o livro, suas representações, a leitura, e as formas de apropriação enquanto elementos da História Cultural atraiu o interesse de historiadores, ocasionando um incremento de estudos que nos proporcionam uma gama de possibilidades acerca da temática.

Para corroborar tal afirmativa, Chartier (2012b) reforça que a mensuração é uma base fundamental para o assentamento de uma Nova História Cultural. Investigar, identificar e quantificar os pesquisadores e grupos que se debruçam sobre o tema é fundamental para se compreender o que é pesquisado. Mas, é preciso integrar tal estratégia às análises das materialidades precisas dos objetos culturais, no caso, os livros, além de suas representações e formas de apropriações.

Ao iniciar as buscas sobre a temática Nova História Cultural, no intuito de aprofundar as buscas sobre as produções científicas de interesse para este estudo, foi possível identificar grupos e linhas de pesquisa sobre o tema. Em buscas<sup>4</sup> com o termo “História Cultural”, encontramos 521 grupos de pesquisa, cadastrados no diretório do CNPQ. Na procura por temas relacionados a este estudo, identificamos 15 grupos e 22 linhas de pesquisa.

Durante a pesquisa foi possível identificar o recente investimento, no país, nos estudos sobre a Nova História Cultural. Ao analisarmos os grupos e suas linhas de pesquisa é possível compreender melhor a dimensão desse investimento<sup>5</sup>.

O livro, objeto de investimento e estudos, considerada a sua dimensão material, constituiu-se historicamente como um dos suportes mais usuais para diferentes tipos de textos, conferindo-lhes uma aura específica. A paulatina ampliação da produção e da circulação dos livros contribuiu para a análoga ampliação das diversas formas de produção de sentidos em torno dos conteúdos guardados neste objeto. Mas é ele próprio – o livro –, como sugere Roger Chartier (2003a), que produz sentido também através de sua materialidade.

No que diz respeito à Nova História Cultural, especificamente, não são poucos os estudos que trouxeram o livro como fontes e/ou objetos de análise. Almeida Filho (2008) vê na escolha do livro como objeto de pesquisa um passo importante para que o processo de recortes temporais originasse os estudos por áreas e tipos de publicação.

---

<sup>4</sup> Fonte/Buscas: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/>, janeiro de 2014.

<sup>5</sup> Para um melhor detalhamento dos atuais grupos e linhas de pesquisa, e uma melhor compreensão dos números descritos, apresenta-se como apêndice o quadro I (apêndice 1), elucidativo na compreensão do estado atual de investimento no conhecimento acerca da Nova História Cultural.

Uma dessas áreas a que o autor se refere foi o interesse nos estudos do livro didático. No decorrer do estudo é possível entender a importância que o autor empresta ao livro didático. Sua dimensão e alcance social, diz Almeida Filho (2008), atingem a escola, espaço e lugar de educar, saber e conhecer. O artigo discute as perspectivas historiográficas das pesquisas em História da Educação, no período que vai dos anos de 1970 a 2005. O autor destaca a Nova História Cultural, que muito tem influenciado os estudos e pesquisas na História da Educação. O livro se destaca como sendo um objeto pelo qual esse campo de estudos se tem ocupado para compreender a cultura escolar, seus signos e representações.

Já Silva (2011), em estudo recente, também traz o livro didático como documento histórico e objeto cultural complexo. Com foco na História da Leitura, contemplada pela Nova História Cultural para análise do livro didático, o autor, que tem Chartier como um dos seus referenciais teóricos, traz quatro abordagens possíveis. Sua análise objetiva o estudo dos manuais no que se refere à criação, produção editorial, comercialização, circulação, apropriação, utilização e leitura(s). As abordagens permitem refletir sobre o livro como objeto de múltiplas leituras; o autodidatismo e a censura; as pesquisas ligadas à história do livro didático e a dimensão mercadológica. Suas conclusões indicam que a proposta é pertinente na medida em que permite o entendimento da complexidade do livro didático enquanto documento histórico.

Lima (2011), ao analisar uma das publicações de Roger Chartier, destaca aspectos de relevância para aqueles que utilizam o livro como fonte ou objeto de estudo. O autor destaca que o estudo de Chartier ampliou o conceito de fonte histórica, ultrapassando os limites do texto escrito para abordar também as práticas culturais a qual estes estabeleciam ou se inseriam, as formas de produção, reprodução e recepção dos textos. Assim, Chartier valoriza não somente a materialidade, mas, também a oralidade, a forma de ler ou dizer, que segundo ele, em alguns momentos da história e, em determinadas sociedades, foi utilizada para perpetuação do poder. Chartier, ainda, ao desenvolver o conceito de representação, permite ao historiador reconstruir as condições de produção da documentação textual através da prática de produção, leitura e recepção dos textos, entendendo que existe todo um universo simbólico entorno da documentação.

Além dos artigos e outras publicações em revistas científicas, um livro merece destaque quando abordamos um livro como objeto de estudo. Na obra em questão, Bragança e Abreu (2010) contam os duzentos anos da chegada da imprensa no país. Os

autores abordam aspectos da produção editorial nacional, da formação do leitor ou do público para o qual se dirigia a produção editorial ao longo das décadas, da produção de livros escolares, dentre muitos outros campos de investigação. Além disso, abordam, é claro, a leitura e o consumo de um produto que ainda hoje é objeto de contínuo estudo pelos pesquisadores.

Em outro livro relevante sobre o assunto, Park (1999) deixou uma importante contribuição à história da produção, da circulação e da leitura das obras de grande difusão: um estudo sobre os almanaques farmacêuticos brasileiros. A iniciativa foi uma “magnífica investigação sobre a memória da leitura” e “testemunha, de maneira muito bonita, a vitalidade das pesquisas sobre a história e a sociologia do livro”, nas palavras de Roger Chartier, que elaborou sua introdução.

Não se pretende fazer aqui um levantamento exaustivo sobre a produção científica/historiográfica concernente aos estudos que tiveram o livro, na perspectiva da Nova História Cultural, enquanto fonte e/ou objeto de investigação. Nossa intenção é identificar os autores/pesquisadores que mergulham nas investigações sobre o livro na perspectiva da Nova História Cultural, nos mais diversos tipos de publicação, contribuindo para o avanço das compreensões sobre as noções de representação, prática e apropriação, bases da abordagem utilizada por Roger Chartier.

### **Contribuições do Estudo**

Ao pesquisar as produções científicas referentes à historiografia da enfermagem brasileira, não encontramos nenhum estudo que tenha utilizado como documento-objeto de análise as representações do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal. Sua importância enquanto fonte de pesquisa, no entanto, tem se mostrado incontestável. Pelo menos é o que entendem diferentes autores que se debruçaram, unicamente, sobre os temas correlatos à história da enfermagem, dos profissionais e das produções científicas, processos históricos da profissão.

Vieira e Caverni (2013a, 2013b), por exemplo, trazem em dois artigos, estudos histórico-descritivos, com enfoque nos cuidados de enfermagem. Esses autores abordam técnicas de enfermagem utilizadas no período de 1932 a 1942, utilizando o livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, como um dos referenciais. Já Barbosa e Santos (2010) utilizaram como fonte principal o livro *Técnica de Enfermagem* em

trabalho publicado e apresentado em evento científico. A intenção deles foi caracterizar o ensino de enfermagem na década de 1930, descrever os procedimentos de enfermagem inerentes ao cuidado do ambiente do paciente prescritos no referido livro e analisar os nexos entre esses procedimentos e a Teoria Ambiental de Florence Nigthingale.

Lucena, Barreira e Baptista (2010) também citam, em forma de artigo, estudo que fez uso do livro intitulado *Manual de Técnica de Enfermagem*, de autoria da enfermeira Elvira de Felice Souza, publicado pela primeira vez em 1957. Tal estudo descreve a trajetória da enfermeira Elvira de Felice Souza e analisa o conteúdo do *Manual de Técnica de Enfermagem*, utilizando como referência para a análise do livro as fases da construção do saber de enfermagem, segundo Almeida e Rocha na obra *O Saber de Enfermagem e sua Dimensão Prática*, de 1986. Nesse estudo, o livro de Zaíra Cintra Vidal aparece em alguns momentos apenas como referência, por ser a primeira obra até então publicada com tais objetivos.

Kruse (2006) é outra autora que faz referência a Zaíra C. Vidal. Artigo publicado com trechos de sua tese de Doutorado - intitulada "Os poderes dos corpos frios - das coisas que se ensinam às enfermeiras" - apresenta uma leitura das condições de possibilidade do surgimento do regime de práticas da enfermagem. Apoiada por textos de Michel Foucault e identificada com os estudos culturais, Kruse (2006) resgata fragmentos da história da enfermagem que reconstituem a organização de seu regime de práticas, num determinado momento histórico e no ambiente hospitalar. Ao descrever a trajetória de algumas das personagens desse enredo, mostrando que o passado pode ser um produto do presente, já que encerra uma escrita da história da enfermagem construída e moldada pela escolha de seus autores, a autora cita Zaíra C. Vidal e seu livro para subsidiar e enriquecer a discussão. Kruse (2006) destaca, nesse contexto, a enfermagem moderna como uma prática de cuidados que se profissionaliza e constrói um saber próprio que pretende assegurar autonomia profissional.

A história, portanto, é uma construção que não cessa, é uma perpétua gestação do presente para o passado. Logo, o documento não pode ser entendido como a realidade histórica em si, mas como algo que traz porções dessa realidade. Além disso, as fontes históricas são sempre lidas e exploradas com os filtros do presente, de acordo com os valores, as preocupações, os conflitos, os medos, os projetos e os gostos de cada observador (SAMARA; TUPY, 2007, p. 124-25).

De acordo com Chartier (2002, p. 10-12), o retorno dos historiadores ao arquivo situa-se, sem dúvida alguma, em um movimento mais vasto: o interesse renovado pelo texto. O desafio lançado pela Nova História Cultural, sob a ótica e conceitos deste autor, consiste na necessidade de se pensar a relação do objeto com a história por outros modos, igualmente legítimos.

Quando sucumbe à “quimera da origem”, a história carrega vários pressupostos: um deles é o de que cada momento histórico é uma totalidade homogênea, dotada de uma significação ideal e única presente em cada uma das manifestações que a exprime; de que o devir histórico é organizado como uma continuidade necessária; de que os fatos encadeiam-se e engendram-se em um fluxo ininterrupto, que permite decidir que um é “causa” ou “origem” do outro (CHARTIER, 2002, p. 127).

Nesse sentido, Foucault (2005) afirma que, há muito tempo, a história não procura mais compreender os acontecimentos por meio de um jogo de causas e efeitos, vagamente homogêneo ou estritamente hierarquizado; não se trata, portanto, de resgatar estruturas anteriores e estrangeiras, hostis ao acontecimento. A intenção é estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, frequentemente divergentes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o “lugar” do acontecimento, as margens de sua eventualidade, as condições de seu aparecimento.

A tarefa da história, assim, não é nada fácil quando a memória assume a representação do passado e opõe a força e a autoridade da lembrança. A história deve respeitar as exigências da memória, necessárias para curar as infinitas feridas, mas, ao mesmo tempo, ela deve reafirmar a especificidade do regime de conhecimento que lhe é próprio. Este último supõe o exercício da crítica, a confrontação entre as razões dos atores e as circunstâncias constrangedoras que eles ignoram, assim como a produção de um saber possibilitada por operações controladas por uma comunidade científica. É marcando sua diferença em relação a poderosos discursos, que, eles também, dão uma presença àquilo que já passou. A história, então, tem condição de assumir a própria responsabilidade: tornar inteligíveis as heranças acumuladas e as descontinuidades fundadoras que nos fizeram o que somos (CHARTIER, 2010a, p. 12-14).

Samara e Tupy (2007, p. 147) complementam ainda a questão. Convive-se, em nosso país, com mais uma nova “crise” de conhecimentos, provocada pelo confronto entre conceitos e matrizes intelectuais e a falta de difusão dos resultados acumulados de pesquisas realizadas nas últimas décadas. Uma perspectiva deveras assustadora da qual não fora a História o seu centro de referência. Pois agora, como no passado, do

historiador, exige-se uma permanente reflexão sobre o seu objeto de estudo. E esta digressão se manifesta em sucessivas retomadas de sua ferramenta fundamental de trabalho – o estudo do documento.

O estudo do documento, sua(s) definição(ões), técnicas de utilização, modos de interpretação, tipologia, entre outros fatores, oferecem ao historiador experiente uma oportunidade única de reflexão sobre sua própria disciplina. E, ao mesmo tempo, desvendam, aos que se iniciam nos estudos históricos, um caminho seguro, trilhado por sucessivas gerações de estudiosos, dando conta do aprendizado de um conjunto de operações técnicas, instrumentos e procedimentos necessários ao trabalho em história (SAMARA; TUPY, 2007, p. 125-126).

Assim, para além de ser apenas uma área de conhecimento, a história da enfermagem tem sido um instrumento fundamental de pesquisa para elucidação de fatos e fenômenos subjacentes no desenvolvimento da enfermagem. Neste estudo, por meio de uma das mais relevantes publicações da enfermagem, em âmbito nacional, assumimos o desafio de complementar a historiografia da enfermagem sobre a obra em questão. Ao mesmo tempo, lançamos o nosso olhar sobre a obra/livro, entendendo que o livro é ainda um vasto campo a ser explorado na História da Enfermagem brasileira e internacional.

Retornar ao livro significa elucidar questões e contribuir para a história da enfermagem brasileira. Esse retorno aqui empreendido é também uma forma de gerar um despertar, nessa área de conhecimento, para uma importante obra para a enfermagem, produzida no século XX. Nossa intenção é contribuir, dessa forma, para o conhecimento e reconhecimento desta obra pelos profissionais de enfermagem nos dias atuais.

Segundo Chartier (2002), a história produz conhecimentos que se encontram condicionados pelas variações de seus procedimentos técnicos, pelas restrições que lhes impõem o lugar social e a instituição de saber onde é exercida e, ainda, pelas regras que comandam a sua escritura. Tal constatação permite ampliar a dimensão do texto historiográfico do nível de fiel tradutor de uma realidade imutável para a de uma leitura de algo que foi e já não é mais. Uma realidade que se encontra sujeita, portanto, à diversidade de possibilidades de análise e que asseguram a não extenuação das forças de significação a cada leitura das representações do passado.

Assim, procuro espereitar os acontecimentos como se já não tivessem uma história, para reencontrar diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos,

sem a preocupação de encontrar uma origem. Retraçar o seu itinerário, lembra Kruse (2006), permitirá conhecer as condições de possibilidade de seu aparecimento. Não tenho a pretensão, diz a autora, de relatar os fatos “como eles realmente aconteceram”, o que hoje já se mostrou impossível e infrutífero, uma vez que sabemos que nossas mentes não refletem diretamente a realidade, pois a realidade que conhecemos é, sempre, realidade sob descrição. Portanto, não existe, para nós, nenhuma realidade que seja independente dos discursos que a constituem.

Desse modo, o primeiro livro, até então, nessa temática, escrito por uma enfermeira brasileira, *Técnica de Enfermagem*, apresenta-se para o estudo histórico como um documento-objeto mais do que indispensável para o resgate da participação das ideias e das relações de força com outras obras envolvidas na produção do sentido do conhecimento de enfermagem. Ao rememorar os conceitos, conhecimentos e usos decorrentes das modalidades distintas de sua apropriação, a Nova História Cultural vem a contribuir, assim, na complexa tarefa de decifrar as incompreensões do presente como lacunas de uma construção processual da realidade à espera de interpretações e leituras a produzir novos sentidos.

É importante enfatizar que, quando se utiliza as ideias de Chartier e algumas leituras de Foucault, não se pode fazer um trabalho de dissecação de fatos, utilizando o bisturi da razão para distribuir, ordenar e classificar os mesmos em torno de um eixo que explica tudo (ALBUQUERQUE, 2000). Ao contrário, a intenção, diz o autor, foi dar nova vida aos relatos que explicam o que é o passado. Usando, para tanto, novas formas de se olhar para o objeto, para construir novas tramas que permitam redizer o que está dito e rever o que está visto. Para que também possamos nos ver e dizer de outras formas e conhecer como os saberes e fazeres ensinados às enfermeiras produziram uma determinada ordem na assistência de enfermagem.

## 1 ASPECTOS CONCEITUAIS: PERSPECTIVAS E PRESSUPOSTOS DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL

Gostaria de iniciar este texto submetendo à objetivação algumas propriedades do campo intelectual dos pesquisadores brasileiros no que toca à repercussão das obras de Roger Chartier. A publicação de livros de Chartier no Brasil, mais especificamente ligados à sua pesquisa sobre a Nova História Cultural, os livros e os leitores, além da vinda periódica do autor ao país para a apresentação de conferências, contribuem para a difusão de suas propostas teórico-metodológicas não só no campo da história, mas também na educação, nas letras, na lingüística, na comunicação social, e, mais recentemente, na enfermagem, entre outros (CARVALHO, 2005).

Os textos teóricos escritos por Chartier durante os anos de 1980 reverberam inquietações no campo intelectual francês, em particular na seara dos historiadores. Esses textos, por um lado, constataam uma disciplina histórica vigorosa, porém cheia de incertezas. Por outro, procuram firmar um novo momento e um novo projeto intelectual para a História Cultural, insistentemente entendida pelo autor como diversa e distante da história das mentalidades praticada pela terceira geração dos integrantes da revista *Annales*. Chartier (2002, p. 62-63) entende que a emergência da história das mentalidades entre os anos de 1960 e 1970 decorre do assalto contra a disciplina histórica, levado a cabo por outras ciências sociais, como a lingüística, a sociologia ou a etnologia. A estratégia da terceira geração dos *Annales* teria sido a de captar e anexar novos territórios sem abrir mão dos pressupostos consagrados da história econômica e social: a cifra, a série, o quantitativo, a longa duração, o recorte socioprofissional eram, então, aplicados ao estudo das mentalidades.

O desafio lançado à história nos anos de 1980 seria, segundo Chartier (1990), diverso do anterior: todas as ciências sociais seriam alvo de críticas de natureza paradigmática. A dicotomia na qual se debatem as ciências sociais em crise apontaria para uma verdadeira fratura epistemológica: de um lado, o retorno da filosofia do sujeito em trabalhos que escamoteiam as determinações sociais e triunfalizam a ação individual; de outro, a reformulação de várias propostas eminentemente estruturalistas de análise, nas quais os sujeitos acabam aparecendo como meros “suportes” das

estruturas sociais (CHARTIER, 1990, 2002). Nesse contexto, a história seria chamada a reformular seus objetos, referências e princípios da inteligibilidade (CHARTIER, 2002).

A constatação dessa fratura epistemológica Chartier deve às reflexões propostas pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Em seus trabalhos sobre o campo intelectual, Bourdieu constata como o mundo social foi percebido pelas grandes tradições intelectuais. De alguma maneira, para ele, as formulações teóricas de uns e outros são bastante condicionadas pela maneira pela qual entendem cultura. Segundo Bourdieu (1998, p. 7-10), uma primeira vertente remonta a Kant, entendendo cultura enquanto exercício da liberdade criadora.

A segunda vertente remonta a Marx, tendo também em Weber uma contribuição significativa. Trata-se de privilegiar as funções políticas dos bens culturais, entendidos principalmente como instrumentos de dominação. Bourdieu salienta ainda vários aspectos. As relações de comunicação, por exemplo, são sempre relações de poder; que os “sistemas simbólicos” cumprem função política de impor, legitimar ou assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica). Existem, assim, lutas no campo intelectual pelo monopólio da violência simbólica legítima (BOURDIEU, 1998, p. 10-12).

Se é certo que estas duas tradições do entendimento de cultura dialogaram muito pouco durante todo o século XX, é igualmente certo que os trabalhos de Bourdieu e de Chartier tentaram reconciliar essas duas tradições. O sentido dado a essa reconciliação não foi o mesmo, porém, para esses autores (CARVALHO, 2005).

A disposição de Chartier de procurar firmar um novo momento e um novo projeto intelectual para a História Cultural passa pela renúncia a alguns modelos típicos de tradições contidas na dicotomia acima mencionada. Em primeiro lugar, Chartier renuncia polemicamente ao que chama de “tirania do social”. A noção de que as divisões sociais prévias precedem ou até determinam a apropriação dos bens culturais é considerada uma perspectiva muito redutora para o autor. Para solucionar esse problema deixado pela terceira geração dos *Annales*, Chartier recomenda que se parta dos códigos, e não das classes sociais, para apreender, assim, a diversidade de apropriações dos códigos (CHARTIER, 2002, p. 66-67; 69).

É importante, porém, confrontar as ideias de Chartier com outros autores para compreender melhor a discussão que envolve a Nova História Cultural. Ciro Flamarion Cardoso, por exemplo, é um estudioso que dirige críticas diretas às concepções

apresentadas. De acordo com uma entrevista<sup>6</sup> por ele concedida a uma revista de história, no ano de 2012, nossa historiografia está voltada para duas coisas que o autor costuma combater: a nova história cultural e o pós-modernismo, nessa ordem. Nessa ordenação porque, segundo Flamarion, o pós-modernismo não se destaca com importância no Brasil, ao contrário “dessa nova história cultural”. Esta, segundo ele, insiste na importância do cultural e no fato de que a cultura não é gerada diretamente pelo econômico ou pelas estruturas. “Para mim, o cultural tem uma base social. Não faz sentido estudar a cultura sem ver essa base social”, argumenta. Flamarion acrescenta ainda o que considera “o extremo do pós-modernismo”: “dizer que não há nenhuma verdade, apenas versões”. O autor destaca ainda que os pós-modernos não fazem desconstrução de si mesmos, só dos outros. E finaliza o assunto da seguinte maneira: “[...] o que mais me incomoda é uma historiografia que não se mostra muito preocupada com o mundo ao qual pertence. Numa época de globalização, [...], valorizam-se não a economia ou as estruturas sociais, [...], mas sim aspectos subjetivos e culturais”.

Dando prosseguimento à discussão, com a expansão dos objetos historiográficos, a Nova História Cultural – aqui entendida no sentido de uma História da Cultura que não se limita a analisar apenas a produção cultural literária e artística oficialmente reconhecida – passou a atrair o interesse dos mais diversos teóricos desde o último século (BARROS, 2005).

Os estudos sobre o livro, como objeto de estudo, surgem nessa conjuntura de novas abordagens do conhecimento histórico. Outras possibilidades no campo da Nova História Cultural se abrem, multiplicando os campos de pesquisa, as experiências, os encontros, conforme afirma Chartier (1990).

Os livros, de tantos tempos passados, são renovados pelo olhar que dialoga com um texto perpetuado. Assim como em outras obras de grande difusão, as publicações trazem, principalmente, a marca dos tempos, numa repetição que nunca é a mesma, pois o tempo da leitura tudo modifica. Até o leitor, assinala com sensibilidade Park (1999). Outro autor, Hébrard (1996), também aprofundou a relação existencial entre o leitor e a obra:

Os textos são reconhecidos mais que lidos. Será essa leitura intensa que resultará na eficácia do livro, cujo texto torna-se uma referência familiar, cujas fórmulas dão forma às maneiras de pensar e de contar, produzindo

---

<sup>6</sup> Ciro Flamarion Cardoso, em entrevista à Revista de História.com.br (2012), disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/ciro-flamarion>, acessada em 20 de julho de 2014.

assim uma relação diferente que liga o leitor àquilo que lê, levando-o a incorporar em seu ser mais íntimo as letras que foram lidas (HÉBRARD, 1996).

Nesse sentido, Chartier (2003a) discute as maneiras pelas quais os escritos e seus suportes contribuíram para a compreensão de seus significados subjacentes: “Com efeito, cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção do escrito afeta profundamente seus possíveis usos e interpretações”, sublinha ele. Em outras palavras, cada objeto produzido para conter um texto influencia também o modo como é utilizado, sobretudo no que concerne à construção do sentido do texto que este objeto contém. Por outro lado, é bem provável que o suporte influencie também a própria produção do escrito a ser veiculado.

Nesse sentido, para elaborar os caminhos conceituais que servem de fio condutor para esta pesquisa, faz-se necessária a apresentação das noções de “representação” e “apropriação”. A intenção é clarificar e melhorar a compreensão inicial do que está por vir.

As representações, segundo Chartier (1990, p. 17), são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. Elas (as representações) são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais. Aspiram a universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação, portanto, estão sempre presentes. As representações, no entanto, não são discursos neutros: elas produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo legitimar escolhas. Ora, por essas e outras, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta.

O estudo das modalidades de recepção das representações por parte dos leitores permite a Chartier formular uma noção de apropriação. As apropriações são entendidas por Chartier (1994, p. 8) como práticas de produção de sentido, dependentes das relações entre texto, impressão e modalidades de leitura, sempre diferenciadas por determinações sociais. O sentido das formas materiais que organizam a leitura deve receber atenção especial do historiador, pois as formas, os dispositivos técnicos, visuais e físicos comandam, se não a imposição do sentido do texto, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações das quais são susceptíveis.

Nesse sentido, mesmo nos impressos minuciosamente escritos e editados para controlar os sentidos atribuídos às mensagens, não há como inscrever no texto um

modelo fechado de leitura. Contra a passividade que tradicionalmente foi atribuída à figura do leitor, Chartier lembra que a leitura é uma atividade que permite a reapropriação, o desvio, a desconfiança, a resistência. Sendo um espaço aberto a leituras múltiplas, os textos, na visão de Chartier (2002, p. 53), não podem “ser apreendidos nem como objetos, cuja distribuição bastaria determinar, nem como entidades, cuja significação seria universal. Devem ser relacionados à rede contraditória das utilizações que os constituíram historicamente”. O autor complementa ainda:

Daí a seleção de dois modelos de compreensão para explicar os textos: os livros e as suas leituras. O primeiro põe em contraste disciplina e invenção, considerando estas duas categorias não como antagônicas, mas como sendo geridas a par. Todo o dispositivo que visa criar controle e condicionamento segrega sempre táticas que o domesticam ou o subvertem; contrariamente, não há produção cultural que não empregue materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e que não esteja submetida às vigilâncias e às censuras de quem tem poder sobre as palavras ou os gestos. A oposição é demasiado simples entre espontaneidade “popular” e coerção das instituições ou dos dominantes: o que é preciso reconhecer é o modo como se articulam as liberdades condicionadas e as disciplinas derrubadas (CHARTIER, 1990, p. 137).

O objetivo, então, é claro: compreender as múltiplas ligações tecidas entre as representações e as formas de apropriação de um livro. Dependendo do estado de origem, dos editores e dos momentos políticos, configura-se nas páginas das publicações o cotidiano perpassado pelas/nas relações sociais.

Portanto, tomar as representações da técnica para a enfermagem no livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, significa trazer à luz uma potencialidade reveladora da forma como a publicação do livro foi influenciada e influenciou o ensino de enfermagem à época. A iniciativa aqui tomada visa ainda clarificar a intencionalidade de uma prática que objetivava reconfigurar a profissionalização da profissão no país.

Pretende-se, assim, resgatar as representações contidas no livro e nos registros de leitura e suas formas possíveis de identificar. Ou seja, clarificar a influência que o ato de ler tem na remontagem de um sentido de realidade. Aqui, no caso, perceber como as representações da técnica de enfermagem se colocavam enquanto princípios científicos que organizavam a assistência à saúde. O objetivo, assim, é revelar uma ponta do que seria o início da história de um complexo mundo de concorrências entre as representações da prática profissional de enfermagem da época.



## 2 OPERAÇÃO METODOLÓGICA

O presente estudo integra as investigações registradas no grupo de pesquisa do CNPq “Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem - Lacenf”, desenvolvido e validado nas atividades do Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem – Laphe, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). O trabalho contempla a linha de pesquisa intitulada “Bases fundamentais, culturais, ambientais e históricas do cuidado”, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências – Doutorado, da UNIRIO. A referida linha de pesquisa “concentra objetos de ordem macrossocial, destacando-se as questões sociais, ambientais e históricas” e centra-se, entre outras questões, “[...] em estudos de história da Enfermagem e da Biociência, utilizando-se da interlocução com conhecimentos das ciências humanas, sociais e biológicas, particularmente com a História [...]”.

Enquanto proposta metodológica, a pesquisa aqui descrita foi pautada na abordagem teórica da Nova História Cultural, conforme postulada por Roger Chartier. Essa ferramenta prioriza a análise documental para compreender os processos envolvidos na construção do sentido de realidade a partir da produção, circulação e recepção dos textos impressos. A escolha pela abordagem, aliás, nos remeteu ao processo de formulação do próprio objeto. Assim foi que a experiência com esse tipo de estudo, durante o desenvolvimento de minha Dissertação de Mestrado, intitulada “Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil: da pesquisa ao livro (1956 – 1980)”, e apresentada em março de 2011, acabou provocando, na ocasião, o surgimento de novas inquietações. O acesso a livros de Enfermagem voltados para as técnicas, um dos tipos de assistência inerentes da profissão, abriu o leque de nossas preocupações e motivou a realização de um estudo capaz de captar os sentidos produzidos por estas publicações.

Para Aróstegui (2006, p. 516), as técnicas de pesquisa não são outra coisa senão as operações que o pesquisador realiza para transformar os fatos em dados. As técnicas, segundo este autor, “são o ponto de engate entre a realidade empírica – que é objeto da observação – e a conversão desta em um corpo articulado de evidências para a

demonstração de uma hipótese”. O autor enfatiza ainda que, as técnicas se compõem de um conjunto de regras comprovadas e repetidas, que estão subordinadas sempre aos princípios metodológicos. Sendo assim, elas são o elemento-chave na construção dos dados, que são definidos por este autor como fatos estruturados conceitualmente. “As técnicas não são o mero resultado da observação, mas sim observações registradas”, acrescenta Aróstegui (2006, p. 516).

Uma das classificações possíveis para as técnicas, trazidas por Aróstegui (2006, p. 517-519), e de interesse para este estudo, é a técnica de observação documental. As técnicas de observação documental, como seu próprio nome indica, são aquelas aplicáveis ao estudo dos “documentos” em suas mais variadas formas e suportes, desde que nos forneçam sempre uma observação mediata da realidade. O autor destaca ainda que os tipos mais representativos seriam os documentos escritos – de arquivo, publicações oficiais periódicas ou não, livros, folhetos, opúsculos diversos, imprensa, dentre outros – além dos documentos visuais ou sonoros.

Como documento-objeto utilizou-se, neste estudo, a obra intitulada *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal. Foram usadas, durante a execução do trabalho, sete das dez edições que se tem conhecimento do livro. A primeira edição, de 1933; a terceira edição, de 1942; a quarta edição, de 1943; a 6ª edição, de 1948; a 7ª edição, de 1953; a 9ª edição, de 1959; e a 10ª edição, de 1963.

O expediente das técnicas de reprodução aqui utilizadas, comuns em trabalhos desta natureza, merece alguns esclarecimentos. Assim é que a representação xerográfica de uma das edições originais, considerada para efeito deste estudo, implica e explica em si mesma as limitações próprias da técnica. Os tons de cinza, por exemplo, representam o contraste dos elementos tipográficos e não permitem visualizar o desgaste provocado pela ação do tempo, ou seja, aquelas folhas desbotadas e a estrutura fragilizada do exemplar. A disposição das páginas, quando deitadas sobre a máquina, distorce e omite parcialmente elementos essenciais à condição da sua materialidade – entre eles a coloração, as formas utilizadas para o acabamento e união das laudas e a simetria do designer gráfico. Essas distorções, de uma certa forma, dificultam, do ponto de vista estético, o aspecto cultural da análise que se debruça sobre esta forma de apresentação. Ou seja, dificulta a representação da obra preferencial do estudo na medida em que o processo de sua reprodução o altera em demasia.

Neste sentido, houve a preocupação rigorosa de suprimir, nas fotos digitais, a maior quantidade de alterações provocadas pelas representações reprográficas das

edições do livro. Buscou-se, portanto, na foto digital, o suporte mais capaz de manter a coloração pardo-amarelada provocada pela ação do tempo, evitando o escurecimento provocado pela máquina reprográfica. A intenção foi preservar os princípios de uma análise de materialidade pautada nos princípios analíticos da Nova História Cultural.

Deve-se levar em conta também as circunstâncias subjetivas e objetivas que envolveram a captação das imagens reproduzidas – entre elas a luminosidade interna onde foram captadas as imagens, a incidência de luminosidade externa, o foco da máquina, o fundo utilizado. Além disso, a configuração da imagem final obtida foi afetada também pelas limitações técnicas do pesquisador na exploração dos recursos do equipamento digital. Tudo isso influenciou naquilo que se pretende ser a representação mais fiel do produto. Todos esses elementos fizeram desse “ensaio” um ato singular. Conforme sustenta Pellon (2013), uma prática marcada pela experiência de melhor observar as condições favoráveis à captação da maior quantidade e qualidade de elementos a serem submetidos à análise.

Destaca-se ainda que, para efeito deste estudo, as fotos digitais feitas e trazidas ao longo da análise e discussão dos resultados, serão denominadas como “Imagem”. Segundo Araújo (2008, p. 443), por definição:

O termo imagem é utilizado no cotidiano da tecnologia gráfica para identificar qualquer figura, desenho, ilustração, gráfico, texto ou outra reprodução visível ao olho humano, que retrata o original em sua forma característica, cor e perspectiva.

Outros documentos foram utilizados para compor a análise das condições de circulação da publicação em questão. Essas fontes foram relatórios, atas, livros e outras publicações. Foram visitados ainda os seguintes acervos: Arquivo Setorial *Enfermeira Maria de Castro Pamphiro*; Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem – Lacenf, ambos da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – EEAP – UNIRIO; Biblioteca e Centro de Memória da FENF/UERJ; Fundação Biblioteca Nacional, além de arquivos pessoais de pesquisadores.

A historiografia da enfermagem, do Brasil e da educação e saúde contaram com a literatura de apoio, as análises e interpretações do estudo, disponíveis no Banco de Textos do Laboratório de Pesquisas em História da Enfermagem – Laphe, da EEAP – UNIRIO.

A preservação da memória da enfermagem está intrinsecamente relacionada com

o trabalho de documentação, pois é nas fontes documentais que encontramos a presença do passado. Estes documentos, então, devem ser trabalhados, reconstruídos e contextualizados para a produção de novos conhecimentos históricos.

Os documentos falam, eles têm uma história para contar, desde as circunstâncias em que foram escritos e as relações entre quem escreveu e o destinatário daqueles escritos. No estudo dessas inter-relações é possível desvelar a história que ninguém ficou sabendo, as lutas que foram travadas para que as coisas acontecessem como aconteceram (NUNES *et al*, 2003, p. 11).

Assim é que a obra *Técnica de Enfermagem*, no formato livro, é, para este estudo, um documento-objeto. O livro como um documento histórico e um objeto cultural, contemplando, assim, as perspectivas da Nova História Cultural, postulada por Roger Chartier.

O livro, enquanto documento, portanto, é o ponto de partida para se conhecer um fato histórico, e é também por meio dele que podemos revisitar o passado e reinterpretá-lo sob um novo olhar. Desta forma, constituem produtos da sociedade que os configurou, segundo as relações de força dos que então detinham o poder (FÁVERO, 2009, p. 114; 117). Reforçando essa ideia, Le Goff (1992, p. 548) diz que:

O documento é um monumento. Resulta de um esforço das sociedades históricas para impor ao futuro [...] determinada imagem de si próprias. Daí ser preciso começar por desmontar, demolir essa montagem, desestruturar essa construção e analisar as condições de produção dos documentos/monumentos.

Assim sendo, os livros constituem “monumentos” privilegiados nos moldes em que os enuncia Le Goff (1990), que afirma ainda que quando são triangulados a outros documentos podem contribuir para a análise dos sentidos que orbitam em torno da sua produção, circulação e leitura.

Assim é que, entre os documentos que foram objeto de exploração, este estudo privilegia aquele que mais é capaz de encerrar, em sua materialidade e estética, os elementos reveladores dos princípios evidentes por si mesmos – quais sejam os conhecimentos que norteavam a Enfermagem à época e as práticas que permaneceram como marca inextinguível das implicações destas representações para o processo de desenvolvimento da enfermagem.

Tendo em vista o exposto até então, subentende-se que o livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, reúne as características necessárias para ser trazida

como objeto deste estudo. E a razão é simples. A obra possibilita a apreensão do conhecimento produzido e compartilhado numa determinada época, além de trazer consigo um contexto de influências e discussões. Isso nos permite entender o processo de formação e atuação profissional da enfermagem, reforçando-lhe a condição de documento-monumento histórico.

Droysen (2009, p. 53) debruçou-se sobre a questão dos procedimentos metodológicos que fizeram da história uma ciência moderna. Segundo ele, tomou-se por princípio que todo trabalho histórico deve começar por uma crítica rigorosa das fontes. Ele explica: “aqueles que recusam ir além da crítica se equivocam naquilo que abandonam à imaginação, em lugar de trabalhar com os resultados da crítica e buscar regras que assegurem sua exatidão também para continuar o trabalho subsequente”.

Segundo esse historiador alemão, a crítica não busca o fato histórico propriamente, mas sim, determina, por meio de suas formas, a relação entre o material a ser explorado e os atos de vontade, que contribuíram, auxiliando ou inibindo, a elaboração de seus registros. Seu resultado, acrescenta ele, deve indicar que o material foi preparado de forma a permitir uma interpretação relativamente segura e correta (DROYSEN, 2009).

A “crítica de autenticidade” é, na perspectiva de Droysen (2009), a primeira a ser verificada com a finalidade de responder se o material é realmente aquele que foi tomado como tal. Ela pode ser feita por meio de exames de autenticidade ou, mesmo, por meio de respostas a algumas perguntas sobre o documento, tais como as formuladas por Salmon (1979): “Quem o redigiu?” “Quando foi redigido?” “Onde?” “Como e por quais vias chegou até nós?”

Para tais questões foram assegurados procedimentos que visaram garantir, por uma dupla via de observação, a autenticidade do livro em análise e os demais documentos que compuseram o estudo. Por um lado, a originalidade das cópias reprográficas e de sua origem pôde ser assegurada mediante a verificação de carimbos da instituição de origem em algumas páginas. Além disso, as fotografias da obra enviadas via e-mail e o contato manual e visual com os originais do documento-objeto buscaram sanar quaisquer resquícios de dúvidas que pudessem existir sobre a autenticidade das fotografias e dos originais das edições do livro.

Assim, compreende-se que os manuscritos de autoria de enfermeiros e médicos, submetidos a processos editoriais, no formato livro, na temporalidade que compreende os anos de 1933 a 1963 (demarcados pelas primeira e última edições do livro sobre

técnica de enfermagem, de Zaíra C. Vidal, foco deste estudo), publicados no Brasil, com circulação no campo da Enfermagem, foram critérios que auxiliaram na avaliação dos documentos encontrados.

Nesse sentido, vale destacar que foram consideradas as formas de crítica que atenderam as exigências de verificação do documento-objeto e dos outros documentos utilizados no desenvolvimento do estudo - não conflitantes com os procedimentos metodológicos propostos por Roger Chartier. No entanto, para se evitar a duplicidade de formas de apresentação que podem induzir a desvios de interpretação e análise, alguns dados foram apresentados nas entrelinhas das categorias analíticas, em virtude de confundirem-se com as exigências próprias ao método da Nova História Cultural.

Após submeter-se ao rigor da crítica documental, a análise do documento-objeto obedeceu aos três princípios metodológicos propostos por Chartier (2011). O primeiro visa situar a construção do sentido dos textos entre os limites transgredidos e as liberdades controladas. O historiador aponta, por um lado, para a existência de uma força a ser observada pelos pesquisadores na relação entre formas materiais da escrita e competências culturais dos leitores na delimitação das fronteiras da compreensão do sentido visado pelos textos e suas formas de publicação. Por outro, ressalta a necessidade de se elencar para a análise, a apropriação como um ato criador, produtor de uma diferença e de um sentido inesperado e diretamente dependente das competências que cada comunidade de interpretação tem com a cultura escrita.

Dessa forma, é possível situar por um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, por outro, as restrições e as convenções que limitam - de maneira mais ou menos clara - conforme a posição que ocupam nas relações de dominação - o que lhes é possível pensar, dizer, fazer (CHARTIER, 2009, p.49).

No intuito de contemplar a análise das formas materiais do livro, o referencial conceitual de Emanuel Araújo (2008, 17-54) foi tomado para efeito de análise da tipografia, que é mais bem explicada pelo autor da seguinte forma:

A tipografia (do grego *typos* – “forma” – e *graphein* – “escrita”) é a arte e o processo de criação na composição de um texto. Seu objetivo principal é dar ordem estrutural e forma à comunicação impressa.

Tal referencial nos possibilitou compreender as regras e os usos da normalização textual e editoração pelos editores.

Como segundo princípio metodológico, Chartier (2011) propõe que o pesquisador se empenhe em desfazer a “fraca ideia” de que as representações são uma tradução do real, simples imagens, verídicas ou enganosas, de uma realidade que lhes seria exterior. Recomenda, pois, que se tome como eixo norteador deste princípio de análise, a força das representações, sejam elas interiorizadas ou objetivadas. Isso pressupõe aliar a potência dos textos escritos por meio dos quais elas serão lidas ou ouvidas, com as categorias mentais, socialmente diferenciadas, impostas por elas como as matrizes das classificações e juízos.

Já no terceiro princípio metodológico, Chartier (2011) propõe que as obras singulares ou textos que são objeto de trabalho sejam posicionados no cruzamento de dois eixos que organizam toda metodologia de história ou de sociologia cultural: um eixo sincrônico e outro diacrônico.

O eixo sincrônico permite situar cada produção escrita em seu campo ou seu tempo colocando a obra em questão em relação a outras produções contemporâneas (CHARTIER, 2011). Neste sentido, para efeito de comparação com o livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, foram considerados outros livros e documentos produzidos à época, no intuito de compreender melhor a construção dos sentidos de realidade.

Já o eixo diacrônico, de acordo com Chartier, busca situar a relação que cada nova obra desenvolve com o passado do gênero ou da disciplina ao conferir enfoque no consumo que se inscreve na produção de seus autores, na forma de imitação, citação, retorno a pensadores antigos, ou mesmo ruptura (CHARTIER, 2011).

Por fim, a forma escrita esgotada neste estudo buscou atender aos critérios que delimitam a diferenciação da classificação narrativa da história das demais formas narrativas, tais como: a ficção, o romance ou a literatura. Para Chartier (2002), uma preocupação fundamental é determinar os limites que dão à narrativa seu lugar na forma de organizar o discurso histórico em diferenciação de outras formas literárias da escrita, dos quais compartilha elementos em comum. O autor aponta que a história não fornece um conhecimento mais ou menos verdadeiro do que o argumento de um romance. Ela (a história) é sempre organizada a partir de figuras e de fórmulas que também mobilizam as narrções imaginadas da realidade passada. O que é preciso lembrar, no entanto, é que a meta do conhecimento é constitutiva da própria intencionalidade histórica e, mais ainda, funda as operações específicas da disciplina, a saber: “construção e tratamento

dos dados, produção de hipóteses, crítica e verificação dos resultados, validação da adequação entre discurso de saber e objeto” (CHARTIER, 2002, p.98).

## **2.1 Documento Histórico e Objeto Cultural – buscas pelas edições do livro “Técnica de Enfermagem”**

A iniciativa de trabalhar com o livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, gerou diversas possibilidades de buscas e, conseqüentemente, diversos achados enriquecedores, inesperados, esperados, e até mesmo, frustrantes.

A ideia inicial partiu do “encontro” com um exemplar de 1953, da 7ª edição, que estava no acervo do “Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem - Lacenf”, localizado na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – EEAP/UNIRIO. Esta obra fazia parte da biblioteca da EEAP/UNIRIO até 2011, quando seria descartada. Porém, os pesquisadores do Laphe solicitaram uma avaliação do material para dizer o que de fato poderia ou não ser descartado. Assim, muitas das obras que seriam descartadas foram resgatadas e passaram a pertencer aos acervos destes grupos.

Como a formação e atuação profissional de Zaíra Cintra Vidal deu-se, durante muitos anos, no Rio de Janeiro, o foco concentrou-se em entrar em contato com as Universidades públicas e Bibliotecas deste Estado, em busca de novos achados.

Vale destacar que, no período de coleta de dados, descrito na sequência, iniciou-se a greve dos funcionários técnico-administrativos das Universidades Federais, a partir do dia 17/03/2014. Tal situação ampliou as dificuldades de acesso em algumas instituições, como será detalhado melhor mais adiante. Por isso, a busca pelas edições do livro, objeto deste estudo, foi comprometida (a greve só foi encerrada em julho de 2014).

O contato com a biblioteca da Escola de Enfermagem da Universidade Federal Fluminense – UFF foi feito por meio de e-mail no dia 06/03/2014. Em 10/03/2014, a Superintendência de Documentação, representada por Suelen de Mendonça Soares Cóquero, retornou com a notificação de que a instituição não dispunha da referida obra em seus acervos.

Já as buscas realizadas na Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado

do Rio de Janeiro – FENF/UERJ foram enriquecedoras e elucidativas. No dia 27/03/2014, foram realizadas buscas na biblioteca da escola. Alguns artigos relacionados ao tema foram copiados e a ausência do livro da Zaíra Cintra Vidal detectada. Já a visita ao Centro de Memória foi agendada, em 31/03/2014, via contato telefônico, com a profª Nalva Pereira Caldas, responsável pela organização deste acervo.

No dia agendado (02/04/2014), fui recebida e conduzida ao Centro de Memória pela própria profª Nalva. Ali encontramos uma outra edição da obra, datada de 1953. Algumas páginas foram fotografadas para complementar análises já feitas a partir do material encontrado na EEAP/UNIRIO. Foi consultado também todos os arquivos com os relatórios das diretoras, no período de 1949 a 1972; os arquivos com as monografias produzidas nos anos de 1978 a 1986; além de outros documentos de interesse para o estudo, de relação direta com o tema.

Durante as pesquisas no Centro de Memória contamos não só com o inestimável acompanhamento da profª Nalva, mas com o auxílio das funcionárias administrativas do setor, Márcia Dantas e Walny Martins.

Durante as conversas sobre o tema com a Profª Nalva, a mesma recordou-se de ter uma edição do livro *Técnica de Enfermagem*. Em 04/04/2014, retornei ao Centro de Memória e recebi dela o livro, a 10ª edição da obra, de 1963, pertencente a seu acervo pessoal. A publicação foi fotografada (para não comprometer sua conservação) e devolvida em 07/04/2014, no mesmo local. Após as buscas no Centro de Memória da FENF/UERJ totalizamos 1.309 fotos digitais, organizadas em pastas, por ano e/ou assunto.

Vale destacar que todos os arquivos e documentos históricos pesquisados foram fotografados, no intuito de preservá-los. Foi utilizado um tablet da marca Samsung, Galaxy Tab 2 7.0 / P3100 / And. 4.0 / 16GB. Os arquivos fotografados foram arquivados no próprio tablet e também em pen drive da marca Kingston, 16GB DataTraveler 101 USB 2.0. Foi utilizada luz natural, quando possível, ou a luz das salas onde as pesquisas eram feitas. Não foi utilizado o flash do tablet, pois, segundo orientações obtidas no Centro de Memória da FENF/UERJ, esta precaução é uma das formas de se preservar o documento.

A primeira edição, de 1933, foi comprada, em 06/03/2014, através da *Estante Virtual*, no sebo *Garimpo do Saber*. A 9ª edição da obra, de 1959, também foi encontrada na *Estante Virtual*, adquirida no sebo identificado apenas como *José*, em

22/03/2014.

O contato com a biblioteca da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz (Itajubá – MG), através de e-mail, com a bibliotecária Karina Parreira, foi de fundamental importância. Em uma busca pela internet, através do site de buscas *Google*, ao buscar o nome “Zaira Cintra Vidal”, foi possível identificar a 6ª edição do livro, de 1948, na biblioteca dessa escola. Os contatos via e-mail se iniciaram em 06/03/2014 e se estenderam até 11/04/2014. Karina não só nos enviou via Correios uma cópia em preto e branco da obra, como também enviou, via e-mail, fotos da publicação, contribuindo de diversas maneiras com a pesquisa. Sua disponibilidade e interesse em colaborar com o estudo permitiu ainda que pudéssemos ter acesso ao histórico da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz. Um arquivo escaneado via e-mail esclareceu as relações da Escola com a obra e os escritos que estavam na cópia do documento. A bibliotecária Karina disponibilizou e enviou via e-mail, assim, 11 fotos digitais.

Em 09/04/2014, fruto de agendamento feito no dia anterior por contato telefônico, foram realizadas buscas na Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha. Apesar de não integrar uma Universidade pública, objeto inicial das buscas, a ida até a esta instituição justificou-se porque na edição de 1933 havia um registro com o nome de uma aluna daquele estabelecimento. As buscas na Cruz Vermelha aconteceriam, então, para identificar a estudante e buscar, além da obra, indícios de como o livro teria sido usado naquela escola. Recebida por Vanessa, coordenadora do curso de Técnico de Enfermagem, fui encaminhada à biblioteca local, onde constatei a inexistência de qualquer documento que pudesse contribuir com o estudo. Nenhum documento histórico, relacionado com o funcionamento da Escola de Enfermagem no século passado foi encontrado. De Vanessa e de outras funcionárias presentes recebi a informação de que a escola (e biblioteca) ficara fechada por muitos anos e, por isso, muitos documentos foram levados, sem que se soubesse quem os levara ou para onde. Além da expectativa frustrada, deixamos registrado aqui a falta de incentivo existente na instituição para com a organização dos arquivos, documentos, obras históricas e demais elementos que compõem a memória da escola.

Ainda com a intenção de buscar novas edições do livro e outras evidências de sua utilização, entrei em contato, via e-mail, com a profª Tânia Cristina Franco Santos, professora da Escola de Enfermagem Anna Nery – EEAN, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. A profissional prontamente me respondeu, em 15/04/2014, orientando-me sobre as consultas no Centro de Documentação (CEDOC) da escola e

indicando o contato da professora responsável pelo departamento. Após enviar dois e-mails à professora responsável pelo CEDOC, em 16 e 28/04/2014, obtive retorno, em 28/04/2014, onde a mesma dizia não saber informar sobre a existência do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, no acervo do CEDOC, além do que o Centro encontrava-se fechado, sem funcionários para atender ao público.

Foi feita, ainda, complementando o processo de buscas, uma listagem com todas as Universidades Federais do Brasil, e pesquisadas uma a uma, no intuito de verificar quais instituições possuíam em seus acervos o livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, e outras produções semelhantes publicadas no mesmo período. As Universidades que tinham Escolas de Enfermagem foram selecionadas e foram promovidas buscas através de sistemas on-line de suas bibliotecas. As que não tinham o sistema on-line de buscas em seus acervos foram acionadas através de e-mail. As investigações foram realizadas nos dias 11 e 17 de abril de 2014. Os termos de buscas utilizados foram os seguintes: Técnicas de Enfermagem; Técnica de Enfermagem; Zaíra Cintra Vidal. As demais produções selecionadas surgiram no mesmo processo de busca. Tais informações foram utilizadas no processo de análise deste estudo. Das 64 Universidades Federais consultadas, obteve-se algum achado em 14 dessas (Quadro II, Apêndice 2).

Desses achados, dois destacaram-se. Encontramos a 8ª edição do livro, de 1957, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E a 2ª edição, de 1939, foi encontrada na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Imagens das referidas obras foram solicitadas via e-mail e contato telefônico, tendo em vista que elas complementaríamos o leque de edições do livro, porém, não obtivemos retorno. Já a 5ª edição do livro não foi encontrada, até então, em lugar algum, não sendo possível nem afirmar o ano de sua publicação.

Por fim, esgotando as buscas, finalizamos com a Fundação Biblioteca Nacional, única beneficiária da legislação sobre o que se denomina atualmente como depósito legal. Pautada por anos no Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907, revogado pela Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004, a Biblioteca Nacional tem no depósito legal o objetivo de assegurar o registro e a guarda da produção intelectual nacional<sup>7</sup>. Nela foram encontradas as edições do livro *Técnica de Enfermagem* publicadas nos anos de 1933, 1942, 1943, 1948, 1953 e 1959, o que contribuiu para o enriquecimento da

---

<sup>7</sup> Para maiores detalhes, consultar o site da Fundação Biblioteca Nacional: [http://www.bn.br/portal/?nu\\_pagina=1](http://www.bn.br/portal/?nu_pagina=1).

análise. Ainda assim, a quinta edição do livro, publicada entre 1944 e 1947, não foi encontrada, o que não impossibilitou o desenvolvimento do estudo.

As buscas na Biblioteca Nacional ocorreram no dia 30 de setembro, e as obras consultadas foram fotografadas. As edições encontradas foram suficientes para contemplar o proposto, identificando as evoluções e mudanças no decorrer da publicação das edições da obra e descortinando, através destas, as representações e sentidos embutidos na obra em questão. Representações e sentidos estes, de relevância para o entendimento do processo histórico da enfermagem brasileira.

Portanto, as edições do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, a serem consideradas para este estudo, foram:

- 1ª edição, de 1933 – obra original.
- 3ª edição, de 1942 – fotos digitais de obra original.
- 4ª edição, de 1943 – fotos digitais de obra original.
- 6ª edição, de 1948 – cópia da obra e fotos digitais de obra original.
- 7ª edição, de 1953 – obra original e algumas fotos digitais de outra obra encontrada, do mesmo ano.
- 9ª edição, de 1959 – obra original.
- 10ª edição, de 1963 – fotos digitais de obra original.

Para a busca de outros documentos, utilizados para compor a análise das condições de circulação da publicação em questão, foram consultados diversos outros acervos, entre os quais os que detalhamos a seguir.

O acervo do Lacenf/EEAP/UNIRIO, por exemplo, dispõe de toda a coleção dos Anais de Enfermagem, que veio a tornar-se a Revista Brasileira de Enfermagem, órgão científico de divulgação da Associação Brasileira de Enfermagem – ABEn. Ali, foram consultados os volumes publicados entre os anos de 1932 e 1970. As buscas foram realizadas nos dias: 08/04, 16/04, 28/04 e 06/05/2014, durante todo o dia. Os artigos e/ou informações de interesse foram fotografados e organizados em pastas por ano, no intuito de facilitar o momento de análise e cruzamento das informações. Como resultado dessa busca, totalizaram-se 1.548 fotos digitais.

A busca por outras obras de referência à época, possivelmente tidas como concorrentes da que temos como documento-objeto, além de outras publicações feitas pela mesma autora, Zaíra Cintra Vidal, foram realizadas pelo dispositivo de buscas *Google*. Nessa ferramenta foi possível identificar outras obras publicadas por Zaíra C.

Vidal. Outras consultas foram feitas nas bibliotecas das Universidades Federais com escolas de enfermagem, conforme descrito anteriormente.

Tais buscas foram realizadas com o propósito de contemplar o terceiro princípio metodológico, proposto por Chartier (2011). Nesse sentido, um dos livros encontrados, de autoria de Zaíra Cintra Vidal, intitulado *Técnica de Ataduras*, de 1938, 1ª edição, foi adquirido na *Estante Virtual*, em 22/03/2014. Foi adquirido também, através desse mesmo site, no sebo *Acervo Sebo e Livraria*, em 07/07/2014, o livro *Novo Manual de Técnica de Enfermagem*, do ano de 1962 (3ª edição), da autoria de Elvira de Felice Souza. Adquiriu-se ainda, também pela *Estante Virtual*, em setembro de 2014, as 4ª e 5ª edições, de 1966 e 1972, respectivamente, do livro de Elvira de Felice Souza.

Foram fotografadas ainda, na Biblioteca Nacional, as seguintes obras: *Drogas e Soluções em dez aulas*, de Zaíra C. Vidal (1934); *Manual da Enfermeira – Técnica de Ataduras*, de Zaíra C. Vidal (1938); *Arte e Técnica da Enfermagem*, de Mário Rangel (1953); *Técnicas de Enfermagem*, de Ana Vitória Reidt e Domingos Albano (1941-42). Como resultado das buscas na Biblioteca Nacional, totalizaram-se 185 fotos digitais.

Na prática da busca de materiais que enriquecessem o estudo, e enquanto pesquisadora na área de história da enfermagem, faço uso, aqui, das palavras de Roger Chartier (2012b, p. 168). Como historiadora dos textos, historiadora das práticas, dos discursos ou das imagens, das situações ou dos comportamentos, o ponto fundamental é encontrar, construir um objeto histórico. Se possível, diz o autor, um que ainda não tenha sido realmente analisado, ou, se foi, analisá-lo de forma diferente, mobilizando recursos, a começar pelas fontes e pelas abordagens que permitam explicá-lo.

Nessa linha, podemos confirmar as considerações de Michel de Certeau acerca da tarefa desempenhada pelo historiador, corroboradas por Chartier (2010a) de forma esclarecedora. O autor destaca esta tripla tarefa de convocar o passado, mostrar as competências do historiador, dono das fontes, e convencer o leitor, através de uma análise e discussão que destaque a validade do saber.



### **3 DE ZAÍRA AO LIVRO – O COMPLEXO CONTEXTO DE CONSTRUÇÃO DE PERSONALIDADES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS**

Pretendeu-se descortinar as representações e os sentidos e inculcados no livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal. Para tal, foi necessário, nesta seção, revelar o complexo contexto de onde “surtem” a autora e o livro, assim como a circulação dos discursos de conhecimento de enfermagem à época. Foi necessário ainda compreender a autora, tal qual constata Chartier (2012a, p. 27), como uma função característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade. Tal aprofundamento permitiu melhor compreender o livro, no decorrer do estudo, enquanto um objeto produtor de sentidos, a partir de suas representações.

O ensino sistematizado da Enfermagem data de pouco mais de um século (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008). O período de 1890 a 1950 chama a atenção pela riqueza de informações sobre os acontecimentos que projetaram a Enfermagem brasileira e, como esta temática é discutida isoladamente por vários autores, procurou-se compilar alguns estudos no sentido de aclarar determinadas questões para a reflexão sobre esta fase da história da Enfermagem e suas possíveis relações com a publicação do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal.

A literatura aponta que a Enfermagem, historicamente, buscou sua autonomia enquanto profissão da área da saúde, procurando adequar-se às determinações sociais e legais das Políticas de Saúde e Educação brasileiras. Possui no seu histórico de ensino o veículo para a sistematização de conhecimentos, atitudes e habilidades, alicerçados pelos padrões morais, éticos e técnicos da profissão, os quais irão compor o conteúdo instrucional, formal, transmitido pela escola a seus estudantes (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

Nesse sentido, é importante pontuar que os momentos históricos principais da Enfermagem no Brasil devem ser interpretados tanto através de sua especificidade quanto do seu relacionamento com as transformações gerais na infraestrutura da sociedade brasileira (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008). Isto significa que a história da Enfermagem não se processa num espaço abstrato, mas ela se dá de forma

concreta na sociedade brasileira com seus determinantes econômicos, políticos e ideológicos (GERMANO, 1993).

A primeira iniciativa oficial com relação ao estabelecimento da Enfermagem profissional no Brasil foi a criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospital Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, pelo Decreto nº 791/1890, a qual seguia mais o sistema francês que o Sistema Nightingale (CARVALHO, 1972). Essa escola, posteriormente denominada Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, hoje uma unidade da UNIRIO, inicialmente inspirou-se na Escola de Salpêtrière, na França, embora a direção por uma enfermeira somente tenha ocorrido com mais de 50 anos de sua existência, precisamente em 1943 (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

Em 1916, como repercussão do movimento mundial de melhoria nas condições de assistência aos feridos da Primeira Guerra Mundial, a Cruz Vermelha Brasileira<sup>8</sup> criou uma Escola no Rio de Janeiro, subordinada ao Ministério da Guerra<sup>9</sup>. Posteriormente a escola foi subordinada ao Ministério da Educação e Cultura, como as demais. Foi equiparada à Escola de Enfermeiras "Ana Neri", conforme Decreto 20209/31, pelo Decreto 24768/1948 (CARVALHO, 1972; ALMEIDA; ROCHA, 1989; MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

Ainda em 1916, foi lançado o livro intitulado *Livro do Enfermeiro e da Enfermeira – para uso dos que se destinam à profissão de enfermagem e as pessoas que cuidam de doentes*, de autoria do médico Getúlio dos Santos (PORTO; SANTOS, 2008). Segundo Mott e Tsunechiro (2002, p. 593-594), esse livro pode ser considerado o primeiro manual para o ensino de enfermagem profissional, escrito por autor brasileiro. Esse livro descrevia às qualidades exigidas à mulher para ser enfermeira para a prática na caridade e bondade, consoantes com os princípios da Cruz Vermelha Brasileira (CVB) (PORTO; SANTOS, 2008).

Por cerca de 30 anos (entre 1917-1945), a Escola de Enfermeiras da CVB do Rio de Janeiro foi dirigida por médicos. Getúlio dos Santos (1881-1928) foi um dos principais professores e diretor da Escola por vários anos. Natural do Espírito Santo tinha formação militar, era tenente-coronel e médico, formado pela Faculdade de

---

<sup>8</sup> Sobre a Cruz Vermelha Brasileira, ver: PORTO, F.; SANTOS, T.C.F. Sede da Cruz Vermelha no Brasil completa cem anos. Revista de História.com.br. Publicado em 17/11/2008. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/historia-da-enfermagem>, acessado em 06/10/2014.

<sup>9</sup> Um detalhe quanto a esta Escola é que o Decreto 21141/1932, que aprovava o regulamento para a organização do quadro de Enfermeiras do Exército, determinava a fiscalização da Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira pela Diretoria de Saúde da Guerra, desvinculando o exercício profissional dos enfermeiros por ela formados, das determinações do Decreto 20109/1931, que regulava o exercício de Enfermagem no Brasil e fixava as condições para a equiparação das escolas de Enfermagem.

Medicina do Rio de Janeiro com especialização na Europa. Foi um batalhador pela causa da CVB. Além de ensinar, foi Secretário Geral e Diretor do Instituto Médico, tendo participado de duas Conferências Pan-Americanas patrocinadas pela entidade (1924 e 1926) (MOTT; TSUNECHIRO, 2002, p. 594).

Getúlio Santos esclareceu que o motivo que o levou a escrever o livro foi à carência de literatura e de profissionais de conhecimento técnico e prático para exercer as atividades da enfermagem. O livro destinava-se aos professores, alunos e interessados em auxiliar os médicos no tratamento aos doentes. O livro foi editado em 1916, 1918 e 1928 (PORTO; SANTOS, 2008). Os ensinamentos propostos pelo médico no livro estavam em consonância com o programa da Escola Profissional de Enfermeiras da CVB do Rio de Janeiro, deveriam ser transmitidos às alunas de forma prática, objetivando o preparo para atuar em diversas áreas, sempre de acordo com a orientação do médico (MOTT; TSUNECHIRO, 2002, p. 596).

Outra obra de interesse que marcou a historiografia da enfermagem brasileira foi o livro *Curso de Enfermeiros*, de Adolpho Possollo, publicado em 1920. O livro é publicado como resposta a uma necessidade crescente de formação de enfermeiros no país. Aparece no contexto do movimento sanitarista brasileiro do início do século XX, fruto da escassez de pessoal de Enfermagem habilitado. Este é um período de criação e desenvolvimento de escolas de enfermeiros, que promove o ensino técnico (teórico e prático). Adolpho Possollo foi chefe do Serviço de Cirurgia do Ambulatório Rivadávia Corrêa e docente da Clínica Cirúrgica da Faculdade do Rio de Janeiro, e destacou em seu livro que seu conteúdo seguia a orientação do programa oficial estabelecido pelo Decreto nº 791/1890, relacionado ao aspecto legal de criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras. A segunda edição foi publicada em 1931 pela Livraria Azevedo-Editora, Erbas de Almeida & CIA, do Rio de Janeiro, fruto da enorme procura do livro, o que levou à rápida ruptura da primeira edição (SILVA, 2009, p. 35; RODRIGUES; GOMES; ALMEIDA, 2008, p. 87).

Ao longo do livro, denota-se uma preocupação acrescida pelos aspectos técnicos da profissão, explicados de forma detalhada e minuciosa, com desenhos, que revelam todos os passos para a realização de uma técnica ou os pormenores da anatomia humana, certamente influenciados pela sua experiência de cirurgião. O modelo era necessariamente biomédico, em que a enfermeira era tida como auxiliar do médico. Este papel, aliás, fica claramente definido pelo autor no decorrer da obra (RODRIGUES; GOMES; ALMEIDA, 2008, p. 89).

Já a criação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública<sup>10</sup> (Dec. 15799, de 10/12/1922) constituiu o início de uma nova fase para a enfermagem brasileira; o mérito do acontecimento deve-se, principalmente, a seu Diretor, Carlos Chagas e ao grupo de enfermeiras norte-americanas, trazidos pela Fundação Rockefeller, a pedido daquele, para prestarem serviço no Departamento<sup>11</sup> (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

Tal fato, no que se refere à enfermagem brasileira, representa um marco de extrema importância, isto é, o denominado “advento” da “Enfermagem Moderna” no país. Surge num momento em que o Estado brasileiro emergente institui políticas de saúde voltadas ao controle das grandes endemias e epidemias que colocavam o Brasil numa posição ameaçadora ao desenvolvimento do comércio internacional, porém contava com escassos equipamentos de saúde e mão de obra qualificada para a viabilização das ações coletivas propostas (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

Nesse sentido, Carlos Chagas ao conhecer o trabalho no padrão *nightingaleano* das enfermeiras norte-americanas, acreditou ser este o profissional necessário para a estratégia sanitária do governo brasileiro e solicitou auxílio ao *International Health Board* para criar serviço semelhante no Brasil. Assim foi criada a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, nos moldes das escolas americanas (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

Ao longo de uma década, a luta simbólica das enfermeiras americanas foi a de construir a imagem de uma enfermeira solidamente preparada, contrariando inclusive grande parte dos médicos no interior do Departamento Nacional de Saúde Pública, que

---

<sup>10</sup> A atual Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi inicialmente denominada Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública - DNSP (1922), passando à denominação Escola de Enfermeiras D. Ana Nery (1931), logo depois Escola Ana Néri (1937) e depois para Escola de Enfermagem Anna Nery / UFRJ (1965). Para efeito deste estudo e melhor compreensão, utilizarei a denominação vigente: Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN). Tal critério será utilizado para as demais escolas a serem analisadas.

<sup>11</sup> O Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) foi criado em 1920, diante das evidências e necessidades de uma reforma sanitária à época. Neste mesmo ano, o sanitarista Carlos Chagas se torna diretor do DNSP, concretizando-se o que mais tarde denominaríamos de Reforma Carlos Chagas. A Reforma se amparou em dois Decretos, n.º. 3.987 de 02 de janeiro de 1920 e n.º. 14.354 de 15 de setembro de 1920, que dispuseram sobre a criação e regulamentação do DNSP, caracterizando, assim, a presença do Estado brasileiro na reorientação da política de saúde, a partir da centralização das ações no campo da saúde pública em um Departamento. Em 1921, após o pedido de apoio de Carlos Chagas ao *International Health Board* (IHB) para implantação do Serviço de Enfermeiras no Brasil, a Fundação Rockefeller (FR) criou uma Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, para levar adiante as reformas necessárias à implantação do serviço. Com isso, ainda em 1921, a enfermeira americana Ethel Parsons veio ao Brasil para a criação de um serviço de enfermeiras no DNSP e de uma escola de enfermeiras. Esta estratégia ficou conhecida como Missão Parsons e atuou no Brasil durante dez anos consecutivos (1921 - 1931), com o patrocínio da FR (FREIRE; AMORIM, 2008).

apenas desejavam resolver os problemas mais imediatos de sua prática cotidiana. Nessa luta, verificou-se que o processo de formação da enfermeira brasileira comportou estratégias que visavam dar visibilidade à nascente profissão perante a sociedade brasileira, mediante à institucionalização de rituais e emblemas da profissão e a adoção de uma rígida disciplina, que modelava o comportamento da futura enfermeira (SANTOS *et al.*, 2011, p. 967).

O interesse de uma parte desses sanitaristas brasileiros, que ocupavam posições privilegiadas na Reforma Sanitária, era pela convergência do modelo de ensino de enfermagem dos EUA para a nova Escola de Enfermeiras do DNSP. Essa inclinação ocorreu paralelamente ao estudo denominado *Nursing and Nursing Education in United States*, conhecido como *Relatório Goldmark*. Ambos os projetos tiveram o mesmo pilar de sustentação, a Fundação Rockefeller (FREIRE; AMORIM, 2008). Tal influência e organização deu à Escola Anna Nery o ‘título’ de Escola Oficial Padrão<sup>12</sup>, referência para o ensino da enfermagem no Brasil, no período de 1931 a 1949 (BAPTISTA; BARREIRA, 2009).

Durante dezoito anos<sup>13</sup> coube à Escola de Enfermagem Anna Nery, na qualidade de escola oficial padrão, o poder de enunciar um modelo de enfermeira para a sociedade brasileira. A instituição passa a ter a prerrogativa, mediante o discurso autorizado, de se pronunciar sobre a criação e o reconhecimento das escolas de enfermagem do país (FONTE, 2009, p. 17).

O confronto do conteúdo do currículo dessa escola brasileira com as determinações contidas no *Standard Curriculum* norte-americano de 1917 mostra a grande semelhança entre os dois, tanto na parte teórica quanto nos serviços nos quais as alunas deveriam estagiar e a fragmentação do currículo em disciplinas de pequena carga horária e de curta duração (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

A publicação dos livros *Essentials of a Good School of Nursing* e *Nursing for the Future*, e a tradução de ambos para o português pelo então Serviço Especial de Saúde Pública<sup>14</sup>, também tiveram grande repercussão no desenvolvimento da

---

<sup>12</sup> Decreto 20.109 de 15 de junho de 1931. Esse decreto vigorou por dezoito anos (1931-1949).

<sup>13</sup> Com a promulgação da Lei 775/1949, a escola perde essa prerrogativa, uma vez que o ensino de enfermagem passa a ter uma lei específica, produto de uma discussão entre as várias lideranças da área e do legislativo. O ensino passa então a ser regulamentado por essa lei, a qual estabelece as condições mínimas para o processo de formação de enfermeiros. A avaliação das escolas passa a ser realizada pelo Ministério da Educação e Saúde, sendo a autorização para sua criação realizada pelo Ministério e o reconhecimento pelo Presidente da República (FONTE, 2009).

<sup>14</sup> O Serviço Especial de Saúde Pública foi criado em 1942 e atuou no Brasil até 1960, quando tornou-se a Fundação Serviço Especial de Saúde Pública (FSesp). O SESP era financiado com recursos norte-

Enfermagem brasileira. Junto a isso houve influência das escolas universitárias norte-americanas, às quais eram encaminhadas as docentes de algumas das escolas do país para cursos de aperfeiçoamento e de pós-graduação (CARVALHO, 1972).

É importante apontar ainda que, a partir de então, a Enfermagem procura consolidar-se buscando garantir seu espaço profissional com a fundação, em 1926, da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras<sup>15</sup>, com a regulamentação do exercício da Enfermagem pelo Decreto 20109/1931 e também com a publicação da revista *Anais de Enfermagem*, em 1932 (CARVALHO, 1972; GERMANO, 1993; MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

O ensino na área de enfermagem expandiu-se a partir da década de 1930, alicerçada pelo modelo de assistência médica curativa, atendendo ao aumento da demanda dessa nova categoria profissional, aumento este impulsionado principalmente pelo ritmo de urbanização existente e pelo processo de modernização dos hospitais. Essa expansão nas décadas de 1930, 1940 e 1950 aconteceu a partir de uma realidade social definida, num contexto de acelerados processos de urbanização e industrialização, das quais as políticas educacionais de saúde eram reflexos (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

Assim, com o número crescente de estudantes e escolas de enfermagem, aumentou a demanda de livros de conhecimento, fenômeno que caracterizava o desenvolvimento da geração e da transmissão do saber conquistado. A enfermagem moderna, assim, afirmou-se a partir da ideia da difusão do conhecimento, e seus suportes fundamentais foram o livro e a revista científica impressa (MARQUES NETO; ROSA, 2010, p. 331 – 347).

---

americanos e brasileiros e elaborou suas políticas sanitárias a partir de um acordo com o Instituto de Assuntos Interamericanos (IAIA). Empreendeu políticas sanitárias voltadas para as populações do interior, montou uma rede de unidades sanitárias e outros equipamentos; construiu e administrou escolas de enfermagem, hospitais, centros de saúde, além de praticar educação sanitária (CAMPOS, 2006, p.14).

<sup>15</sup> A Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) tem sua origem estreitamente ligada à Escola de Enfermeiras do DNSP, criada em 1922 e regulamentada em 1923, atual Escola de Enfermagem Anna Nery - EEAN, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. A ideia surgiu a partir de ex-alunas, após a diplomação da turma pioneira da Escola de Enfermeiras Anna Nery (EAN) em 1925. A Associação foi fundada no dia 12 de agosto de 1926, com o nome de Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas - ANED. Em 1929, ano em que a Associação filiou-se ao Conselho Internacional de Enfermeiras (CIE), a Associação passou a chamar-se Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras, por exigência deste Conselho. Numa reunião com vistas a uma nova reforma no estatuto da Associação (a primeira havia ocorrido em 1929), decidiu-se em 1944, entre outras alterações, mudar o nome da Associação, que passou a chamar-se Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (ABED). Essa denominação durou até o ano de 1954, quando, numa Assembléia Geral, a entidade ganhou o nome de Associação Brasileira de Enfermagem – ABEn e seu órgão oficial de comunicação passou a ser conhecido como a Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn, denominações que permanecem até os dias atuais (CARVALHO, 1976, p. 33-39).

E é nesse contexto que é publicada a primeira edição do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, em 1933. Formada pela Escola Anna Nery e com cursos no exterior, Zaíra teve, dentre outras, atuação profissional na sua escola de formação. E, com base em suas experiências, conforme relata no próprio livro, e nas necessidades da profissão, publica o primeiro livro escrito por uma enfermeira brasileira nessa temática.

As técnicas de enfermagem são consideradas como uma das primeiras manifestações organizadas e sistematizadas do saber na enfermagem. As técnicas se organizaram como uma estrutura de um saber nas primeiras décadas do século XX, nos EUA, e eram tidas como a “arte de enfermagem” (ALMEIDA; ROCHA, 1986, p. 29). Ao citar McClain e Gragg (1970), Almeida e Rocha (1986, p. 29), trazem ainda que o reconhecimento da enfermagem como uma arte é bem antigo. E arte é um conjunto de conhecimentos práticos que mostram como trabalhar para conseguir certos resultados.

O ensino de enfermagem organizou e sistematizou as técnicas de enfermagem e estas passaram a compor o currículo das escolas com espaço e destaque relevantes. Eram, portanto, o principal conhecimento do ensino de enfermagem, “o âmago principal de todo o programa educacional” (ALMEIDA; ROCHA, 1986, p. 30-31). As técnicas foram uma resposta imediata e significativa ao trabalho hospitalar, e recobriam, assim, grande parte do trabalho de enfermagem. Através do tempo, as técnicas vão passando por transformações, indo da simples descrição de passos até a busca em outras áreas do conhecimento, das razões de tais procedimentos, caracterizando a evolução do saber de enfermagem (ALMEIDA; ROCHA, 1986, p. 31-33).

O saber da enfermagem, considerado em qualquer dos seus momentos de construção, foi considerado como o instrumental que a enfermagem utilizava para realizar o seu trabalho, instrumental esse legitimado e reproduzido pelo ensino desta prática (ALMEIDA; ROCHA, 1986, p. 24).

Prosseguindo nas discussões e buscando elucidar a lógica do encadeamento dos fatos, adentrando a década de 1940, percebe-se que esta foi marcada pelo populismo de Getúlio Vargas. Naquilo que diz respeito às suas características de governo, o presidente destacou-se como um poderoso agente de transformação do sistema econômico, da estrutura de classes e dos padrões de domínio político. O Estado queria mostrar que tinha um compromisso com o povo, que se preocupava com suas necessidades e que buscava o desenvolvimento capaz de proporcionar o bem-estar a todos, independente da classe social (GADOTTI, 1992).

Assim foi que a escola, na era Vargas<sup>16</sup>, representava a maneira ideal de reprodução da nova ideologia desenvolvimentista, cabendo, portanto, dentro desta política, a criação de várias escolas de enfermagem. Esta atuação tem estreita vinculação com o estímulo do governo ao ensino profissionalizante. A iniciativa foi regulamentada na constituição de 1937, tendo em vista que “os cursos de enfermagem se assemelhavam aos cursos profissionalizantes: não se exigia o curso secundário (...), embora as enfermeiras formadas pela Escola Anna Nery ou por outras à ela equiparadas fossem consideradas de nível superior” (BAPTISTA; BARREIRA, 1997, p. 37).

Além disso, segundo Fernandes (1964, p. 09),

o país no ano de 1943 dispunha de (...) 2500 enfermeiras, número este pouco significativo em relação a um aumento populacional intenso, a natural expansão da rede hospitalar e a necessidade premente de programas sanitários.

Dessa forma, foi intensificado o serviço de saneamento da Baixada Fluminense e houve a criação de mais Centros de Saúde e unidades sanitárias, trazendo à tona a preocupação em se ter mão de obra qualificada para atuar nesses novos empreendimentos.

Neste mesmo cenário, à época da difusão do “padrão Anna Nery”, foram criadas mais duas escolas<sup>17</sup> públicas de enfermagem, no Rio de Janeiro, ambas no ano de 1944. A primeira delas, a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo<sup>18</sup> (atual Faculdade de Enfermagem da UERJ), segundo Caldas (1995, p. 51), foi criada dentro da Secretaria Geral de Saúde e Assistência e “destinava-se ao ensino técnico-profissional e especializado em enfermagem, bem como para aperfeiçoar o conhecimento do pessoal de enfermagem da prefeitura, atuante na área”.

---

<sup>16</sup> Getúlio Dorneles Vargas – estadista brasileiro, líder da Revolução de 1930, chefiou o governo provisório a partir deste ano. Foi eleito presidente logo em seguida e proclamou um governo ditatorial denominado Estado Novo, em 1937, o qual vigorou até 1945 (LIMA; BAPTISTA, 2000).

<sup>17</sup> No que tange aos aspectos relativos à expansão do número de escolas de enfermagem conforme modelo anglo-americano, foram criadas 24 escolas de enfermagem: nove católicas, três ligadas a hospitais evangélicos, seis estaduais, três federais, duas da Cruz Vermelha e uma municipal, no período de 1923 a 1949. Para que seus cursos fossem reconhecidos em todo o território nacional, as instituições deveriam solicitar ao então Ministério de Educação e Saúde Pública a equiparação, conforme o Decreto-lei nº 20.109, de 15 de junho de 1931. Nesse decreto, tratava-se de alguns requisitos: ter organização moldada na escola padrão, especialmente no que diz respeito aos seguintes pontos: a direção da escola ficar a cargo de uma enfermeira diplomada, com curso de aperfeiçoamento e experiência de ensino e administração em institutos similares; condições de admissão de alunos; a duração do curso e organização, e programação desse curso, e também disporem de hospital para o ensino prático em hospital de, no mínimo, 100 leitos (TOLEDO *et al.*, 2008).

<sup>18</sup> Decreto nº 6.275 de 16/02/44.

Seu projeto de criação foi elaborado por Zaíra Cintra Vidal, que foi a primeira diretora da nova escola. Segundo Lima e Baptista (2000), pode-se vincular a criação dessa escola às atividades desenvolvidas por Zaíra, à época responsável pela reciclagem do pessoal da Secretaria de Saúde. Provavelmente, os resultados deste seu trabalho despertaram, nos responsáveis pela Secretaria, a ideia de melhoria da qualidade da assistência. Porém, há de se destacar também o prestígio de Zaíra já nesse momento. Formada pela Escola Anna Nery, Zaíra já estava em evidência no campo educacional pela sua atuação na sua escola de formação e pelo difundido *Técnica de Enfermagem*, já na sua 4ª edição, publicada em 1943 (CALDAS, 1998).

Apesar de ter sido criada em 1944, a escola só veio a funcionar em 20 de junho de 1948, mas destacou-se por ter sido equiparada à condição de escola padrão por ocasião do início de suas atividades (LIMA; BAPTISTA, 2000).

A outra escola criada nessa época foi a Escola de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro<sup>19</sup> (atual Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, da UFF – Universidade Federal Fluminense). Criada em abril de 1944, a instituição começou a funcionar em fevereiro de 1945, em Niterói, com o discurso oficial de que inexistiam profissionais de enfermagem para a inauguração de Centros de Saúde na então capital do Estado (LIMA; BAPTISTA, 2000).

Até 1956, então, haviam 33 escolas de enfermagem. Vale destacar a participação da Igreja neste processo, onde, até 1954, existiam 12 escolas de enfermagem e 11 de auxiliares de enfermagem mantidas por instituições religiosas (ABEn, 1980; CARVALHO, 1972). A moral religiosa fez com que a enfermagem, ainda neste período, fosse considerada sob o prisma da abnegação e da vocação, duas qualidades que as escolas deveriam cultivar na formação do enfermeiro (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

Vale destacar que, todas essas escolas incorporaram em sua organização os critérios e os padrões definidos pelo Conselho Internacional de Enfermeiros (CIE)<sup>20</sup>, destacando-se aqui a direção das escolas por enfermeiros diplomados e com curso de

---

<sup>19</sup> Decreto-Lei nº 1.130 de 19/04/1944, data de aniversário do então presidente Getúlio Vargas.

<sup>20</sup> O Conselho Internacional de Enfermeiros – ICN é, nos dias atuais, uma federação de mais de 130 associações nacionais de enfermeiros. Fundado em 1899, o ICN é a primeira e mais ampla organização internacional do mundo criada para os profissionais de saúde. Operado por enfermeiros e enfermeiras de liderança internacional, o ICN trabalha para assegurar os cuidados de enfermagem de qualidade, as políticas de boa saúde em nível mundial, o avanço do conhecimento de enfermagem. É sua tarefa também bater-se, em todo o mundo, pelo bom exercício da profissão e pela manutenção de uma força de trabalho de enfermagem competente e satisfeita (disponível em: <http://www.icn.ch/about-icn/about-icn/>, acessado em 29/01/2011).

especialização ou aperfeiçoamento e experiências em administração e em ensino, critérios rigorosos para a seleção de alunos, duração dos cursos, programas, locais de estágio (CARVALHO, 1976).

Já em 1949, ocorre a primeira modificação do currículo<sup>21</sup> das escolas de enfermagem. A Lei 775/49, refletia um ensino voltado para a área hospitalar. O modelo de prática hospitalar era centrado no modelo clínico, na qual a prática médica era fragmentada, subdividida em especializações. Novamente, o marco conceitual buscou atender ao mercado de trabalho (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

O ensino de enfermagem também sofreu modificações diante das que aconteciam no conjunto das ações de saúde e diante das modificações no mercado de trabalho. A prática médica passou a necessitar da enfermagem como instrumento de trabalho, nessa assistência centrada no modelo clínico (GOMES, 1991; MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

Num processo de evolução, formação e profissionalização, pode-se notar que houve uma grande preocupação em preparar e formar enfermeiras de alto padrão. A preocupação com o ensino e a influência norte-americana na Escola Anna Nery foram fatores que direcionaram a formação pensada de futuras líderes da enfermagem, que angariariam posições estratégicas no campo da saúde e da educação. Zaíra Cintra Vidal foi uma dessas personalidades formadas, cuja prática e produção científica influenciaram na conformação do campo educacional ao longo de alguns anos.

### **3.1 Figuras do autor: a enfermagem na produção do conhecimento**

Chartier (2012c, p. 38), ao discutir as proposições de Foucault (2001) sobre o que é um autor, traz que a função de um autor é caracterizar a existência, a circulação e o funcionamento de certos discursos dentro da sociedade. Segundo Foucault (2001, p. 264-298), a função-autor não se forma espontaneamente, como a atribuição de um discurso a um indivíduo. A função-autor resulta, portanto, de operações específicas,

---

<sup>21</sup> A primeira reformulação do currículo de enfermagem se deu pelo Decreto 27.426, quando da promulgação da Lei 775, de 06 de agosto de 1949, que passou a regular o ensino de Enfermagem em todo o país (FONTE, 2009, p. 13).

complexas, que relacionam a unidade e a coerência de alguns discursos a um dado sujeito, complementa ainda Chartier (2012c, p. 28).

Nesse sentido, pretendeu-se conhecer Zaíra Cintra Vidal além de suas características individuais, mas sim como fruto de uma formação, de uma circulação de discursos, de um contexto específico, influenciadores na configuração da formação e da profissionalização de enfermagem.

Zaíra Cintra Vidal nasceu em 05 de maio de 1903, no Distrito Federal, e faleceu em 15 de outubro de 1997, no município do Rio de Janeiro, aos 94 anos. Aos 18 anos, ingressou na Escola Normal, hoje Instituto de Educação, diplomando-se como Professora Primária no ano de 1922. Exerceu tal função até 1924, quando decidiu ingressar na Escola Anna Nery (17 de março de 1924), terminando o curso em 06 de agosto de 1926 (CALDAS, 1998).

A formação como enfermeira pela Escola Anna Nery, na primeira turma de formadas, consideradas “As Pioneiras”, diante do já discutido contexto de organização e influências sobre esta escola, demarca aqui a questão norteadora de toda a atuação e condução dos discursos proferidos por Zaíra Cintra Vidal. Organizada com o intuito de enunciar um modelo de enfermeira para a sociedade brasileira (FONTE, 2009, p. 13-24), a Escola Anna Nery investiu em suas primeiras formandas, o que influenciou na atuação das mesmas nos campos da saúde e educacional, caso de Zaíra Cintra Vidal, como veremos a partir daqui.

Zaíra Cintra Vidal foi designada, em 1926, logo após sua formatura, para exercer o cargo de Visitadora de Higiene e, em 1927, foi nomeada Enfermeira de Saúde Pública, função que exerceu de janeiro a maio daquele ano (CALDAS, 1998).

A convite da Fundação Rockefeller, realizou um curso de aperfeiçoamento nos Estados Unidos, durante dois anos, de 1927 a 1929, com o objetivo de preparar enfermeiras em Instrução e Administração de Escolas de Enfermagem. O curso foi desenvolvido no *Philadelphia General Hospital*, *Philadelphia Contagious Disease Hospital* e no *Teachers College da Columbia University*, de Nova York<sup>22</sup> (CALDAS, 1998). Observa-se aqui a inserção de Zaíra no contexto de formação internacional, complementando sua formação base com as influências que nortearam a criação da escola por onde se formou.

---

<sup>22</sup> Zaíra fez cursos de especialização na *Columbia University*, nas áreas de Supervisão de Escola de Enfermagem, Psicologia Educacional para Enfermeiras, Professora de Enfermagem, Drogas e Soluções, e Métodos Comparativos em Enfermagem. Realizou ainda curso de Pós-Graduação em Enfermagem no *Philadelphia General Hospital* (CALDAS, 1998).

Nesse sentido, observa Fonte (2009, p. 58), a Escola de Enfermagem Anna Nery, consoante com o movimento de desenvolvimento da profissão de enfermeira no país, e também diante do reconhecimento da importância do investimento no capital cultural das docentes da escola, como arma simbólica na luta por posições prestigiosas no campo da educação em enfermagem, intensificava os esforços relativos às profissionais formadas para que estas realizassem cursos no exterior.

Ao retornar ao Brasil, em 1929, Zaíra Cintra foi nomeada Enfermeira Chefe da Escola Anna Nery, cujo Departamento de Ensino chefiou até 1931, quando foi nomeada Instrutora<sup>23</sup>. Neste cargo lecionou Ética, História da Enfermagem, Técnica de Enfermagem, Técnica de Ataduras, Higiene Individual, Drogas e Soluções, e Técnica Aperfeiçoada (CALDAS, 1998).

Integrou também todas as bancas examinadoras dos exames de admissão de candidatas e exames para a promoção das alunas da Escola Anna Nery, no período de 1929 a 1937, e participou das comissões examinadoras de revalidação de diploma de enfermeiras estrangeiras. Em 31 de agosto de 1938, foi designada para exercer, interinamente, a função de Diretora da Escola de Enfermeiras Anna Nery, permanecendo nessa função até dezembro de 1938 (CALDAS, 1998).

A autora atuou também na Secretaria Geral de Saúde e Assistência da Prefeitura do Distrito Federal, em 1941, na qualidade de Superintendente dos Serviços de Enfermagem. Trabalhou na organização de hospitais da Prefeitura e dirigiu os serviços de enfermagem em quatro hospitais, conhecidos à época como Pronto Socorro, Carlos Chagas, Getúlio Vargas e Jesus<sup>24</sup> (CALDAS, 1998).

<sup>23</sup> Pelo Decreto de 13 de abril de 1931, do Senhor Chefe do Governo provisório, foi nomeada Instrutora da Escola Anna Nery, sendo mais tarde Assistente de Diretora (CALDAS, 1998).

<sup>24</sup> Inaugurado em 01 de novembro de 1907 com o nome de “Posto Central de Assistência”, o Hospital de Pronto Socorro do Distrito Federal, assim denominado a partir de 1921, é conhecido, desde 1955, como Hospital Municipal Souza Aguiar, em homenagem ao prefeito da cidade do Rio de Janeiro à época de sua criação, Francisco Marcelino Souza Aguiar. Já o citado Carlos Chagas vem a ser o atual Hospital Estadual Carlos Chagas, inaugurado pelo então presidente da República Getúlio Vargas, em 1937. Seu nome se deu em homenagem a Carlos Justiniano Ribeiro Chagas, [médico sanitário](#), [cientista](#) e [bacteriologista brasileiro](#), que trabalhou como clínico e [pesquisador](#), com destacada atuação na saúde pública do Brasil. O citado estabelecimento Getúlio Vargas é o atual Hospital Estadual Getúlio Vargas, fundado em 03 de dezembro de 1938, durante o governo do então presidente da República. Por fim, o conhecido Jesus é atualmente o Hospital Municipal Jesus, fundado em 30 de Julho de 1935, mas só aberto ao público no dia 12 de Agosto daquele ano. Incluída no Plano de criação de uma rede hospitalar, pelo então prefeito do Distrito Federal, Dr. Pedro Ernesto, a Unidade foi idealizada para o atendimento exclusivo de crianças. Fontes: <http://www.pesquisando.eean.ufrj.br/viewpaper.php?id=381&print=1&cf=2>, <http://www.saude.rj.gov.br/imprensa-noticias/17798-hospital-estadual-carlos-chagas-comemora-76-anos.html>, [http://pt.wikipedia.org/wiki/Penha\\_\(bairro\\_do\\_Rio\\_de\\_Janeiro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Penha_(bairro_do_Rio_de_Janeiro)), <http://www.sms.rio.rj.gov.br/servidor/cgi/public/cgilua.exe/web/templates/htm/v2/view.htm?infoid=1639&editionsectionid=137>. Acessados em 25 de maio de 2014.

Zaíra teve atuação destacada como professora em diversos cursos de reciclagem de pessoal da área hospitalar: em novembro de 1938, no Hospital Jesus; em 1940, no Hospital São Francisco de Assis; em 1944, em cursos para o pessoal de enfermagem nos Hospitais do Departamento Hospitalar, da Secretaria Geral de Saúde e Assistência da Prefeitura do Distrito Federal; no ano seguinte, em 1945, ministrou curso para enfermeiras do Hospital São Sebastião (CALDAS, 1998).

Pode-se notar, até então, a figura de Zaíra creditada profissionalmente enquanto uma representação de autoridade, mediante a acumulação de capital social e simbólico, conferido pela formação de base na Escola Anna Nery e seus cursos no exterior. Nesse momento, como já foi assinalado, a Escola de Enfermagem Anna Nery, na qualidade de escola oficial padrão, através de um discurso autorizado, norteava sobre um modelo de enfermeira, de escolas, e, ia além, influenciando na atuação profissional daquelas que já estavam em campo, objetivando um controle maior na configuração e estruturação da profissão (FONTE, 2009, p. 13-24).

A Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, teve em Zaíra Cintra Vidal a sua idealizadora, lembram Lopes *et al* (2001, p. 253-260). Em setembro de 1943, a pedido do Diretor Geral do Departamento Hospitalar da Secretaria Geral de Saúde e Assistência, Zaíra apresentou um projeto de criação da referida Escola de Enfermagem. Na ocasião, foi destacada para constituir a Comissão que deveria elaborar o Regimento Interno e o programa de Ensino da Escola de Enfermagem da Prefeitura do Distrito Federal (P.D.F.), criada em 16 de fevereiro de 1944 (CALDAS, 1998).

Zaíra retornou aos Estados Unidos, em novembro de 1943, com uma bolsa de estudos de cinco meses, oferecida pelo Serviço Especial de Saúde Pública, para conhecer as universidades e escolas de enfermagem: *Cornell University*, *Columbia Medical Center*, *Skidmore College*, *Bellevue Hospital*, em Nova York; *Western Reserve University*, em Cleveland; *Ohio Vanderbilt University*, em Tennessee; *Yale University*, em New Haven, Toronto, Canadá; regressando ao Brasil em março de 1944<sup>25</sup> (CALDAS, 1998). Uma ida ao exterior planejada, tendo em vista o projeto de criação de uma nova escola de enfermagem, assumido por ela.

---

<sup>25</sup> Em março de 1944, ao retornar dos Estados Unidos, a profissional continuou seus serviços na Secretaria Geral de Saúde e Assistência, sendo designada, a partir de então, para inspecionar os Serviços de Enfermagem dos Centros de Saúde.

Em 29 de dezembro de 1944, ela foi nomeada Diretora da Escola de Enfermeiras da P.D.F., atribuindo-lhe o nome de Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, em homenagem à sua amiga e enfermeira, figura de relevância no cenário da enfermagem nacional. Na função de diretora, tomou posse e iniciou o exercício em 04 de janeiro de 1945 e ali permaneceu até 30 de julho de 1954 (CALDAS, 1998; LOPES *et al*, 2001, p. 253-260).

A Escola, na verdade, só foi inaugurada no dia 20 de junho de 1948<sup>26</sup>, após quatro anos de planejamento e organização. A protagonista desta pesquisa empreendeu, à época, várias lutas para propiciar às alunas um espaço físico e uma organização ambiental que estivesse à altura de uma escola de alto padrão. Uma de suas maiores conquistas foi o início da construção, em 1951, do atual edifício sede<sup>27</sup> da Faculdade de Enfermagem da UERJ, situado no bairro de Vila Isabel, zona norte da cidade do Rio de Janeiro (LOPES *et al*, 2001, p. 253-260).

Acumulando a função de Diretora, Zaíra lecionou as seguintes disciplinas na graduação: Ética, Deontologia, História da Enfermagem, Ajustamento Profissional I e II, Drogas e Soluções. Já no curso de pós-graduação de Formação de Professores ministrou a matéria Organização e Administração (CALDAS, 1998; LOPES *et al*, 2001, p. 253-260).

Destaca-se aqui, ainda, a equiparação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo à escola de enfermagem padrão, Escola Anna Nery, com apenas seis meses de funcionamento, em janeiro de 1949 (CALDAS, 1998), caracterizando o esforço de Zaíra em adequar a nova escola à sua escola de origem, transportando mais do que um modelo, mas todas as ideias e discursos que circulavam até então para esse novo centro de formação qualificado.

### 3.1.1 Atuação na Associação Brasileira de Enfermagem

---

<sup>26</sup> Vale destacar ainda que, em outubro de 1946, quando um surto de febre tifoide assolou a cidade do Rio de Janeiro, Zaíra Cintra Vidal ofereceu seus serviços ao Departamento de Higiene, indo trabalhar no Hospital Isolamento Francisco de Castro (CALDAS, 1998).

<sup>27</sup> Esse prédio constitui-se hoje no espaço onde funcionam as Faculdades de Enfermagem e Odontologia da UERJ.

Zaíra C. Vidal teve ainda participação<sup>28</sup> na Associação de Enfermeiras Diplomadas (ABED), atual Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), e também na Revista Anais de Enfermagem<sup>29</sup>, atual Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn) (CALDAS, 1998; LOPES *et al*, 2001, p. 253-260).

Entre as atividades promovidas à frente da diretoria da Associação, destaca-se, no seu primeiro mandato (25/09/1943 a 18/09/1945), a aprovação e o registro do novo estatuto com a mudança do nome de “Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras” para “Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas”. Nesse período, Zaíra elaborou também um plano para reerguer a *Revista Anais de Enfermagem*<sup>30</sup>, aumentando o quadro social de 20 associadas, em 1943, para 172, em 1945 (LOPES *et al*, 2001, p. 253-260).

Em seu segundo mandato como presidente da Associação (18/09/1945 a 18/04/1947), Zaíra envidou esforços para aprovar o estatuto, que previa a reforma na estrutura da Associação. Essa iniciativa permitiu, em 09/12/1946, a criação de duas novas Divisões: de Educação e de Enfermagem de Saúde Pública. Dentre as diversas realizações do período, ela deu entrada no Ministério da Educação e Saúde<sup>31</sup> (M.E.S.), em julho de 1945, ao anteprojeto para criar o Conselho de Enfermagem. O texto foi reapresentado cinco vezes, a última delas no ano de 1947. Ainda durante essa gestão, Zaíra indicou a enfermeira Marina Bandeira de Oliveira para representar a ABED na Comissão designada pelo M.E.S. com a finalidade de estudar os problemas de enfermagem no Brasil<sup>32</sup> (LOPES *et al*, 2001, p. 253-260).

---

<sup>28</sup> Presidente (1943 – 1947), Vice-Presidente (1947 – 1948) e membro do Conselho Fiscal da Associação de Enfermeiras Diplomadas. Integrou várias Comissões, além de tê-la representado no 9º Congresso Internacional de Enfermagem, realizado nos Estados Unidos (CALDAS, 1998).

<sup>29</sup> Nomeada Redatora Chefe da *Revista Anais de Enfermagem*, órgão oficial de divulgação da então Associação de Enfermeiras Diplomadas (CALDAS, 1998).

<sup>30</sup> A *Revista Anais de Enfermagem* teve sua publicação interrompida no período de 1941 a 1946, por motivos financeiros. Em março de 1946 sua publicação é retomada (ANAIS DE ENFERMAGEM, 1946).

<sup>31</sup> O Ministério da Saúde só veio a ser instituído no dia 25 de julho de 1953, com a Lei nº 1.920, que desdobrou o então Ministério da Educação e Saúde em dois ministérios: o da Saúde e o da Educação e Cultura. A partir da sua criação, o Ministério passou a encarregar-se, especificamente, das atividades até então de responsabilidade do [Departamento Nacional de Saúde \(DNS\)](#), mantendo a mesma estrutura que, na época, não era suficiente para dar ao órgão governamental o perfil de Secretaria de Estado, apropriado para atender aos importantes problemas da saúde pública existentes. Na verdade, o Ministério limitava-se a ação legal e a mera divisão das atividades de saúde e educação, antes incorporadas num só ministério. Mesmo sendo a principal unidade administrativa de ação sanitária direta do Governo, essa função continuava, ainda, distribuída por vários ministérios e autarquias, com pulverização de recursos financeiros e dispersão do pessoal técnico, ficando alguns vinculados a órgãos de administração direta, outros às autarquias e fundações. Disponível em: [http://portal.saude.gov.br/portal/saude/Gestor/area.cfm?id\\_area=126](http://portal.saude.gov.br/portal/saude/Gestor/area.cfm?id_area=126), acessado em 21/11/2010.

<sup>32</sup> O primeiro estudo com esse objetivo foi realizado em 1950, embora desde 1946, a Seção de Enfermagem da Divisão de Organização Sanitária (DOS), do Departamento Nacional de Saúde (DNS), do

Ainda à frente da ABED, participou, incentivou e apoiou várias e diferentes iniciativas. Destacamos, entre elas, a elaboração de exposição de motivos sobre o ensino de enfermagem, seu encaminhamento à Presidência da República e o acompanhamento de sua tramitação. Essa dedicação resultou no Anteprojeto nº 92/48 e na posterior Lei nº 775/49 (LOPES *et al*, 2001, p. 253-260).

### 3.1.2 Contribuições de sua Atuação na Área da Educação

É possível perceber até aqui que a atuação de Zaíra Cintra Vidal na área da educação teve importância para a enfermagem brasileira. Sua dedicação, aliada ao esforço de difundir um ensino de alto padrão, tal qual recebeu em sua escola de origem, contribuiu no intuito de promover consideráveis avanços no processo pedagógico, na estruturação curricular e na produção do conhecimento. Um bom exemplo foi sua contribuição enquanto membro de uma Comissão, criada em 1941 para organizar o programa mínimo de ensino para as escolas de enfermagem. Coube a ela organizar em Vitória (ES), em 1943, a Escola batizada de “Curso de Enfermagem de Guerra Alda dos Santos Neves”. A instituição, muito atuante durante a 2ª Guerra Mundial, visou o preparo de voluntárias para a Força Expedicionária Brasileira (FEB) (LOPES *et al*, 2001, p. 253-260).

Em meados da década de 1940, seu nome já se transformara em chancela de qualidade. Zaíra, ao incorporar e colocar em prática os discursos e objetivos da Escola Anna Nery, se fazia representar como uma porta-voz e autoridade na profissão. A já renomada profissional foi convocada sucessivas vezes para aprovar o funcionamento de instituições como, por exemplo, a escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo. Ela inspecionou, em 1958, a Escola de Enfermeiras S. Francisco de Assis, em Porto Alegre (RS), para efeito de autorização de funcionamento; participou de uma Comissão para equiparação das Escolas de Enfermagem Luiza de Marillac, no Rio de Janeiro; Carlos Chagas, em Minas Gerais, e da Paulista de Medicina, em São Paulo. E apoiou ainda as

---

Ministério da Educação e Saúde, viesse se empenhando em conseguir dados reais sobre a situação numérica do pessoal de enfermagem. Sem os recursos e o apoio necessários, porém, aquela seção nada conseguiu oficialmente (FREIRE; AMORIM, 2012).

enfermeiras norte-americanas do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), indicando-as para participar como sócias honorárias da ABED (LOPES *et al*, 2001, p. 253-260).

Enquanto uma autoridade configurada para enunciar o que era verdadeiro em uma sociedade, cuja hierarquia das ordens e do poder é ao mesmo tempo uma hierarquia das posições sociais e da credibilidade da palavra (CHARTIER, 2012a, p. 52), Zaíra Cintra Vidal, destacou-se, ainda, ao publicar três livros: o aqui recorrente *Técnica de Enfermagem* (com primeira edição em 1933), *Drogas e Soluções* (1934) e *Técnica de Ataduras* (1938). Tais obras, durante muito tempo, foram utilizadas como livros textos nas escolas de enfermagem e como livros de consulta para a prática profissional das enfermeiras, conforme afirmam Lopes *et al* (2001, p. 253-260). O dado histórico coletado na literatura disponível sobre o setor de enfermagem foi confirmado pela prof<sup>a</sup> Nalva, durante contato mantido na visita que fizemos ao Centro de Memória, da Faculdade de Enfermagem da UERJ – no decorrer do período de coleta de dados deste estudo.

A atuação profissional de Zaíra Cintra Vidal, suas lutas cotidianas pela qualidade da assistência de enfermagem, do ensino e da categoria de enfermagem a colocou em posição de destaque. Não só como pioneira, mas personalidade e porta-voz da profissão. E sua dedicação e o conseqüente reconhecimento do seu trabalho seguramente contribuíram com o sucesso de suas publicações.

Fonte (2009, p. 63) ao trabalhar alguns conceitos de Bourdieu, corrobora ainda ao dizer que é a posição que os agentes ocupavam no campo que determina ou orienta as tomadas de posição desse agente. Isso significa que os detentores do discurso legítimo são compreendidos e reconhecidos na medida em que nos referimos à posição que ele ocupa no campo.

Nesse sentido, tomando-se como ponto de referência as contribuições de estudiosos (SALLES; BARREIRA, 2010), pode-se inferir que o campo por onde circulam os autores engloba as instituições encarregadas da produção e circulação dos bens científicos e da formação e circulação dos produtores desses bens. De um modo geral, esse campo é um espaço de investigação e de formação de pesquisadores. As instituições de ensino superior, universidades, institutos de pesquisa e associações de classe, e seus esforços devidamente conjugados, constituem também um espaço privilegiado de socialização do conhecimento.

Assim sendo, identificamos, no Brasil, cinco gerações de pesquisadores enfermeiros<sup>33</sup>. A partir do conhecimento da formação e atuação profissional de Zaíra Cintra Vidal, identificamos essa profissional como uma das integrantes da geração das pioneiras (anos 1950/1960). A geração das pioneiras, que despontou na década de 1950, constitui o primeiro grupo de enfermeiras brasileiras, cuja produção merece destaque, sendo, portanto, consideradas as precursoras dos estudos científicos na área de enfermagem em nosso país, conforme sublinham as autoras Salles e Barreira (2010).

Além disso, é possível afirmar que Zaíra Cintra Vidal contribuiu para a organização e estímulo de produções científicas, num espaço de formação e circulação privilegiado de personalidades de destaque na área. Ao se refletir sobre o domínio do conhecimento produzido e seus autores, através, portanto, do estudo da materialidade e dos autores que cercam a obra, pode-se dizer que o empenho e atuação da primeira geração de pesquisadores, com destaque para Zaíra, foram elementos essenciais na constituição da comunidade científica de enfermagem na sociedade brasileira.

---

<sup>33</sup> No Brasil identificam-se cinco gerações de pesquisadores enfermeiros, a saber: as pioneiras (anos 1950/1960); as autodidatas (anos 1960/1970); as acadêmicas (anos 1970/1980); grupos de pesquisa com produção científica sistemática e coletiva (anos 1990); pesquisadores líderes de grupos de pesquisa com produção científica internacional (anos 2000, do século XXI) (SALLES; BARREIRA, 2010).

## **4 REPRESENTAÇÕES E DISPOSITIVOS DE LEITURA – O LIVRO “TÉCNICA DE ENFERMAGEM”, DE ZAÍRA CINTRA VIDAL**

### **4.1 O livro “Técnica de Enfermagem”, de Zaira Cintra Vidal**

Chartier (2003a) percorre os vários modos de apresentação do escrito para falar das diversas formas como o escrito foi sendo difundido, provocando as sucessivas “revoluções da leitura”, em diferenciados períodos da história. Assim, o historiador francês discute as maneiras pelas quais os escritos e seus suportes contribuíram para a compreensão de seus significados subjacentes, concluindo: “Com efeito, cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção do escrito afeta profundamente seus possíveis usos e interpretações”.

Em outras palavras, assinala Araújo Neto (2006), cada objeto produzido para conter um texto influencia também o modo como é utilizado, sobretudo no que concerne à construção do sentido do texto que este objeto contém. Por outro lado, é bem provável que o suporte influencie também a própria produção do escrito a ser veiculado.

De um modo ou de outro, o texto e seus suportes de apresentação e transmissão estão, na visão de Chartier (2003a), profundamente ligados, sendo de acrescentar que é, inclusive, possível um determinado tipo de texto ter influência sobre a configuração do suporte.

A discussão é ampliada quando este aspecto – o da materialidade dos objetos produzidos – liga-se à ideia de “cultura material”, pois

o enfoque mais preciso da história do design sempre acaba recaindo sobre os objetos em si – aquilo que podemos chamar de “cultura material” –, os quais codificam em sua estrutura e aparência uma série de informações complexas sobre sociedade, tecnologia e criação individual que precisam ser codificados pelo trabalho de investigação histórica (CARDOSO, 2005).

É nesse sentido, acrescenta Araújo Neto (2006), que se pode examinar a materialidade de um livro. Pois aqui justifica-se a associação entre “materialidade” e “sentido”, numa confluência que converge para a “cultura material” e, portanto, para a

própria história cultural. O livro, portanto, enquanto objeto e como um dos elementos reveladores de orientações estéticas e ideológicas.

Sendo assim, vivencia-se uma constatação que auxilia na combinação entre forma e sentido. É que “a significação, ou melhor, as significações, histórica e socialmente diferenciadas de um texto, qualquer que seja, não podem ser separadas das modalidades materiais que o dão a ler a seus leitores” (CHARTIER, 2003a).

Da sociologia dos textos, Chartier (1994) subtrai, então, uma preocupação em relação ao estudo das razões e dos efeitos das materialidades. No caso dos impressos, lembra o autor, o fenômeno se manifesta no seu formato. Neste aspecto, os dispositivos de paginação, o modo de dividir o texto, as convenções que regem a sua apresentação tipográfica, dentre outros, atuam no controle que editores ou autores procuravam exercer sobre essas formas. A finalidade, no caso, era exprimir uma intenção, governar a recepção e reprimir a interpretação.

Segundo Bakhtin (2006), todo elemento que possibilita expressar a ideologia de um determinado grupo social pode ser considerado como um signo. O autor ressalta, entretanto, que todo signo tem duas faces que permitem entendê-lo como uma arena onde se confrontam valores contraditórios. Assim, os signos não existem como parte de uma realidade única e dissociável do contexto de outros signos. Eles refletem e retratam uma realidade onde as ideologias se constroem no diálogo, ora refutando ora refletindo outras realidades que lhes dão sentido. Do exposto, o autor afirma que só é possível se compreender os signos através de outros signos.

Chartier (2003a) distingue ainda dois processos relevantes: o de *mise en texte* e o de *mise en livre*. O primeiro diz respeito aos “comandos” linguísticos e estéticos inscritos no texto por um autor a fim de produzir certa leitura. Tais dispositivos textuais, agenciados pela comunidade de autores da obra, atuam em conjunto com outros, oriundos das formas tipográficas (*mise en livre*). Estas interferem não apenas nas habilidades das “mãos mecânicas”, que compõem os livros, mas também na imagem que os editores fazem do produto que oferecem ao público. Assim como a representação que eles (os editores) têm das competências de leitura daqueles a quem se destina prioritariamente a obra. Concordamos com Chartier quando ele diz que no texto do livro didático há diferentes maneiras de relacionar os elementos relativos à configuração textual (*mise en texte*) e os elementos gráfico-editoriais que extrapolam o texto (*mise en livre*), e se constituem em protocolos de leitura e de escrita (FRADE, 2010, p. 171 – 190).

Nesse contexto, Bakhtin (1986, grifos nossos) estabelece que o conceito-chave para se entender os processos linguísticos é a enunciação. O autor explica: a linguagem é realizada na forma de enunciações individuais concretas, as quais constituem momentos do discurso, como atos que contribuem para a atividade social deste discurso. Já a enunciação é ideológica e veicula diferentes enunciados (que são acontecimentos únicos abertos à repetição, à transformação e a paráfrases). A enunciação é o produto da interação social. Logo, "enuncia-se sempre para alguém de um determinado lugar ou de uma determinada posição", sustenta ele. Dessa forma, prossegue Bakhtin, o dialogismo passa a ser propriedade intrínseca de todo discurso. E toda enunciação, portanto, é um diálogo que faz parte de um processo de comunicação ininterrupto. "De maneira que todo discurso sempre está orientado para um interlocutor (diálogo entre interlocutores)". Além disso, acrescenta ele, as palavras dos outros (outros discursos) também penetram interativamente em qualquer discurso (diálogo entre discursos). Por isso, o interlocutor está presente de algum modo na enunciação de um indivíduo, "assim como todas as vozes sociais que antecederam aquele ato de fala também ressoam em sua enunciação". Este princípio caracteriza o conceito de polifonia de Bakhtin.

Portanto, a representação entendida como uma imagem presente de um objeto ausente, onde a primeira vale pelo segundo, permite caracterizar o conhecimento do signo enquanto distante da coisa significada. Isso exige, assim, o reconhecimento da existência de convenções partilhadas socialmente a regularem esta relação - do signo com a coisa significada - colocando, assim, os termos de uma questão histórica fundamental: a da variabilidade e da pluralidade das compreensões (ou incompreensões) das representações do mundo social e natural propostas pelas imagens e textos (CHARTIER, 1990).

Todo o conjunto de elementos que compõe a materialidade do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira Cintra Vidal, é, para efeito deste estudo, portanto, analisado na perspectiva de identificar as estratégias mobilizadas pela autora para exercer um controle sobre a leitura de mundo. Uma leitura nos moldes em que ela não só acreditava, mas queria fazer com que os demais acreditassem: formas de assistência específicas, que desempenhavam o papel de qualidade no conceito e execução de um cuidado.

A dimensão da apropriação como um ato criador, implica em compreender a composição material do livro como o arquétipo de uma intenção. Intencionalidade, é verdade, limitada às singularidades pelas quais a autora do livro atravessou na tentativa

de difundir sua visão de mundo diante das múltiplas possibilidades de apropriação e de construção do sentido de realidade. Tal fato nos remete a uma exigência: pensar todo o conjunto de intenções projetadas na materialidade do livro (não só pela autora, mas pelo editor, tipógrafo, entre outros), não como resultados de operações intelectuais ingênuas que desconheciam as possibilidades infinitas de formas de apropriação. Mas como resultado de práticas que procuraram circunscrever, na materialidade, sua relação com modalidades de leitura aceitáveis para a consolidação dos interesses daqueles que estavam envolvidos com a produção e publicação do livro. Aqui, em nosso caso, de que maneira a obra *Técnica de Enfermagem* buscava se colocar como obra de referência de enunciação científica no seu lugar de origem.

De um modo geral, a década de 1920 foi um período de pouca significação para a história do comércio livreiro no Rio de Janeiro. A digressão é de Hallewell (2012, p. 462 – 466). Não se registrou, lembra ele, nenhuma evolução real antes da Revolução de 1930. A revolução sim constitui um marco tão fundamental para esta nossa história – e, de fato, para a história do Brasil em geral – quanto a chegada da família real, em 1808, o foi para o país.

Politicamente, a revolução representou o fim da República Velha. Economicamente, proclamou o fim da escravização do país à agricultura dominada pela exportação, que sustentara aquela forma de governo. Socialmente, viu a elite francófila do café, que controlava a velha ordem, ser obrigada a ceder espaço a uma classe média em ascensão. Intelectualmente, isso significou o fim da antiga e tradicional adoração da Europa e do conseqüente desprezo por tudo quanto fosse brasileiro (HALLEWELL, 2012, p. 462 – 466).

O desunido conglomerado de soberanias que constituía a federação brasileira iria, afinal, iniciar seu firme retorno ao centralismo administrativo e a restauração de uma verdadeira união nacional. Haveria até mesmo um Ministério da Educação e uma política nacional para a educação (HALLEWELL, 2012, p. 462 – 466).

Contudo, o florescimento de um novo campo para os livros e seu real impacto sobre o grande público vieram somente após a revolução, na medida em que os acontecimentos de 1930 e 1932 anunciavam uma nova era de consciência nacional, despertando (ou tornando a despertar), nos brasileiros instruídos, uma preocupação apaixonada por seu país e seus problemas (HALLEWELL, 2012, p. 462 – 466).

Houve nesse contexto um fator econômico avassalador: o efeito catastrófico da depressão mundial sobre o poder aquisitivo externo do mil-réis, que resultou no preço

proibitivo dos livros importados, até então predominantes no mercado brasileiro. Os reflexos disso foram um dilúvio de publicações brasileiras (HALLEWELL, 2012, p. 462 – 466).

A insuficiência do comércio exterior forçava, de fato, o aumento da substituição de importações em toda a economia: entre 1930 e 1937, o produto industrial brasileiro deu um salto de quase 50%. Já o crescimento da edição de livros ficou muito acima da média. As cifras relativas a São Paulo, por exemplo, sugerem uma taxa de crescimento, na produção de livros, entre 1930 e 1936, de mais de 600%. Mesmo que o segmento, na realidade, tivesse alcançado apenas a metade desse número, a performance do setor teria sido, de qualquer modo, impressionante, destaca Hallewell (2012, p. 462 – 466).

E foi nesse contexto que surgiu a primeira edição do título *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, em 1933.

#### 4.1.1 Elementos Pré-Textuais do Livro – Representações de Autoridade, Poder e Institucionalização do Saber

A análise do livro<sup>34</sup>, em todas as edições que dispomos, revela uma formatação retangular vertical, com a largura menor do que a altura. A forma adotada obedeceu a uma orientação geométrica ideal para a transmissão da palavra escrita por sua semelhança com a proporção física do corpo humano.

Araújo (2008), no entanto, refuta tal assertiva. Segundo ele, o mérito da escolha foi embasado em soluções práticas, como a acomodação de linhas mais retangulares na largura e a maior facilidade de obter-se, por meio de cortes e dobras, outros retângulos sobre as novas formas. Criando-se, assim, as condições propícias ao melhor aproveitamento dos papéis comerciais. Ainda segundo o autor, não há uma padronização a ser mantida como universal. No entanto, prevalece o princípio de que o formato retangular deve ser priorizado por possibilitar o usufruto funcional e cômodo de

---

<sup>34</sup> O termo “Livro” tem sentidos diferentes nas estatísticas do Serviço de Estatística de Educação e Cultura (Seec) e nas do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel). Para o Seec, deve ter 48 páginas, do contrário é folheto. Para o Snel, “livro” é qualquer publicação não periódica sem fins publicitários. Assim, muitos livrinhos para crianças são folhetos para o Seec, mas livros para o Snel (HALLEWELL, 2012, p. 28).

um objeto belo ou esteticamente agradável. Leva-se em conta ainda a comodidade do manuseio das páginas em relação à perfeita legibilidade do texto.

Depreende-se, então, que o formato das páginas é considerado o elemento constitutivo primordial para a orientação distributiva dos demais elementos textuais e não textuais. A formatação, desta forma, é essencial na composição de um conjunto harmônico de signos cuja organização deve possibilitar a legibilidade e a compreensão da leitura (ARAÚJO, 2008).

Dentre os padrões comumente utilizados, Araújo (2008) distingue o formato estreito, o oblongo, o quadrado e o francês, sendo este último o padrão adotado na publicação das edições do livro *Técnica de Enfermagem*. A técnica francesa, aliás, obedece ao equilíbrio da proporcionalidade entre os lados. Vem daí, aliás, a possibilidade de distribuição harmônica de elementos internos, tais como o comprimento das linhas, a disposição de imagens, entre outros detalhes.

Além de um formato prático proporcionado ao editor na composição do livro, seu tamanho, tido por Araújo (2008) como um dos mais comuns, 16,0 x 23,0 cm, proporciona um melhor aproveitamento de cada folha e, por conseguinte, economia nos custos de produção. O modelo também favorece ao leitor na medida em que facilita o manuseio e o transporte do livro, facilitando sua leitura.

A Primeira Guerra Mundial foi outro evento que permeou o cenário da história que contamos aqui. O conflito e suas consequências tiveram um efeito extremamente estimulante sobre a indústria brasileira, na medida em que a produção local foi substituindo, cada vez mais, os produtos importados que pouco a pouco sumiam do mercado. Entre 1914 e 1920, a indústria manufatureira paulistana cresceu cerca de 25% ao ano. Neste contexto, até mesmo a atividade editorial brasileira acabaria beneficiada. Antes da guerra, contudo, a situação do comércio de livros era extremamente desalentadora. De acordo com Halewell (2012, p. 348), eram poucos os pontos de venda de varejo. Praticamente limitados aos bairros mais ricos do Rio e de São Paulo, a maior parte dos negócios estava baseada na importação, principalmente de Portugal e da França. A produção editorial que tinha lugar no Brasil raramente se aventurava além dos campos seguros dos livros didáticos e das obras de Direito e legislação brasileiros. Mesmo assim, não passava de uma atividade casual e secundária das grandes livrarias.

O boom pós-guerra chegaria ao fim em 1920. Principalmente porque o material para encadernação tornou-se particularmente caro. No final de 1920, seu preço tinha triplicado. Até então, os livros brasileiros usavam mais a capa dura do que a brochura. O

efeito da crise sobre o consumidor brasileiro foi desastroso. Em fins de 1923, o custo de vida, devido à contínua queda da taxa cambial, era quase o dobro em relação ao final da guerra. A atividade editorial, em especial, como costuma ocorrer em tais situações, foi duramente atingida: “A vendagem dos livros tem caído; todos os livreiros se queixam – mas o público tem razão. Câmbio infame, aperto geral, vida cara. Não há sobra no orçamento para a compra dessa absoluta inutilidade chamada livro” (MONTEIRO LOBATO *apud* HALLEWELL, 2012, p. 377).

A alta dos preços inverteu essa situação. Daí em diante, a brochura passaria a ser a apresentação normal dos livros, embora, pelo menos até a Segunda Guerra Mundial, tenha continuado a existir a versão encadernada na maioria dos títulos. Os preços, no entanto, eram adequadamente mais altos. (pelo menos um terço mais caros). No final da década de 1930, a proporção de vendas era mais ou menos de um livro encadernado para cada três brochuras (HALLEWELL, 2012, p. 377).

Apesar do contexto da década de 1930 já apresentar outro rumo para a forma de apresentação das capas dos livros, a primeira edição de *Técnicas de Enfermagem* é publicada, em 1933, em capa dura<sup>35</sup>. A partir da 3ª edição, de 1942, porém, o livro passa a ser publicado com a capa<sup>36</sup> brochada, muito comum à época, pelo seu baixo custo (ARAÚJO, 2008).

Percebe-se que, de todos os elementos extratextuais, o que correntemente merece atenção maior é a primeira capa, em virtude da sua função publicitária. Através dela, com efeito, dá-se o contato inicial do leitor com o livro, de onde seu tratamento enfático, nos tipos e cores, provoca um impacto visual. Assim, o estilo de apresentação da primeira capa, como o de qualquer embalagem, varia bastante. Sob construções simétricas ou assimétricas, mas buscando sempre tirar partido dos efeitos visuais provocados por contrastes - ou de tom e cor ou por combinações de figuras geométricas, fotos, gravuras e outras formas de ilustração. Tudo disposto de modo a que se processe, harmoniosamente, a interação entre imagem e palavra. Araújo (2008, p. 435), afirma ainda, nesse contexto, que a única regra a ser obedecida no *design* da primeira capa é

---

<sup>35</sup> Como esta obra foi adquirida através da *Estante Virtual*, não se sabe dizer quem fez e quando foi feito o reparo na capa. Como pode ser visto na imagem 1, na versão do livro que se tem em mãos, a capa, já deteriorada pelo tempo, apresenta uma colagem, de cor azul, no intuito de preservar sua composição.

<sup>36</sup> Ainda que nem sempre o diagramador cuide pessoalmente dos elementos extratextuais, eles devem, segundo Araújo (2008, p. 434 – 435), merecer atenção especial, visto que constituem o revestimento do livro sob a designação genérica de ‘capa’, encadernada (revestimento duro), brochada (capa mole) ou capa flexível (acabamento intermediário entre a capa dura e a brochura).

que seu estilo se relacione, ou reflita, a matéria e o estilo gráfico do livro – o mais fica por conta da sensibilidade, da imaginação, do bom gosto e da técnica do capista.

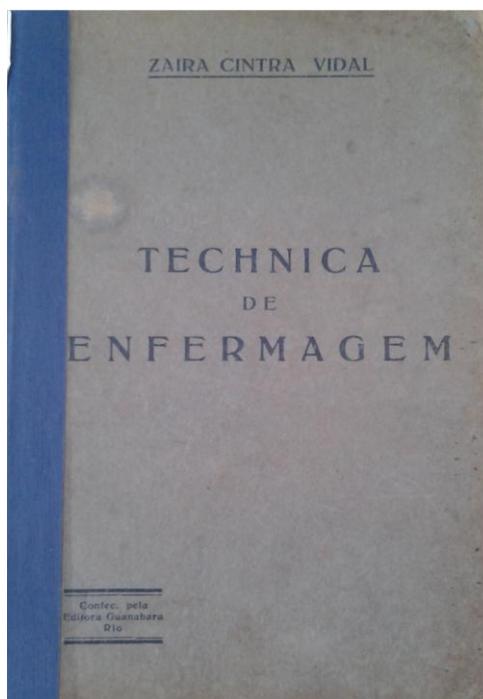


Imagem 1 – capa do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira Cintra Vidal, 1933.



Imagem 2 – capa do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira Cintra Vidal, 3ª edição (1942).



Imagens 3 e 4 – Capas das 4ª (1943) e 6ª (1948) edições do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, 1943.



Imagens 05, 06 e 07 – Capas das 7ª (1953)<sup>37</sup>, 9ª (1959) e 10ª (1963) edições do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira Cintra Vidal.

É possível identificar no frontispício<sup>38</sup> da 1ª edição, de 1933, o título do livro, *Technica de Enfermagem*<sup>39</sup>, o nome da autora, *Zaira Cintra Vidal*, e a Editora, *Editora*

<sup>37</sup> O exemplar que possuímos da 7ª edição, de 1953, faz parte do acervo do Lacenf/EEAP/UNIRIO e teve sua capa restaurada, fazendo-se uso, para tanto, da capa original. A nova, que passou a ser uma capa dura, foi submetida a processo de restauração, além de ter sido totalmente reencadernada. Conclui-se daí, assim, que sua capa original era brochada por dois motivos: o contato com o referido exemplar antes da restauração e a descoberta de um outro, da mesma edição/ano, que faz parte do acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ, utilizada também nesta análise.

<sup>38</sup> Termo utilizado por Carlo Ginzburg em “Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa” (2004) ao referir-se ao conjunto de elementos que compõem o item capa, de um livro.

<sup>39</sup> A ortografia etimológica (principalmente as consoantes duplas e a inserção de um perdido *c* ou *p* antes de *s* ou *t* em étimos latinos, e do *y* no lugar de *i*, e a manutenção dos dígrafos *ph*, *th*, *ch* e *rh* em étimos gregos) constituía um desenvolvimento recente em português. Tornara-se usual apenas a partir do século

*Guanabara Rio*. Apesar do desgaste do tempo, é possível perceber a tonalidade azul claro como fundo do mesmo, onde as letras, de cor preta, se destacam. Nenhum outro elemento foi utilizado na composição deste.

A ausência de imagens no frontispício indica, claramente, a disposição da autora: suprimir elementos figurativos que poderiam desviar a atenção do leitor para a construção do sentido que se pretendia inculcar no seu inconsciente, ou seja, a ideia de que *Técnica de Enfermagem* seria o enunciador científico dos fundamentos da prática do cuidado de enfermagem, representados nele pela técnica. Tal ideia é ratificada pela folha de rosto, pela apresentação de um índice com os temas tratados em seu interior e, também, por meio de seu prefácio, escrito por uma enfermeira de destaque à época. Uma autoridade especializada e, por isso, capaz de valorizar a obra, a autora e seu conteúdo.

É possível observar que, a partir da década de 1940, é dada uma maior importância ao design gráfico dos livros no país. Uma nova apresentação para as publicações se constituiu em uma poderosa ferramenta de comunicação, por meio de uma linguagem visual que primou pela alta qualidade gráfica, singularidade e expressão (LIMA; MARIZ, 2010, p. 253 – 270).

A 3ª edição, de 1942, é publicada com uma imagem em sua capa. É possível perceber o destaque equilibrado entre título (já com a grafia atualizada à época), imagem e nome da autora na distribuição do frontispício. Porém, desta vez, são os elementos ilustrativos<sup>40</sup> que chamam a atenção do leitor. Ao trazer duas enfermeiras prestando atendimento a um paciente acamado, fica clara a representação da técnica associada ao ambiente hospitalar.

As enfermeiras da capa usam uniformes (vestido) de cor clara, provavelmente branca. Uma touca nos cabelos completa o uniforme característico da profissional de enfermagem à época. O uniforme e a touca, é oportuno assinalar, eram parte da indumentária que retratava o grupo ao qual pertenciam as diplomadas. Funcionava

---

XVIII. Não era consistente e nunca se tornou universal. A ortografia simplificada continuou a ser usada, intermitentemente (também por impressores individuais), durante todo o século XIX, mas tal uso recebeu aprovação oficial, apenas em agosto de 1897, e como uma *alternativa à ortografia etimológica* aprovada. Em Portugal, com a revolução de 1910, o governo deu apoio à simplificação, e duas décadas se seguiram durante as quais a prática brasileira atrasou-se com relação à da pátria-mãe. Logo após a revolução brasileira de 1930, desenvolveu-se um movimento no sentido de exigir a reforma. O Decreto nº 20108, de 15 de junho de 1931 tornou obrigatório um novo acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa (HALLEWELL, 2012, p. 404 - 407).

<sup>40</sup> A ilustração é geralmente uma imagem figurativa, utilizada para acompanhar, explicar, acrescentar informação, sintetizar ou simplesmente decorar um texto, sendo considerado um dos elementos mais importantes do design gráfico (ARAÚJO, 2008, p. 443).

como um parâmetro diferencial de outros grupos, ao mesmo tempo que atribuía direitos e deveres. De acordo com Porto (2007), a cor branca, pelo código do vestir, denota a representação de *status* e demonstra virtude e altruísmo, por enunciar os mistérios do universo. As enfermeiras, assim, assistiam aos doentes, transmitindo limpeza, pureza, inocência e feminilidade.

Era comum também o uso do véu, que segundo estudo de Toledo *et al* (2008), foi observado na composição do uniforme das professoras. Nesse estudo, as alunas diplomadas utilizavam toucas, símbolo da identidade da enfermeira. Podemos inferir que o significado da touca, além dos outros elementos do vestuário das enfermeiras, transcendeu e ficou intimamente relacionado com os preceitos éticos da prática da enfermagem – quais sejam o cuidado humanista voltado para os pacientes. Esses símbolos, à época, já eram vistos como a marca da instituição e, com o passar do tempo, marcaram a criação da crença simbólica pela Enfermagem moderna (PORTO; SANTOS, 2008). Apesar de não aparecerem por completo no frontispício do livro, o vestido era parte integrante do uniforme e costumava apresentar comprimento abaixo do joelho, traduzindo o comportamento e a educação feminina da época. Estes trajes traduziam padrões de comportamento condizentes com a futura enfermeira e significavam valores que a sociedade atribuía à mulher.

Assim, o uniforme funcionava como objeto disciplinador, uma vez que padronizava as atitudes e comportamentos de quem o vestia - seja a indumentária um uniforme militar, religioso, escolar ou, como no caso em estudo, profissional. Ao contrário da maioria das roupas civis, o uniforme, era com frequência, consciente e deliberadamente simbólico. Ele identificava aquele que o vestia como membro de algum grupo e, muitas vezes, enquadrava o indivíduo em uma hierarquia e, às vezes, fornecia até informação sobre suas realizações (TOLEDO *et al*, 2008). Ainda com relação aos uniformes, existem outras referências sobre o seu uso e seus significados. Reys, citado por Coelho (1997), afirma que a enfermeira portava um sinal exterior que a tornaria diferente das demais pessoas. Tal sinal obedecia a um princípio superior indicativo de pureza de vida, simbolizado pela cor branca, que servia para identificar, de forma indubitável, tanto a presença física da profissional quanto o que ela representava.

Mais do que representar a imagem da enfermeira desejada para a profissão e a técnica enquanto parte da assistência de enfermagem, o conjunto da imagem do frontispício traz a representação de autoridade da porta-voz sobre o assunto, destaque à época enquanto princípio científico norteador da prática de enfermagem.

Já na capa das 4ª (1943), 6ª (1948), 7ª (1953), 9ª (1959) e 10ª (1963) edições, é possível identificar também o título do livro, *Técnica de Enfermagem*, assim como o nome da autora, *por Zaíra Cintra Vidal*, que aparece isolado. A cor branca das letras contrasta com o fundo azul da capa. Mais uma vez, os elementos ilustrativos, que sofreram alterações, chamam a atenção do leitor.

Ao fundo, visualiza-se o conhecido triângulo de Isabel Stewart, apresentado e explicado por Zaíra C. Vidal, em 1934, no editorial da *Revista Annaes de Enfermagem*<sup>41</sup>, órgão de divulgação da então Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (ANEDB), hoje Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn). No editorial, Zaíra descreve os atributos esperados para uma candidata a enfermeira sintetizando as qualidades exigidas numa figura geométrica acompanhada pelas palavras "ciência", "arte" e "ideal". A figura, na visão de sua criadora, Isabel Stewart, é um equilátero por sua perfeição. A palavra "ideal" é colocada como o alicerce de todas as artes, "força que leva a vencer dificuldades, incentivo nos momentos de esmorecimento". O ideal é "a força que rege a verdadeira enfermeira". A "ciência" é a segunda qualidade necessária à enfermeira, já que, sem ela, não há identidade profissional. A terceira palavra, "arte", significa a habilidade ou capacidade executiva. Afinal de contas, sublinha Vidal (1934), era com o conhecimento de sua habilidade executiva que a enfermeira poderia ser avaliada profissionalmente. “De uma maneira geral, estes três grandes atributos definem o perfil esperado das enfermeiras para a época” (VIDAL, 1934, p. 11 – 12).

A propósito, um estudo de Toledo *et al* (2008) analisou também, entre outros emblemas, o triângulo de Isabel Stewart (à luz de outro trabalho, de Nascimento *et al*). Na análise do significado dessas três palavras, os autores entendem que a palavra “Ciência” representa os conhecimentos científicos sobre Enfermagem. “Arte”

---

<sup>41</sup> A revista *Annaes de Enfermagem* foi idealizada por ocasião do primeiro Congresso Quadrienal do Conselho Internacional de Enfermeiras, realizado em 1929, no Canadá. Nesse evento, a Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas, atual Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), esteve representada por sua presidente, Edith de Magalhães Fraenkel. Edith de Magalhães Fraenkel e Rachel Haddock Lobo trabalharam ativamente no processo de criação da revista, o qual foi desencadeado no início de 1930 e concluído em maio de 1932, com o lançamento do primeiro número. A capa da revista, na cor verde, idealizada por um sobrinho de Rachel Haddock Lobo, estudante de Belas Artes, apresenta os monumentos egípcios como tema, tendo ao centro, o triângulo com o lema “Ciência, Arte, Ideal”, projetado pela enfermeira norte-americana Isabel Stewart. A revista foi impressa na gráfica do Jornal do Brasil e o lançamento ocorreu no Pavilhão de Aulas da Escola de Enfermagem Anna Nery, no dia 20 de maio de 1932. Em 1946, a revista passou a denominar-se *Anais de Enfermagem* e sua capa foi modificada. Em 1955, a publicação ganhou o nome de *Revista Brasileira de Enfermagem*. Com a mudança de denominação, os símbolos foram substituídos pela figura estilizada da Dama da Lâmpada. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/annaes.htm>, acessado em 14 de maio de 2014.

representa a aplicação prática dos conhecimentos científicos. Finalmente, a palavra “Ideal” refere a necessidade de que a prática esteja aliada à teoria. A conjunção destes termos propiciaria o modelo de enfermeira idealizada à luz de toda perfeição que se possa conceber.

Outros elementos contidos na capa destas edições também conferem significados ao conjunto da obra. No centro dela, sobre o triângulo de Isabel Stewart, não passa despercebida a imagem de uma enfermeira, com um diploma enlaçado em suas mãos. A profissional está posicionada de lado e olha adiante. O diploma, é bom lembrar, tinha à época uma função bem evidente. Representava a formação e transmissão de uma competência técnica, cuja função social era a consagração dos detentores estatutários de competência social (FONTE, 2009, p. 80-81). Esta autora destaca ainda, citando Silva Júnior (2000), que a formatura demarcava o consentimento para o exercício profissional, incorporando aos novos membros o status de enfermeiras modernas e autorizadas ao exercício da “nobre arte”.

Observa-se, mais uma vez, o uniforme que traja a enfermeira, com todas as características dos já apresentados na capa da 3ª edição, de 1942, o que vem a corroborar com a estratégia de representar a enfermeira idealizada para a profissão. Entender a representação da enfermeira que se desejava à época através da imagem projetada na capa do livro possibilita entender também a posição da mesma sobre o triângulo, e mais especificamente, sobre a palavra “ideal”, refletindo que a enfermeira, ali traduzida por todos esses atributos, representava o ideal da profissional esperada para atuar na profissão.

É possível observar ainda no frontispício dessas edições uma lâmpada, em destaque, num plano mais elevado, à esquerda. Atribui-se a esta lâmpada o significado de símbolo da Enfermagem Moderna com base no fato de que a patronesse<sup>42</sup> da Enfermagem Científica, Florence Nightingale, percorria, durante a noite, as enfermarias dos campos de batalha da Guerra da Criméia, com uma lâmpada acesa para atender os feridos de guerra e providenciar o enterro dos mortos (TOLEDO *et al*, 2008). Já Araújo (2002), citando Viegas, pontua que a lâmpada era um raio de esperança para os feridos e tinha um significado: representava a vigília e a luz, era a vida. Por esta razão, a lâmpada simbolizava a Enfermagem e o profissional enfermeiro, que deveria estar

---

<sup>42</sup> Personalidade civil feminina escolhida como figura tutelar, cujo nome mantém viva as tradições ou serve de referência aos demais. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/patronesse/>, acessado em 14 de maio de 2014.

constantemente em vigília. Além disso, a chama da lâmpada, evidenciada como uma das imagens que constituem a capa do livro *Técnicas de Enfermagem*, enunciava que os ideais da Enfermagem permaneciam vivos na sociedade. E isso implicava em um compromisso perene com a profissão, traduzido pelo ideal de dedicação ao serviço. Ideal este realçado pela posição estrategicamente escolhida para distribuir a lâmpada na capa da obra: à frente e acima do rosto da enfermeira recém-formada, como algo a ser alcançado em sua prática profissional.

A leitura da lâmpada também traz significados. A lâmpada, como elemento isolado, na parte superior à esquerda, posição inicial da leitura de qualquer documento. Essa organização nos leva a refletir simbolicamente sobre o livro e seu tema principal: a luz sugere uma fonte de conhecimentos e a publicação em questão surge aos olhos do leitor como a base da Enfermagem Moderna. A lâmpada, assim, se destaca como símbolo da profissão.

A partir destas informações, é possível entender que o espírito de doação e abnegação desponta como uma das principais qualidades exigidas daquelas que iriam cuidar do corpo do outro. O corpo, assim, tornava-se alvo de novos mecanismos de poder, oferecidos como novas formas de saber. Corpos sem queixas, sem ideais, manipuláveis e treináveis para uma causa justa (a de servir o próximo). Corpos sujeitos às regras de conduta rígidas e exigentes, formadoras do espírito da caridade cristã (TOLEDO *et al*, 2008).

Esses signos (aqui entendidos como coisas que representam outras) deveriam chamar a atenção do leitor para a construção do sentido que se pretendia inculcar no seu inconsciente: a ideia do comportamento e de atributos esperados e a consequente imagem esperada de uma candidata. As imagens do triângulo e da lâmpada, desta forma, denotavam os ideais que norteavam a profissão. A inserção destas imagens ia ao encontro e reafirmavam aquela ideia inicial sugerida na primeira edição da obra: a premissa de que o *Técnica de Enfermagem* seria o enunciador científico dos fundamentos da prática do cuidado de enfermagem, representados nele pela técnica.

Tal posicionamento nos leva a crer que uma interpretação dos elementos formais presentes na capa de um livro, tais como a cor, a ilustração de capa ou contracapa ou a disposição dos elementos textuais que designam autor, título, gênero e editora, sugere a formação de uma imagem capaz de abranger autor e obra no mesmo bojo. Ou até mesmo dissociá-los peremptoriamente (algo mais raro, já que é natural que as editoras procurem fabricar livros e capas de livros que facilitem determinadas associações junto

a prováveis leitores ou que atraíam novos consumidores). Nesta perspectiva, assinala Araújo Neto (2006), a ideia de “valor” de uma obra ou de um autor pode ser manipulada, de modo a obter resultados, conforme as intenções do produtor do objeto a ser colocado no mercado livreiro. Imaginemos, explica ele, as estratégias de marketing que determinadas editoras (e, em muitos casos, determinados autores) procedem para formar a imagem de uma obra de “valor” ou de um autor de “valor”.

Segundo Chartier (1990, p. 165 - 187), a leitura das capas dos livros e de sua organização está recoberta de intenções. Em nosso caso específico é possível entender as imagens do frontispício do livro *Técnica de Enfermagem* como uma relação com o texto do livro no seu todo. Houve uma nítida preocupação de escolher uma imagem abrangente e compatível com a ideia de expressar a atividade de enfermagem como uma totalidade. A imagem, assim, é o primeiro contato do leitor com a obra e, por isso, deve necessariamente expressar em toda sua amplitude o que o receptor da mensagem vai encontrar no conteúdo do texto. Deve-se privilegiar, desta forma, aquela imagem mais capaz de permitir a compreensão do todo pela parte.

Chartier (1990, p. 165 - 187) alerta que uma imagem tem outra função quando é colocada na última página ou no dorso do livro. Neste caso, ela cumpre a função de fixar e cristalizar, em torno de uma representação única, aquilo que foi uma leitura entrecortada e muito fracionada. Ali, a imagem fornece a memória e a moral do texto. Ainda que tenha sido utilizada pela primeira vez e a sua escolha tenha sido aleatória. O recurso pode ser encontrado na obra *Técnica de Enfermagem* nas mesmas 7<sup>a</sup> (1953), 9<sup>a</sup> (1959) e 10<sup>a</sup> (1963) edições. Encontramos no dorso do livro, como última impressão, o triângulo de Isabel Stewart com a lâmpada em seu centro. Mesmo não sendo a primeira vez que ambas as imagens aparecem, o encerrar do livro com elas, traz à memória de quem lê a base da Enfermagem Moderna e os atributos esperados para uma candidata a enfermeira. Os símbolos destes atributos estão ali representados pelos significados das imagens e associados ao tema central do livro (a técnica de enfermagem).



Imagens 08, 09 e 10 – Dorso do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal – 7ª (1953), 9ª (1959) e 10ª (1963) edições, respectivamente.

Nenhum outro livro publicado à época, destinado à enfermagem, agregou o conjunto de signos utilizados pela obra de Zaira, no intuito de se produzir um significado, um conjunto de representações voltados para as futuras enfermeiras e para a profissão como um todo. Chama a atenção, porém, a capa da revista, inicialmente denominada *Annaes de Enfermagem*.



Imagens 11 e 12 – Capa dos *Annaes de Enfermagem* (Outubro de 1934). Fonte: Arquivo Lacenf – EEAP – UNIRIO. Capa do Livro *Técnica de Enfermagem* (4ª, 6ª, 7ª, 9ª e 10ª edições).

A apresentação da revista, desde suas primeiras publicações, chama a atenção e merece um breve comentário (por conta de suas relações com aspectos do livro já discutidos e seu contexto). Os aspectos que passamos a considerar viriam a contribuir também na produção de sentidos. Os primeiros números trazem, em toda a extensão da capa<sup>43</sup>, duas colunas com símbolos egípcios. Entre elas, há um pedestal, sustentando um triângulo equilátero (o mesmo que aparece no livro de Zaíra Cintra Vidal) e no primeiro plano, embaixo, em frente às colunas e ladeando o pedestal, encontram-se duas esfinges. O triângulo traz inscrito, na base, a palavra *Ideal* e, nas laterais, *Scientia* e *Arte* (NASCIMENTO *et al*, 2002, p. 307).

A partir de 1946, a revista passa a se denominar *Anais de Enfermagem* e sua capa é reestruturada. O mesmo símbolo, em tamanho reduzido, é colocado à esquerda nas capas das revistas de 1946 e 1947 e é centralizado até 1954. A última mudança na capa da revista, no período analisado por este estudo, ocorreu em 1955, ocasião em que ela "passou a variar de cor conforme o número da publicação. Os símbolos egípcios foram abandonados e, em seu lugar, surgiu a figura estilizada da "dama da lâmpada", encimada pelo título da revista, em letras minúsculas, em itálico" (NASCIMENTO *et al*, 2002, p. 307).

Sabendo da participação de Zaíra no processo de organização da revista e enquanto membro da diretoria desta, é possível entender a articulação das ideias ao projetar imagens com produções de significados e representações tão semelhantes para duas publicações que tinham o objetivo de ordenar os discursos: o livro sobre o que se considerava a arte da enfermagem e a revista científica da profissão. Diante do exposto, podemos afirmar que a enfermeira ideal era aquela que incorporava, ou melhor, encarnava o ideal, a arte e a ciência que se manifestavam e podiam ser identificados na sua atuação profissional. Os significados perceptíveis dos *Anais de Enfermagem* e do livro de Zaíra Cintra Vidal mostram que a enfermeira deveria incorporar os atributos de ideal, arte e ciência.

Como se pode notar, nada em um livro é organizado e/ou escrito por acaso. Todos os itens que o compõem, desde a capa, imagens, escritas, tudo, todas as suas

---

<sup>43</sup> Para maior aprofundamento sobre a capa dos *Anaes de Enfermagem*, consultar estudo de NASCIMENTO, E.S.; SANTOS, G.F.; CALDEIRA, V.P.; TEIXEIRA, V.M.N. Noções sobre Enfermeira na Revista Brasileira de Enfermagem: Reflexão sobre Ideal, Ciência e Arte. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 55, n. 3, p. 306-313, maio/jun. 2002.

marcas têm relações a serem estabelecidas com o leitor, na intenção da produção de um sentido.

Outro elemento de importância para o leitor é a lombada do livro. Sua função é identificar a obra quando o exemplar está acondicionado em prateleiras ou empilhado (ARAÚJO, 2008, p. 436 – 437). Na lombada<sup>44</sup> é possível visualizar o título da obra, o nome do autor e o ano de publicação. Aqui nesse caso, no entanto, o que chama a atenção é a evolução da espessura do livro, ao longo de suas edições.

No que diz respeito às variações de espessura encontradas, observou-se o seguinte: a edição de 1933 (1ª edição) apresenta um total de 196 páginas (91 técnicas). A edição de 1942 (3ª edição) apresenta um total de 216 páginas (92 técnicas). A edição de 1943 (4ª edição) apresenta um total de 225 páginas (97 técnicas). A edição de 1948 (6ª edição) apresenta um total de 240 páginas (97 técnicas). A edição de 1953 (7ª edição) apresenta um total de 259 páginas (110 técnicas). A edição de 1959 (9ª edição) apresenta um total de 395 páginas (divisão do livro em quatro partes). E a edição de 1963 (10ª edição) apresenta um total de 420 páginas (divisão do livro em quatro partes).



Imagens 13, 14 e 15 – Lombada – Livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal – 7ª (1953)<sup>45</sup>, 9ª (1959) e 10ª (1963) edições, respectivamente.

<sup>44</sup> As demais lombadas do livro referente às outras edições não foram fotografadas por não estarem em condições de apresentação ou por terem sido modificadas por algum tipo de reparo no livro.

<sup>45</sup> Imagem da obra que consta no acervo do LACENF/EEAP/UNIRIO, com capa restaurada, porém de melhor identificação dos elementos impressos na lombada.

Tais variações ocorrem, até a 7ª edição (1953), devido a atualizações e/ou acréscimos de determinadas técnicas. Porém, nas 9ª e 10ª edições, de 1959 e 1963, respectivamente, o que se visualiza é uma nova estratégia para o livro: ele passa a ser dividido em quatro partes, denominadas “Técnica de Enfermagem” (1ª Parte), “Enfermagem em Doenças Contagiosas” (2ª Parte), “Técnica em Sala de Operações” (3ª Parte), e “Drogas e Soluções” (4ª Parte). Uma nova reorganização dos temas tratados, um acréscimo de temas ainda não apresentados por edições anteriores e a compilação de um dos seus livros anteriormente publicados, em apenas uma edição, *Drogas e Soluções em Dez Aulas*, de 1934, como a quarta parte do livro *Técnica de Enfermagem*.

A nova forma de apresentação dos conteúdos, observadas nas duas últimas edições do livro, provavelmente pode ser relacionada a outro livro publicado à época, também intitulado *Técnica de Enfermagem*, com sua 1ª edição em 1941, em São Paulo. De autoria dos enfermeiros Ana Vitória Reidt e Domingos Albano, o livro já surge com uma divisão em partes, com assuntos que vão desde as técnicas de enfermagem, técnicas de bandagens, administração de medicamentos, técnicas de coleta de materiais para laboratório, até a parte de enfermagem cirúrgica.

O referido livro traz em sua introdução a ligação com a Escola de Enfermagem de São Paulo, atual Escola de Enfermagem da USP (EEUSP), criada no ano seguinte pelo Decreto-Lei Estadual nº 13.040, de 31 de outubro de 1942. Para a direção da Escola de Enfermagem de São Paulo foi convidada Edith de Magalhães Fraenkel. Edith descendia de uma família tradicional e politicamente influente, pois era neta de Benjamin Constant Botelho de Magalhães, um dos fundadores da República do Brasil. Depois de ter sido professora primária, fez o curso de samaritanas na Cruz Vermelha Brasileira, em 1918. Em 1920, fez o curso de visitadora na Inspetoria de Tuberculose do Departamento Nacional de Saúde Pública. Edith candidatou-se à bolsa de estudos pela Fundação Rockefeller e foi diplomada, em 1925, no curso de enfermagem no *Philadelphia General Hospital* nos Estados Unidos. Ao regressar ao país, tornou-se professora da Escola Anna Nery, no Rio de Janeiro. Sua influência e prestígio foram decisivos para a criação, em 1926, da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (ANEDB), atualmente Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), tendo sido sua primeira presidente, de 1927 a 1938 (FREITAS<sup>46</sup>, 2012).

---

<sup>46</sup> Para maiores informações sobre a história da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, consultar texto de Freitas (2012), disponível em: <http://www.ee.usp.br/eeusp/historico.asp>.

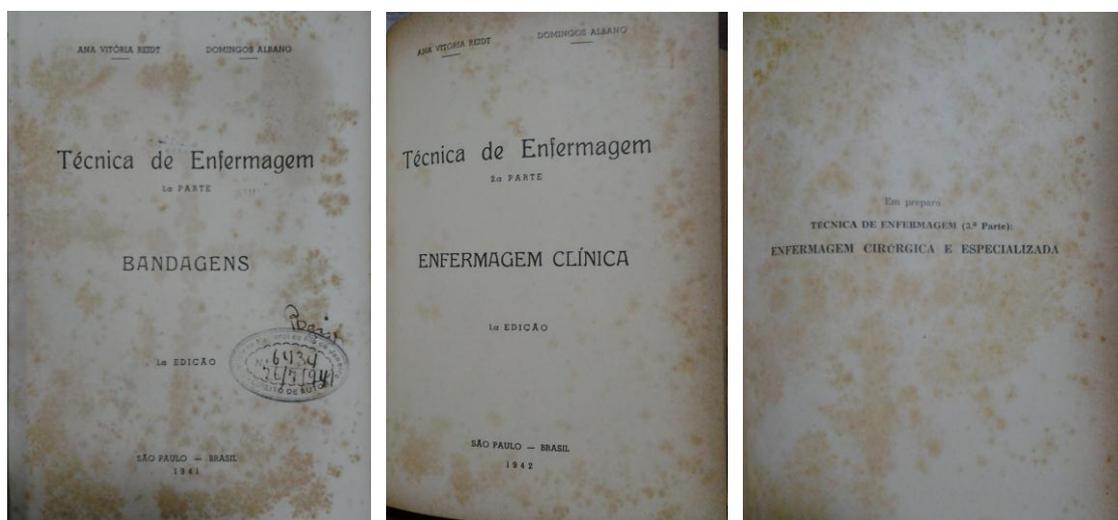
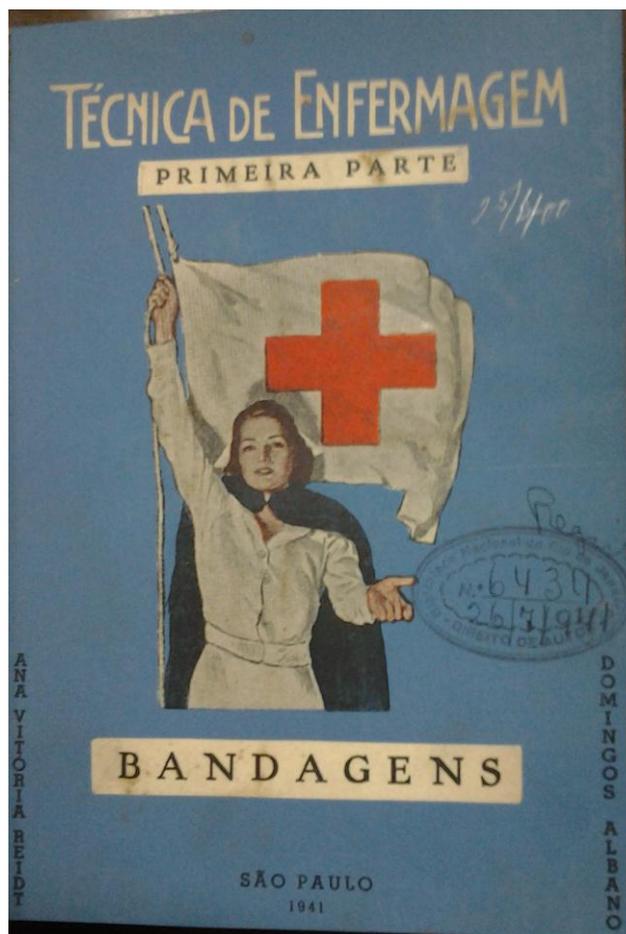
Surgia, assim, uma escola importante na formação do pensamento da Enfermagem brasileira, se constituindo em um novo centro difusor da profissão no Brasil, que viria a exercer uma profunda influência na organização de novas escolas no país (MANCIA; PADILHA, 2006, p. 434).

Na percepção de Almeida Filho (2004), trazido por Fonte (2009, p. 20) a criação da Escola de Enfermagem de São Paulo<sup>47</sup>, fora da liderança da Escola de Enfermagem Anna Nery, ainda na vigência do Decreto 20.109, de 15 de junho de 1931, evidenciou a concorrência ao padrão Anna Nery em face da apresentação de uma nova proposta de ensino e da emergência de novas lideranças.

Dessa forma, ao detectar a representação da figura de Edith de Magalhães Fraenkel no Estado de São Paulo, como uma autoridade a representar uma nova escola de enfermeiras, já com a vivência obtida na Escola Anna Nery, no Rio de Janeiro, é possível entender a publicação de um livro sobre técnicas de enfermagem, com o mesmo título do livro de Zaíra C. Vidal, também como a representação de uma forma de concorrência. A atualização do livro de Zaíra em anos seguintes acaba por responder também ao aparecimento dessa obra como concorrente à sua, destinada ao mesmo público.

---

<sup>47</sup> A Escola de Enfermagem da USP propicia a reconfiguração da identidade profissional da enfermagem brasileira, ao permitir o ingresso de mulheres negras e homens no curso, contrariando o padrão Anna Nery e as representações da identidade de enfermeira da época, que devia ser boa moça, filha da elite branca, ressaltando os cuidados de enfermagem como ato de caridade e benevolência. Evidencia-se um jogo de forças, que a partir de então começa a existir entre a “Escola Padrão” – EEAN e a recém-criada Escola de Enfermagem da USP, que também contou com o apoio da Fundação Rockefeller e com uma equipe de docentes enfermeiras altamente qualificadas, uma vez que realizaram estudos de pós-graduação no Canadá. Surge um forte modelo de ensino, com uma nova proposta e a emergência de novas lideranças na enfermagem, que se disseminaria no país, começando pela Bahia e pela região Sul (COSTA *et al*, 2012, p. 11-12).



Imagens 16, 17, 18 e 19 – Livro *Técnica de Enfermagem*, de Ana Vitória Reidt e Domingos Albano, 1ª edição (1941) – capa e divisão das partes internas.

Um mergulho atento nas páginas internas da obra de Zaíra Cintra Vidal, revela que os elementos constitutivos do livro estão comodamente divididos, segundo definição de Araújo (2008, p. 399), em três partes: pré-textual, textual e pós-textual.

Das três partes que constituem a estrutura do livro, a pré-textual, em virtude do grande número de elementos que a compõem, é a que mais se presta a variações em sua

disposição. Dentre os elementos mínimos<sup>48</sup> que devem compor a parte pré-textual, trazidos por Araújo (2008, p. 399 – 416), verifica-se, em comum nas edições do livro *Técnica de Enfermagem*, a existência da folha de rosto, dedicatória/homenagem, prefácio e introdução. Tais itens são semelhantes, apresentando variações mais específicas na folha de rosto. É possível encontrar ainda a falsa folha de rosto (apenas nas 1ª, 9ª e 10ª edições) e o item agradecimento (nas 4ª e 6ª edições). Olharemos para os aspectos que apresentaram alterações e/ou trazem significados que auxiliam na compreensão da obra.

A falsa folha de rosto é considerada uma inovação do livro impresso. O expediente surgiu na última metade do século XVI, com a finalidade apenas de proteger o rosto (ARAÚJO, 2008, p. 400). E é exatamente esta função que ela executa na 1ª, 9ª e 10ª edições do livro aqui em análise. Mas o que nos chama a atenção são os vestígios identificados, deixados pelo leitor que no passado foi dono destes exemplares.

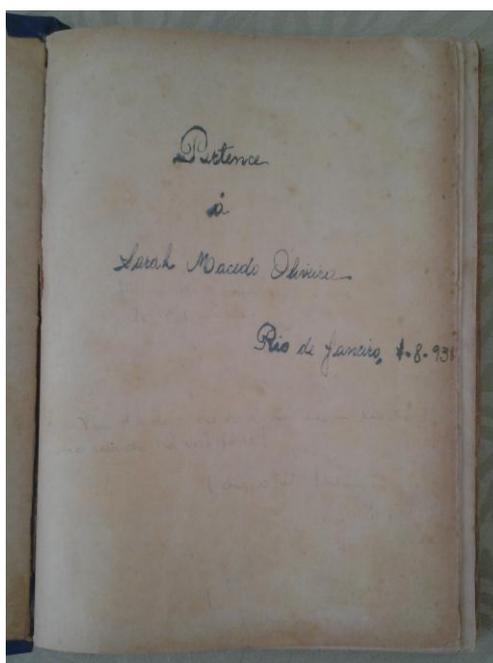


Imagem 20 – falsa folha de rosto do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, 1933.

Escrito à caneta, com letras grandes e centralizado na página, lê-se a seguinte inscrição: “Pertence à Sarah Macedo Oliveira Rio de Janeiro, 7-8-938”. Mais do que identificar o leitor, o local e o ano provável da aquisição do livro, foi possível também,

---

<sup>48</sup> Elementos mínimos que devem compor a parte pré-textual de um livro, colocados sob uma ordem ideal: falsa folha de rosto; folha de rosto; dedicatória; epígrafe; sumário; lista de ilustrações; lista de abreviaturas e siglas; prefácio; agradecimentos; introdução (ARAÚJO, 2008, p. 400).

duas folhas adiante da folha de rosto, identificar a escola frequentada pela aluna: “Escola Cruz Vermelha”. Apesar dos claros indícios de uso do livro, sugeridos nos rastros deixados em suas páginas, não foi possível encontrar nenhum tipo de documento da referida época na sede da Cruz Vermelha<sup>49</sup>, no Rio de Janeiro. Registre-se aqui, então, uma lamentável lacuna, não apenas para este estudo, mas para a história da enfermagem brasileira.

Ao observar tais vestígios em sua riqueza de detalhes, é possível notar outras informações. Observemos mais uma vez a imagem, de forma ampliada:

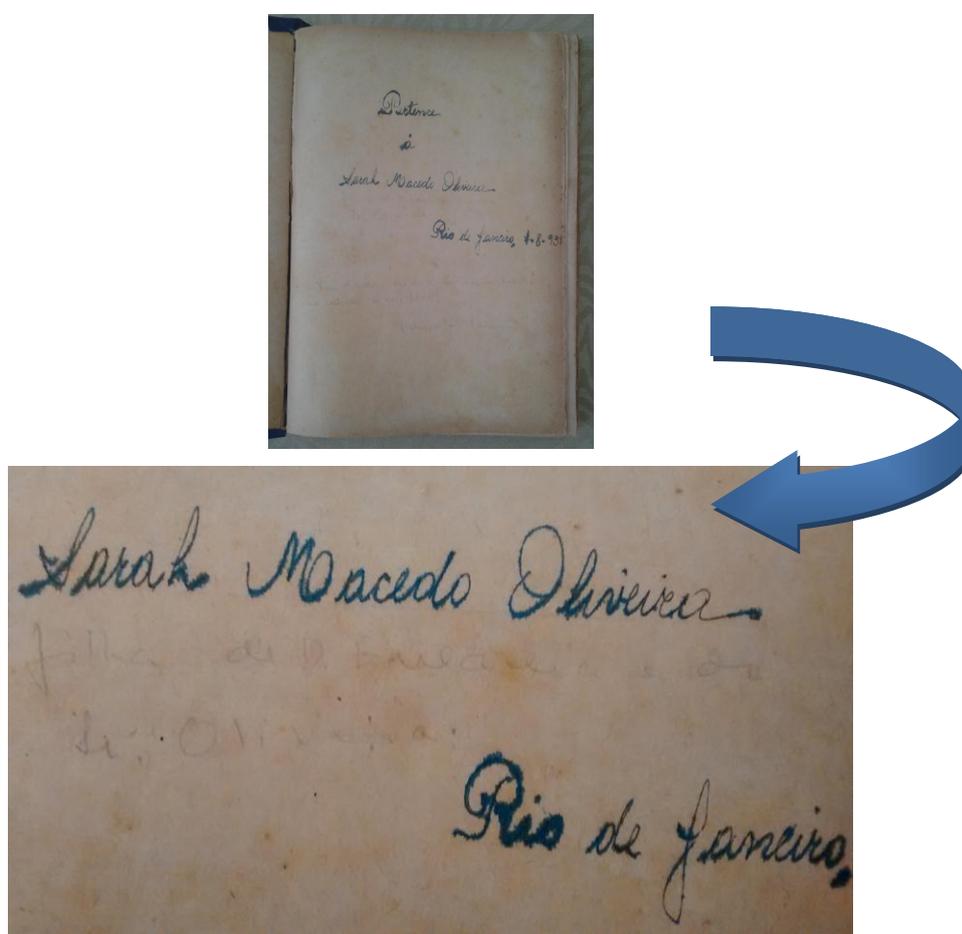


Imagem 20 (com ampliação) – falsa folha de rosto do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, 1933.

É possível observar, com atenção e cuidado, apesar do desgaste deixado pelo tempo, algumas escrituras, à lápis, feitas pela dona do livro. Logo abaixo do seu nome, conforme mostra a imagem ampliada acima, é possível ler: “filha de D. Eulalia e do Sr. Oliveira”.

<sup>49</sup> Estivemos ali no período de coleta de dados (conforme melhor detalhado na seção III deste trabalho) em busca de informações sobre a existência do livro em seu acervo e/ou documentos que indicassem sua utilização. Nossa intenção era também obter informações sobre a referida aluna, mas não existe, na instituição, um acervo com tais documentos.

Oliveira”. A anotação nos remete à importância e ao valor dados à família na época, além do prestígio de ser (re)conhecida por pertencer a um respeitado núcleo familiar. Valores mais do que confirmados pela forma respeitosa com que a leitora/aluna se refere à mãe, como “dona”, e ao pai, identificado pelo sobrenome que, de alguma forma, distinguia a família em questão.

Um pouco abaixo do registro da data, na mesma página, feito pela aluna/leitora, encontramos outro vestígio deixado à lápis, repleto de significações. É possível notá-lo, ainda que com dificuldade, na ampliação abaixo.

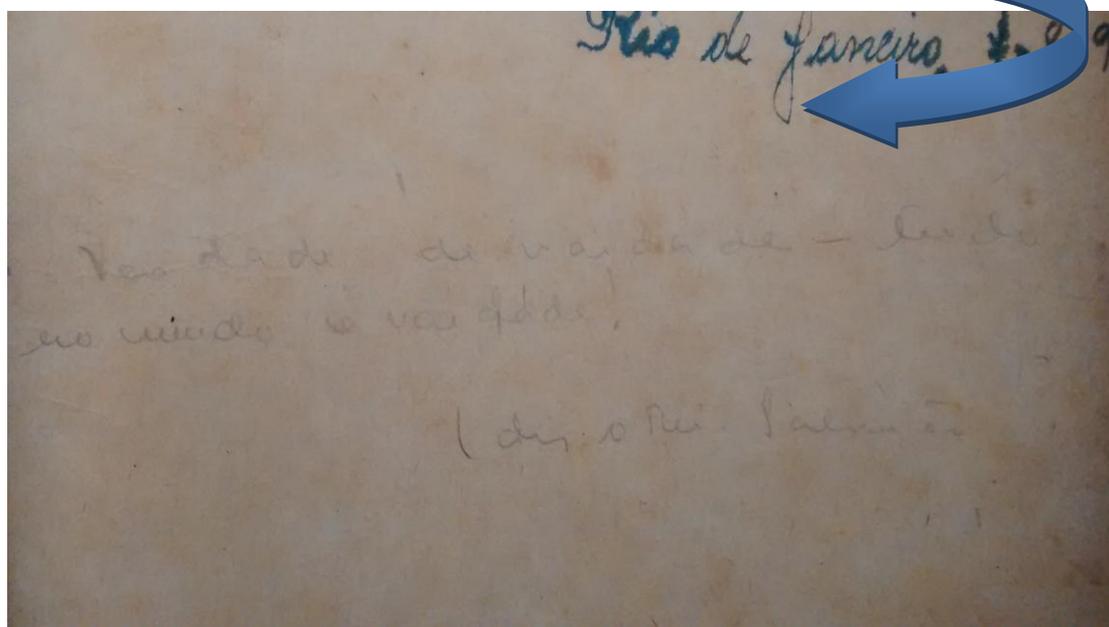
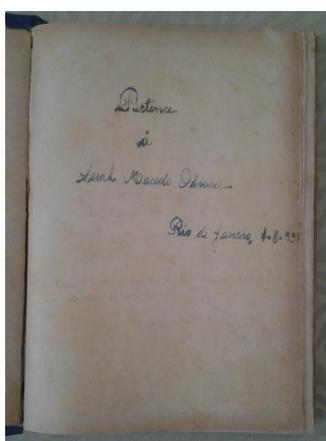


Imagem 20 (com ampliação) – falsa folha de rosto do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, 1933.

Lê-se ali o seguinte: “Vaidade de vaidade – tudo no mundo é vaidade! Do Rei Salomão”. Tal registro refere-se a uma passagem da Bíblia, em Eclesiastes 1:2, que diz: “Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade”. Neste

pequeno livro, o livro de Eclesiastes, intitulado "Palavras de Coélet<sup>50</sup>, filho de Davi, rei em Jerusalém", estão registrados os pensamentos do "Sábio", um homem que meditou profundamente sobre a vida humana, com as suas injustiças e decepções, e concluiu que "tudo é ilusão". O Eclesiastes é o livro do homem sem Deus. Deus não acusa esse homem, mas deixa que ele fale dos seus sucessos e insucessos, do seu pessimismo e otimismo, da sua esperança e desespero. O livro de Eclesiastes trás à tona as grandes questões filosóficas morais, éticas e existenciais. Questões teológicas, tais como a prosperidade dos ímpios, a morte comum a todos, materialismo, fatalismo, pessimismo, dúvidas quanto à eternidade, vida no além e até sobre o juízo final.

Ao ler o livro de Eclesiastes, é possível compreender que ele observa simplesmente a vida e tira suas consequências lógicas. A vida, se é sem Deus, é inútil, absurda, sem objetivo, vazia, uma realidade triste. Essa talvez seja a grande conclusão a que chegamos das reflexões de Eclesiastes. É o propósito de concluir que " vaidade de vaidade, tudo é vaidade". Para chegar a isso, basta arrolar as próprias conclusões do pregador-filósofo. Elas parecem dizer que a vida não é bela, o trabalho é uma mesmice, o prazer, a um ponto, já não satisfaz, a sabedoria de vida é aniquilada pela morte. Soma os prós e os contras da vida humana e vê que é melhor morrer. Ou isso reflete a vida desviada de Salomão e de como um homem pode se tornar vazio de Deus, ou, não é cinismo nem desespero, mas sim a prova da necessidade de Deus em todos os segmentos da vida humana. Se é a vida do rei nele retratada, serve essa lição, que a confiança, o temor e a quietude de espírito em Deus é o verdadeiro proveito. Desde o matrimônio, a vida familiar, o alimento, o descanso do trabalho, os amigos, até as vicissitudes, Deus é a fonte de energia e prazer<sup>51</sup>. Assim, o autor aconselha a que se viva a vida, não como os epicureus, que praticam o não "comamos, bebamos, porque amanhã morreremos", mas como um sábio hebreu, no "temor do Senhor".

Tentar compreender o referido versículo citado pela aluna/leitora é mergulhar nas possibilidades de seus significados. Eles podem estar relacionados a um determinado momento de vida da pessoa que o escreveu. Os escritos, porém, nos fazem

---

<sup>50</sup> A palavra "Coélet" não é um nome próprio, e sim um substantivo comum usado às vezes com artigo; embora feminino em sua forma, constrói-se com o masculino. Conforme a explicação mais verossímil, é um nome de ofício e designa aquele que fala na assembleia, numa palavra, "o Pregador". É chamado "filho de Davi e rei em Jerusalém" e, embora o nome não seja mencionado, ele é certamente identificado com Salomão, ao qual o texto com certeza faz alusão em 1.16. Mas essa atribuição não passa de mera ficção literária do autor, que põe suas reflexões sob o patrocínio do mais ilustre dos sábios de Israel. Disponível em <http://eclasiastes2000.tripod.com/>, acessado em 20 de junho de 2014.

<sup>51</sup> Para maior aprofundamento, ver o livro de Eclesiastes. Ver também: <http://eclasiastes2000.tripod.com/>.

refletir sobre o forte apelo religioso<sup>52</sup> existente na época que, como já foi visto, teve reflexos inclusive nas imagens selecionadas para as capas de algumas edições do livro.

O ensino religioso não era obrigatório à época, mas sua influência predominava no cenário brasileiro. Depreende-se daí que o registro de um versículo bíblico por uma aluna de uma tradicional escola de enfermagem naqueles tempos não deve ter ocorrido por acaso. Elas provavelmente foram influenciadas para seguir a doutrina católica. Os emblemas e rituais de influência católica, estudados a fundo por Simiele *et al* (2014), por exemplo, têm o poder de transmitir uma tradição, cuja articulação envolve comportamentos de repetição e assimilação. Isso provoca a compreensão dos fatos de forma compartilhada por seus pares. Não cabe aqui afirmar que todas fossem católicas. Podemos até deduzir também que o registro bíblico possa ter sido uma atitude arbitrária.

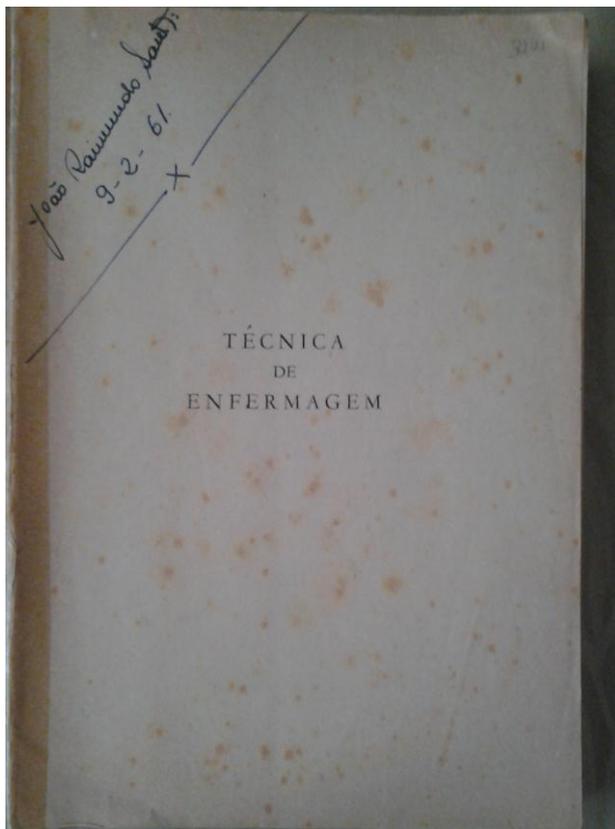


Imagem 21 – Falsa folha de rosto. Livro *Técnica de Enfermagem*, Zaira C. Vidal – 9ª (1959) edição.

<sup>52</sup> Destaca-se que, na década de 1920, eram fortes os laços de apoio entre Estado e Igreja. Na década de 1950, sob as normativas dos dispositivos legais, o ensino religioso era matéria constituinte nas escolas públicas primárias, secundárias, com participação facultativa do estudante. Nessa perspectiva, 95% dos brasileiros, na década de 1940, declaravam-se católicos apostólicos romanos, com predomínio de adeptos do gênero feminino. O analfabetismo era de 56,8% (maiores de 10 anos); entre as mulheres, o índice era de 61,9% (SIMIELE *et al*, 2014, p. 113).

É possível observar já na falsa folha de rosto da 9ª edição, de 1959, a assinatura de “João Raimundo Santos 9-2-61”, datada, na parte superior esquerda da folha. Ao buscar informações sobre o homem em questão encontramos poucas informações. A entrada de alunos do sexo masculino deu-se, na atual Escola de Enfermagem Anna Nery<sup>53</sup>, no bojo da reforma universitária do final da década de 1960<sup>54</sup> (TYRREL; SANTOS, 2007, p. 140). Já na atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, o mesmo ocorreu no período entre 1961 e 1964, época em que a profª Nalva Pereira Caldas foi diretora da Escola, conforme relato da mesma trazido em Freire, Caldas e Amorim (2014, p. 01-02).

Eu fui Diretora da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo no período de 1961 a 1964. Nesta gestão, com a participação de professores e alunos, lutamos pela integração da Escola, na Fundação Universidade do Estado da Guanabara que estava sendo "discutida" na Câmara de Deputados. Apresentamos várias emendas no projeto de lei que previam: a integração, a passagem do prédio sede da Escola para a Universidade, que estava em construção, e a mudança do nome de Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, para Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo. Todas as nossas emendas foram aprovadas. Assim passamos a admitir homens como alunos.

O relato acima ganhou novas evidências durante as buscas nos relatórios de atividades desenvolvidas da atual Faculdade de Enfermagem da UERJ (Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ), no período de 1949 a 1963. Ali, encontramos os primeiros registros de alunos homens matriculados no relatório relativo ao primeiro semestre de 1963. Nesse ano, identificamos os seguintes alunos: Asterandro Pires

---

<sup>53</sup> A Escola de Enfermagem Anna Nery, por mais de 50 anos, perpetuou uma tradição da Enfermagem: a de ser uma profissão eminentemente feminina. A sua primeira turma de enfermeiras (1923-1925) formou 13 enfermeiras, de 27 alunas, e, até 1937, ano em que passou a fazer parte do sistema universitário de ensino, havia formado um total de 245 enfermeiras. A entrada de alunos do sexo masculino deu-se, de fato e de direito, no bojo da reforma universitária do final da década de 1960. Em 1974 dos 51 enfermeiras(os) formadas(os), 10 eram do sexo masculino (TYRREL; SANTOS, 2007, p. 140).

<sup>54</sup> Ao final da década de 1960, a universidade brasileira foi submetida a uma reforma administrativa, num contexto de repressão política: foi implantado um modelo inspirado no sistema americano de institutos centralizados, de organização departamental, bem como os cursos de pós-graduação *stricto sensu*, estabelecendo os princípios de articulação obrigatória entre ensino e pesquisa e entre ensino superior e pós-graduação (TYRREL; SANTOS, 2007, p. 140 – 141). O Conselho Federal de Educação – CFE, instituído pela lei n. 4.024/1961, conhecida como a LDB/1961, teve a sua instalação no ano de 1962. A discussão, a elaboração e a aprovação da LDB/1961 ocorreram entre os anos de 1947 e 1961. Logo após a sua instalação, procurou-se desenhar um modelo de universidade e implantá-lo no Brasil. Como instrumento legal, utilizou-se da jurisprudência gerada nos pareceres emitidos pelo Conselho em relação aos projetos de regimentos das Instituições de Educação Superior e em resposta às consultas feitas a ele. Com esta prática, o CFE tinha como objetivo ser o fórum privilegiado da discussão da Reforma Universitária, isto mesmo após o golpe militar de 1964. Contudo, este fórum de discussão não estabeleceu um diálogo com a sociedade, mas sim promoveu a discussão nos bastidores do governo militar, tanto que os movimentos sociais da época e de parte das pesquisas históricas sobre esse período não perceberem a influência do CFE na elaboração da Reforma Universitária de 1968 (ROTHEN, 2008).

Domingues, Djacy Guimarães da Costa, Francisco Michel, José Pereira Dias e Nilton Rosa. Constatou-se, assim, que o homem identificado como João Raimundo dos Santos não era aluno dessa instituição de ensino no período analisado.

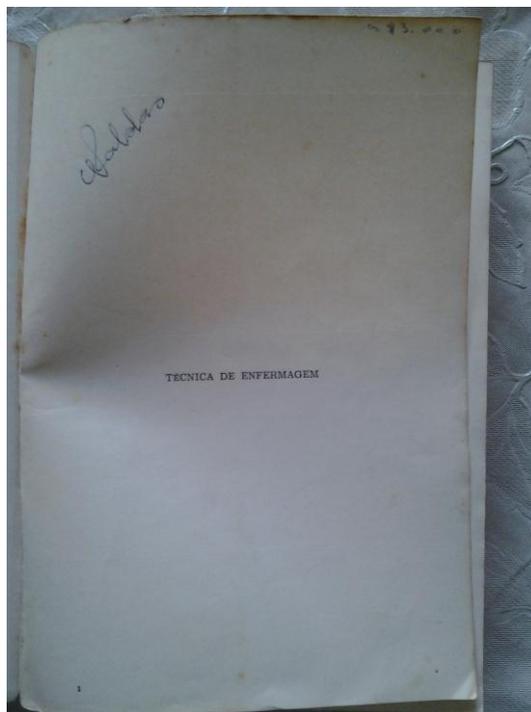


Imagem 22 – Falsa folha de rosto – Livro *Técnica de Enfermagem*, Zaira Cintra Vidal – 10ª (1963) ed.

Já quando observamos a falsa folha de rosto da 10ª edição (1963), o maior destaque visualizado, na referida página, é a assinatura da dona do livro à época - Nalva Pereira Caldas, Professora Emérita da UERJ, responsável pelo Centro de Memória da Faculdade de Enfermagem desta universidade. No canto superior direito da página é possível identificar, ainda, o registro de um valor (\$3.000)<sup>55</sup> que, segundo relato da própria profª Nalva, foi dispendido na compra do livro. Não foi possível lembrar, para efeito de registro e comparação, em que ano a obra foi adquirida.

A evolução do mercado editorial no recorte temporal onde se inscreve a história que contando merece, a esta altura da narrativa e análise dos fatos, uma atenção especial. O mandato de Juscelino Kubitschek (1956 – 1960), é bom lembrar, foi um período de euforia nacional sem precedentes. O “milagre econômico” brasileiro produziu taxas de crescimento anuais de sete a oito por cento e um súbito aumento de produção que beneficiou até mesmo o ramo editorial: de 1955 a 1962, a produção de

---

<sup>55</sup> O Brasil manteve o mil-réis até novembro de 1942, quando instituiu o cruzeiro, que perdurou até 1967, quando se teve o advento do novo cruzeiro (HALLEWELL, 2012).

livros triplicou (HALLEWELL, 2012, p. 599). Em 31 de janeiro de 1961, Juscelino entregou a faixa presidencial a Jânio Quadros. Sofrendo forte oposição do Congresso, Jânio renuncia inesperadamente em 25 de agosto de 1961, e o vice João Goulart assume a Presidência do Brasil (ARRUDA; PILETTI, 2000, p. 427 – 435). O biênio 1962/63 caracterizou-se por uma reversão do marcante desenvolvimento ocorrido entre 1956 e 1961. De fato, se a economia apresentava um crescimento médio no último quinquênio, nos dois anos subsequentes houve uma redução vertiginosa das atividades produtivas. Por outro lado, a inflação mantinha a ascensão iniciada em 1958, chegando a atingir 81,3% em 1963 (CYSNE, 1993, p. 197). E é nesse contexto<sup>56</sup> de instabilidade política acentuada e inexistência de um razoável controle monetário, fiscal e salarial que é publicada a última edição da obra *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal.

Já o elemento seguinte, a folha de rosto propriamente dita, é o lugar, conforme define Araújo (2008, p. 401), onde a apresentação do livro é feita. É nela, aliás, que encontramos uma evolução de variações ao longo das publicações das diversas edições do livro. Na primeira edição do livro *Técnica de Enfermagem*, foi possível identificar, nesta seção, os seguintes elementos: nome da autora; título e subtítulo da obra; e indicação de propriedade de direitos editoriais.

Identifica-se, ainda conforme Araújo (2008, p. 401 – 410), dentro dos itens que fazem parte da folha de rosto, o enquadramento do livro analisado em algumas observações. O nome da autora, Zaíra Cintra Vidal, centralizado, no alto da folha. Sob o nome, em letras de tamanho menor, uma ou mais credenciais honoríficas, acadêmicas, dignitárias. O título da obra, *Livro de Technica de Enfermagem*, centralizado, com um destaque tipográfico maior. O nome da obra está inclusive mais detalhado do que o impresso na capa e contém um subtítulo: “Da Escola de Enfermeiras Anna Nery do D.N.S.P.”.

---

<sup>56</sup> Ao tempo em que avançavam os movimentos populares no campo e na cidade, na tentativa de construir uma nova sociedade em que todos tivessem voz e vez, as forças conservadoras mobilizavam-se para impedir as reformas sociais que colocavam em risco os seus injustos privilégios. O confronto entre grupos favoráveis às reformas e os reacionários defensores da situação vigente acabou com a vitória dos últimos, que derrubaram o Presidente João Goulart e impuseram a ditadura militar em 1964. Nos governos militares, houve uma tentativa de desenvolvimento econômico do país e integração das regiões (ARRUDA; PILETTI, 2000, p. 427 – 435).



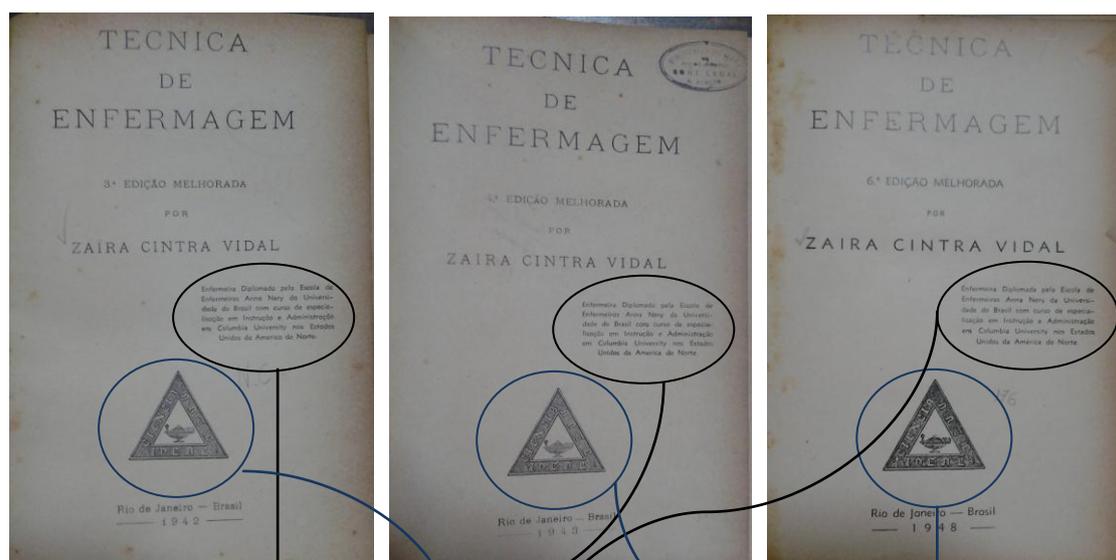
Imagem 23 – folha de rosto do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, 1933.

Ressalte-se também que a autora do livro é identificada como a proprietária do trabalho intelectual e artístico ali contido. A necessidade e a importância de marcar nos próprios livros – nas capas, contracapas, folhas de rosto ou lombadas – a identidade do autor e a propriedade do trabalho intelectual ali disseminado – pode ser medida pelos recursos gráficos empregados (letras garrafais na posição do nome do escritor, cores que chamam a atenção para este nome, fotografias ou outros tipos de imagem do autor, etc.). Em alguns casos, conforme Araújo Neto (2006), esses recursos destacam mais o autor em detrimento do conteúdo da obra.

Os elementos que compõem a folha de rosto aqui, em nosso caso, são explicados pelo contexto da época e estão relacionados com a atuação profissional da autora. Seguramente a primeira edição do livro *Técnica de Enfermagem* foi resultado direto de sua experiência como instrutora de alunas na sua escola de formação, além dos

conhecimentos adquiridos no curso de atualização feito nos EUA. Nas palavras e na grafia da própria Zaira, “foi observando as dificuldades das alumnas no curso de Enfermagem da nossa escola que resolvi escrever este pequeno compendio [...]” (VIDAL, 1933, p. 07). A autora assinalou ainda, à época, a lacuna existente sobre o tema na literatura de nosso país. “[...] É o primeiro trabalho em portuguez que aparece sobre esta cadeira e eu desejo que possa ser bem útil às nossas estudantes e à nossa profissão” (Vidal, 1933, p. 07). É de se compreender, porém, que tal lacuna não existia, já que haviam outras obras escritas por profissionais afins, conforme já mencionado anteriormente, não reconhecidas por ela no trecho destacado.

Já nas 3ª (1942), 4ª (1943) e 6ª (1948) edições livro *Técnica de Enfermagem*, foi possível identificar, na folha de rosto, os seguintes elementos: título da obra; nome da autora; e as credenciais da autora.



Imagens 24, 25 e 26 – folha de rosto do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, 1942, 1943 e 1948, respectivamente.

Enfermeira Diplomada pela Escola de Enfermeiras Anna Nery da Universidade do Brasil com curso de especialização em Instrução e Administração em Columbia University nos Estados Unidos da América do Norte.



Registre-se assim que, nessas edições, o livro deixa, aparentemente, de estar vinculado a uma única instituição, passando a ser um título didático sobre um determinado tema voltado para um mesmo público. Até porque, neste momento, a atual Faculdade de Enfermagem da UERJ já havia sido organizada e criada, em 1944, por Zaíra Cintra Vidal, autora da obra. Quando a escola começa a funcionar, em 1948, uma outra edição do livro é lançada. Desta feita, ao suprimir o subtítulo do livro nessas edições, faz parecer com que ele esteja organizado com o intuito de ampliar sua comunidade de leitores sem estar restrito e referenciado a uma única instituição.

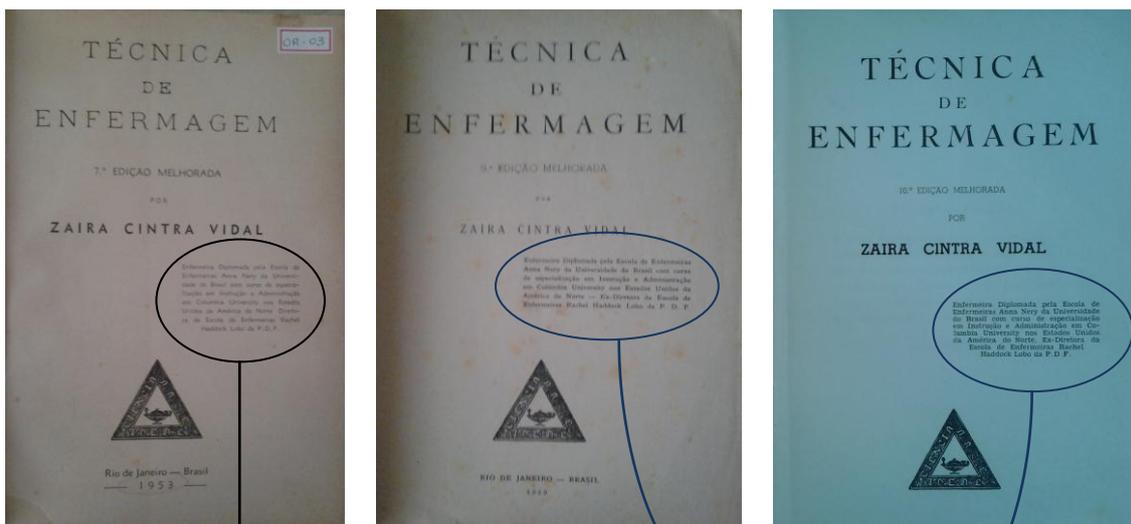
Porém, apesar do subtítulo existente na 1ª edição que vinculava o livro à Escola Anna Nery não aparecer nessas edições, fica claro na folha de rosto delas outros elementos, destacados com ampliações da imagem, que trazem representações da referida instituição. As credenciais da autora e a inserção do triângulo de Isabel Stewart com a lâmpada em seu interior representam a institucionalização da obra através das referências da autora e da representação dos símbolos vinculados à escola.

As credenciais da autora, aliás, em todas as edições do livro, ao referi-la à uma formação de alto padrão, numa escola reconhecida, e ao citar sempre os cursos no exterior, deixam claro as representações de autoridade e competência daquela que estava publicando um livro sobre o que até então eram as bases científicas da profissão.

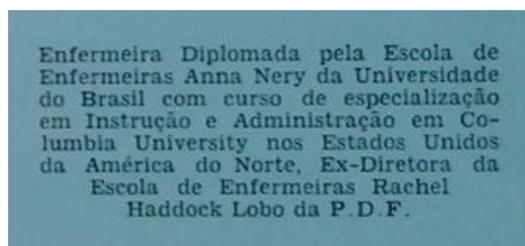
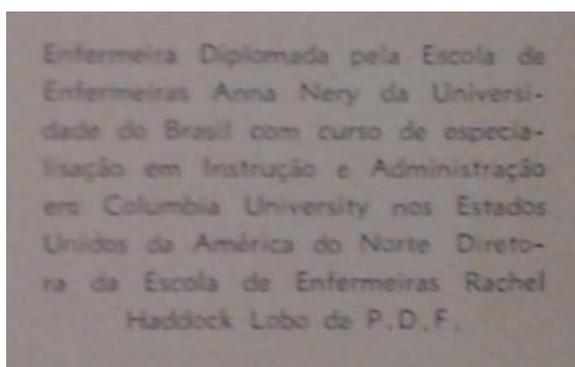
Já no que diz respeito à folha de rosto das 7ª (1953), 9ª (1959) e 10ª (1963) edições, percebe-se apenas poucas alterações, quando a comparamos com o mesmo item das edições anteriores. Trata-se de mudanças de conteúdo nas credenciais da autora. Ela aparece identificada como “Diretora da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo da P.D.F<sup>57</sup>”, na 7ª edição, de 1953. Tal credencial acadêmica é enunciada porque Zaíra Cintra Vidal havia sido nomeada diretora da então Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo (atual FENF/UERJ). Zaíra exerceu a função no período de 04 de janeiro de 1944 até 30 de julho de 1954 (LOPES *et al.*, 2001, p. 256).

---

<sup>57</sup> Prefeitura do Distrito Federal – PDF, à época o Rio de Janeiro.



Imagens 27, 28 e 29 – Folha de rosto – livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira Cintra Vidal – 7ª (1953), 9ª (1959) e 10ª (1963) edições, respectivamente.



Na folha de rosto das 9ª e 10ª edições, de 1959 e 1963, respectivamente, Zaira já aparece identificada como “Ex-Diretora da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo da P.D.F.”. Sua saída da direção da escola não deixa de reforçar sua representação de autoridade enquanto enunciadora de um saber de enfermagem.

Outro elemento tradicionalmente encontrado em um produto literário, a dedicatória, quando existe, lembra Araújo (2008, p. 410), “é normalmente consignada na página ímpar fronteira ao verso da folha de rosto”. No livro aqui considerado não foi diferente. Aliás, a dedicatória do livro se repete em todas as edições, com poucas variações de formatação de tamanho e/ou letra. No geral, a disposição na página é regular, composta em justificação menor que a das linhas do corpo do texto, e está colocada no centro. Neste espaço, Zaira Cintra Vidal voltou seus agradecimentos para

Rachel Haddock Lobo<sup>58</sup>. É nesta página, aliás, que encontramos novos detalhes que complementaram a informação sobre o leitor que aparece na falsa folha de rosto, já descrito anteriormente, conforme mostra imagem abaixo.

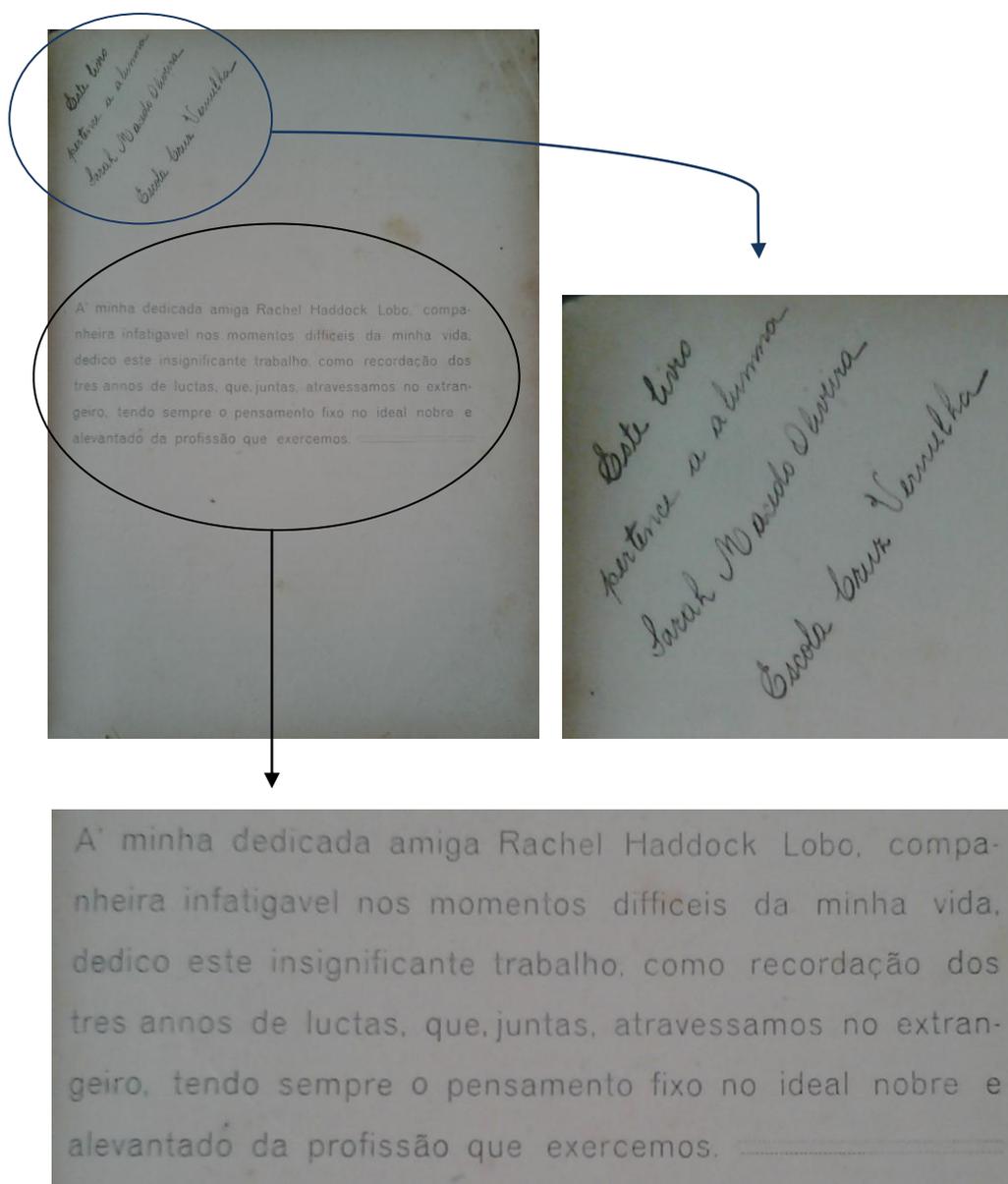


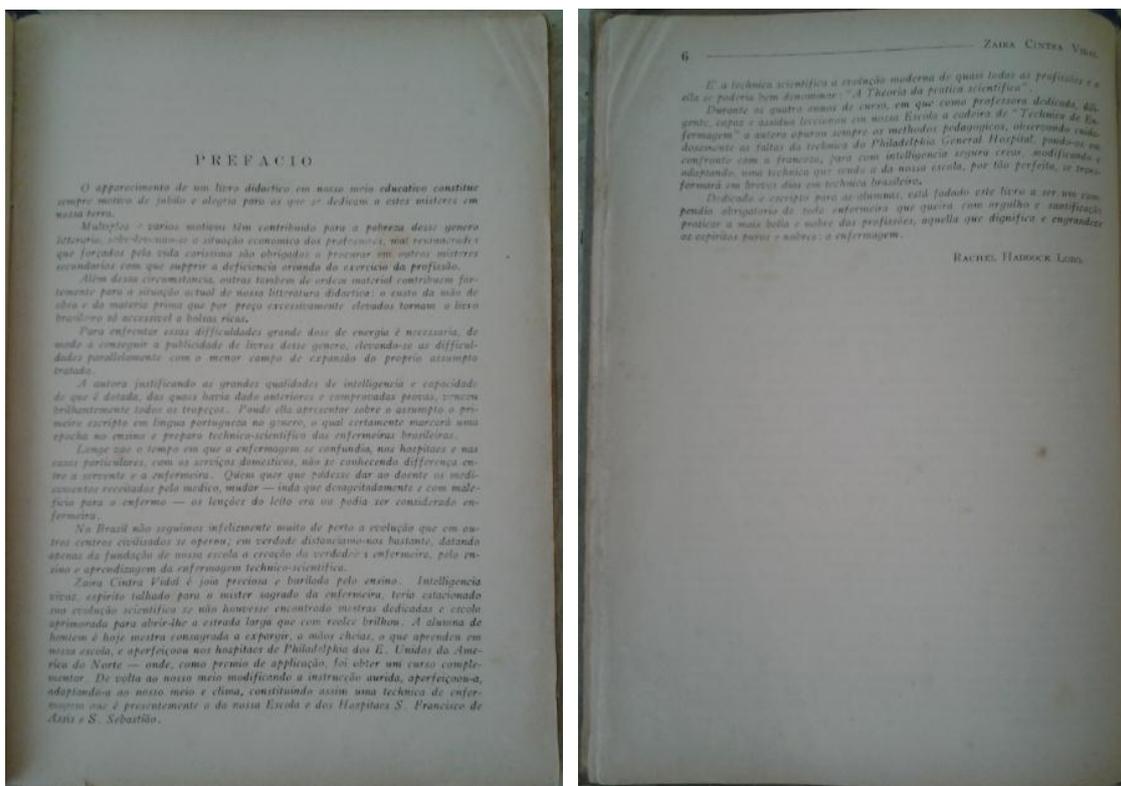
Imagem 30 – dedicatória do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, 1933 (com ampliações).

Ao ler a dedicatória, é necessário ler e entender o publicado Prefácio. Denominado também nota prévia, prólogo, proêmio, advertência, preliminares, apresentação, preâmbulo ou que outro nome tenha, define-se, segundo Araújo (2008, p.

<sup>58</sup> Rachel Haddock Lobo (1891 – 1933) foi a primeira diretora brasileira da então denominada Escola de Enfermeiras Ana Néri, no curto período de 30 de junho de 1931 a 25 de setembro de 1933, quando faleceu, prematuramente. Nas edições posteriores ao seu falecimento, Zaíra passa a denominar o item Dedicatória como Homenagem.

416) como uma espécie de esclarecimento, justificação, comentário ou apresentação escrita pelo próprio autor ou por outra pessoa. Deve começar em página ímpar. Na maioria das vezes o tratamento gráfico dado ao prefácio é o mesmo que o conferido ao corpo do texto, salvo quando se pretende destacá-lo. E são exatamente essas distribuições que encontramos no prefácio, que se repete, sem mudanças, em todas as edições do livro *Técnica de Enfermagem*.

Recorrendo mais uma vez a Araújo (2008), sabemos ser possível visualizar o tratamento gráfico dado ao texto que compõe o prefácio, quando ele se diferencia do texto do conteúdo do livro com a intenção de destacá-lo. As letras em itálico passam a impressão de terem sidas escritas pela sua autora, Rachel Haddock Lobo, enfermeira de destaque e porta-voz reconhecida dentro da profissão à época.



Imagens 31 e 32 – prefácio (primeira e última páginas) do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, 1933.

O texto foi escrito na terceira pessoa do plural, com uma linguagem formal, mas acessível ao leitor, e com toques pessoais de elogios à autora e enaltecimento da profissão. O texto traz argumentos que buscam convencer o público quanto à utilização do livro didático, enxerga na obra um alicerce da profissão e destaca a autora como figura representativa da atividade da enfermagem à época. Os trechos abaixo

selecionados, retirados do Prefácio do livro, comum às edições em análise, ilustram bem o tom utilizado pela autora:

Pôde ela [a autora] apresentar sôbre o assunto, [...], o qual certamente marcará uma época no ensino e preparo técnico-científico das enfermeiras brasileiras.

Zaíra Cintra Vidal é jóia preciosa e burilada pelo ensino. Inteligência vivaz, espírito talhado para o mistér sagrado da enfermeira, teria estacionado sua evolução científica se não houvesse encontrado mestras dedicadas e escola aprimorada para abrir-lhe a estrada larga que com realce brilhou. A aluna de ontem é hoje mestra consagrada [...].

Ao longo de duas páginas, Rachel Haddock Lobo<sup>59</sup>, lembrada por Zaíra Cintra Vidal na dedicatória do livro, faz ainda algumas considerações acerca do livro didático, produzido, neste caso, para a comunidade de leitores que abrange alunas e profissionais da enfermagem. É possível identificar em sua fala a dificuldade da produção de uma obra como essa, a inexistência de variedades de obras com essa finalidade, assim como a situação do professor à época. Reproduzimos aqui parte de seus comentários:

O aparecimento de um livro didactico em nosso meio educativo constitue sempre motivo de jubilo e alegria para os que se dedicam a estes misteres em nossa terra.

Multiplos e varios motivos têm contribuido para a pobreza desse genero litterario, sobrelevando-se a situação economica dos professores, mal remunerados que forçados pela vida carissima são obrigados a procurar em outros misteres secundarios com que supprir a deficiencia oriunda do exercicio da profissão.

---

<sup>59</sup> Rachel Haddock Lobo (RHL) nasceu no Rio de Janeiro, em 18 de junho de 1891. Descendente de importante família de origem portuguesa, estabelecida no Rio de Janeiro (RJ), teve avô doutor em medicina, um homem muito importante e conhecido à época. RHL desenvolveu seus estudos primários e secundários no Colégio Imaculada Conceição, no RJ, e, em 1918, viajou para a França a fim de participar da 1ª Guerra Mundial como voluntária da Cruz Vermelha Francesa. Retornou à França no início de 1922 para fazer o curso de Enfermagem na *École des Enfermières de L'Assistance Publique*, formando-se em 1924. No início de 1925 retornou ao Brasil e trabalhou nos serviços recém-inaugurados da Fundação Gaffrée Guinle. Ficou pouco tempo porque foi convidada para trabalhar na Escola de Enfermeiras D. Anna Nery. Ingressou no corpo docente desta Escola e, em maio de 1927, viajou para os Estados Unidos, com bolsa de estudos da Fundação Rockefeller, onde fez o curso geral de Administração de modo a preparar-se para assumir a direção da Escola de Enfermeiras D. Anna Nery. Ao retornar ao Brasil, em 1929, ocupou o cargo de Assistente de Diretora, onde permaneceu até ser designada diretora, ou seja, até 30 de junho de 1931, caracterizando, assim, a primeira direção por uma enfermeira brasileira da escola. Foi fundadora e redatora-chefe da Revista Annaes de Enfermagem (atual revista Brasileira de Enfermagem – REBEn), fundada em 1932. Foi membro de inúmeras associações, tanto no Brasil como no exterior: *International Council of Nurses Board of Education*, Associação de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras, Cruz Vermelha, dentre outras. Em maio de 1933, RHL ausentou-se por motivos de férias, sendo substituída por Maria de Castro Pamphiro, enfermeira chefe do Hospital São Francisco de Assis. No dia 19 de maio, teve que ser submetida a uma intervenção cirúrgica (colecistectomia), vindo a falecer no dia 25 de setembro de 1933, em decorrência de complicações pós-operatórias (crise urêmica complicada com degeneração aguda gordurosa do fígado) (SANTOS; BARREIRA, 2002).

Além dessa circunstancia, outras também de ordem material contribuem fortemente para a situação actual de nossa litteratura didactica: o custo da mão de obra e materia prima que por preço excessivamente elevados tornam o livro brasileiro só acessível a bolsas ricas. [...].

Um rápido retorno aos anos anteriores ao texto escrito por Haddock Lobo para o livro de sua parceira Zaíra Cintra Vidal nos ajuda a compreender a realidade por elas vivenciada no distante ano de 1933. A partir da década de 1920, o campo dos livros didáticos e das obras de referência, voltados à educação, passou a ser um mercado em expansão, fruto da política educacional e da reorganização dos arranjos e correlações políticas de caráter republicano (DUTRA, 2010, p. 84). No que diz respeito à área da saúde e à enfermagem, especificamente, a década de 1930 caracterizou-se por movimentos de transformação. A reforma que culminou com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública – DNSP, em 1920, as políticas públicas voltadas para a saúde pública brasileira, a influência norte-americana na organização dos serviços de saúde e de enfermagem e a criação da Escola de Enfermeiras do DNSP, atual Escola de Enfermagem Anna Nery, foram elementos que impulsionaram a produção de livros brasileiros na área da Enfermagem.

A disseminação da comunicação científica passou por dois processos: o escrito, considerado formal, e o oral, considerado informal. Essa prática, com o tempo, consolidou-se como meio de legitimação do conhecimento, pelo qual novas contribuições científicas passaram a ser reconhecidas e comunicadas. Segundo Marques Neto e Rosa (2010, p. 333), por meio da publicação, o saber científico se torna público. E o saber público é a essência da escola moderna.

Hallewell (2012) inclui em seus levantamentos uma análise sobre os salários reais no Rio de Janeiro, no período de 1914 a 1961<sup>60</sup> e, para tanto, considera a evolução relativa do poder de compra. A autora constatou que o poder aquisitivo do trabalhador, seja ele um comandante de navio, funcionário público ou um operário não qualificado, diminuiu ao longo dos anos. Depreende-se daí que o salário, nas diversas classes de trabalhadores, defasado por falta de reajustes, já não dava conta dos custos de que a vida moderna exigia. Segundo El Far (2010, p. 96), um trabalhador pobre tinha de gastar em média um terço do que ganhava em um dia de serviço para comprar um livro popular à

---

<sup>60</sup> A Independência do Brasil, em 1822, naturalmente separou sua moeda da de Portugal, cuja unidade monetária era o mil-réis. Apesar das mudanças em Portugal por ocasião da Revolução de 1910, o Brasil manteve o mil-réis até novembro de 1942, quando instituiu o cruzeiro, que prevaleceu até 1967 (HALLEWELL, 2012, p. 937 – 938).

época. O profissional mais bem qualificado tinha uma margem maior de gastos, podendo adquirir, ao longo do mês, mais do que um exemplar.

Segundo Sá Earp e Kornis (2010, p. 349 – 362), o livro brasileiro era um dos mais caros do mundo. Não havia dotação orçamentária do governo federal para a compra de livros de referência e livros em geral para bibliotecas públicas. O papel importado ou até mesmo a celulose importada para a fabricação de papel para a posterior impressão dos livros brasileiros saía muito mais caro do que se houvesse a importação direta dos livros. O número de editoras no maior eixo de produção de livros do país, Rio – São Paulo, também era bem pequeno, em virtude do contexto ainda conturbado da década de 1930 (HALLEWELL, 2012).

Mais do que simplesmente anunciar a obra *Técnica de Enfermagem*, Rachel Haddock Lobo fez do seu discurso um instrumento capaz de levar a comunidade de leitores não só a confiar e adquirir o livro, mas reconhecer a autora como produtora de um conhecimento científico e nova representante e porta-voz da profissão. Num discurso repleto de significados, Rachel Haddock Lobo ainda enalteceu a profissão, através do uso do livro a ser lido e utilizado pela comunidade de leitores. Ela reafirmou, assim, o peso e a importância da publicação no universo da profissão da enfermagem:

Dedicado e escrito para as alunas, está fadado este livro a ser um compêndio obrigatório de toda enfermeira que queira com orgulho e santificação praticar a mais bela e nobre das profissões, aquela que dignifica e engrandece os espíritos puros e nobres: a enfermagem. (Trecho retirado do Prefácio do livro *Técnica de Enfermagem*, comum às edições em análise).

Pode-se notar ainda no texto acima, escrito por Rachel Haddock Lobo no prefácio da obra, representações de religiosidade, através da conotação com aspectos religiosos relacionados ao catolicismo. O *habitus* católico, segundo alguns estudos de pesquisadores<sup>61</sup>, não era identificado apenas pela imposição de uma conduta às alunas e enfermeiras. Ele se manifestava também no modo de se vestir (uniformes) e nos ritos e emblemas específicos da profissão. Segundo Simiele *et al* (2014), apesar de o ensino religioso não ser obrigatório, era predominante sua influência no cenário brasileiro. É possível assim, inferir-se daí, que a presença da influência da Igreja no texto, assim

---

<sup>61</sup> Para aprofundamento no tema, ver: FONTE, A.S. A Escola de Enfermagem Anna Nery e a nova ordem no campo da educação em Enfermagem. Dissertação (mestrado) – UFRJ/EEAN/ Programa de Pós-graduação em Enfermagem. Rio de Janeiro: UFRJ/EEAN, 2009; e SIMIELE, M.F.; BARIZON-LUCHESI, L.; PORTO, F.; OLIVEIRA-SOUSA, T.; SILVA-SANTIAGO, E.; AGUIAR, S. Rito Católico e a Imagem da Enfermeira (1957). *Aquichan*, vol. 14, num. 1, marzo 2014, p. 109 – 118.

como na capa, não aparece por acaso. E que tanto a autora do prefácio quanto a autora do livro, provavelmente, foram influenciadas e seguiram a doutrina católica.

Para Bakhtin (1992), existem tipos relativamente estáveis de discursos, elaborados por diferentes esferas de utilização da língua. Definida por ele como “gêneros do discurso”, essa categoria tem um caráter sócio-histórico e está diretamente relacionada a diferentes situações e atividades sociais. Como o caráter e o modo da utilização da língua são extremamente variados e as várias possibilidades da atividade humana são inexauríveis, a abundância e a diversidade de gêneros do discurso são ilimitadas.

É possível identificar, ainda no prefácio do livro, aspectos relativos ao desenvolvimento da profissão no Brasil:

[...] Longe vae o tempo em que a enfermagem se confundia, nos hospitaes e nas casas particulares, com os serviços domesticos, não se conhecendo differença entre a servente e a enfermeira. Quem quer que pudesse dar ao doente os medicamentos receitados pelo medico, mudar – inda que desageitadamente e com maleficio para o enfermo – os lençoes do leito era ou podia ser considerado enfermeira.

No Brasil não seguimos infelizmente muito de perto a evolução que em outros centros civilizados se operou; em verdade distanciamo-nos bastante, datando apenas da fundação de nossa escola a criação da verdadeira enfermeira, pelo ensino e aprendizagem da enfermagem technico-cientifica. [...]. (Trecho retirado do Prefácio do livro *Técnica de Enfermagem*, comum às edições em análise)

Rachel Haddock Lobo referiu-se, no trecho acima, à criação da Escola de Enfermeiras do DNSP que, em 1923, sob influência norte-americana, marcou a implantação da enfermagem moderna no Brasil. Mais uma vez, a escola aparece representando a institucionalização do saber, da profissão e da enfermeira almejada.

A técnica, enquanto representação de um saber científico é ainda destacado, também nas palavras de Rachel H. Lobo:

[...] É a technica scientifica a evolução moderna de quase todas as profissões e a Ella se poderia bem denominar: “A Theoria da pratica scientifica”. [...] a autora apurou sempre os methodos pedagogicos, [...], para com intelligencia segura crear, modificando e adaptando, uma technica que sendo a da nossa escola, por tão perfeita, se transformará em breves dias em technica brasileira. [...]. (Trecho retirado do Prefácio do livro *Técnica de Enfermagem*, comum às edições em análise)

Percebe-se que, ao trazer a figura de Rachel Haddock Lobo, enquanto legítima representante da profissão à época, com sua representação de autoridade na profissão, poder e institucionalização do saber, apresentando a autora e a obra através do prefácio, o livro se apresenta para o público como uma fonte de saber institucionalizado e confiável. Ter ainda uma dedicatória voltada também para Rachel H. Lobo mostra a estreita relação entre a autora e esta, além de um reconhecimento pela já apresentada personalidade.

No que diz respeito ao agradecimento, item inédito nas 4ª e 6ª edições, de 1943 e 1948, respectivamente, Zaíra Cintra Vidal destaca o trabalho de revisão feito pelo Dr. João Cardoso de Castro. Prof. João Cardoso de Castro<sup>62</sup> aparece assim intitulado no site de anatomia da atual UERJ, no item “Memorial”, junto com outros professores que já pertenceram à esta instituição. É possível encontrar ainda a data “1945 – 1972”, abaixo do seu nome, especificando o período em que esteve atuando na instituição, na cadeira de Anatomia. Foi também professor da cadeira de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Atuou como chefe do Serviço de Cirurgia do Hospital Carlos Chagas; foi membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, atuando, inclusive como Secretário-Geral na 21ª Diretoria, dentre outros títulos, o que o mantinha em uma posição de destaque à época.

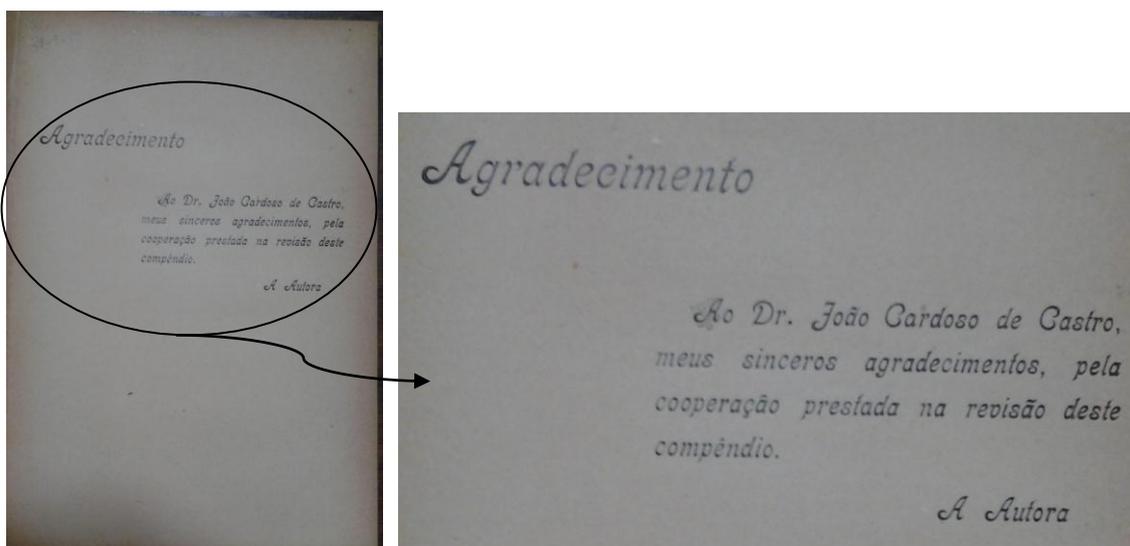


Imagem 33 – Agradecimento – livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal – 4ª (1943) edição.

Mais uma vez, nota-se a preocupação da autora em vincular-se a pessoas com representação de autoridade e intelectualidade na área da saúde à época, no intuito de se

<sup>62</sup> Para maiores informações, ver Resumo Biográfico ao final deste estudo.

fazer respeitar e consolidar uma obra que trazia um saber científico considerado a base da enfermagem. Ao trazer nos pré-textuais do livro personalidades da enfermagem e da medicina à época nota-se o objetivo de respaldar-se através do efeito de legitimação provocados pela representatividade dessas pessoas. Dessa forma, compreende-se o Prefácio e o Agradecimento como parte de um conjunto de signos de distinção pré-textuais.

A parceria com os médicos se fez presente durante anos, no decorrer da profissionalização da enfermagem. A hegemonia médica em relação ao direcionamento do ensino teórico-prático de enfermagem da Escola Anna Nery, influenciou de sobremaneira a própria condução das relações entre os profissionais de saúde, reafirmando o poder da prática médica sobre a de enfermagem, garantindo a supremacia e dominação de uma sobre outra, e sendo incutida no ideário das enfermeiras (PADILHA *et al*, 1997, p. 448).

Mais do que isso. O discurso médico modelava o comportamento esperado e estereotipado das enfermeiras, ou melhor, sua representação, não de forma totalitária, mas contribuindo para a existência de um comportamento submisso e silencioso do cotidiano das enfermeiras (PADILHA *et al*, 1997, p. 444).

E foi dentro desse contexto que encontramos outra obra, intitulada *Arte e Técnica da Enfermagem*, publicada por um médico, Mário César Freitas Rangel, em 1953 (1ª edição), no Rio de Janeiro. Um livro dividido em três partes, organizados segundo os interesses médicos: a primeira parte com descrições e orientações sobre a execução de técnicas, fundamentadas com algumas noções de anatomia, fisiologia, e outros saberes inerentes aos saber médico; a segunda parte denominada “A Ética da Enfermagem”, onde o Dr. Mário Rangel aborda aspectos sobre ética, qualidades intelectuais necessárias à enfermeira, a questão da religião e as relações enfermeira-paciente e enfermeira-médico; e a terceira parte denominada “Vocabulário Médico”, com um dicionário de termos denominados “médicos”.



Imagem 34 – Livro *Arte e Técnica da Enfermagem*, do médico Mário Rangel – 1ª (1953) edição.

O médico Mário Rangel foi autor de vasta obra sobre medicina e enfermagem, enfocando os fundamentos científicos e práticos dessas duas áreas (BEZERRA, 2012, p. 167). Ter um médico recebendo um agradecimento especial num livro de enfermagem, por ter revisado o mesmo, e outro que produzia obras para a enfermagem, evidencia representações de notório saber da categoria médica sobre a enfermagem. No livro *Arte e Técnica da Enfermagem*, o médico contemplou as necessidades teóricas de enfermagem, não deixando, porém, de fortalecer o discurso voltado para uma enfermagem submissa aos médicos, deixando clara a representação de autoridade médica sobre a enfermagem. A descrição das técnicas surge para além do que é encontrado no livro de Zaíra, com fundamentos em outras áreas para se justificar o que era proposto enquanto uma atividade de enfermagem, com fundamentações até então não utilizadas em publicações feitas por enfermeiros.

Dando continuidade à análise do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra, a introdução da obra, a que aludimos a partir de agora, deve, segundo Araújo (2008, p. 416), começar em página ímpar. No livro em questão, ela de fato tem início na página 07 e não deve ser confundida com o prefácio. Essa frequente confusão, no entanto, deve ser desculpada porque a maioria dos dicionários dá praticamente a mesma definição para os dois termos. Na realidade, a única distinção válida é que o prefácio justifica ou apresenta o conteúdo do livro com esclarecimentos prévios. Já a introdução representa um discurso inicial onde o autor expõe matéria correlata ou de preparação ao texto.

Como último elemento da parte pré-textual, a introdução submete-se ao mesmo tratamento gráfico que o prefácio, salvo se houver necessidade de destaque.

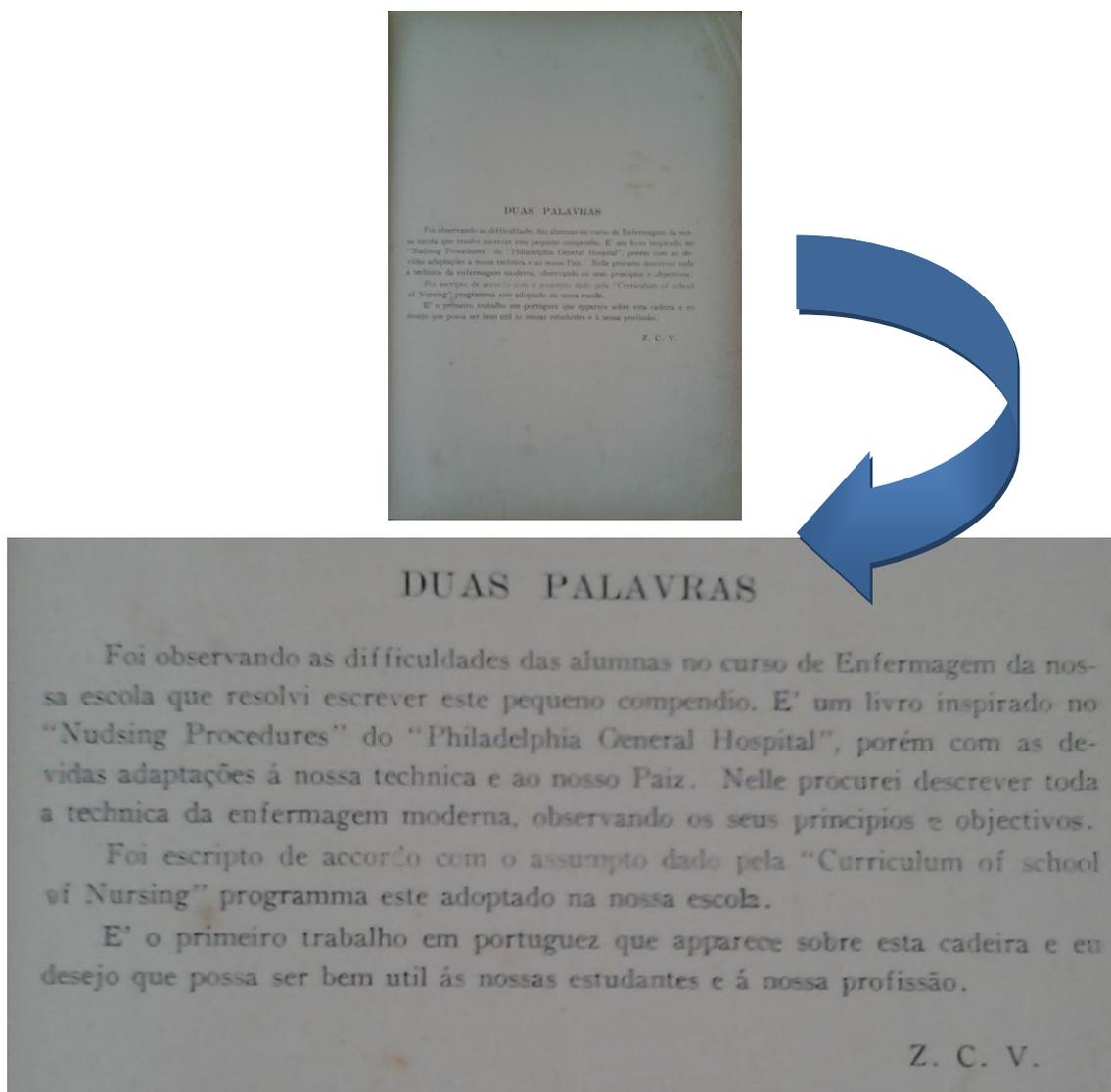


Imagem 35 – Introdução do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, 1933.

Esta parte da obra, porém, aparece sob o título “DUAS PALAVRAS”, comum à todas as edições. Seu texto, escrito na primeira pessoa, aparece igualmente centralizado e é finalizado com a assinatura de Zaíra, representada por meio das iniciais de seu nome - “Z. C. V”. Apesar de não ter variações na letra, no seu tamanho ou forma e recursos de destaque, como o itálico, por exemplo, o texto curto, centralizado e com título diferenciado em caixa alta, atrai a atenção e se destaca pelo seu conteúdo.

É possível notar na Introdução escrita por Zaíra as referências internacionais, valorizadas tal qual sua formação complementar no exterior. Num processo de importação de ideias, como a própria Escola Anna Nery, era importante considerar os

aspectos de distinção que tornavam não apenas a autora mas também o livro em destaque no campo da enfermagem. O fenômeno pode ser explicado ainda pela inserção da autora num contexto onde textos anteriores sobre o tema inevitavelmente a inspiraram e/ou influenciaram. Tal situação, classificada por Bakhtin (1986) como “heterogeneidade enunciativa”, pode ser identificada nas palavras da própria autora no texto introdutório.

#### 4.1.2 Elementos Textuais do Livro – Representações de Competência Intelectual

Já na parte textual, o diagramador estabelece um padrão único e regular a ser obedecido em toda a extensão daquilo que se denomina corpo principal do texto (ARAÚJO, 2008, p. 416). O livro moderno, científico e didático já era, à época, organizado em seções, partes, capítulos ou itens, o que, conforme Paul Otlet (*apud* ARAÚJO, 2008, p. 418), representava um avanço na organização dos assuntos e do livro como um todo.

*Técnica de Enfermagem*, no entanto, trazia uma descrição e detalhamento de diversas técnicas, sem divisões em capítulos ou seções. Observa-se, porém, que as técnicas são descritas uma após a outra e deixam entrever um certo ordenamento. Assim é que a sequência parece ir da técnica mais básica e inicial, como “Orientação do Trabalho nas Enfermarias”, “Limpeza e Desinfecção das Camas”, passa por técnicas mais complexas e específicas, como “Lavagem Intestinal” e “Sondagem” e finaliza com a descrição de “Papeleta”. Nesta última são abordados aspectos relativos ao “Relatório Geral”, que são preenchidos pela Enfermeira durante a execução do seu trabalho.

Percebe-se que a lógica de organização do livro e sua ideia inicial foram mantidas ao longo de todas as edições, havendo algumas atualizações de forma e conteúdo que, com o passar dos anos, tornaram-se imperativas. Tais alterações destacaram-se nas 9ª e 10ª edições, de 1959 e 1963, respectivamente, quando o livro passa a ser dividido em quatro partes, conforme já foi visto.

Todo o conteúdo da parte textual é apresentado com a mesma configuração gráfica e organização. A descrição se dá com verbos no infinitivo e referindo-se, em alguns momentos, a uma terceira pessoa (o doente, a enfermeira). Fazendo uso de termos técnicos e de uma linguagem científica, as técnicas são descritas passo a passo,

sem interferências da autora com análises ou comentários sobre as mesmas, de forma clara e didática. No geral, é possível observar o objetivo da técnica, os materiais (trazidos como “artigos”) necessários e o método a ser utilizado. Em algumas técnicas é possível ainda identificar algum tipo de cuidado a ser tomado durante a execução dos procedimentos. Tal organização da descrição das técnicas se destaca pela sua praticidade, facilidade de leitura e assimilação do exposto, características, aliás, de um livro didático. Ao término de cada técnica um espaço intitulado “APONTAMENTOS” é destinado ao registro das eventuais observações feitas pelas alunas durante a aula.

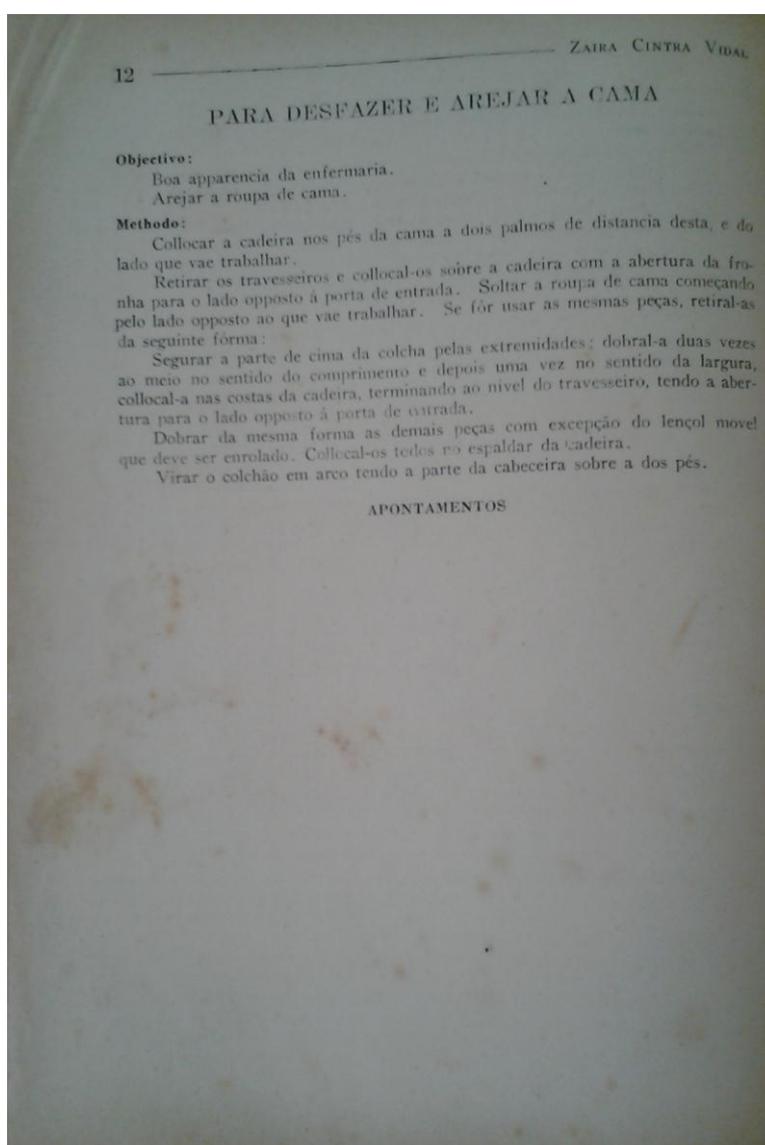


Imagem 36 – Descrição de uma das técnicas trazidas no livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, 1933.

Organizar um livro com um espaço destinado à comentários e observações para cada item abordado pressupõe a participação do público que se pretendia alcançar.

Esperar que as alunas de enfermagem à época e as profissionais já formadas fizessem destaques, notas ou até mesmo complementassem as informações do livro deixa claro a representação de uma competência intelectual esperada delas: não bastava ter o conhecimento, não bastava saber fazer. Presumia-se que estas soubessem também registrar seus conhecimentos.

Segundo Guedes (2009, p. 171 – 225), um recurso disponível para apresentar, numa narrativa, o aspecto físico do cenário, dos personagens, dos objetos, e, nesse caso, das técnicas, é a descrição verbal, que pode vir a ser complementada por um desenho ou imagem.

Nesse sentido, é possível afirmar que a intenção da autora é, por meio da linguagem escolhida e da organização da obra, atingir não apenas as alunas dos cursos de enfermagem, mas também as enfermeiras já formadas. Ao usar o termo “compêndio obrigatório” para se referir ao livro, Rachel Haddock Lobo já enunciava, no prefácio da obra, a intenção de que o livro havia sido preparado para ser uma súmula dos conhecimentos dessa área do saber, em forma de livro. A propósito, Chartier (2010a) afirma que o significado dos textos depende das capacidades, das convenções e das práticas de leitura próprias das comunidades que constituem seus públicos. Essa premissa vai ao encontro da estética textual definida para atingir e contemplar o leitor escolhido.

Nesse sentido, identificou-se também, ao longo da descrição e detalhamento das técnicas de enfermagem, subsídios que acompanham o texto, com o fim de complementá-lo e elucidá-lo. Tais elementos são fotografias, quadros e figuras, todos identificados, em suas legendas, como figuras pela autora/editora.

Num livro didático, segundo Araújo (2008, p. 443), é possível observar a função educativa das imagens ali utilizadas. Essas imagens geralmente aparecem com a função/destinadas a “instruções programadas”. Neste último caso, as imagens, de fato, auxiliam diretamente ou mesmo prevalecem sobre o texto. No livro aqui analisado, é possível observar a integração absoluta entre o texto e as imagens utilizadas, recurso que facilita a leitura e acrescenta informação ao texto.

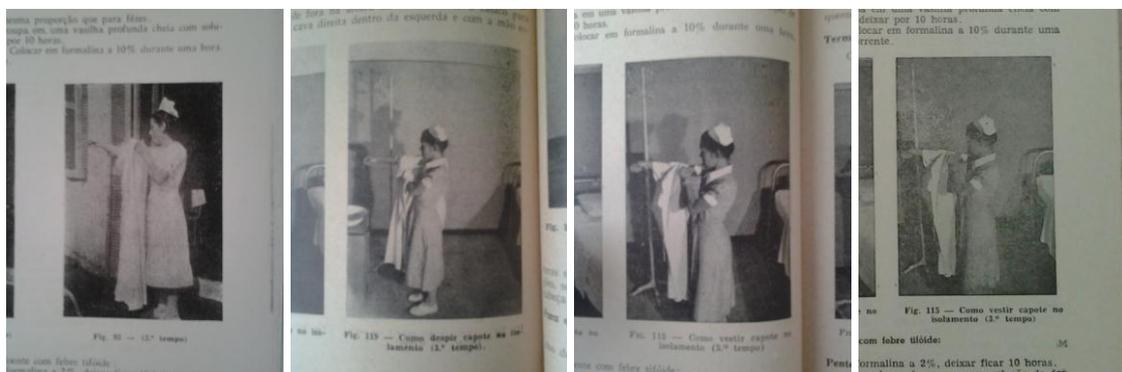
Ainda que o texto se destaque por ser o suporte principal do livro, identificamos a repetição de desenhos/imagens para reforçar técnicas ou parte delas; desenhos/imagens que visam dar ênfase à etapa ou técnica descrita, além de desenhos/imagens para ilustrar frases ou textos; desenhos/imagens destinados às instruções programadas. Todos os desenhos/imagens encontrados nas edições aqui

consideradas estão legendados e relacionados ao seu objetivo principal, que pode ser um dos listados acima.

Assim é que Riva Castleman, citada por Araújo (2008, p. 490) em sua análise, explica que uma imagem não se limita a ilustrar palavras, mas interpreta e soma, à nossa sabedoria, algo além do texto, ou provoca e até desafia o próprio texto. Livros didáticos, como o *Técnica de Enfermagem*, trazem texto e imagem integrando a visão do autor, em páginas que se sucedem tratadas como sustento da composição artística da comunidade de autores. É uma forma de composição que modifica a leitura. E faz com que ela deixe de seguir “um rio de pensamentos postos em palavras para dinamizar-se entre imagens e letras que jogam umas com as outras”.

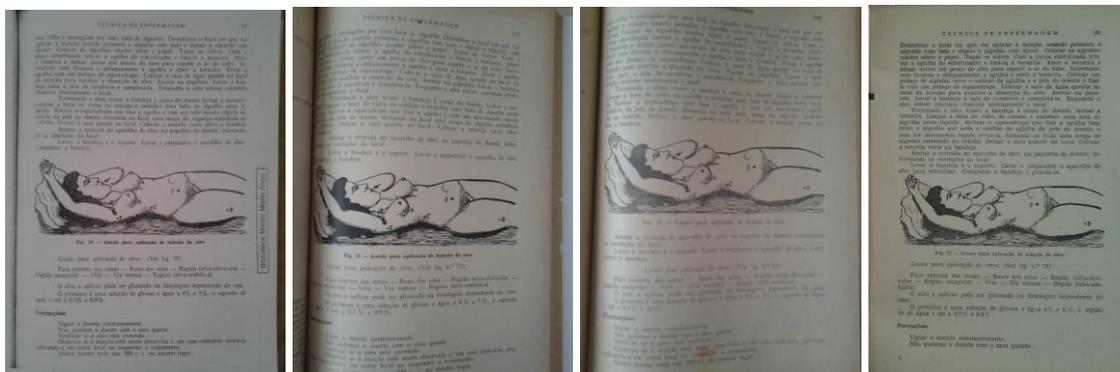
Todas as imagens reproduzidas na obra de Zaira Cintra Vidal foram apresentadas em preto e branco, muito embora, na década de 1930, o elemento cor já fora introduzido em definitivo na fotografia e na ilustração fotográfica. Segundo Araújo (2008, p. 491), as enciclopédias, os dicionários ilustrados, os compêndios e os livros científicos por certo se beneficiaram com a nova técnica, de vez que, em muitos aspectos, o registro iconográfico pôde aproximar-se um pouco mais do objeto real.

O que se pode notar é que, assim como as técnicas foram atualizadas em seus conteúdos e adicionadas ao livro, houve também uma atualização das imagens utilizadas. A intenção foi a de adequar a obra à evolução do conhecimento ao longo dos anos. Porém, apesar disso, é possível encontrar imagens que se mantiveram da mesma forma, sem alterações. Para facilitar o entendimento, reproduzimos abaixo as imagens de uma mesma técnica, reproduzida nas 6<sup>a</sup> (1948), 7<sup>a</sup> (1953), 9<sup>a</sup> (1959) e 10<sup>a</sup> (1963) edições.



Imagens 37, 38, 39 e 40 – Imagem utilizada no livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, nas 6<sup>a</sup> (1948), 7<sup>a</sup> (1953), 9<sup>a</sup> (1959) e 10<sup>a</sup> (1963) edições, respectivamente.

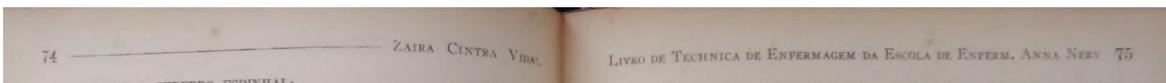
Para demonstrar essa evolução selecionamos imagens (fotos) que demonstram, nas edições do livro, a técnica de “como vestir o capote no isolamento” e, mais especificamente, o “terceiro tempo” dessa técnica (imagens 47, 48, 49 e 50).



Imagens 41, 42, 43 e 44 – Imagem utilizada no livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, nas 6<sup>a</sup> (1948), 7<sup>a</sup> (1953), 9<sup>a</sup> (1959) e 10<sup>a</sup> (1963) edições, respectivamente.

Já para exemplificar a evolução das imagens, que se revelam na forma de desenhos, nas edições do livro, selecionamos a técnica de “injeção de soro intra-arterial” (imagens 51, 52, 53 e 54). Vale destacar ainda, ao observar as imagens modelares, fotos ou grafismos, que todas são femininas, destacando, assim, a ausência da figura masculina retratada como “modelo” na obra, refletindo o que se havia planejado inicialmente para a profissão.

Finalizando a parte textual, chamou nossa atenção também, por suas variações, as cabeças, também ditas cabeçalhos, que aparecem no alto das páginas alinhadas com os fôlios (numeração das páginas). Sua função, segundo Araújo (2008, p. 421) é assinalar certas constâncias gerais (neste caso, autora e título do livro) com vistas à orientação do leitor. A tradição tipográfica costuma considerar a unidade formada por duas páginas com o livro aberto: na página par o nome do autor, e na página ímpar o título do livro. Tal configuração, conforme orienta a tradição, foi observada nas edições. Porém as cabeças que mais chamaram a atenção, por sua significação, foram as que aparecem na primeira edição do livro, onde, na página par, aparece o nome da autora, Zaira Cintra Vidal, e na página ímpar, o título do livro, “Livro de Technica de Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery”. E as que aparecem nas 6<sup>a</sup> (1948) e 7<sup>a</sup> (1953) edições. Nelas é possível visualizar, nas páginas ímpares, o título do livro, “TÉCNICA DE ENFERMAGEM”, e nas páginas pares, a inscrição “TEORIA DA PRÁTICA DE ENFERMAGEM CIENTÍFICA”.



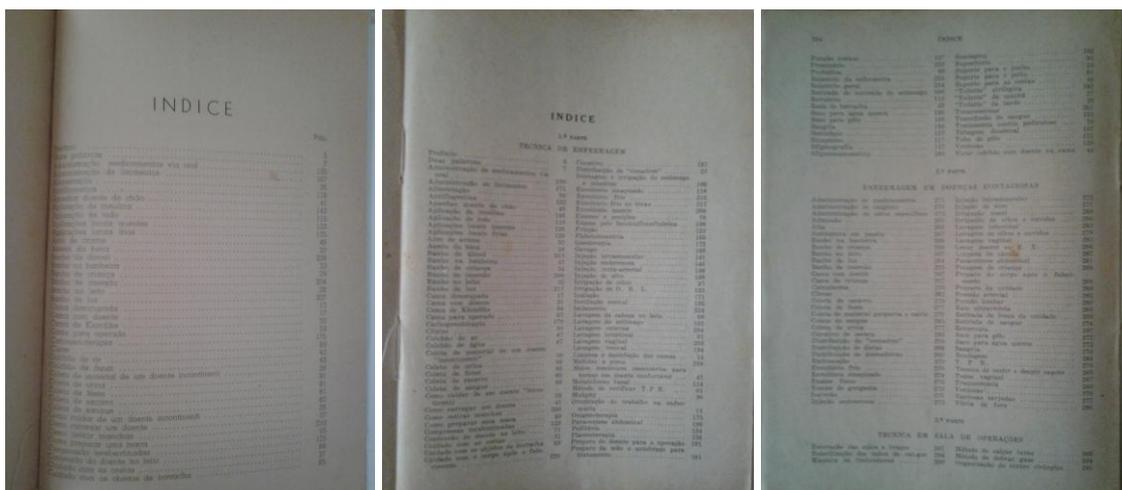
Imagens 45 e 46 (com recortes ampliados) – Cabeças - Livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira Cintra Vidal, nas 1ª (1933) e 7ª (1953) edições, respectivamente.

Tais registros, no interior das páginas do livro, nos possibilita identificar representações de institucionalização do saber e representações de cientificidade do tema que o livro tinha por objetivo abordar e consolidar enquanto um conhecimento da profissão.

#### 4.1.3 Elementos Pós-Textuais do Livro – Representações de Colaboração de Autoria

No que tange aos elementos pós-textuais, situados entre a parte-textual e o fim do livro, é possível identificar, na obra em análise, o Índice e o Colofão. As edições do livro não apresentam outros elementos citados por Araújo (2008, p. 430), tais como posfácio, apêndice, glossário e bibliografia.

O índice é apresentado linha a linha, indicando, em ordem alfabética, as páginas de cada assunto abordado, possibilitando ao leitor ir direto a uma técnica específica, sem precisar folhear todo o livro. Já a 9ª e 10ª edições apresentam um índice diferenciado, adequado à nova forma de apresentação dos temas: os assuntos aparecem divididos segundo a organização temática dos livros, tornando a leitura e a busca pelos assuntos de interesse ainda mais prática e operacional para o leitor.



Imagens 47, 48 e 49 – Índice - Livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, na 7ª (1953) (imagem 57) e 9ª (1959) (imagens 58 e 59) edições, respectivamente.

Já o colofão, do grego *kolophōn*, ‘ápice, coroamento, remate’, de onde deriva o significado particular de ‘término, fim, conclusão’, é o último elemento impresso do miolo do livro (ARAÚJO, 2008, p. 432 – 433). Tratava-se, na verdade, de uma indicação técnica, com os nomes dos tipógrafos publicadores, o local da impressão e a data exata de sua conclusão, caracterizando-se, assim, a separação do impressor e do publicador, conforme exemplificado na imagem abaixo.

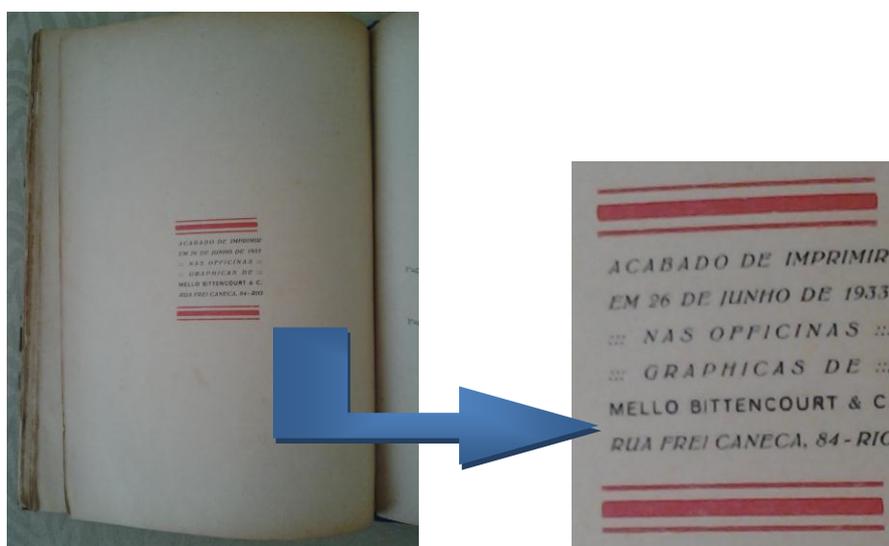


Imagem 50 (com ampliação) – penúltima página do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, 1933.

Ao destacar neste estudo o livro *Técnica de Enfermagem*, julgamos ser oportuno citar Chartier (1994). De acordo com este autor, um texto não existe isolado da materialidade que o suporta. Um livro, segundo ele, é uma peça de cuja elaboração

participa não apenas sua autora (aqui, em nosso caso, Zaíra Cintra Vidal), mas também tipógrafos, impressores, toda a gente do livro que elabora com seu trabalho intenções de interpretações, que aqui chamamos colaboradores de autoria. Reproduzimos aqui trecho em que Chartier (1994) explicita seu pensamento:

Deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor. Daí a distinção necessária entre dois conjuntos de dispositivos: os que destacam estratégias textuais e intenções do autor, e os que resultam de decisões de editores ou de limitações impostas por oficinas impressoras.

Ainda para Chartier (1994), a fabricação de um texto ou de um livro pressupõe a ação de diferentes operações humanas durante as quais são executadas técnicas distintas que cumprem diferentes etapas de fabricação de um livro. Essa simples observação altera, de forma importante, os processos de análise de textos, pois demonstra que “entre o gênio do autor e a aptidão do leitor [...] uma multiplicidade de operações define o processo de publicação como um processo colaborativo, no qual a materialidade do texto e a textualidade do objeto não podem ser separadas”.

Desta forma, a ideia de um texto que se remete exclusivamente à genialidade de seu autor e que se limita aos aspectos intrínsecos de sua escrita não faz parte do horizonte explicativo elaborado por Roger Chartier<sup>63</sup>. Este autor está preocupado em identificar “a força criativa que molda as obras” [literárias ou não] para além dos limites referidos à autoria e vislumbra as complexas inter-relações sociais e históricas que as produzem e as fazem circular.

Logo, tão importante quanto falar de Zaíra C. Vidal, legítima representante da enfermagem na produção do conhecimento, merecem destaque, também, os demais membros que contribuíram para a publicação do livro *Técnica de Enfermagem*. Não é por outro motivo, assim, que eles são devidamente identificados nas obras em análise.

Inicialmente, porém, cabe uma palavra sobre o que se está considerando como produção editorial neste texto. Quando se define o que é uma editora, sabe-se que ela é composta por um conjunto de profissionais que vão do editor propriamente dito – homem de conteúdo – até aqueles profissionais responsáveis pela preparação dos originais, acabamento, impressão (VENANCIO, 2010, p. 493).

---

<sup>63</sup> Roger Chartier em entrevista a Isabel Lustosa. *Trópico*. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2479,1.shl>, acessado em: 28 de maio de 2014.

O trabalho de dar uma identidade adequada e original a um selo editorial, aliás, é um dos maiores desafios de um editor. A identidade pela qual um livro é reconhecido depende de decisões editoriais e pequenos detalhes de produção que, em função de sua consistência, definirão um discurso de identidade mais claro ou ambíguo (LIMA; MARIZ, 2010, p. 253 – 270).

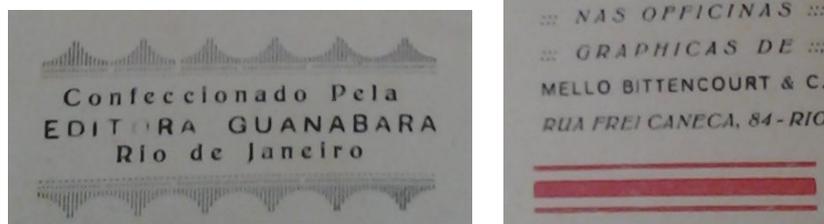
A capacidade do editor de fazer a articulação correta entre as duas pontas – o autor da obra e seus leitores –, escolhendo, produzindo, distribuindo e divulgando um objeto que não apenas chegue aos pontos de venda, mas que estabeleça a comunicação adequada através dos diversos níveis de linguagem disponíveis, torna seu trabalho relevante e indispensável (LIMA; MARIZ, 2010, p. 253 – 270).

Ao observar a mudança da capa do livro *Técnica de Enfermagem*, por exemplo, assim como sua transformação na organização do texto em sua parte interna, percebe-se que “havia alguém que cuidava do livro, havia ali uma profissão, um pensamento, uma pessoa”. O livro, então, deixa de ser anônimo do ponto de vista gráfico ao evoluir nas suas transformações, destacam os mesmos autores Lima e Mariz (2010, p. 253 – 270).

Vale lembrar também que existem autores interessados em acompanhar os passos da produção do objeto livro e dispostos a interferir, sugerindo determinados recursos - tais como a diagramação (segundo o que parece acompanhar o senso estético do autor), a composição da mancha gráfica do texto na página, a escolha do tipo de papel, do tipo de letra. Enfim, opinar sobre todos os elementos que possam servir de tratamento estético material à obra em produção. Dessa forma, marca-se não só a propriedade, mas a identidade de quem escreveu um texto (ARAÚJO NETO, 2006).

Ao analisar as edições do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira Cintra Vidal, foi possível identificar, nos seus impressos, marcas daqueles que contribuíram na publicação do trabalho da autora do texto.

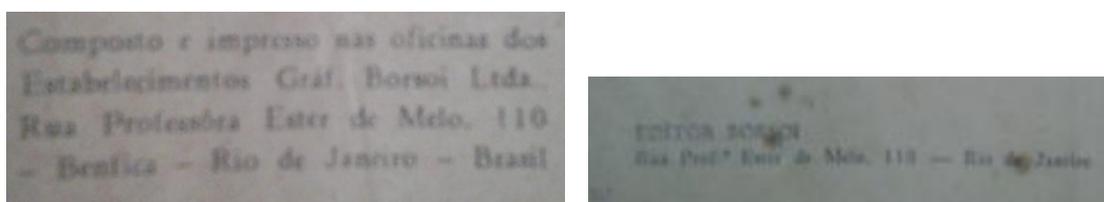
Na primeira edição, publicada em 1933, é possível identificar a “Editora Guanabara Rio” como responsável pela confecção do livro, na função de editora, com destaque na capa e na folha de rosto da publicação. Já na função de impressão da obra, identificou-se a “Officinas Graphics de Mello Bittencourt & C.”. Esta informação está impressa como colofão da obra. Tal estratégia, comum à época, conforme já foi visto anteriormente, tornava a confecção do livro menos dispendiosa, e sua publicação garantida.



Recortes ampliados das imagens 23 e 50 – Livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, 1933.

Já nas 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> edições, publicadas em 1942, 1943 e 1948, respectivamente, não foi possível identificar os demais agentes envolvidos na produção e publicação das obras. As obras localizadas na Fundação Biblioteca Nacional e a obra localizada na biblioteca da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz (Itajubá – MG) não apresentam vestígios dessa participação em suas capas e folhas de rosto. Assim como não apresentam também a folha final onde encontramos o colofão.

Na sua sétima edição, publicada em 1953, identificou-se a “Oficinas Gráf. do ‘Jornal do Brasil’”. Destacada no dorso do livro, na parte inferior, centralizada, junto com o ano de publicação, a impressão dá a entender que, nessa edição, a empresa atuou como editora e desempenhou ainda todas as funções inerentes ao processo. Tal situação foi observada também na nona edição, publicada em 1959, na qual aparece com destaque, no dorso do livro, recuada à esquerda, com impressão de nome e endereço: “EDITOR BORSOI – Rua Prof.<sup>a</sup> Ester de Melo, 110 – Rio de Janeiro”. Além do seu destaque na parte externa do livro, é possível encontrá-la registrada também no colofão, onde se registrou que o livro foi “composto e impresso” no referido estabelecimento.



Imagens 51 e 52 – Colofão e dorso do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal – 9<sup>a</sup> (1959) ed.

Por fim, na sua décima edição, publicada em 1963, observou-se, já como uma estratégia comum à época, tal qual ocorreu em suas últimas edições, o destaque da “Livraria Freitas Bastos S/A”, na função única de composição e impressão da obra. Tal

informação aparece, porém, apenas na forma de colofão, sem destaques na capa ou dorso do livro.

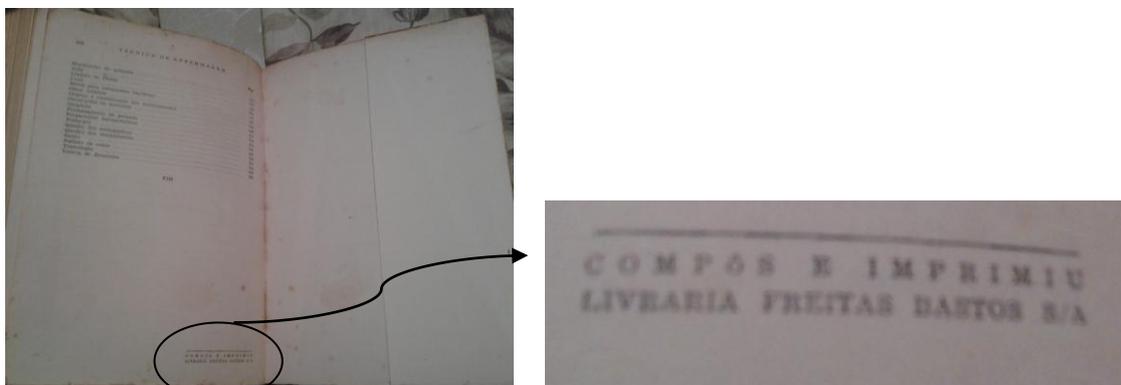


Imagem 53 – Última página do Índice – livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal – 10ª (1963) ed.

É possível perceber, nesse sentido, que o nome da editora funciona também como credenciamento do livro para aqueles que ainda não sabem bem discernir o que lhes deve ser mais adequado e supõem a utilização dos critérios anteriores. Assim, a editora sabe selecionar para o leitor, que nela pode confiar (TOLEDO, 2010, p. 147).

A produção não só dos livros, mas também dos próprios textos, é um processo que implica, além do gesto da escritura, diferentes momentos, diferentes técnicas e diferentes intervenções. As transações entre as obras e o mundo social não se constituem, unicamente, na apropriação estética e simbólica de objetos ordinários, de linguagens, de práticas rituais ou cotidianas. Quem explica é Chartier (2010a): “Elas se referem, mais fundamentalmente, às relações múltiplas, móveis, instáveis, amarradas entre o texto e suas materialidades, entre a obra e suas inscrições”. Ainda de acordo com ele, o processo de publicação, seja qual for sua modalidade, sempre é coletivo, já que não separa a materialidade do texto da textualidade do livro.

Portanto, o livro, segundo Araújo Neto (2006), materializa e possibilita a inserção cultural e socioeconômica do autor, o que, de forma tautológica, reforça a necessidade de se afirmar a identidade de um autor por via da materialidade do livro: um nome na capa que preside um objeto que contém sentidos. Daí a validade de um estudo orientado para a materialidade e estética textual dos livros, como possibilitadores de apreensão de sentidos.

Nesse sentido, aquilo que poderia parecer apenas um adorno agradável aos olhos de possíveis leitores-consumidores ou algo que materialize uma estratégia mercadológica passa a apresentar outras possibilidades de leitura. Além de demandar,

por exemplo, uma compreensão histórico-sociológica da questão, a obra desemboca na necessidade do aporte da semiótica como instrumental capaz de permitir as associações entre texto e objeto (ARAÚJO NETO, 2006).

As relações que regem a produção de sentidos através da materialidade e textualidade do livro, vale destacar, são caracterizadas por um movimento contraditório. Por um lado, cada leitor é confrontado por todo um conjunto de constrangimentos e regras. O autor, o editor, o comentador, enfim, todos pensam em controlar mais de perto a produção do sentido, fazendo com que os textos escritos, publicados ou autorizados por eles sejam compreendidos, sem qualquer variação possível, à luz de sua vontade prescritiva. Por outro lado, a leitura é, por definição, rebelde e vadia. Os artifícios de que lançam mão os leitores para ler nas entrelinhas e subverter as lições impostas são infinitos (CHARTIER, 1994, p. 07 - 10).

O livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, visou instaurar uma ordem. Sua materialidade e estética textual, conforme preconiza Chartier (1994), sugerem, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. Entre esse determinismo da forma, de um lado, e, de outro, essa liberdade do leitor, é possível, no entanto, estabelecer um terreno médio, que o mesmo Chartier (2012c) designa como uma limitação transgredida e uma liberdade cerceada. As limitações existem, estão nos textos, nos objetos que veiculam esses textos, nas vozes que enunciam seu sentido, e procuram definir um significado. Essas, porém, ligadas ao texto ou à própria forma do livro, nunca atingem o seu objetivo por completo. E o leitor nunca está totalmente sujeito a esses sistemas de controles. Desse modo, estamos de fato lidando com limitações possivelmente transgredidas, mas, inversamente, seria um erro acreditar também que essa liberdade do leitor seja absoluta. Na verdade, esta liberdade está sempre cerceada, e seus primeiros limites serão dados pelas competências de leitura.

Compreende-se, desta forma, que as obras estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, segundo Chartier (1994), os autores sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce. Esses aspectos servirão de apoio para as análises e discussões que serão trabalhadas na próxima seção.



## 5 LEITURAS E REPRESENTAÇÕES – A TÉCNICA NO CONTEXTO DA ENFERMAGEM

Numerosas são as reflexões destinadas às relações entre as atividades simbólicas e as formas e suportes de transmissão do escrito (CHARTIER, 2003a, p. 17).

A colocação de Chartier propõe a noção de representação como a mais apta a articular as divisões objetivas do mundo social com as estruturas de percepção, de classificação e de julgamento dos indivíduos ou dos grupos. Representação aqui é definida em sua dupla acepção, isto é,

[...] uma que pensa a construção das identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm o poder de classificar e nomear e a definição, submetida e resistente que cada comunidade produz de si mesma; a outra que considera o recorte objetivado como a tradução do crédito concedido à representação que cada grupo faz de si mesmo, portanto à sua capacidade de fazer com que se reconheça sua existência a partir de uma exibição de unidade (Chartier, 1991).

Roger Chartier sugere, desse modo, uma proposta historiográfica cujo projeto seria “reconhecer a maneira como os atores sociais investiam de sentido suas práticas e seus discursos”, buscando evidenciar “como, em contextos diversos e mediante práticas diferentes [...], estabelece-se o paradoxal entrecruzamento de restrições transgredidas e de liberdades restringidas”.

O cruzamento inédito de enfoques temporalmente distantes uns dos outros (a crítica textual, a sociologia cultural), unidos pelo projeto de uma nova história cultural, acarreta um desafio fundamental: trata-se de compreender como as apropriações concretas e as invenções dos leitores dependem, em seu conjunto, dos efeitos de sentido para os quais apontam as próprias obras, os usos e significados impostos pelas formas de sua publicação e circulação, além das concorrências e expectativas que regem a relação que cada comunidade mantém com a cultura escrita (CHARTIER, 2010a, p. 43).

O objeto fundamental de uma história que se propõe reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus enunciados se situa, portanto, na tensão. Tensão essa provocada, por um lado, pelas capacidades inventivas dos

indivíduos ou das comunidades. Por outro, pelas restrições e convenções que limitam – de maneira mais ou menos clara conforme a posição que ocupam nas relações de dominação – o que lhes é possível pensar, dizer e fazer. A partir dessa observação, compreende-se a importância de um conceito como o de “representação”. Essa noção permite vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais (CHARTIER, 2010a, p. 49).

Nesse sentido, busca-se, a partir daí, entender, a partir da materialidade, dos sentidos produzidos e das diversas representações incutidas no livro *Técnica de Enfermagem*, os indícios de circulação da obra, suas formas de apropriação, as práticas de leitura e as possíveis representações emitidas na relação obra x autor x leitor x contexto da época. Sendo assim, para apontar traços que possibilitem tal relação, vamos manter, como ponto de partida, a obra *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal. Afinal de contas, e fazendo nossas as palavras de Chartier (2009, p. 105), “o único indício do uso do livro é o próprio livro. Disso decorre também sua imperiosa sedução”.

### **5.1 Circulação do Livro “Técnica de Enfermagem” – a inexpressividade do objeto cultural face sua importância histórica**

No intuito de possibilitar o entendimento do processo pelo qual os leitores, segundo Chartier (2002, p. 255), dão sentido aos textos dos quais se apropriam, buscou-se inicialmente identificar os indícios de circulação do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal. Nesse sentido, procurou-se constituir como representações os vestígios de circulação da obra que pudessem indicar as práticas constitutivas de qualquer objetivação histórica (CHARTIER, 1990).

A circulação do livro compreende a “constituição de um público sem que as pessoas estejam necessariamente no mesmo lugar, em mútua proximidade” (CHARTIER, 2001, p. 64). Dessa forma, uma produção pode ser concebida objetivando uma circulação mais ampla, em que autores e editores pretendem ganhar um público mais numeroso. Circulação, nesse sentido, caracteriza um espaço de recepção, imaginado antes ou durante os processos de produção do texto e produção do impresso. Ela (a circulação) revela um público e constitui o indício que caracteriza a circulação de um discurso.

### 5.1.1 A Circulação do Livro em uma Instituição de Ensino

Assim sendo, não se pode falar em circulação do livro sem tentar avaliar quem possuía esses livros, quem os lia, qual era a conjuntura do impresso (CHARTIER, 2012b, p. 163). Tal investigação, em nosso caso, se deu, primeiramente, no acervo do Centro de Memória da Faculdade de Enfermagem da UERJ<sup>64</sup>, e os resultados ali encontrados refletem a circulação da obra na referida instituição, caracterizando também uma comunidade de leitores específica.

Foi possível encontrar nos relatórios das diretoras da atual Faculdade de Enfermagem da UERJ os “Mapas de Frequência à Biblioteca”. Esses registros descreviam as obras consultadas na biblioteca da escola. É possível identificar, por meio deles, quem consultava as obras (alunas de uma série específica ou diplomadas) e quais obras eram consultadas (as obras consultadas aparecem por título ou categoria)<sup>65</sup>. Para compreender melhor o que era lido por essas alunas e diplomadas, foram analisados os mapas do ano de 1949 a 1963<sup>66</sup>.

É interessante destacar o investimento que a referida escola, recém-inaugurada à época, fez para adquirir obras para a biblioteca. Os relatórios produzidos pelas diretoras, na ocasião, revelam que, em 1949, 62 obras foram compradas, das quais 54 consideradas didáticas e 08 recreativas. No ano seguinte, em 1950, a biblioteca já dispunha de 319 obras didáticas e 53 recreativas. Em 1952, esses números evoluíram, respectivamente, para 414 títulos didáticos e 52 recreativos. Como não foi encontrado o

---

<sup>64</sup> Buscou-se focar as buscas nas duas instituições de ensino onde Zaíra Cintra Vidal teve atuação: as atuais Faculdades de Enfermagem da Universidade do estado do Rio de Janeiro – UERJ e Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Por motivo de greve dos funcionários administrativos, conforme relatado na Seção III, Procedimentos Metodológicos, não foi possível o acesso aos documentos da Escola de Enfermagem Anna Nery.

<sup>65</sup> Apêndice 3: Quadros III a XVI com Mapas de Frequência à Biblioteca da atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, detalhados por ano.

<sup>66</sup> O relatório do ano de 1949 não especifica se contempla informações do ano inteiro ou um semestre específico; O relatório de 1950 refere-se ao 1º semestre; O relatório de 1952 refere-se ao 1º semestre; O relatório de 1953 diz respeito ao 2º semestre e o de 1954 aos 1º e 2º semestres; Já o de 1955 abrange os 1º e 2º semestres, assim como o de 1956. O relatório de 1957 refere-se só ao 2º semestre; O de 1958 volta a informar sobre os 1º e 2º semestres, a exemplo do balanço de 1959; na sequência, os relatórios de 1960 e 1961 abrangem os dois semestres. Finalmente, os relatórios de 1962 e 1963 referem-se apenas ao 1º semestre. Os dados encontrados foram encontrados nos relatórios existentes no Centro de Memória da FENF/UERJ. Anos e semestres que não aparecem neste estudo indicam que os relatórios não foram encontrados no referido acervo.

relatório de 1951, supõe-se que naquele exercício novos títulos tenham sido incorporados ao acervo. A variação notada na quantidade de livros na biblioteca, para mais ou para menos, nos leva a crer que a biblioteca era permanentemente atualizada – mediante a compra de obras recém-lançadas e a retirada das que fossem consideradas desatualizadas.

Em 1953, a biblioteca reunia 458 livros didáticos e 82 livros recreativos. No segundo semestre deste ano, encontramos o relato segundo o qual a Escola, no período em questão, não conseguira adquirir nenhum livro por falta de licitantes nas concorrências administrativas. A informação foi confirmada a partir de uma consulta feita ao orçamento da Escola. Segundo o documento, a instituição dispunha de 10.000 cruzeiros, a título de saldo para gastos com “livros e semelhantes”, que constavam como não gastos. Em 1954, com efeito, a biblioteca acusava a mesma quantidade de livros didáticos e recreativos do ano anterior (1953), e um registro de que “não haviam sido adquiridas obras didáticas por falta de verba”.

Mais adiante, em 1955, a Escola também não comprou livros para a biblioteca, e manteve a mesma quantidade de obras remanescentes de 1953. É bom destacar, porém, que no orçamento apresentado, a receita de 50.000 cruzeiros, vinculada a gastos com “livros e semelhantes”, foi totalmente gasta, não havendo no documento sobre o destino dado ao dinheiro. Não conseguimos identificar também o que a expressão “livros e semelhantes” designava. Decorridos mais três anos, em 1956, o mesmo fenômeno se repetiu: o único registro sobre livros encontrado no orçamento, os mesmos 50.000 cruzeiros, aparece como não gasto no período. O ano de 1957, no entanto, traz uma novidade: o número de obras existentes na biblioteca, 446 livros didáticos e 40 livros recreativos, indica uma redução no número de obras disponíveis. Naquele exercício novas obras não foram adquiridas, apesar da mesma receita, da ordem de 50.000 cruzeiros, estar disponível.

Já no ano de 1958, há o registro da existência de 206 livros didáticos e 80 livros recreativos, após a aquisição de 15 títulos, totalizando 39 exemplares. Nesse relatório aparece o primeiro registro das aquisições de livros de forma detalhada. Assim foi possível observar que todos os livros adquiridos eram didáticos e com sobrenomes que nos levam a crer que seus autores eram estrangeiros. Identificamos neste universo apenas um título com a palavra “Enfermagem”: dois exemplares do livro *Enfermeiro e Cirurgia*. Os outros livros listados possuem temas amplos, gerais, voltados para a área da saúde, tais como “Microbiologia”, “Fisiologia Humana”, dentre outros.

O ano de 1959 se destaca por ter sido o ano em que a Escola mais adquiriu obras para a biblioteca. No primeiro semestre foram adquiridos 15 títulos, porém não é possível saber quantos exemplares de cada um foi comprado, assim como o relatório não detalha o nome dos autores das obras adquiridas. Pelo título percebe-se, porém, que pelo menos um era estrangeiro: *Enfermeiro em Cirurgia y Calsarete*. Vale destacar também que a instituição adquiria com frequência dicionários. O *Dicionário Espanhol Português*, por exemplo, foi adquirido neste exercício para ajudar as alunas que liam as obras não traduzidas. Já no segundo semestre de 1959, foram adquiridos 57 títulos, totalizando 134 exemplares. Nessa listagem, mais detalhada, é possível identificar que 26 títulos eram de autores brasileiros, 02 títulos não tinham os autores identificados e 29 eram de autores estrangeiros. É importante sublinhar que o segundo semestre de 1959 registrou o maior investimento nos livros de autores brasileiros em relação às informações colhidas sobre os anos anteriores. Desses 57 títulos adquiridos, 18 eram didáticos e 39 eram recreativos. Apesar de parecer que houve um maior investimento em livros recreativos, quando analisamos o número de exemplares adquirido de cada título, concluímos que 94 eram do grupo dos títulos didáticos e 40 pertenciam ao grupo dos recreativos.

Ainda na listagem de 1959 identificamos a palavra “Enfermagem” em apenas 04 títulos: *Manual de la enfermeira moderna* (autor estrangeiro – aquisição de 01 exemplar); *Manual de Técnica de Enfermagem* (de Elvira de Felice Souza<sup>67</sup> – aquisição de 08 exemplares); *História da Enfermagem* (de Waleska Paixão<sup>68</sup> – aquisição de 08 exemplares); e *Técnica de Enfermagem* (de Zaíra Cintra Vidal – aquisição de 10 exemplares). Figuram na lista ainda os títulos *Administração de Medicamentos e preparo de solução* (de Elvira F. Souza – aquisição de 08 exemplares) e o *Técnica de Ataduras* (de Zaíra Cintra Vidal – aquisição de 10 exemplares), livros de autoras brasileiras também destinados à Enfermagem. Muito embora a maioria dos livros

---

<sup>67</sup> Elvira de Felice Souza formou-se enfermeira no ano de 1945, na então Escola Ana Néri, hoje Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ). Como diplomada construiu uma dedicada e extensa carreira docente, ministrou disciplinas de graduação e pós-graduação. Na EEAN lecionou os Fundamentos da Enfermagem durante 27 anos. Foi diretora da Escola Anna Nery de 1971 a 1975. Suas inúmeras contribuições na área acadêmica e na vida associativa renderam a autoria dos livros: *Administração de Medicamentos e Preparo de Soluções*, de 1955, e, o que alcançou maior repercussão, *Manual de Técnica de Enfermagem* (LUCENA; BARREIRA; BAPTISTA, 2010, p. 14).

<sup>68</sup> Enfermeira diplomada, em 1938, pela Escola de Enfermagem Carlos Chagas, da Universidade Federal de Minas Gerais (EECC/UFMG), iniciou sua trajetória na Enfermagem como docente na referida escola antes mesmo de ser enfermeira. Começou a dar aulas de “Drogas e Soluções” e “Psicologia” e passou a ser aluna da escola, ao mesmo tempo em que trabalhava como docente. Quatro meses após sua formatura, foi designada para assumir o cargo de Diretora da EECC (AZEVEDO; CARVALHO; GOMES, 2009; SANTOS; CALDEIRA; MOREIRA, 2010).

didáticos estivessem voltados para temas de disciplinas básicas, tais como anatomia, fisiologia e parasitologia, percebemos um investimento maior em livros destinados não só à Enfermagem, assim como uma inclinação mais acentuada na escolha de autores brasileiros.

Os títulos com maior número de exemplares adquiridos foram os seguintes: *Elementos de Anatomia e Fisiologia*, 15 exemplares, seguido de *Técnica de Enfermagem*, *Técnica de Ataduras* (ambos de Zaíra Cintra Vidal) e *Compêndio de Parasitologia* (autor estrangeiro), com aquisição de 10 exemplares cada. Na sequência vieram o *Manual de Técnica de Enfermagem*, *Administração de Medicamentos e preparo de solução* (ambos de Elvira de F. Souza) e *História da Enfermagem* (de Waleska Paixão), com 08 exemplares cada um deles. A leitura destes números nos levou a constatar e compreender melhor o destaque que os livros de Enfermagem escritos por enfermeiras brasileiras vinham obtendo à época. Consequência direta, sem dúvida, do investimento e do crescimento da profissão, aliados ao crescente reconhecimento do trabalho das profissionais que haviam se formado e atuavam tanto no sistema de saúde quanto no de ensino de enfermagem no país.

É interessante destacar ainda os títulos recreativos adquiridos e mantidos na biblioteca da escola a partir das aquisições feitas no 2º semestre de 1959. Nesta ocasião cresceram os investimentos em obras de autores brasileiros, tais como José de Alencar (*Diva*, *Iracema*, *Senhora*, *Guerra dos Mascates*, *Minas de Pratas* e *Tronco do Ipê*), Manuel Bandeira (*Flauta de Papel*), Machado de Assis, Erico Veríssimo (*O resto é silêncio*), Visconde de Taunay (*Retirada da Laguna* e *Inocência*) e Rachel de Queiroz (*100 Crônicas Escolhidas*).

A disponibilização de obras literárias na biblioteca de uma escola de enfermagem reforça a representação de intelectualidade colocada como necessária às alunas de enfermagem e enfermeiras. Tal fato pode ser destacado ainda no livro *Arte e Técnica da Enfermagem*, do médico Mário Rangel, onde ele aborda o “gosto literário e cultura” como sendo uma das “qualidades intelectuais da enfermeira” (Rangel, 1953, p. 286-287), conforme mostra trecho reproduzido abaixo.

Tôda enfermeira que deseja vencer na profissão precisa dedicar atenção à leitura e cultivar seu gosto literário. Não deve limitar-se a ler somente livros sobre Enfermagem: a enfermeira que assim fizer ficará muito bem informada sobre sua profissão mas possuirá visão estreita e falta de cultura em outros campos. Deve a enfermeira ler também algumas obras de ficção (romances) e outras, guiando-se pelas recomendações da crítica literária ou de pessoas

cultas de suas relações. Há livros que são verdadeiros tônicos para o espírito, outros são verdadeiros sedativos. Convém ter sempre alguns bons livros à cabeceira da cama. Assim, num momento de folga, basta estender o braço e apanhar o livro (Rangel, 1953, p. 287).

Emerge aqui um fato a ser destacado: O despontar de outra obra com o termo “técnica de enfermagem” no seu título. Intitulado inicialmente como *Manual de Técnica de Enfermagem*, de autoria de Elvira de Felice Souza, foi publicado pela primeira vez em 1957. Formada pela Escola Anna Nery em 1945, Elvira iniciou a elaboração nesse seu último ano de curso. Em 1946 já iniciou sua atuação enquanto docente da sua escola de formação, lecionando a disciplina Arte de Enfermagem. Elvira fez cursos de pós-graduação fora do país e teve diversos cargos e atuações de importância na Escola Anna Nery (LUCENA; BARREIRA; BAPTISTA, 2010, p. 16).

O livro foi compilado e mimeografado pela primeira vez em 1948, e sua repercussão de sucesso fez com que um planejamento maior houvesse para que fosse publicado de fato em 1957 (LUCENA; BARREIRA; BAPTISTA, 2010, p. 16). Numa trajetória profissional e de produção de conhecimento para a enfermagem muito semelhante à de Zaíra Cintra Vidal, Elvira é preparada para evoluir, propositalmente, nos conhecimentos até então produzidos e publicados.

Num cenário de disputa com a Escola de Enfermagem de São Paulo e com outras obras sobre técnicas de enfermagem já circulantes, a estratégia da Escola Anna Nery, conforme sinaliza estudo de Fonte (2009, p. 84-94), foi investir na qualidade dos seus professores, através de cursos de pós-graduação dentro e fora do país, no intuito de investir num bem maior: a qualidade do ensino prestado. Essa estratégia mostrou-se eficaz no sentido de trazer novamente à Escola Anna Nery as representações de capital científico e dominação do campo da enfermagem, principalmente ao publicar uma nova obra sobre o que era tido como a arte da enfermagem: a técnica.

Tomando por base a primeira edição do livro de Elvira, são apresentados temas diretamente relacionados à profissão, como o valor da saúde, o que é enfermagem, e o hospital (funções, classificação, organização), e passa ao item “Introdução à Técnica de Enfermagem”. A seguir, a autora prossegue apresentando as condições gerais para a boa execução técnica, fundamentando com alguns princípios gerais. Quanto à distribuição dos conteúdos pelas páginas da obra, verifica-se que das 168 páginas analisadas, cerca de 80% (135:168) são dedicadas às técnicas de enfermagem, enquanto os outros 20% (33:168) contêm informações advindas de outras áreas do conhecimento (biologia,

física, química, etc.) que fundamentam a realização das técnicas. Quanto à explanação das técnicas de enfermagem, as seis edições do Manual apresentam o mesmo modelo, contendo os tópicos: finalidades; material necessário; material acessório; método; e pontos a observar (LUCENA; BARREIRA; BAPTISTA, 2010, p. 17).

O Manual, ao longo de suas seis edições (e outras vinte e sete reimpressões)<sup>69</sup>, é constantemente atualizado, inclusive no que diz respeito à evolução do saber de enfermagem, como veremos na próxima seção. Porém, ao surgir, em sua 4ª edição, publicada em 1966, com um novo título, *Novo Manual de Técnica de Enfermagem*, é possível entendê-lo como o sucessor do livro de Zaíra, principalmente quando este é publicado pela última vez em 1963 e a nova edição do livro de Elvira aparece em 1966 se apresentando como o *novo* manual sobre a arte de enfermagem.

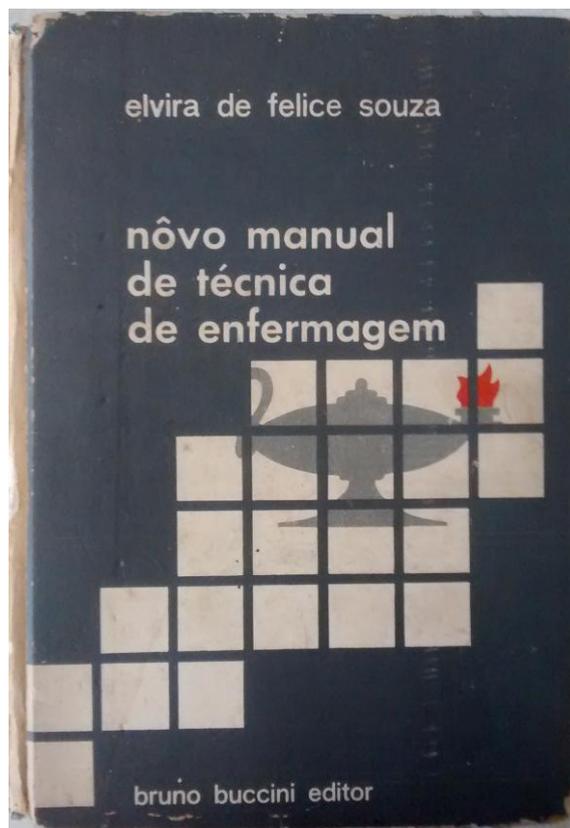


Imagem 54 – Capa do livro *Novo Manual de Técnica de Enfermagem*, de Elvira de Felice Souza, 4ª (1966).

---

<sup>69</sup> O Manual de Técnica de Enfermagem é publicado com esse título em 1957 (1ª Ed.), 1959 (2ª Ed.) e 1962 (3ª Ed.). Aparece com o novo título, Novo Manual de Técnica de Enfermagem, nas edições publicadas em 1966 (4ª ed.), 1972 (5ª Ed.) e 1976 (6ª Ed.). Esta última com 27 reimpressões (LUCENA; BARREIRA; BAPTISTA, 2010, p. 16).

Já no ano de 1960, voltando nosso olhar para a biblioteca da então Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, após a atualização de seu acervo em 1959, contava com 301 livros didáticos e 116 livros recreativos. Não houve aquisição de livros nesse ano, ainda que seu orçamento apontasse um saldo de 200.000,00 cruzeiros para “livros e semelhantes”. Nos anos de 1961 e 1962 também não houve novas aquisições e o número de obras se manteve. Quanto ao ano de 1963, não foi possível encontrar, na atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, nem os chamados “Mapas de Frequência à Biblioteca” ou tampouco os relatos de aquisições e números de obras existentes na biblioteca.

Na publicação<sup>70</sup> “Padrões mínimos para as escolas de enfermagem”, Amália C. de Carvalho, neste mesmo ano de 1963, conta que, do orçamento anual da escola, deveria constar verba suficiente para a biblioteca. Esta dotação, segundo a autora, deveria possibilitar a assinatura de revistas profissionais, aquisição das edições mais recentes dos livros, renovação de estoque antigo, suplementação pelas perdas ocasionais, encadernações e manutenção de vários volumes das obras mais importantes de cada uma das especialidades.

Essa descrição nos permite conhecer e entender melhor a dinâmica e composição da biblioteca da então Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, e a conseqüente circulação dos livros ali guardados, principalmente o objeto maior desse estudo: o título *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal.

Voltemos, então, aos mapas de frequência à biblioteca e a outras informações ali contidas. O período analisado, de 1949 até 1963, registrou 3.197 consultas/empréstimos de obras da biblioteca, das quais 2.700 foram consultas/empréstimos de livros didáticos e 497 consultas/empréstimos de livros recreativos.

Dos empréstimos/consultas feitos aos livros didáticos, observamos a prevalência de certas áreas durante todo o período analisado. Para facilitar a leitura dos números levantados elaboramos dois quadros abaixo reproduzidos. Eles retratam as áreas/livros que apareceram com uma maior frequência nos mapas da biblioteca e com um número expressivo de empréstimos/consultas feitos pelas alunas.

---

<sup>70</sup> Amália C. de Carvalho, enfermeira, publicou texto intitulado “Padrões Mínimos para Escolas de Enfermagem” na Revista Brasileira de Enfermagem, edição de outubro de 1963, página 353.

**Quadro 1** – Áreas temáticas dos livros (temas básicos/gerais) com maior frequência de empréstimos/consultas pelas alunas na biblioteca da atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, 1949 – 1963.

Área/Termos	Nº de Empréstimos/Consultas
Anatomia	194
Fisiologia	123
Microbiologia	52
Patologia	134
Química	66
<b>Total</b>	<b>569</b>

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ. \*As obras consultadas aparecem na listagem pela categoria em que se enquadra.

Os livros consultados relacionados às áreas especificadas acima se destacam nos mapas da biblioteca por coincidirem com as disciplinas que faziam parte da grade curricular da 1ª série do curso de enfermagem da Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Consideradas áreas básicas e determinantes para a compreensão das disciplinas das séries seguintes, é possível entender sua frequência constante e elevada nos mapas analisados.

**Quadro 2** – Áreas temáticas dos livros (temas específicos) com maior frequência de empréstimos/consultas pelas alunas na biblioteca da atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, 1949 – 1963.

Área/Termos	Nº de Empréstimos/Consultas
Tuberculose	18
Obstetrícia	170
Sociologia	72
Saúde Pública/Doenças Transmissíveis	297
Pediatria/Puericultura	05
Psicologia	149
Código Civil Brasileiro	16
<b>Total</b>	<b>727</b>

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ. \*As obras consultadas aparecem na listagem pela categoria em que se enquadra.

Já no que diz respeito às áreas mais específicas, é possível visualizar algumas que se destacam pelo elevado número de consultas feitas pelas alunas, enquanto outros segmentos aparecem com menos destaque/frequência nos mapas da biblioteca. Relacionadas às disciplinas das 2ª e 3ª séries do curso, as especialidades menos requisitadas provavelmente derivavam de interesses específicos das alunas em uma ou outra determinada área. Ou, quem sabe, até mesmo da necessidade de aprofundar um tema específico por dificuldades em alguma outra disciplina.

A análise das obras consultadas pelas alunas, durante o período em questão, nos permitiu observar ainda que, entre as obras consultadas houve a prevalência daquelas que continham em seus enunciados os termos “enfermeira/enfermagem” em detrimento dos termos “médico/medicina”. O dado pode ser conferido no quadro abaixo reproduzido:

**Quadro 3** – Número de consultas/empréstimos de livros com os termos “médico/medicina” ou “enfermeira/enfermagem” pelas alunas na biblioteca da atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, 1949 – 1963.

Área/Termos	Nº de Empréstimos/Consultas
Medicina/Médico	156
Enfermagem/Enfermeira	193

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

Esse dado é relevante porque não só algumas disciplinas eram ministradas por médicos, mas porque à época existiam muitas disciplinas adjetivadas com o termo “médica” ou “médico” no enunciado de seus títulos. Possivelmente a busca por obras específicas de enfermagem se destacavam, em detrimento das obras de áreas/temas médicos, devido ao aumento do número de publicações brasileiras e ao destaque das enfermeiras porta-vozes da profissão, que, ainda que num movimento muito recente, já lutavam para evidenciar e distinguir positivamente a profissão. No primeiro semestre de 1958, por exemplo, das 59 disciplinas existentes na grade curricular, divididas em três séries, apenas 15 tinham a palavra “Enfermagem” em seus nomes. As demais tinham denominações amplas, relacionadas à área em que se enquadravam, como “Química Biológica”, “Clínica Médica”, “Sociologia”, dentre outras.

Nesse contexto foi possível observar o acesso às três obras de Zaíra Cintra Vidal pelas alunas da escola, com destaque para *Técnica de Enfermagem*. O objeto maior deste trabalho aparece nos mapas durante o período analisado, de 1949 até 1963, apesar do acesso a ele não ter sido tão relevante quando comparado com outras obras. Vale destacar, ainda, o acesso ao *Manual de Técnica de Enfermagem*, de Elvira de Felice Souza, que aparece uma única vez no período, com um único acesso. Tal fato pode ser justificado pelo fato de o referido livro ter sido publicado, pela primeira vez, só em 1957.

**Quadro 4** – Consultas/empréstimos aos livros de Zaíra Cintra Vidal e ao *Manual de Técnica de Enfermagem*, de Elvira de Felice Souza, pelas alunas na biblioteca da atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, 1949 – 1963.

<b>Livros</b>	<b>Nº de empréstimos/Consultas</b>
<i>Drogas e Soluções</i>	40
<i>Técnica de Ataduras</i>	63
<i>Técnica de Enfermagem</i>	99
<i>Manual de Técnica de Enfermagem</i>	01

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

Se compararmos os acessos aos livros sobre técnicas de enfermagem com os acessos à outros livros, como os que abrangem os temas bases e os que abrangem os temas específicos, como já foi visto, no mesmo período, percebe-se a falta de expressividade nos números de consultas feitas aos que até então eram tidos, conforme sinalizou o estudo de Almeida e Rocha (1986), como livros-textos e contemplavam o que se acreditava ser a estrutura do saber de enfermagem, o que era tida como a arte de enfermagem: a técnica de enfermagem.

Apesar disso, é interessante notar ainda como a própria instituição, a então Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, valorizava uma de suas principais idealizadoras, Zaíra Cintra Vidal, com a preferência por sua obra no leque de possibilidades oferecido pela biblioteca. A escolha fica clara na disponibilização de quantidades maiores do título *Técnica de Enfermagem* em relação a outras obras. Tal estratégia, porém, não foi o suficiente para que o acesso ao livro fosse tão valorizado quanto o próprio tema e autora.

É interessante observar ainda, no contexto de circulação da literatura sobre enfermagem na instituição, o número de consultas a outros livros - que não os assinados por Zaíra Cintra Vidal e Elvira de Felice Souza - que continham o termo “técnica” em seus títulos e/ou denominação de área em que se enquadravam, podendo caracterizar o acesso a outras obras publicadas à época com o mesmo objetivo, conforme já sinalizado por este estudo. Nos mapas da biblioteca também não foram encontradas obras ou áreas com o termo “cuidado” em suas denominações/títulos, corroborando todos os achados e constatações feitos até aqui.

**Quadro 5** – Consultas/empréstimos a livros com o termo “técnica” e “cuidado” em seus títulos/denominações, pelas alunas na biblioteca da atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, 1949 – 1963.

<b>Termos</b>	<b>Nº de Empréstimos/Consultas</b>
<b>Técnica</b>	173
<b>Cuidado</b>	-

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

Desde a criação da atual Escola de Enfermagem Anna Nery, em 1923, a enfermagem norte-americana forneceu os padrões ideais a serem implantados. Essa influência não aconteceu à toa. Um dos motivos foi a presença frequente de enfermeiras americanas em nosso país. Outro foi a ida de enfermeiras brasileiras aos Estados Unidos (EUA) para cursar a pós-graduação. Um terceiro fator foi a tradução da literatura norte-americana de enfermagem. A prática da enfermagem hospitalar no Brasil, assim, apresentava características herdadas do “taylorismo”, com a divisão do trabalho e a valorização do “como fazer”, especificados em manuais de normas, rotinas e procedimentos técnicos (LUCENA; BARREIRA; BAPTISTA, 2010).

A assistência à saúde dos trabalhadores, com a industrialização nos países centrais, foi sendo assumida então pelo Estado, aliada ao nascimento da medicina social na Alemanha, França e Inglaterra. No Brasil, a intervenção estatal só veio a ocorrer no Século XX, mais efetivamente na década de 1930. De acordo com Bravo (2001), finalmente, no início deste século, surgiram algumas iniciativas de organização do setor saúde, que foram aprofundadas também a partir de 1930.

A conjuntura de 1930, acrescenta Bravo (2000), possibilitou o surgimento de políticas sociais nacionais que respondessem às questões sociais de forma orgânica e sistemática. As questões sociais em geral e as de saúde em particular, já colocadas na década de 1920, precisavam ser enfrentadas de forma mais sofisticada. Tais questões, explica o autor, necessitavam transformar-se em questão política, com a intervenção estatal e a criação de novos aparelhos que contemplassem, de algum modo, os assalariados urbanos. Os trabalhadores se caracterizavam como sujeitos sociais importantes no cenário político nacional, em decorrência da nova dinâmica da acumulação; este processo, sob o domínio do capital industrial, teve como características principais a aceleração da urbanização e a ampliação da massa trabalhadora, em precárias condições de higiene, saúde e habitação.

Assim foi que as principais alternativas adotadas para a saúde pública, no período de 1930 a 1940, foram: ênfase nas campanhas sanitárias; coordenação dos serviços estaduais de saúde dos estados de fraco poder político e econômico, em 1937, pelo Departamento Nacional de Saúde; interiorização das ações para as áreas de endemias rurais, a partir de 1937, em decorrência dos fluxos migratórios de mão de obra para as cidades; criação de serviços de combate às endemias (Serviço Nacional de Febre Amarela, 1937; Serviço de Malária do Nordeste, 1939; Serviço de Malária da Baixada Fluminense, 1940, financiados, os dois primeiros, pela Fundação Rockefeller – de origem norte-americana). Promoveu-se ainda a reorganização do Departamento Nacional de Saúde, em 1941, que incorporou vários serviços de combate às endemias e assumiu o controle da formação de técnicos em saúde pública. Com relação às ações de saúde coletiva, esta foi a época (1930 a 1945) do auge do chamado sanitarismo-campanhista (LIMA; PINTO, 2003).

A Política Nacional de Saúde, que se esboçava desde 1930, foi consolidada no período 1945/1950, com Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) sendo criado ainda durante a 2ª Guerra Mundial, em convênio com órgãos do governo americano e sob o patrocínio da Fundação Rockefeller. No final dos anos 1940, com o Plano Salte, de 1948, que envolvia as áreas de Saúde, Alimentação, Transporte e Energia, a Saúde foi destacada como uma de suas iniciativas principais. O plano apresentava previsões de investimentos de 1949 a 1953, mas não foi implementado (LIMA; PINTO, 2003).

Na década de 1950, quando ocorre o “encontro” do já conhecido *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, com a primeira publicação de *Manual de Técnica de Enfermagem*, de Elvira de Felice Souza, a cidade do Rio de Janeiro vivia seus “anos

dourados”. A época ficaria marcada pelo nacional desenvolvimentismo empreendido durante o governo Juscelino Kubitschek. Com a ampliação do parque industrial e o crescimento da população urbana, o período testemunhou a proliferação da rede hospitalar. Lucena, Barreira e Baptista (2010) lembram os efeitos do crescimento econômico sobre as atividades do setor, ao destacar que surgiram novos espaços para a atuação da enfermagem e a consequente necessidade de maiores contingentes de pessoal com preparo específico para trabalhar nos seus serviços.

A saúde da população, no período de 1945 a 1964, não melhorou e o sistema não conseguiu eliminar o quadro de doenças infecciosas e parasitárias e as elevadas taxas de morbidade e mortalidade. Algumas variações, no entanto, foram identificadas principalmente nos anos de 1950, 1956 e 1963, quando os gastos com saúde pública foram mais favoráveis, havendo melhoria das condições sanitárias (BRAVO, 2000).

Já no campo da educação, entre outras discussões, acontecia um debate em torno da escolaridade das candidatas às escolas de enfermagem. A questão só seria resolvida em 1961, com a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que teve importantes repercussões no processo de inserção mais adequado da enfermagem no nível superior de ensino, como fim da excepcionalidade para acesso sem o ensino secundário completo (LUCENA; BARREIRA; BAPTISTA, 2010).

A ideia mais intensamente propagada neste período era que a doença e a miséria só seriam controladas com o desenvolvimento econômico. No campo da saúde propriamente dito, propunha-se um padrão tecnológico mais racional, de menor custo, integrado em seus vários campos de atuação e sem a influência das leis de mercado. Para Merhy e Queiroz (1993), essa perspectiva rompia com a dicotomia entre assistência médica e saúde pública, subordinando aquela à lógica desta. Previa-se, segundo estes autores, a implantação de serviços permanentes (contendo ações médicas e sanitárias), municipalizados e controlados pelo Estado, segundo uma hierarquia de complexidade tecnológica.

Essa descrição da evolução da saúde pública e do sistema de saúde brasileiro, por mais breve que seja, é necessária e nos ajuda a compreender o complexo pano de fundo por onde a obra de Zaíra Cintra Vidal circulou durante algumas décadas. Auxiliou-nos também a elaborar os sentidos diversos que as representações de sua obra representaram para o ensino de enfermagem brasileiro. A propósito, Chartier (1994) assinala o seguinte:

Não é possível ignorar os contextos através dos quais um texto faz sentido para aqueles que os lêem. [...] É necessária a reconstrução das redes de práticas que organizam, histórica e socialmente, os modos diferenciados que contextualizam o acesso ao texto.

D. F. McKenzie, citado por Chartier (2010a, p. 33 - 43), considera o “mundo do texto” como um mundo de objetos e de performances. Já o “mundo do leitor”, segundo ele, é o da “comunidade de interpretação” à qual pertence e que é definida por um mesmo conjunto de concorrências, normas e usos. Nesse sentido, o estudo da materialidade do texto, aliado ao reconhecimento de seus leitores, tem uma dupla intenção: identificar os efeitos produzidos na condição, na classificação e na percepção das obras pelas transformações de sua forma manuscrita ou impressa. Fez-se necessário, nesse sentido, de acordo com o mesmo Chartier (2010a, p. 33 - 43), aproximar o que a tradição ocidental distanciou perpetuamente: de um lado, a compreensão e a análise das obras; e, de outro, a análise das condições técnicas ou sociais de sua publicação e circulação.

Depreende-se, dessa forma, que, ao traçarmos os indícios de leitura do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, no contexto de circulação de outras obras, almejamos apontar para os traços da existência da comunidade de leitores e de sua circulação entre esses.

### 5.1.2 A Circulação do Livro em Órgãos de Divulgação

Se o papel do historiador é investigar uma realidade que não pode ser acessada senão pela mediação das representações construídas sobre o real, a primeira ação investigativa deveria ser a compreensão dos modos de classificação, divisão e delimitação por meio dos quais cada agente social organiza e categoriza a apreensão do mundo. Levando-se em conta que as percepções do social não são discursos neutros, mas, ao contrário, espaços de lutas de representação. Chartier (1990) assinala, por exemplo, que as lutas de representação têm importância equivalente às lutas econômicas, pois elas permitem compreender “os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio”.

Dessa forma, segundo ele, pode-se pensar justamente em

[...] uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 1990).

Define-se, assim, um fato interessante: “a compreensão possível das práticas, quaisquer sejam elas e como são feitas a partir da obra que as revelam e as traem” (CHARTIER, 2002).

Nesse sentido, olhar para o órgão de divulgação e transmissão de conhecimentos oficial da enfermagem, numa determinada época, nos permite compreender as diversas práticas, significados e formas por meio das quais foram apresentadas ao público as representações que se desejam firmar. Analisar o que é produzido numa revista, escrita para um público específico, supõe conduzir a leitura para o entendimento do que era escrito, para quem era escrito e porque era escrito de tal forma. Não se pretende fazer aqui uma análise profunda dessa revista, mas sim um estudo que torne possível entender, diante de todo o contexto de circulação do livro estudado, nas suas diversas edições, de que forma a técnica se fez representar para um público que era alvo da formação/ensino organizado, de livros circulantes e de uma revista profissional.

A revista de interesse para o complemento desse estudo é, atualmente, denominada Revista Brasileira de Enfermagem. Vamos nos ocupar aqui de uma breve história de sua criação e de suas edições que circularam durante os anos em que o livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, foi publicado e utilizado pelos atores da enfermagem. As revistas de publicação periódicas, sabemos, estão longe de se constituírem fontes inéditas para a historiografia. Mas, as produções que as tomaram enquanto fonte e/ou objeto de análise são reveladoras. Elas demonstram a diversidade de leituras possíveis que os estudos ali divulgados produzem, traduzindo, assim, não só sua função social, mas os interesses envolvidos na sua circulação em tempos e espaços distintos.

No Brasil, o surgimento das primeiras associações e de suas publicações oficiais datam do período colonial, na forma de sociedades religiosas e academias literárias e científicas. De acordo com Pellon (2013), o embrião do associativismo brasileiro teve como cenário a precariedade da oferta de serviços públicos assistenciais – entre eles as

previdências sociais, caixas de invalidez e proteção contra as desigualdades sociais decorrentes das disparidades nas relações locais de poder. Seu aumento, em termos numéricos, se deu principalmente em fins da segunda metade do século XIX, fruto de um excesso de liberalismo republicano que se estendeu desde este período até meados dos anos 1920.

A preocupação da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras – ANEDB (1929 – 1944) com publicações de conteúdos de interesse para a enfermagem floresce no final desta mesma década de 1920. Nascia, assim, a ideia de publicar *Annaes de Enfermagem*, primeira revista de enfermagem brasileira, que teve seu primeiro exemplar publicado em 1932 (MANCIA; PADILHA, 2006, p. 433-434), sob os auspícios da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (ANED), atual ABEn.

A Revista definiu-se, então, como órgão de divulgação e desenvolvimento da profissão. Assim concebida, enfrentou, desde seus primórdios, situações bem críticas e de diversas naturezas<sup>71</sup>. Mas, graças ao empenho de seus dirigentes, a publicação foi mantida. Assim foi que, a partir de 1946, sua circulação ocorreu sem interrupções, muito embora a periodicidade (o número de revistas editado a cada ano) tenha deixado a desejar. No período aqui pesquisado prevaleceu a circulação trimestral, com a edição de quatro números por ano. Já durante outros períodos, entre eles de 1961 a 1963, quando recebeu ajuda financeira da Fundação Rockefeller, a publicação foi bimestral. Nos momentos de maior dificuldade, no entanto, chegou a sair uma vez a cada seis meses e até uma única vez por ano (GERMANO, 2002).

Ainda que o uso da imprensa, aqui representada por uma revista específica (atual Reben), tenha sido utilizado por este estudo de forma a complementar as análises sobre as representações da técnica no livro de Zaíra Cintra Vidal e a circulação deste no próprio veículo, foi importante considerar também, como já foi visto, aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que, segundo Chartier (1994), nada têm de natural. “Mais do que voltar o olhar para a compreensão das práticas

---

<sup>71</sup> Em sua primeira fase, a Revista teve seu momento mais crítico e de maior dificuldade, entre 1941 - 1945, quando sua publicação foi interrompida pelo alto custo do papel, em decorrência da II Guerra Mundial. Ao voltar a ser reeditado, em 1946, o editorial do primeiro número conchama todos a contribuir com a Revista. O texto destaca a importância da publicação enquanto instrumento de divulgação de novos conhecimentos profissionais e elemento aglutinador dos enfermeiros dispersos em todo o território nacional. Além dessa missão, a Revista declinava também, conforme explicitado em outro editorial, o propósito de "servir de depositária das concepções que vão plasmando, moldando e dando existência à enfermagem nacional" (GERMANO, 2002).

diversas de leitura, é válido voltar o olhar para prestar atenção em sua apresentação e forma”, adverte o autor.

Uma vez que os leitores mais assíduos de revistas científicas são os seus próprios pares, quais sejam os membros de uma mesma comunidade, a utilização dessas revistas como modo de comunicação formal representa, segundo Gruszynski (2006), um dos alicerces que sustentam esse grupo. Vale destacar, então, segundo Marchiori e Adami (2005, p. 77), como algumas das funções das revistas, como a disseminação e comunicação do conhecimento e o estabelecimento da propriedade intelectual; conferem prestígio e recompensam autores, editores e membros do conselho editorial. Além de definir e legitimar novas disciplinas e campos de estudo e indicar a evolução de uma ciência.

Dessa forma, buscou-se, a partir daí, discutir as temáticas publicadas pela revista no mesmo período em que circularam as edições do objeto central deste estudo: o livro de Zaíra Cintra Vidal. Com efeito, acerca das temáticas abordadas pela Revista, tentou-se também, na medida do possível, articular tais produções com determinados momentos históricos. A propósito, Luca (2005) sublinha que historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições vigentes e a averiguação do contexto, entre tudo de que se dispunha, do que foi escolhido e seus por quês.

Segundo Germano (2002), em conformidade com outros estudos aqui já citados sobre a revista, tais concepções guardam uma certa sintonia com cada momento político-social vigente no país. Não uma relação necessariamente mecânica. É certo que avanços e recuos se revezaram no debate político no âmbito da sociedade civil. Nem sempre, no entanto, esses confrontos foram condizentes com a discussão que ocorria no interior da enfermagem, notadamente no seu principal veículo de comunicação.

Retomando, pois, o mesmo periódico, na fase anterior a 1955 (quando a capa continha as figuras com traços egípcios), os artigos de maior peso se referiam à formação do enfermeiro e abordavam aspectos relativos ao ensino e à ética da profissão. Nesse sentido, o tom imprimido à produção das edições expressava um forte sentimento de religiosidade. Esse último aspecto, aliás, permeava não apenas essa fase, mas podia ser notado, com maior ou menor intensidade, em todas as fases da revista (GERMANO, 2002).

Associado a este sentimento de religiosidade, depreende-se ainda, de suas páginas, no mesmo período, a existência de um forte apelo para a obediência às ordens oriundas do poder estabelecido. Representações de uma grande valorização da

hierarquia. Essas constatações, aliás, guardam raízes históricas muito profundas e, por isso mesmo, marcaram a profissão, bem como sua produção intelectual (GERMANO, 2002).

Todos esses aspectos, principalmente as representações do espírito de religiosidade associadas à enfermagem, estiveram muito presente nas produções desse período. Isso demonstra que os fatos históricos possuem raízes que se inserem no universo cultural das pessoas e atravessam gerações (GERMANO, 2002).

Nos números da revista publicados durante a década de 1930, notamos um volume maior de artigos voltados para a temática de Saúde Pública, em detrimento de matérias relacionadas à Assistência Hospitalar. Apesar de o tema da Saúde Pública ter mais destaque, é nesse período que Zaíra Cintra Vidal se destaca com a circulação de sua obra e temática nas publicações da revista. Essa tendência não será mais notada a partir do retorno da publicação da revista, em 1946. É nessa primeira fase da revista, antes desse período de interrupção de sua publicação, que a obra de Zaíra aparece, citada ou anunciada na revista com uma maior frequência, principalmente nas edições que contavam com a seção intitulada “Apanhados de Técnica”.

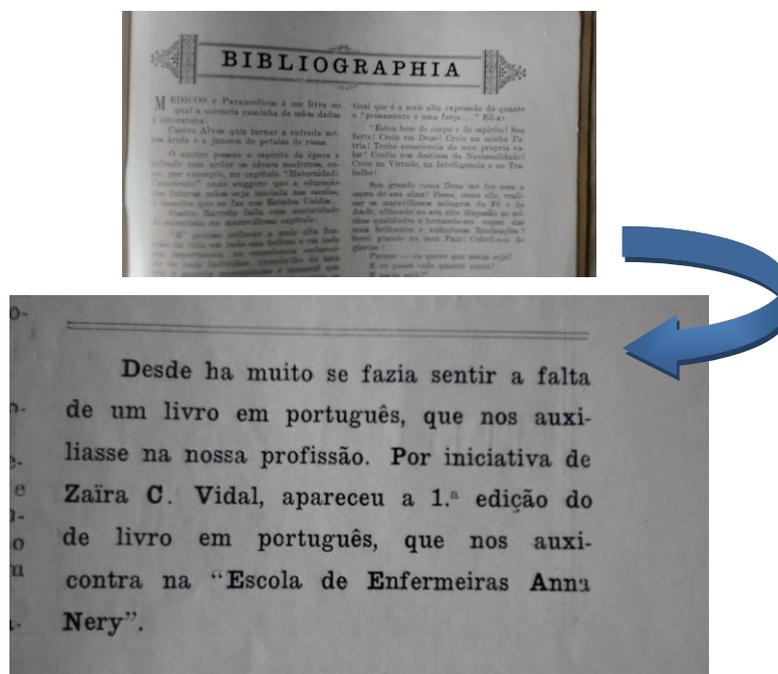


Imagem 55 – Anúncio sobre o livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, *Annaes de Enfermagem* – Dez./1933. Fonte: Arquivo Lacenf – EEAP – UNIRIO.

Apesar de o assunto *Técnica de Enfermagem* não ter tanto destaque quanto o da Saúde Pública, foi nesse período que o livro ganhou representatividade e virou

referência na área. Notamos ainda que, posteriormente, a técnica, assim como os temas de assistência hospitalar, ganharam relevância, ao mesmo tempo em que Zaíra, e seu manual, começam a perder notoriedade enquanto norteadores de um saber específico.

Na década de 1940 do século passado, quando a revista volta a ser publicada, o teor dos artigos que tratavam da formação do enfermeiro ainda era o mesmo, muito embora contasse com a participação de novos articulistas. Na década seguinte, a de 1950, algumas edições deixam transparecer um certo receio de que a competência técnica do enfermeiro pudesse se sobrepor ao seu sentimento de religiosidade. Assim foi que, à época, a própria diretora da Escola de Enfermagem Anna Nery fez a seguinte advertência:

Cabe aqui lembrar que, se foi um erro antigo considerar alguém capaz de exercer a enfermagem só pela bondade e capacidade de dedicação, é ainda mais grave o erro moderno de hipertrofiar o aspecto técnico e científico da profissão... (PAIXÃO, 1956, p. 228).

Sobre o mesmo tema, a Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo, em carta aberta às enfermeiras do Brasil, por ocasião do seu segundo decênio, em 1959, argumentava que "[...] é *mister* convencer-mos de que, para a enfermeira, a técnica é uma manifestação prática da caridade"<sup>72</sup>.

Tal forma de chamar a atenção tinha uma razão de ser. Na década de 1950, houve um aumento considerável do número de publicações com temáticas voltadas para a assistência hospitalar - inclusive voltadas para as técnicas de enfermagem. Acompanhadas ou não da apresentação de uma teoria, a técnica de enfermagem ganhou destaque na revista nesse período, aparecendo no Sumário de algumas edições da *Annaes de Enfermagem* com uma seção dedicada exclusivamente ao tópico “Técnica de Enfermagem”. Foi só a partir do ano de 1958, no entanto, que o aumento de publicações voltadas para a área de Saúde Pública suplantou o volume daquelas que priorizavam a assistência hospitalar. As publicações sobre as técnicas de enfermagem, então, desaparecem da revista, assim como as costumeiras descrições da técnica.

Já o tema da educação, destacado em todo o período analisado, referia-se, em grande medida, ao ensino de graduação propriamente dito, mas dispensava atenção à profissionalização de nível médio, matéria que, aliás, sempre ocupou um espaço

---

<sup>72</sup> Texto publicado na Revista Brasileira de Enfermagem, por Mader Aurea da Cruz, intitulado “O propósito da federalização da Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo”, finalizado com uma “Carta às Enfermeiras do Brasil”, 1959, p. 69-70.

expressivo no ranking das preocupações dos dirigentes da enfermagem. As reformas curriculares nos dois níveis - graduação e médio – acabariam ocupando várias páginas da revista (GERMANO, 2002).

Assim, a temática do ensino em geral, a discussão acerca das diferentes propostas curriculares, os históricos das grandes escolas e a ética constituíram a base do que se considera aqui como ‘categoria educação’. Germano (2002) entende inclusive que a atenção dispensada a esse tema é indiscutível e se faz presente, com maior ou menor intensidade, em todas as suas fases.

Reportando-nos, pois, aos anos de 1950 e 1960, o tema da educação extrapola o somatório de todas as áreas que constituem a assistência. É possível que as políticas sociais dos governos da época (período Juscelino Kubitschek e depois Jânio Quadros e João Goulart) tenham exercido alguma influência na produção relacionada às questões da educação e da saúde. Apesar da política populista, que marca a época anterior à ditadura militar, instalada a partir de 1964, é também nessa mesma conjuntura populista que, segundo Weffort (1978), citado por Germano (2002), houve um espaço para a expressão de insatisfações – ainda que o período em questão tenha sido marcado pela manipulação das classes populares. Vale salientar que nesse quadro estão incluídas também as publicações de interesse profissional e da vida associativa, pródigas no período pré-ditadura.

Desde o final da década de 1940 começava a ficar evidente uma inversão dos gastos públicos e como isso favoreceu a assistência médica em detrimento da saúde pública. Isso ajuda a entender o crescimento do número de matérias sobre assistência hospitalar na Revista. Nos anos de 1960, é bom destacar, a dicotomia assistência médica/saúde pública radicalizou-se no interior de um modelo institucional que mostrava ações pontuais e desordenadas, incapazes de conter a miséria e as péssimas condições de saúde da população brasileira, advertem Merhy e Queiroz (1993). É nesta mesma década de 1960, porém, que tem início, em várias partes do mundo, os debates em torno da determinação econômica e social da saúde. São essas as discussões que irão pavimentar, a partir daí, a estrada que acabaria ampliando a abordagem positiva no campo da Saúde Pública de então. Os impactos e reflexos dessa discussão só seriam vistos com maior clareza na organização das políticas públicas brasileiras alguns anos depois. Seu debate já nos anos sessenta, no entanto, auxilia muito a compreensão do aumento das publicações voltadas para essa área, o que, na prática, já representava um reflexo do ensino e da prática profissional da enfermagem.

Outro fator a ser observado, quando voltamos nosso olhar para as publicações na Revista, é a autoria dos textos que eram publicados, traduzidos ou escritos por brasileiros. É possível notar, em todo o período analisado, matérias assinadas por enfermeiras e médicos brasileiros e de outros países (estas últimas devidamente traduzidas). O fato de a Revista ter suas publicações vinculadas à figura do médico, permitiu que a enfermagem, mais uma vez, usufruísse de seu prestígio para conquistar o reconhecimento profissional, nesse caso, de uma revista recém-criada. A publicação, na prática, fazia a ligação da profissão de enfermeira a um saber que tinha status, uma forma de conhecimento próximo da Ciência. Com o tempo, as preocupações da categoria deram origem à ambição de construir um saber próprio. E seus veículos condutores não foram outros senão as publicações das nossas enfermeiras brasileiras, tanto na(s) revista(s) quanto por meio da literatura que crescia a olhos vistos.

Assim foi que Marina de Andrade Resende, em publicação<sup>73</sup> na já denominada Revista Brasileira de Enfermagem, em 1963, chamou a atenção dos leitores para a literatura profissional e a enfermagem: “A comunicação direta é excelente, mas restrita; a comunicação impressa é duradoura e de alcance mensurável”, escreveu ela.

É possível perceber, assim, que, em qualquer época, a Revista veiculava um discurso que pretendia produzir um certo tipo de ordem na assistência à saúde. Tanto nas instituições, quanto nos corpos de enfermeiras e nos pacientes. E a técnica de enfermagem, como já foi visto, se fez representar, como um conhecimento científico em construção pela Enfermagem, em momentos distintos e de formas diferenciadas, e, dessa forma, como um saber de enfermagem a ser valorizado. Um discurso no qual as enfermeiras confiavam, e que era dirigido principalmente para professores e alunas. Não por acaso, o público que mais frequentemente consumia os textos. Na REBEn se encontravam as vozes que estavam autorizadas a falar pela enfermagem, praticar o discurso “válido” sobre a profissão e dizer o que era “verdadeiro”. Na revista se encontravam os discursos possíveis, isto é, aqueles que estabeleciam o que poderia ser pensado, escrito e dito sobre a enfermagem (KRUSE, 2006).

Pretendemos destacar com essa discussão, e com os aspectos que foram aqui apresentados e discutidos, o distintivo que conferiu às enfermeiras, que estiveram à frente da revista em diferentes épocas, o título de as enunciadoras autorizadas de discursos condutores de práticas. À luz do que Chartier (1990, p.52) subtrai do

---

<sup>73</sup> Marina de Andrade Resende publicou texto intitulado: “Literatura profissional e Enfermagem”, na Revista Brasileira de Enfermagem, junho de 1963, página: 138.

pensamento de Koyré (1962), as mudanças que delinearão a composição das publicações, na sua materialidade e textualidade, demonstram que a passagem de um sistema de representação a outro pode ser entendida simultaneamente como uma ruptura radical, tanto nos saberes, como também nas próprias estruturas de pensamento. E esse processo se caracteriza por ser repleto de hesitações, de retrocessos e de bloqueios. Nota-se aqui, em nosso caso, que as mudanças percebidas no periódico, ao longo do período analisado, privilegiou o deslocamento de uma preocupação. E essa transformação se deu com o reconhecimento do lugar sociocultural privilegiado da revista e, conseqüentemente, da Associação, no processo de construção de um campo enunciativo. Um espaço em que se deveria consolidar a presença das enfermeiras como as detentoras do conhecimento científico sobre os temas afetos ao exercício da profissão.

Outra fonte de buscas para este estudo, no intuito de caracterizar a circulação do livro de Zaíra nos periódicos da época, foi a Hemeroteca Digital Brasileira<sup>74</sup>, onde a Biblioteca Nacional disponibiliza parte do acervo de periódicos em formato digital. Foram realizadas buscas nos periódicos existentes à época das publicações das edições do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, através do título do livro e do nome da autora. Não foi encontrada qualquer menção ao livro de Zaíra, apenas reportagens que destacavam as representações de prestígio, poder e detenção do saber sobre a técnica de enfermagem intrínseca à figura de Zaíra Cintra Vidal.

As reportagens que traziam Zaíra como figura de destaque à época, porta-voz de um discurso autorizado sobre a enfermagem, foram encontradas nos seguintes periódicos: *Gazeta de Notícias* (referente aos anos de 1942, 1943 e 1954); *Jornal do Brasil* (RJ) (referente aos anos de 1942 e 1951); *O Jornal* (RJ) (referente ao ano de 1942); *O Radical* (RJ) (referente aos anos de 1939 e 1942); *Revista da Semana* (referente ao ano de 1938). Tais reportagens versavam sobre cursos onde Zaíra teve alguma participação, principalmente voltados para as técnicas de enfermagem, onde era considerada referência no assunto; representações de Zaíra em eventos institucionais; aspectos sobre as Escolas Anna Nery e Rachel Haddock Lobo, onde Zaíra teve atuação destacada.

---

<sup>74</sup> Buscas realizadas nos dias 25 e 27 de setembro de 2014. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>.



Imagem 56 – Reportagem publicada em 03/09/1942, no periódico *Gazeta de Notícias*, onde é possível encontrar a figura de Zaira Cintra Vidal em destaque.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira – Fundação Biblioteca Nacional.

Apesar de nenhuma forma de circulação do livro ter sido destacada pelos periódicos destinados ao público em geral à época, nota-se a valorização da figura de Zaira enquanto elemento representante da enfermagem e do tema abordado pelo livro, as técnicas de enfermagem, constituintes de um saber inerente da profissão.

É possível concluir, então, que a autoridade de um poder ou a dominação de um grupo dependem do crédito outorgado ou recusado às representações que proponham de si mesmos (CHARTIER, 2010a, p. 50). Nesse sentido, identifica-se a figura de Zaira Cintra Vidal como enfermeira formada por uma escola padrão, com cursos feitos fora do país, idealizadora e organizadora de uma escola de referência. Ela era, assim, conhecida pelos seus feitos. E a percepção que a comunidade de leitores tinha dela

conferia à autora crédito e influência, ainda que não favorecesse a circulação de suas obras.

Aqui é necessário compreender como as representações e os discursos constroem as relações de dominação e como eles próprios dependem dos recursos desiguais e dos interesses contrários que separam aqueles, cuja potência legitimam, daqueles cuja submissão asseguram (ou deveriam assegurar) (CHARTIER, 2010a, p. 51).

Entendida dessa maneira, a noção de representação não nos afasta nem do real nem do social. Ela ajuda apenas os pesquisadores a se desfazerem da “ideia muito magra do real”, lembra Foucault. As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa. Elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é. É nesses espaços que surgem as brechas que rompem as sociedades e as incorporam nos indivíduos. Conduzir este estudo usando como bússola a noção de representações é, conforme Chartier (2010a, p. 51 – 52), vincular o poder de uma obra ao contexto que nos permite lê-la e identificá-la com as categorias mentais, socialmente diferenciadas, que são as matrizes das classificações e dos julgamentos.

Como se pode notar, o livro, de fato, e nesse caso a revista (de forma complementar) também, vão ao encontro das palavras de Chartier (1994, p. 08), quando ele diz que as publicações visam instaurar uma ordem. Todavia, essa ordem, de múltiplas fisionomias, como foi visto até aqui, não obteve a onipotência de anular a liberdade dos leitores. Ainda que limitada pelas competências e convenções, a liberdade sabe como se desviar e reformular as significações que a reduziram. Essa dialética entre a imposição e a apropriação, entre os limites transgredidos e as liberdades refreadas não obedece ao mesmo mecanismo em toda a parte, o tempo todo e com todo mundo. Reconhecer, assim, as suas modalidades diversas e suas múltiplas variações deve ser o objeto primeiro de um projeto de leitura. Um projeto de leitura, enfim, é aquele empenhado em capturar, nas suas diferenças, as identidades entre os leitores e sua arte de ler.

Os textos presentes nos impressos, livros ou revistas, constroem, assim, representações que são essenciais para uma história das práticas da leitura. Identificar as estratégias e os discursos que construíram as representações da técnica de enfermagem, em diversos períodos, enquanto constituinte de um saber da enfermagem, ora com maior ou menor destaque, depende de algumas circunstâncias. Uma delas é o contexto.

Outra são as intenções das referências e dos porta-vozes autorizados da enfermagem em determinada época. A tarefa do pesquisador é compreender as relações entre artefatos, práticas e mundo social e, numa perspectiva científica e de um certo modo estética, estabelecer suas relações com a literatura, a cultura e a sociedade.

## **5.2 Práticas de Leitura – materialidade do texto, corporalidade do leitor**

Roger Chartier (2009, p. 96) propõe um estudo das práticas de leitura inscritas no próprio objeto impresso, já que todo texto, segundo ele, “traz em suas linhas os vestígios da leitura que seu editor supõe existir nele e nos limites de sua possível recepção”. Nessa definição, deve-se considerar que os sentidos atribuídos a um texto dependem de uma série de dispositivos e regras que permitem e restringem a formação desses sentidos. É preciso considerar, ainda, que o “mundo do leitor” está ligado à “comunidade de interpretação” a que ele pertence. É ali, no seu universo, em que se partilham um conjunto de competências, de normas, de usos e de interesses. Daí a importância atribuída por Chartier (2002, p. 258) à “materialidade dos textos” e à “corporalidade dos leitores”. O processo pelo qual são atribuídos sentidos aos materiais impressos só pode ser reconstituído a partir da relação entre três aspectos: “o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera” (CHARTIER, 1990, p. 127).

Não constitui uma tarefa fácil, porém, segundo Chartier (2009, p. 77 – 105), esclarecer as práticas de leitura a partir do retorno ao objeto impresso. Este último traz em suas páginas e em suas linhas os vestígios da leitura que a autora e seus colaboradores supõem existir nele. O livro carrega consigo também os limites de sua possível recepção. Caracterizar as formas de apropriação com as representações da realidade e assinalar meios para a compreensão de sua capacidade de influenciar a estruturação do campo da enfermagem é uma empreitada difícil. Chartier não se debruçou sobre essa questão, no âmbito da história cultural das ciências, por considerar não ser de sua competência. Mas não furtou, aos seus leitores, uma apresentação dos caminhos a se percorrer para manter a fidedignidade aos seus postulados teóricos. Segundo o autor, a história cultural das ciências privilegia alguns temas que lhe são caros. Entre eles estão,

[...] as negociações que definem a condição de reprodução de experiências e possibilitam comparar ou acumular seus resultados; as convenções que definem os critérios da prova (da credibilidade que se pode atribuir, ou recusar, às testemunhas em função de suas condições sociais, até medidas objetivas dos fenômenos registrados pelos aparelhos científicos); e as controvérsias que promovem o embate não só das categorias antagonistas, mas também das concepções contraditórias das práticas que devem reger o conhecimento do mundo natural (CHARTIER, 2011, p. 34-35).

O historiador afirma ainda que se ocupou unicamente no sentido de superar as categorias pretendidas por Foucault. A saber, “a do acontecimento e a da disciplina, compreendidas como herança francesa das ciências, ou a de autor, aplicada aos modos de atribuição das descobertas e das experiências científicas” (CHARTIER, 2011, p. 34-35).

Nossa intenção, então, é resgatar as formas pelas quais a leitura do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, consolidou, de uma certa forma, as bases científicas de ordenação do campo da enfermagem. Além da materialidade e da estética textual, já aprofundadas na seção anterior, assim como a identificação dos indícios da circulação da obra feita anteriormente, serão discutidos ainda os vestígios deixados pelos leitores nos exemplares encontrados. Nosso intuito é contribuir para o entendimento do processo pelo qual os leitores, segundo Chartier (2002, p. 255), dão sentido aos textos dos quais se apropriam.

É preciso entender, nesse contexto, que a forma como o mecanismo da apropriação trabalha baseia-se em dois fios condutores. E cada um deles pode gerar uma aparente contradição ao observarmos o livro dentro dos contextos sociais. Esses fios condutores são as variáveis de coerção e as de liberdade. As coerções são as leis, o direito e as regras escritas ou não da sociedade. Constituem todo um conjunto de imposições sociais que limitam a liberdade de ação, de invenção e de apropriação da leitura. Essas limitações podem vir inclusive do próprio leitor, por meio da auto-censura (consciente ou automática) resultante de uma educação formal e imposta de cima para baixo. Dentre os elementos de coerção temos as estratégias editoriais, as censuras de estado ou instituições, direitos autorais, a própria estrutura textual, as expectativas do leitor para com o texto, as opiniões alheias sobre ele, as condições físicas de leitura e muitos outros (CAVALLO; CHARTIER, 1998).

O segundo fio condutor seria a liberdade, que vem da capacidade dos leitores se apoderarem dos textos, criando-lhes um novo sentido a partir de suas expectativas de

leitura. É o espaço livre entre as coerções no qual o leitor interpreta o conteúdo e os usos dos textos e age por conta própria. Não existe nada, no entanto, que determina que o leitor não possa transpor as coerções e agir além delas (ALTIERI, 2010).

No interior dos territórios assim propostos aos seus percursos, os leitores se apoderam dos livros (ou dos outros objetos impressos), e dão-lhes um sentido, envolvem-nos com suas expectativas. Essa apropriação não se faz sem regras nem sem limites. Algumas provêm das estratégias usadas pelo próprio texto, que deseja produzir efeitos, ditar uma postura, obrigar o leitor. As armadilhas que lhes são preparadas e nas quais ele deve cair, sem nem mesmo dar-se conta, estão na proporção da inventividade rebelde que sempre se supõe existir sobre ele (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 38).

Segundo Altieri (2010) as comunidades de leitores - grupos de pessoas com técnicas, gestos e maneiras em comum na leitura - fecham sua concepção de apropriação. Esses agrupamentos são formados por indivíduos que podem partilhar de uma mesma profissão, morar em uma mesma localidade e ter objetivos e perspectivas de vida bem próximos. “Ainda assim, eles diferem entre si porque possuem toda uma pessoalidade” (ALTIERI, 2010).

### 5.2.1 Apropriação do livro através dos vestígios dos seus leitores

As formas de composição da materialidade da obra nos levam a acreditar que a leitura deveria se dar no âmbito de uma leitura silenciosa e concentrada por requerer, minimamente, o reconhecimento dos signos imanentes à área que procurava se tratar. Dito de outra forma, a composição textual e estética intencionava-se para uma leitura que exigia certo grau de familiaridade do leitor com os signos inerentes à área da enfermagem. Essa intimidade possibilitava ao leitor contribuir para a construção da autoridade de enunciar dos autores, através da identificação que faziam com a representação sobre si mesmos e sobre os outros.

A organização do todo, a forma de descrição dos conteúdos, os espaços em branco destinados a anotações pelo leitor, as imagens utilizadas na produção do sentido e na compreensão do texto, as poucas modificações identificadas em sua materialidade ao longo das edições em análise, indicando o sucesso do formato escolhido para a

disseminação do conhecimento, levam a crer que ele foi, imperiosamente, objeto de apropriação didática em meio acadêmico.

Mais do que conhecer a obra e sua autora, um estudo sobre sua materialidade e estética textual permite redesenhar os leitores almejados por suas práticas de construção e organização. Ao analisarmos a materialidade do livro e os dispositivos editoriais constitutivos das edições em foco, torna-se possível reconhecer estratégias que prescrevem leituras e modos de ler a seu público (TOLEDO, 2010, p. 140).

Tais entendimentos e percepções ficam ainda mais claros quando voltamos nosso olhar para os vestígios deixados pela comunidade de leitores nas edições aqui analisadas. Ao aprofundar-se nos procedimentos adotados por Michel de Certeau, Chartier (1994, p. 11 – 12) discute o desafio inquietante para toda a história que se propõe a inventariar e racionalizar uma prática – a leitura – que raramente deixa marcas, e que, ao dispersar-se em uma infinidade de atos singulares, liberta-se de todos os entraves que visam submetê-la. Nesse sentido, um projeto, inicialmente, apoia-se num duplo postulado: que a leitura não está, ainda, inscrita no texto, e que não há, portanto, distância pensável entre o sentido que lhe é imposto (pela autora e seus colaboradores, pelo uso) e a interpretação que pode ser feita por seus leitores. Isto posto, Chartier (1994, p. 11) afirma que “um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado”.

Chartier (2003a, p. 41 – 42) aborda ainda que, desde o tempo que o impressor encarregou-se dos signos, marcas e títulos (de capítulos ou cabeças de página), o leitor não poderia insinuar sua escritura a não ser em espaços em branco do livro. O objeto impresso lhe impunha sua forma, sua estrutura, seu espaço e não supunha, de maneira alguma, sua participação. E se o leitor pretendia, ainda assim, marcar sua presença no objeto, só poderia fazê-lo ocupando, de forma ilícita, quase clandestinamente, os lugares do livro deixados de lado pela escrita: a contracapa da encadernação, folhas deixadas em branco, margens do texto, entre outros.

Tal assertiva não se enquadra no livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, tendo em vista os espaços planejados e organizados para uma participação do leitor. O que não o proíbe de exercer sua liberdade ao apropriar-se do livro, fazendo uso também dos espaços não planejados, não autorizados para tal participação.

A materialidade do livro afeta, assim, a construção do sentido do texto e ao mesmo tempo aponta para os traços de circulação (como marcas de posse, menções de compra, de doação e empréstimo) e de apropriação do livro (como trechos sublinhados,

anotações, índices pessoais, textos manuscritos, entre outros) (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 37).

Na 1ª edição (1933) do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, é possível identificar diversas marcas deixadas pela leitora que possuía a obra à época, caracterizando formas de ler e formas de uso da obra. Isso conduziu a análise a diversas significações.

Foi possível encontrar registros feitos pela aluna/leitora que foi dona do exemplar da 1ª edição (1933) do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal. Ao folhear todo o livro, notamos que a maior parte dos registros foram feitos em espaços onde a participação do leitor não era prevista pela organização do livro. Muito embora a publicação dedicasse um lugar destinado especificamente às anotações dos estudantes.

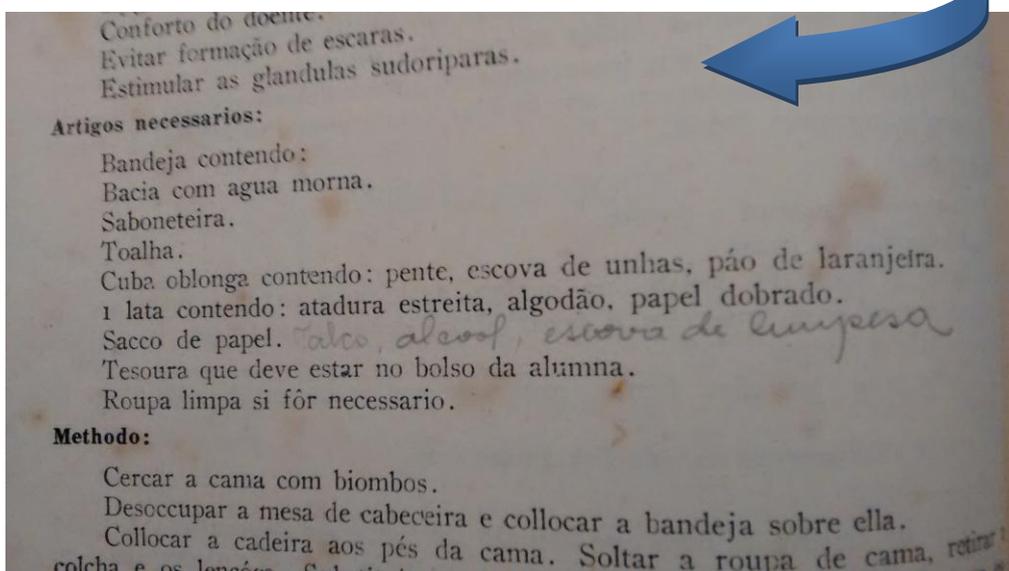
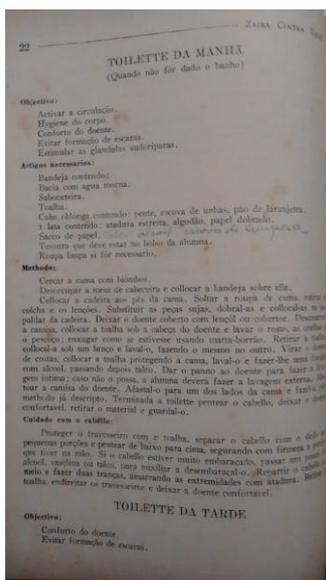


Imagem 57 (com ampliação) – descrição de uma técnica com registros da aluna/leitora – página 22 do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, 1933.

Como se pode notar na imagem anterior, e na imagem 58, logo abaixo, a aluna realizava seus registros junto às descrições das técnicas, e não nos espaços reservados a este tipo de anotação. Esse hábito foi notado ao longo de todo o livro e, mais do que isso, observamos que essa forma de registrar uma informação, atrelada a itens específicos do texto impresso, ocorreu em número maior do que os registros feitos nas áreas específicas. É possível concluir, lendo as anotações da aluna, que tais itens eram, possivelmente, escritos durante as aulas. À medida que a professora ia dando as explicações sobre a técnica, as observações importantes a serem lembradas (e não descritas no material impresso) eram acrescentadas, pela aluna, no local que tivesse

ligação com o que estava sendo explicado. Isso seguramente facilitava o estudo e o entendimento da matéria fora da sala de aula.

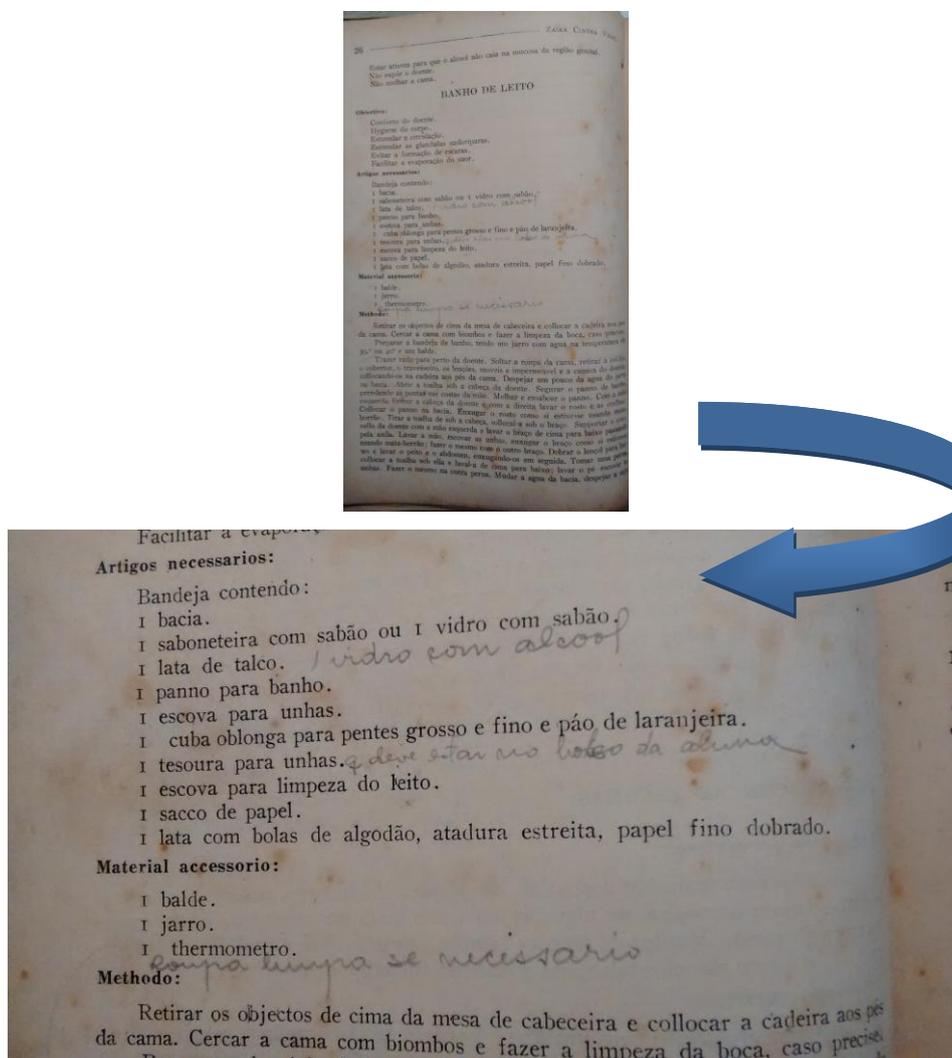


Imagem 58 (com ampliação) – descrição de uma técnica com registros da aluna/leitora – página 26 do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, 1933.

Outra forma de anotação encontrada, e que servia de guia para a própria aluna/leitora do livro, durante seus estudos e sua prática escolar, foram algumas marcações específicas de quando algumas aulas foram dadas. Na imagem 59, logo abaixo, é possível identificar a data em que uma técnica foi ensinada. É possível encontrar ainda traços no final das técnicas, indicando até onde a aula havia ido, deixando entrever que mais de uma técnica de enfermagem era ensinada por aula. Tais vestígios deixam claro a representação intelectual esperada das futuras enfermeiras, que deveriam assimilar mais de uma técnica por aula.

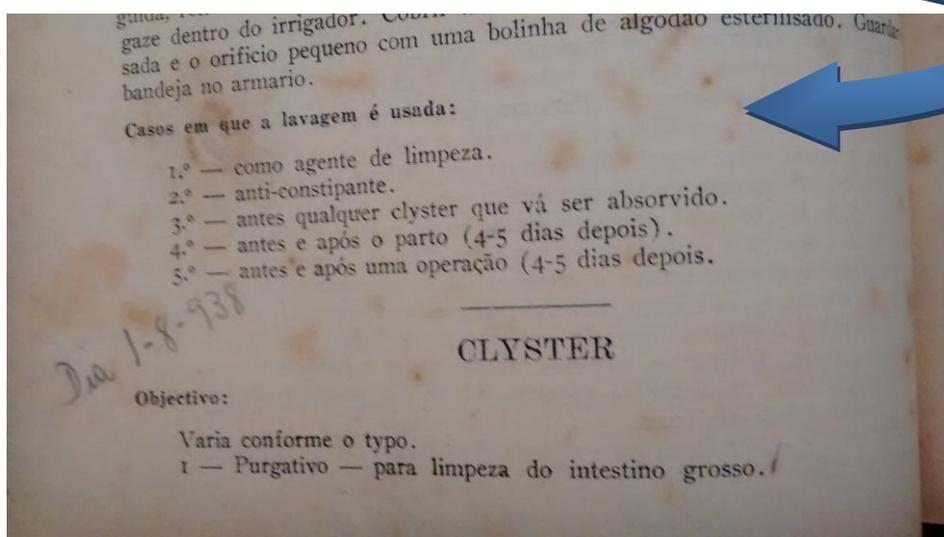
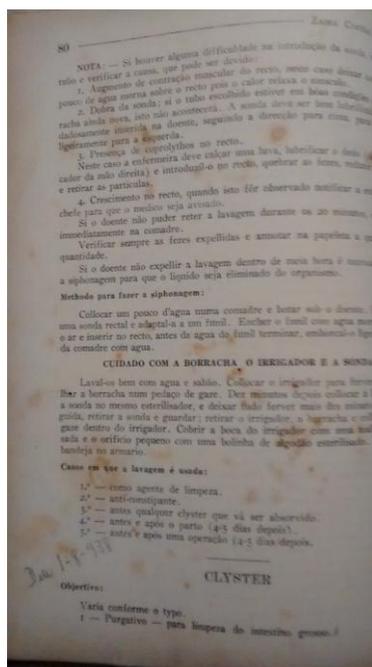


Imagem 59 (com ampliação) – descrição de uma técnica com registros da aluna/leitora – página 80 do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, 1933.

Quando voltamos nossa atenção para os espaços “autorizados” para as anotações, na seção “Apontamentos” do livro, identificamos que, em sua maioria, eles estavam em branco, conforme mostra a imagem 61. Nos espaços onde foram encontradas anotações, no entanto, as observações foram feitas de acordo com a “ordem” imposta pelo livro (imagem 60). Iniciada com o termo “Observações”, a aluna descreve itens a serem lembrados, de relação direta com a técnica descrita anteriormente, e os complementa com informações que, de fato, não cabiam ser colocadas em outro local senão nesse espaço específico.

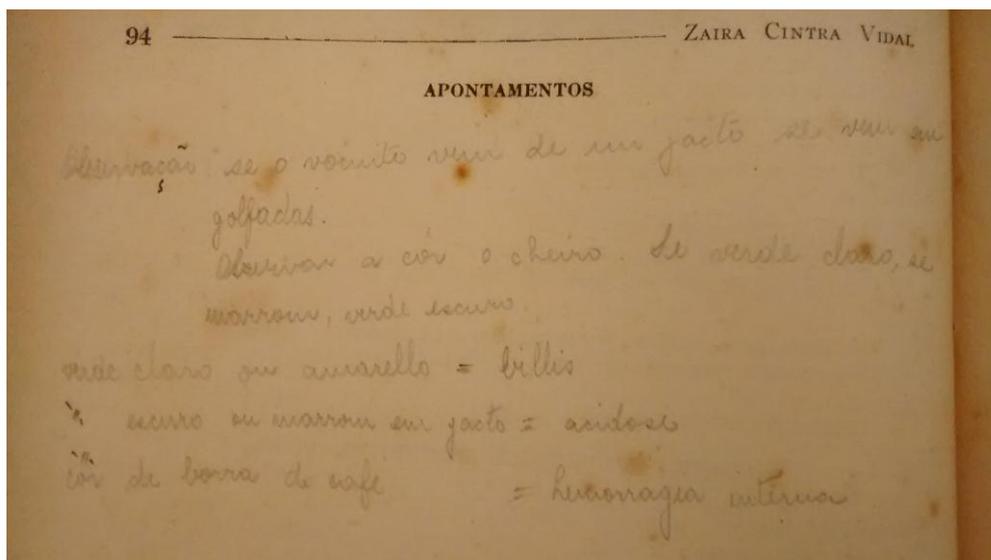


Imagem 60 – Parte destinada a Apontamentos, com registros da aluna/leitora – página 94 do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, 1933.



Imagem 61 – Parte destinada a Apontamentos, em branco – página 88 do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, 1933.

Outra edição do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira Cintra Vidal, onde foi possível encontrar vestígios de leitura e de usos do livro foi a de 1953 (7ª edição), que pertence ao acervo do Centro de Memória da Faculdade de Enfermagem da UERJ. O livro, que foi de uma aluna e docente da referida escola, possui diversas anotações que nos permitiram refletir sobre os usos e as formas de leitura do livro.

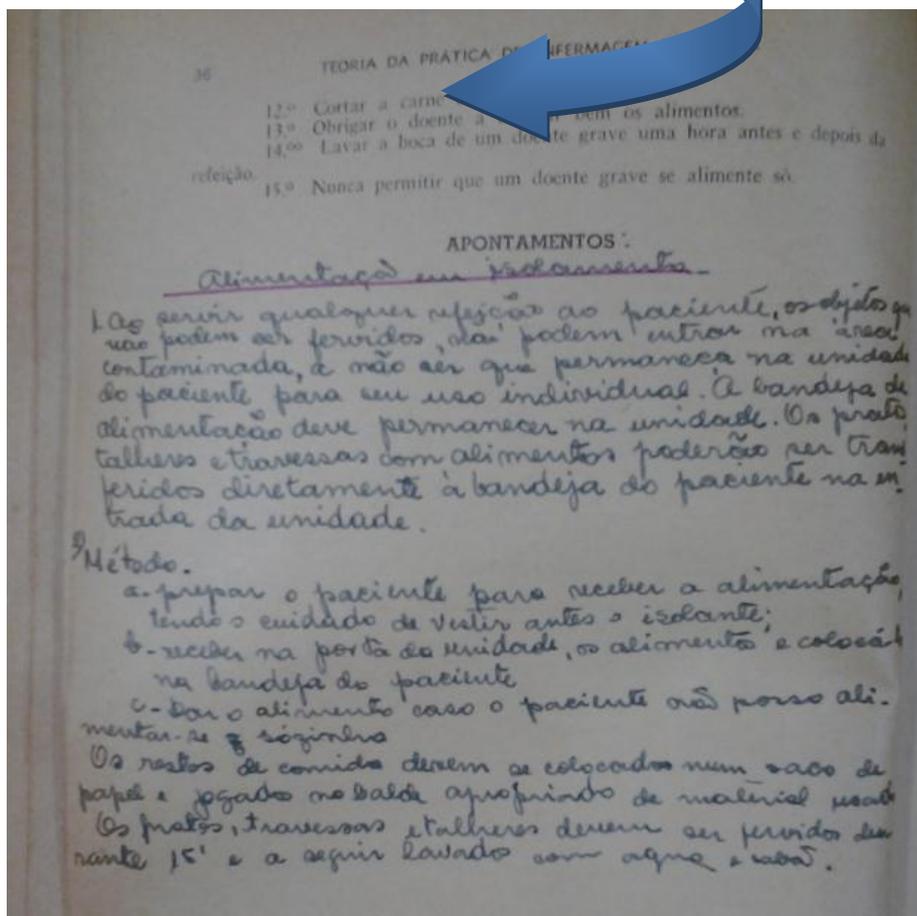
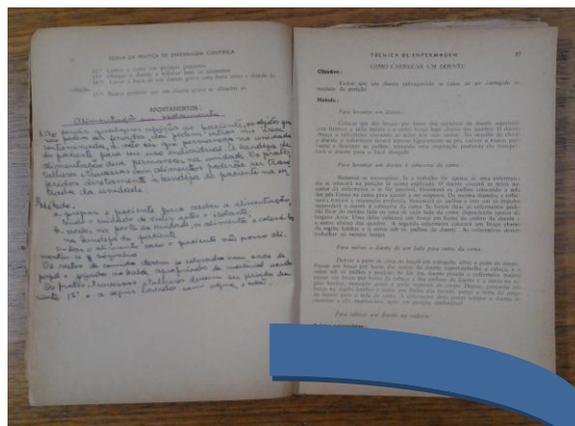


Imagem 62 – Parte destinada a Apontamentos, com registros da aluna/leitora – página 36 do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, 1953.

Na imagem 62, acima, e na imagem 63, logo abaixo, podemos notar, tal qual na 1ª edição, a área reservada para anotações repleta de escritos feitos pela aluna/leitora. Mais uma vez, percebe-se que as anotações não constam no texto publicado no livro. Os escritos ali registrados se referem provavelmente a observações tidas como relevantes em sala de aula.

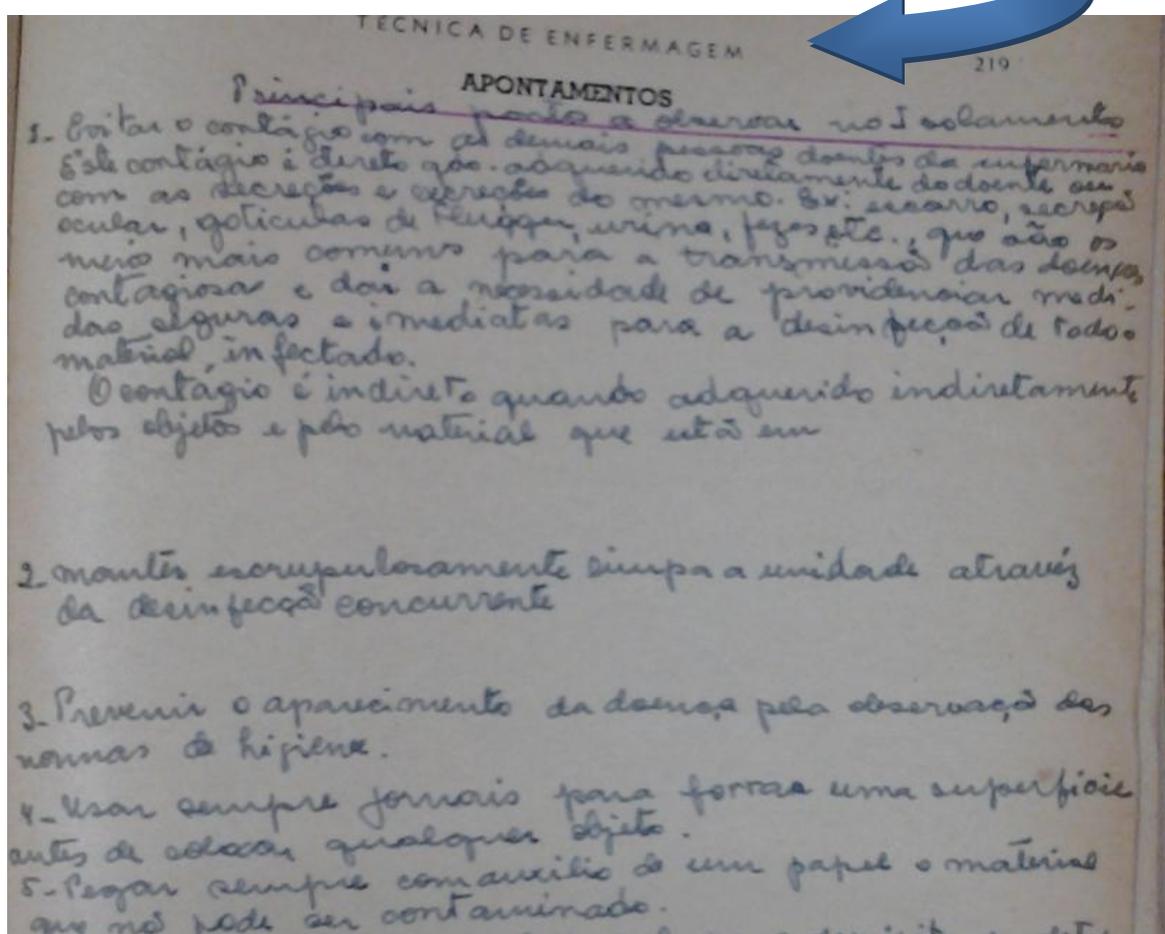
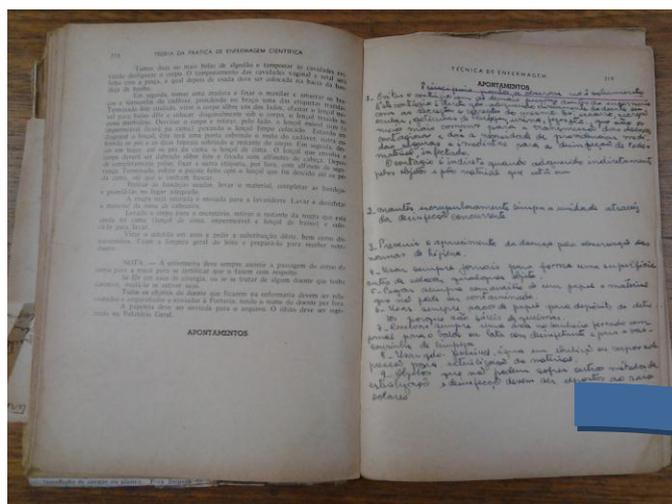
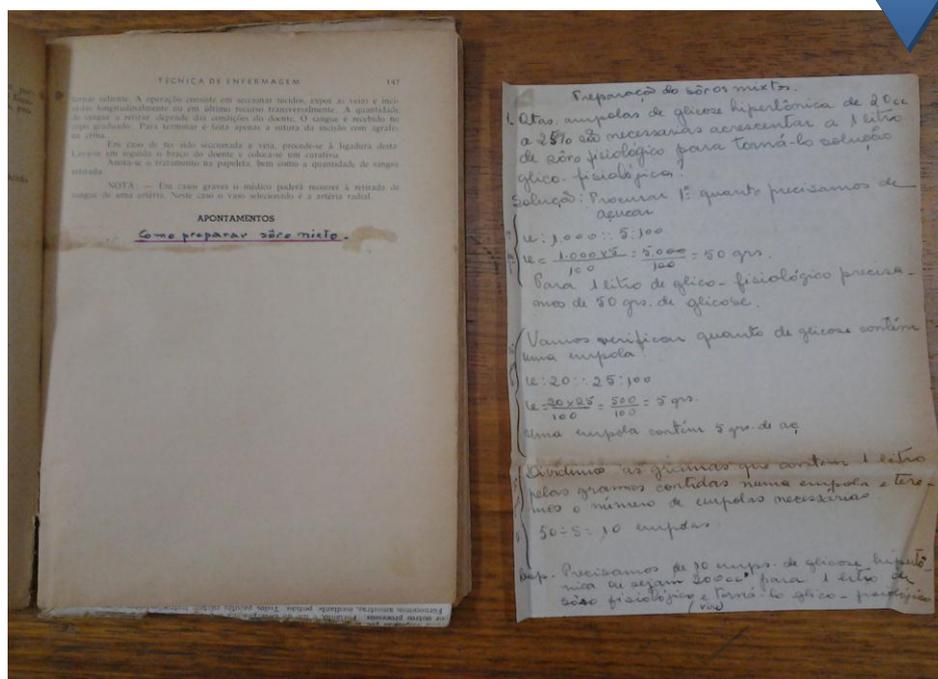
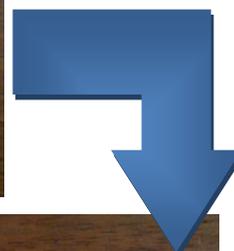
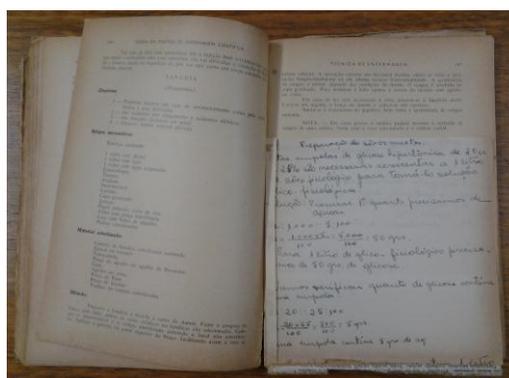


Imagem 63 – Parte destinada a Apontamentos, com registros da aluna/leitora – página 219 do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, 1953.

Diferentemente dos usos da aluna/leitora dona da unidade da obra em sua 1ª edição, a aluna dona da 7ª edição encontrada usou mais os espaços destinados especificamente às anotações. Mais do que um complemento às técnicas, as anotações traziam representações de cuidado para com o atendimento a prestar, através de detalhes

que traduzem a prudência, o aprimoramento, a precaução e a responsabilidade que o executar e o pensar exigiam da futura enfermeira.

Além das anotações, encontramos também papéis com registros sobre técnicas específicas, complementares ao conteúdo do livro, que foram anexados nos locais destinados a “Apontamentos”. Eles continham dobras, inclusive, para ocupar o local reservado exclusivamente para tal, conforme se vê nas imagens 64 e 65, abaixo reproduzidas.



Imagens 64 e 65 – Parte destinada a Apontamentos, com registros da aluna/leitora em folha solta anexada à página – página 147 do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, 1953.

Quanto aos espaços “não autorizados” pela organização da obra, notamos alguns poucos registros feitos ao longo do livro. Uma quantidade bem reduzida quando comparada ao volume de anotações feito nos espaços de “Apontamentos”. Tais registros ostentavam as mesmas características dos encontrados na 1ª edição, com observações,



TÉCNICA DE ENFERMAGEM 95

Método de anotar um tratamento no relatório de enfermeira

Data	Hora	Med.	Alim.	observações <i>Tratamento</i>	<i>Tratamento</i> Observações	Inicial
	10.00			Lavagem intestinal — 1 litro água 1 c. s. glicerina		A. C.
	10.45				A lavagem produziu efeito satisfatório.	A. C.
	10.45				Foi enviada urina para o la- boratório	A. C.
	11.00			Clistor purgativo		I. C.
	11.20				A doente não espeliu o clisto	

Imagem 67 – Descrição de uma técnica com registros da aluna/leitora – página 95 do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaira C. Vidal, 1953.

Outro aspecto interessante a ser observado é o apenso de outros papéis, que não foram elaborados pela própria aluna/leitora. Encontrou-se colado às páginas do livro, no meio de páginas que tratavam de uma técnica específica, de relação direta com o material, um panfleto explicativo sobre um equipamento hospitalar, da empresa “Indústrias Químicas Mangua S.A.”, localizada à época em Duque de Caxias. Mais do que um panfleto de divulgação de uma tecnologia específica, o impresso trazia instruções detalhadas de uso e de limpeza, descritos passo a passo, de forma semelhante à descrição das técnicas apresentadas no livro. É possível observar ainda o nome da aluna escrito à caneta nas páginas do panfleto. Tal observação pode ser entendida como uma cortesia acadêmica, no intuito de instruir sobre o uso de um material a ser comprado/utilizado pelas instituições de saúde do governo. Afinal de contas, essas futuras enfermeiras realizariam nos hospitais públicos seus estágios<sup>75</sup> e trabalhariam ali, muito possivelmente, após sua formação.

<sup>75</sup> Nos anos de 1953 e 1954 as alunas realizavam os estágios nos Hospitais Pedro Ernesto, Francisco de Castro, Anchieta, Maternidade Henrique Baptista e Centro de Saúde Escola. Nos anos de 1955 e 1956, as alunas realizavam os estágios nos Hospitais Pedro Ernesto, Francisco de Castro, Anchieta, Maternidade de São Cristóvão e Centros de Saúde Escola. Nos anos de 1957 a 1961 as alunas realizavam os estágios nos Hospitais Pedro Ernesto, Francisco de Castro, Anchieta, Jesus, Maternidade de São Cristóvão e Centro de Saúde Escola. Não foram encontrados registros referentes aos anos anteriores a 1953 e nem dos anos de 1962 e 1963. Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

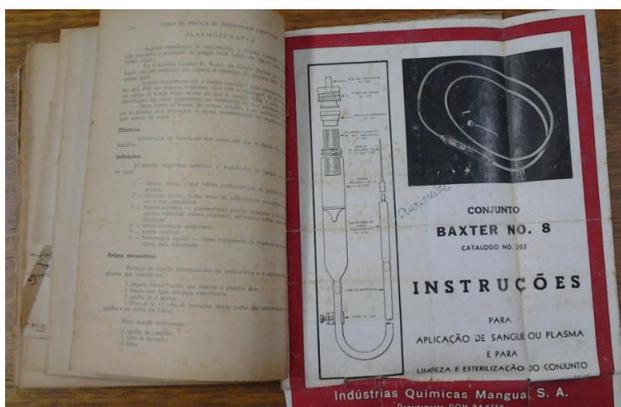


Imagem 68 – Panfleto informativo sobre material hospitalar colado ao livro – página 154/155 do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, 1953.

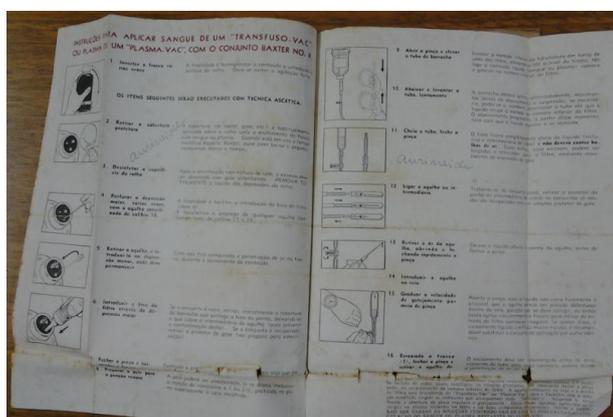


Imagem 69 – Panfleto informativo sobre material hospitalar colado ao livro (aberto) – página 154/155 do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, 1953.

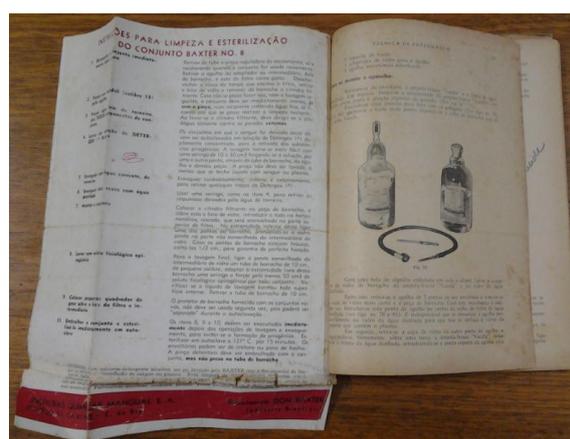
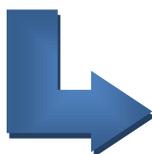


Imagem 70 – Panfleto informativo sobre material hospitalar colado ao livro (verso) – página 154/155 do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, 1953.

Através dos vestígios encontrados nas edições da obra em análise, foi possível remontar, por meio de imagens ou narrativas de leitura, a modalidade concreta da forma como se dava a introjeção das informações e o aprendizado. Com efeito, cada forma,

cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção do escrito afeta profundamente seus possíveis usos e interpretações. São numerosos os exemplos que mostram como as imposições tipográficas (num sentido amplo do termo) podem conduzir ou não os usos, as circulações, as interpretações de um “mesmo” texto (CHARTIER, 2003a, p. 44 – 45).

### 5.2.2 Apropriação do livro: representações de status e intelectualidade

É importante destacar que um texto não necessariamente será lido, só por pertencer a uma pessoa. O livro pode ser possuído não como um objeto de leitura. Chartier (1994) compreende usos para o livro muito além de suas funções imediatas, que são o armazenamento de informações e a leitura dessas. É essa a ideia de apropriação, mostrar a variabilidade de usos do livro. Chartier (1994) a define da seguinte maneira:

Uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes e segundo as épocas, os lugares, os ambientes.

Ao estudar as bibliotecas privadas e suas funções e espaços dentro da vida das pessoas, Chartier (2003b) destaca melhor o mecanismo da apropriação. As bibliotecas eram, antes de tudo, espaços para conservar os livros e textos, aliando a isso certa ostentação social. Ter muitos livros em casa poderia indicar sua condição financeira ou mesmo intelectual e, assim, cobrir-se de status. Mesmo que não fosse ler nem dois nem três daqueles livros. Os indivíduos, dessa forma, apropriam-se do livro desviando-se de sua função primordial de armazenamento de informações.

Essa forma de olhar a pertença de um livro por uma pessoa pode servir-nos como guia para tentarmos entender os possíveis usos de duas edições em análise. As 9ª (1959) e 10ª (1963) edições do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, que pertenciam a João Raimundo Santos<sup>76</sup> e à profª Drª Nalva Pereira Caldas,

---

<sup>76</sup> Apesar da 9ª edição do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, publicado em 1959, que possuímos ter pertencido a João Raimundo Santos, conforme assinatura identificada na primeira página

respectivamente, não apresentam nenhum vestígio de uso em seu interior, conforme constatado durante nossa pesquisa. Não identificamos vestígios de usos de forma “autorizada ou não”, levando em consideração a organização e o planejamento do livro. Os livros, bem conservados e com a assinatura de seus donos nas primeiras páginas, nos levam a concluir que a motivação pela aquisição dos exemplares ocorreu em um contexto de status intelectual. Qual seja, o ato de possuir o livro, de uma autora de referência, e tido por muitos como o “livro-texto” de uma época.

Outra forma de usos e leituras do livro pode ser identificada quando analisamos as 3ª (1942), 4ª (1943), 6ª (1948) e 7ª (1953) edições do livro, pertencentes à Fundação Biblioteca Nacional (3ª, 4ª e 6ª edições), à Biblioteca da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz (Itajubá – MG) (6ª edição) e à Biblioteca da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto<sup>77</sup> (UNIRIO – RJ) (7ª edição). Ao constituir os acervos de diferentes bibliotecas, junto com outros livros, inclusive de enfermagem, que também se tornaram referência ao longo dos anos, essas obras são disponibilizadas para consulta aos alunos e constituem uma das formas de acesso ao conhecimento. Tal disponibilidade acaba por caracterizar um uso e uma modalidade de leitura diferenciada. Como o exemplar pertence a uma biblioteca, não se observa nele nenhum tipo de vestígio ou anotações em suas páginas. Seu acesso para consulta e estudos acaba por implicar numa leitura silenciosa, por vezes fora de sala de aula.

Segundo Venancio (2010, p. 489 – 490), “livros podem ser, portanto, lembrados e guardados não apenas por aquilo que portam, mas também pelo que são: objetos da arte da palavra”. Bibliotecas, na verdade, são espaços nos quais os acervos ali guardados transcendem a simples guarda de suportes de textos para leitura. Segundo a mesma autora, os livros ali reunidos parecem “ter sido destinados não só à leitura, mas também à contemplação, à admiração”.

Nesse sentido, como podemos ver, a presença dos livros não se limitava à biblioteca. As possibilidades de uso, posse e prática de leituras, eram e são ilimitadas. Voltando o foco aqui para nosso estudo, é possível destacar que o livro didático antes de tudo tem um caráter de manual. Afinal de contas, ele é usado como fonte de aprendizado e de consulta, retira dúvidas e lembra padrões de trabalho. Assim é que,

---

do livro, datada de 09/02/1961, vale lembrar que este foi adquirido por nós pela Estante Virtual, conforme relatado na Seção III, “Procedimentos Metodológicos”.

<sup>77</sup> Atualmente a obra faz parte do acervo do Lacenf – EEAP – UNIRIO, e não mais da biblioteca da EEAP.

citando as palavras de Altieri (2010), “é possível observar e compreender os muitos usos do livro e, portanto, sua interferência nos hábitos de leitura”.

### 5.2.3 Apropriação do livro no ensino e nas publicações de enfermagem

Para Chartier (1994), o acesso ao impresso não se dá unicamente por meio da propriedade particular do livro ou do manuseamento do objeto em uma biblioteca. Da mesma forma, a aproximação com o escrito se dá tanto entre letrados e virtuosos da leitura quanto entre não letrados, os quais apreendem o texto por meio da oralização, ou seja, pela mediação de uma voz que os lê em diferentes espaços.

Em sala de aula, as técnicas eram apresentadas e explicadas pelo professor-oralizador, sendo memorizadas pelos alunos-ouvintes. A prática escolar, imbricada com as práticas de leitura, realizada na coletividade da sala de aula ou no ambiente hospitalar, conduz a recepções, interpretações e apropriações diferenciadas, dependentes das identidades daqueles que ouvem (GARBOSA, 2009, p. 26).

Integrando a equação da qual fazem parte autor, obra e leitor, a circulação não se realiza de forma direta (GARBOSA, 2009, p. 23). Apesar de termos como foco um público específico e a proximidade deste com a autora da obra, é possível observar ainda estratégias mediadoras que se interpõem entre os processos, favorecendo, de forma positiva, o processo de circulação e apropriação da obra. Garbosa (2009, p. 23), citando Darnton, diz o seguinte: “os objetos que comunicam o texto estão inseridos num circuito de comunicação que vai do autor ao editor, passando pelo impressor, pelo distribuidor, pelo vendedor, até chegar ao leitor”. Esses mediadores, segundo ele, atuam como conectores, auxiliando a transmissão do objeto impresso ao público.

A circulação de textos entre leitores numerosos pode indicar funções disciplinares aos discursos, de forma a moldar comportamentos e gestos em virtude da amplitude de seu destino. Nesse sentido, a partir do estudo da cultura impressa nas sociedades do antigo regime, Chartier (1994, p. 38) observou que a circulação de textos entre leitores populares revela a

[...] importância atribuída à escrita, e aos objetos que a veiculam, por todas as autoridades que pretendem regular os comportamentos e moldar os espíritos. Daí o papel pedagógico, aculturador, disciplinador, atribuído aos

textos colocados em circulação para leitores numerosos; procedem daí, também, as verificações feitas ao impresso, submetido a uma censura que deve afastar dele tudo o que poderia pôr em perigo a ordem, a religião ou a moral.

Ainda segundo Chartier (2002, p. 53), as análises devem contrapor os dispositivos, discursivos ou institucionais, que buscam disciplinar os corpos, as práticas e modelar, por meio da ordenação regrada dos espaços, as condutas e os pensamentos. Nesse sentido, buscamos em nossa pesquisa, a partir deste ponto, através da análise do currículo da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo (atual Faculdade de Enfermagem da UERJ), identificar as representações e formas de apropriação da técnica em sua organização e configuração.

O livro sempre visou instaurar uma ordem, seja ela a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação (CHARTIER, 1994, p. 08). Como já foi comentado aqui, o livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, teve sua primeira edição publicada em 1933, num contexto de existência de poucas escolas de enfermagem. A criação e o início do funcionamento da atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, ocorreram em 1944 e 1948, respectivamente. Quando essa escola, idealizada e organizada por Zaíra, começou a funcionar, portanto, seu livro já estava na 6ª edição (1948).

Tomando como referência o Decreto 27.426<sup>78</sup>, de 1949, e a organização e distribuição das disciplinas no currículo do curso de enfermagem, é possível identificar na atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, o cumprimento das orientações do texto legal, com poucas variações.

Haydée Guanais Dourado, em trabalho apresentado<sup>79</sup> no Iº Congresso Panamericano de Enfermagem, em 1946, fez os seguintes comentários sobre o currículo:

O currículo baseia-se na convicção de que é preciso dar à enfermeira um preparo no campo hospitalar antes do período de estudo intensivo de organização e administração sanitária. Acredita-se no Brasil, como em outros países, que apesar de ser muito importante a manutenção da assistência hospitalar eficiente e racional para abranger a população inteira, o problema básico é a prevenção das doenças e a promoção da saúde. No presente, a maior ênfase deve ser na unificação dos objetivos da medicina curativa e

<sup>78</sup> Decreto nº 27.426, de 14 de novembro de 1949, divulgado nos Anais de Enfermagem, Julho de 1950, páginas: 144 – 153.

<sup>79</sup> Publicado nos Anais de Enfermagem, Janeiro-Março de 1946, páginas 22 – 23.

preventiva, e ambos os serviços devem visar a prevenção, por meio da educação do indivíduo, na saúde e na doença.

É possível observar, no currículo, um investimento mais centrado nas séries iniciais e nas disciplinas básicas e voltadas para o ambiente hospitalar, tendência que vai ao encontro das colocações feitas por Haydée Guanais Dourado no citado evento. Porém, apesar do destaque dado às disciplinas que contemplam a área de Saúde Pública, à época voltadas para a promoção e proteção da saúde, é notório, no currículo, a desproporção quando são comparados o número de disciplinas e suas cargas horárias.

No ano de 1952, por exemplo, é possível identificar, num currículo com 57 cadeiras<sup>80</sup>, como então eram chamadas as disciplinas, onze (11) matérias com denominações específicas e voltadas para a área de saúde pública. Ainda como exemplo, para efeito de acompanhamento ao longo do período analisado, num currículo com 64 disciplinas, treze (13) delas estavam claramente voltadas para a área de saúde pública. Compreende-se, então, que algumas disciplinas servem de suporte para a construção do conhecimento em qualquer área onde o profissional enfermeiro vai atuar.

Nesse contexto, a disciplina com a maior carga horária era “Técnica de Enfermagem”, com média de 120 horas destinadas ao ensino teórico-prático. A segunda disciplina que se destaca com uma carga horária elevada, quando comparada às outras, foi a de “Anatomia”, com média de 60 horas. Todas as demais disciplinas do currículo demandavam 15h ou 30h de carga horária, com uma ou outra isolada, que envolvia 45 horas.

A técnica, além de se destacar na disciplina “Técnica de Enfermagem”, por sua carga horária, ganhava ressonância através de discursos proferidos no âmbito dos fóruns de ensino. A propósito reproduzimos aqui um trecho publicado nos *Anais de Enfermagem*<sup>81</sup>, em abril de 1950.

A bíblia diz: “Ensina o menino no caminho em que deve andar e até quando for velho não se apartará dele”. Este princípio tão antigo, mas ainda adotado em educação, tem sido tomado como base no ensino da técnica de

---

<sup>80</sup> Podem ocorrer pequenas variações nos números das disciplinas tendo em vista os dados encontrados nos relatórios da época. Em um mesmo relatório eram listadas todas as disciplinas que faziam parte do currículo. Porém, no decorrer do mesmo relatório, foram identificadas listagem de notas, por exemplo, onde apareciam disciplinas não listadas na apresentação geral do currículo. Buscou-se, assim, unificar as informações e trazer os dados da forma mais fidedigna possível.

<sup>81</sup> Resumo publicado nos *Anais de Enfermagem*, na edição de abril de 1950 (página 94). Trabalho intitulado: Flexibilidade nas Técnicas de Enfermagem (*Flexibility in Nursing Procedures*), de J. Bruner and Frances M. Mc Kenna, publicado anteriormente no *The American Journal of Nursing* (49: 386-387 – Junho – 1949).

enfermagem. Entretanto, sugerimos que se façam modificações nos velhos métodos de ensino da enfermagem, para que, na prática, se obtenham melhores resultados. O progresso das ciências médicas tem nos levado a criar novas técnicas e rever as antigas. [...] As enfermeiras devem estar capacitadas a por em prática a técnica de enfermagem onde quer que tenham de exercer suas funções, e é óbvio que serão grandemente influenciadas pelo ensino que receberam – muito rígido ou mais flexível – sendo que, pelo último, encontrarão maior facilidade de adaptação. Em muitas escolas de enfermagem e hospitais, têm-se organizado comissões para o estudo da técnica de enfermagem. É imprescindível que as pessoas escolhidas para fazerem parte de tais comissões tenham o conceito da flexibilidade, em técnica de enfermagem (BRUNER; MCKENNA, 1950, p. 94).

A referência ao texto bíblico, comum na área da enfermagem, como já foi visto, vem a valorizar um conhecimento e uma prática, que aliados aos princípios científicos e básicos, era tida como parte da “arte da enfermagem” (FIGUEIREDO; CARVALHO; TYRRELL, 2006).

O método mais recomendável do ensino da técnica é aquele que incute na estudante a ideia dos princípios científicos e básicos, exigindo o conhecimento da anatomia e fisiologia da região ou órgão em apreço. O objetivo da técnica, precauções, observação do paciente, são também indispensáveis. Em segundo lugar, a estudante deve conhecer os vários tipos de material técnico comumente usados. Após a demonstração da professora, a estudante deve praticar sob sua supervisão<sup>82</sup>.

A forma de ensino da técnica, conforme a descrição acima, vai ao encontro do currículo da então Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo. A atenção dispensada ao ensino da técnica foi destacada ainda por Haydée Guanais Dourado em trabalho<sup>83</sup> apresentado ao Iº Congresso Panamericano de Enfermagem, realizado em Santiago, no Chile, em 1942: “O que tem impressionado mais aqueles que conhecem essas escolas, é o cuidado com o ensino da enfermagem, tal como a arte ou técnica [...] dependem os melhores resultados no ensino da enfermagem”.

A valorização da técnica no currículo de enfermagem também é sustentada em parecer sobre a organização do curso de enfermagem, publicado em 1963 na REBEn. A ABEn divulgou que “sem a disciplina de Técnica de Enfermagem não pode existir um curso de enfermagem. [...] Ela é, para a Enfermagem, o que a Patologia Geral é para a Medicina.” Além de compreender o destaque da técnica no currículo de enfermagem, é possível transportar tal importância para o entendimento das obras de enfermagem

<sup>82</sup> Resumo publicado nos *Anais de Enfermagem*, em abril de 1950 (página 95). Trabalho intitulado: Flexibilidade nas Técnicas de Enfermagem (*Flexibility in Nursing Procedures*), de J. Bruner and Frances M. Mc Kenna, publicado anteriormente no *The American Journal of Nursing* (49: 386-387, Junho, 1949).

<sup>83</sup> Haydée Guanais Dourado em trabalho apresentado ao I Congresso Panamericano de Enfermagem. Publicado nos *Anais de Enfermagem*, edição de Janeiro-Março, de 1946 (página 23).

produzidas com essa temática – entre elas, naturalmente, os livros de Zaíra Cintra Vidal e Elvira de Felice Souza. Tais livros, que tinham a técnica como tema principal, foram tidos como “livros-textos”, cada um em um determinado período da história. E no contexto da enfermagem invariavelmente sempre se destacaram frente a outras temáticas.

Vale destacar ainda que não se considerava, à época, o currículo apenas como um agrupamento de disciplinas de uma escola, em termos de seriação e de números de aulas. O entendimento curricular era tido como “ampliado”, deixando de se referir somente ao programa dos cursos, para englobar todas as experiências do aluno sob a orientação da escola. Conseqüentemente, era possível dizer que o currículo de uma escola de enfermagem deveria ser desenvolvido dentro dos padrões de cultura e segundo as necessidades da coletividade onde a escola funcionava<sup>84</sup>.

Era sabido que, apesar das tentativas de adaptação do currículo à realidade brasileira, e do entendimento da necessidade de fazer com que isso acontecesse, até 1952, nas palavras de Glete de Alcântara, “as nossas escolas têm seguido um programa de ensino semelhante ao das escolas hospitalares dos Estados Unidos, transplantado desde 1923 pelo grupo de enfermeiras americanas”. Naquele país, tanto essas escolas como as universitárias propuseram-se a formar simples enfermeiras (*staff nurses*). Já as instituições brasileiras, mesmo reconhecendo que a realidade brasileira era muito diferente, ainda estavam presas às diretrizes vindas de um país de cultura diferente, com um sistema educacional bem diverso do brasileiro, e cujos problemas também diferiam muito dos nossos.

Retomando o tema do currículo e das disciplinas da então Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, observamos que as disciplinas de “Técnica de Enfermagem” e “Ataduras”, que coincidiam com os títulos dos livros publicados por Zaíra Cintra Vidal, não foram ministradas por ela, no período em que a profissional foi diretora e docente da escola. Apenas a disciplina “Drogas e Soluções”, de título compatível com uma de suas publicações, aparece nos relatórios e foi ministrada por ela em alguns períodos.

Dentre os registros encontrados nos relatórios, foi possível identificar que no ano de 1949, Zaíra Cintra Vidal, enquanto diretora da escola, foi professora das disciplinas de “História da Enfermagem”, “Deontologia” e “Terapêutica I”. No ano de 1950, além

---

<sup>84</sup> Informações baseadas em texto intitulado: Currículo de Escolas de Enfermagem – Integração da Escola de Enfermagem na Sociedade, escrito por Glete de Alcântara (Diretora da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (SP), publicado nos *Anais de Enfermagem*, Outubro de 1952, páginas: 311 – 315.

da direção, ela aparece à frente das disciplinas “Ética”, “Drogas e Soluções” e “História da Enfermagem”. Já em 1952, Zaíra atuou como docente nas disciplinas de “História da Enfermagem”, “Ajustamento Profissional I”, “Ética”, “Drogas e Soluções”, “Ajustamento Profissional II”. Em 1954, ainda como diretora, deu aulas de “História da Enfermagem”, “Ajustamento Profissional I”, “Ética”, “Drogas e Soluções”, “Ajustamento Profissional II”. Finalmente em 1958, no último ano<sup>85</sup> em que seu nome é encontrado na listagem de professores contida nos relatórios<sup>86</sup>, verificamos que ela lecionou as disciplinas de Ajustamento Profissional I e II.

No que diz respeito à disciplina de “Técnica de Enfermagem”, especificamente, encontramos registro de docente preenchido com o nome de Margareta Luce, nos anos de 1959, 1960, 1961 e 1962. Em 1962, ela ainda aparece como docente de “Técnica Adiantada”, “Revisão de Técnica” e “Drogas e Soluções”.

Apesar de nossa única referência curricular ser oriunda da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, mediante informações obtidas nos documentos da escola onde Zaíra Cintra Vidal atuou, é possível inferir que os currículos das outras escolas eram semelhantes. Até porque a legislação da época servia como referência para a organização dessas instituições.

Como já foi assinalado, durante dezoito anos (1931 – 1949) coube à Escola de Enfermagem Anna Nery, na qualidade de escola oficial padrão, o poder de enunciar um modelo de enfermeira para a sociedade brasileira. Essa diretriz foi fixada mediante um discurso autorizado que pautou a criação e o reconhecimento das escolas de enfermagem do país equiparando-as à Escola Anna Nery.

Após esse período, no entanto, a Divisão de Educação da ABEn assumiu a responsabilidade de elaborar o currículo e determinar o regime escolar dos cursos previstos. Essa tarefa veio a ser desempenhada pela Subcomissão de Currículo que, por sua vez, contribuiu com a discussão e elaboração do projeto que deu origem à Lei n.775/49 – responsável pela regulamentação do ensino de Enfermagem. A exemplo do currículo norte-americano, nossa versão de 1949 continha um grande número de especialidades médicas com conteúdos de enfermagem, assinalam Galleguillos e Oliveira (2001, p. 82). Já Carvalho (1976) acrescenta que a enfermagem brasileira

---

<sup>85</sup> Os anos não mencionados até 1958 foram devido à ausência de informações nos relatórios, ou até mesmo a ausência de relatórios. De 1959 a 1962 o nome de Zaíra Cintra Vidal não aparece mais na listagem de professores da referida escola.

<sup>86</sup> Não foi identificado nos documentos analisados e em estudos sobre Zaíra Cintra Vidal, o ano exato em que ela deixou a atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, nem os motivos que justificaram sua saída.

adotou o paradigma norte-americano, mas sem dispor dos mesmos avanços tecnológicos e vivenciando uma realidade bem diferente. O currículo de 1949 era "pouco inovador [...]"; ali prevaleceu a ênfase no fazer, mais do que no pensar, na repetição de técnicas que tolhiam a criatividade das alunas e com a centralização no estado da doença [...]" (GALLEGUILLLOS; OLIVEIRA, 2001, p. 82).

Ainda nesse contexto de ensino, analisamos algumas monografias<sup>87</sup> produzidas pelas alunas da então Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo. Nossa intenção foi observar as formas de apropriação do livro e as representações possíveis da técnica na produção do conhecimento por aqueles que até então eram os ouvintes/leitores e absorveram diversos conhecimentos durante todo o curso. Durante a análise das sete primeiras monografias encontradas levamos em conta o tema e as referências bibliográficas utilizadas.

Alinhavamos aqui os títulos dos trabalhos e o ano em que foram encaminhados às bancas: “Assistência de Enfermagem no Controle dos Psicotrópicos e Entorpecentes” (1977/78), “Registros de Admissão – Participação de Enfermagem” (1978), “Condições de Conforto Respiratório” (1978), “Importância da Assistência de Enfermagem ao Paciente Acometido de Acidente Vascular Cerebral” (1979), “Placenta Prévia” (1980), “Anomalias Congênitas” (1980), “O Filho de Mãe Diabética e a Conduta de Enfermagem” (1980).

Das sete monografias produzidas no período e encontradas no acervo, quatro foram produzidas por alunos da Habilitação em Enfermagem Médico-Cirúrgica e três foram produzidas por alunos da Habilitação em Enfermagem Materno-Infantil. Do total das 57 referências utilizadas em todas as monografias analisadas, 26 eram produções internacionais, representando 45,6%. A predominância dos temas hospitalares, comum no contexto da época, e as referências a produções brasileiras nos estudos já caracterizavam uma tendência recente na enfermagem: uma nova fase, de incentivo às produções nacionais.

Marina de Andrade Resende, em publicação<sup>88</sup> na Revista Brasileira de Enfermagem, em 1963, retratou bem a necessidade de incentivo à produção de literatura profissional para (e pela) a enfermagem, destacadas, abaixo, em duas passagens:

---

<sup>87</sup> As caixas mais antigas encontradas com monografias produzidas pelos alunos da escola eram identificadas como sendo dos anos de “1978 a 1981” e “1977 a 1986”.

<sup>88</sup> Marina de Andrade Resende em publicação intitulada: Literatura profissional e Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Junho de 1963. Página 138 – 139.

A enfermeira deve se preparar para usar e saber transmitir seus conhecimentos e experiências; precisa de habilidade no uso da linguagem falada e escrita; como instrumento de comunicação, nossas experiências não podem permanecer conosco; fechadas em nós nos levam perigosamente a hipertrofiar-nos. O enriquecimento exclusivo prejudica e deve ser controlado, não pela interferência de terceiros como no caso do enriquecimento econômico, mas pela disponibilidade de informações através dos meios materiais de comunicação.

A todos cabe, porém, contribuir para a expansão dos conhecimentos e das experiências da profissão. Existem meios para isto: o mais prático e ao alcance de todos é o consumo da literatura produzida.

O estímulo à produção de conhecimentos para enfermeiros, escrito por enfermeiros brasileiros, era um fato cada vez mais valorizado, caracterizando as representações de intelectualidade já detectadas como um requisito às enfermeiras. O incentivo a esta prática era explicitado não só pelos discursos autorizados dos principais porta-vozes da enfermagem à época, mas pelo uso das publicações existentes nas escolas de enfermagem, nas disciplinas e até mesmo, como já foi visto aqui, nas aquisições feitas pelas bibliotecas das instituições do setor.

Observamos também que as referências nacionais utilizadas nas monografias produzidas na escola Rachel Haddock Lobo incluíam o uso de dois livros de Elvira de Felice Souza – os títulos *Administração de Medicamentos e Preparo de Soluções* (1978) e o *Novo Manual de Enfermagem* (1959). Não foi encontrada nenhuma referência às publicações de Zaíra Cintra Vidal, o que é compreensível, tendo em vista os anos de produção destas monografias e a já distante última edição de que se tem conhecimento da obra *Técnica de Enfermagem*, de 1963. À época das monografias aqui pesquisadas o *Novo Manual de Enfermagem*, de Elvira de Felice, já angariara prestígio e destaque no campo da Enfermagem.

Cabe destacar, a propósito, que, durante todo o processo de busca pelas formas de apropriação do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra C. Vidal, encontrou-se apenas um livro que possuía em suas referências obras dessa autora. O já apresentado *Técnica de Enfermagem*, de Ana Vitória Reidt e Domingos Albano, publicado em São Paulo, no ano de 1941, traz em suas referências os livros *Técnica de Ataduras* e *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra. Tal fato pode ser explicado pela conjuntura de poder e autoridade de Zaíra prevalentes ao longo da década de 1940, que começa a perder espaço e representatividade, assim como seu livro sobre técnicas, a partir da década de 1950.

Visando ainda despertar nas enfermeiras o senso de comprometimento com a “Literatura Profissional”, a ABEn determinou que esse fosse o tema central da Semana de Enfermagem de 1963. A direção da Revista Brasileira de Enfermagem, com o objetivo de proporcionar aos estudantes do curso de graduação de enfermagem participação no estudo do tema, instituiu concurso com prêmios a serem conferidos aos melhores trabalhos sobre cinco perguntas. Algumas respostas foram inclusive publicadas e comentadas na Revista. Segundo depoimento de Marina de Andrade Resende, reproduzido em publicação<sup>89</sup> sobre o estudo, doze (12) estudantes responderam às perguntas elaboradas. A terceira pergunta formulada - “Conhece algum livro escrito por enfermeira brasileira? Mencione o nome do autor e do livro e faça um ligeiro comentário do mesmo” - é aquela cujas respostas nos interessam aqui.

Nas respostas dadas pelos estudantes à época foram mencionadas as seguintes obras: *Novo Manual de Técnica de Enfermagem*, de Elvira de Felice Souza (mencionado 4 vezes); *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão (mencionado 2 vezes); *Manual do Auxiliar de Enfermagem*, de Ruth Borges Teixeira e outras (mencionado 2 vezes); *Enfermagem no Lar*, de Marina de Vergueiro Forjaz (mencionado 1 vez).

Em geral, segundo Marina de Andrade Resende, as estudantes não souberam fazer o comentário dos livros citados. A obra de Elvira de Felice, por exemplo, recebeu o seguinte comentário:

é um auxiliar prestimoso da enfermeira; é um livro valioso, explícito e deveras utilíssimo; cada frase e expressão do livro visa dispensar aos pacientes conforto, bem-estar, segurança, preparo psicológico, indicação das técnicas, modo de executá-las e observações indispensáveis para o seu bom êxito.

Outro comentário cita o pouco interesse que a técnica desperta na aluna. Segundo ela, os estudantes careciam de conhecimentos exatos sobre o valor dos fatos e princípios científicos implicados nas diversas técnicas. Para tanto, o Manual deveria ser apresentado de maneira mais didática, incluindo, com mais precisão, os princípios científicos de cada técnica. A autora da resposta, porém, considerava relevante o papel do livro como auxiliar de aprendizagem.

---

<sup>89</sup> Marina de Andrade Resende publicou os resultados do estudo realizado pela ABEn, sob o título de “Literatura Profissional e Estudantes de Enfermagem”, na *Revista Brasileira de Enfermagem*, julho-agosto de 1964, páginas: 128 – 131.

Apesar do levantamento junto às alunas ter ocorrido num momento em que o livro de Zaíra Cintra Vidal já não se destacava tanto como o de Elvira de Felice Souza, é possível observar que a técnica ainda se fazia representar nos discursos das alunas enquanto parte dos conhecimentos fundamentais de enfermagem. Mudara apenas a fonte. E o protagonismo no campo do ensino teórico-prático da enfermagem - um tema que já vinha se destacando há décadas - passara a ser ocupado por uma nova e mais recente obra.

É possível compreender, dessa forma, as formas de representação da técnica, enquanto a base da profissão, nesse meio. Destaca-se a importância, nesse processo, dos materiais pedagógicos, dos programas de disciplinas, dos discursos que circulavam no meio acadêmico e das opiniões das alunas enquanto fios condutores das representações dos livros que se destacavam no universo de cada forma de conhecimento.

Nessa linha, é possível compreender ainda as relações da técnica com o campo da educação. É nesse território que o livro aparece e pode ser compreendido com mais clareza como o material central no processo pedagógico de áreas como a enfermagem. De acordo com Garbosa (2009, p. 20-27), a leitura escolar, através de manuais, envolve o coletivo, transforma os indivíduos e, por vezes, determina a interpretação. Enquanto objetos voltados a uma circulação numerosa, livros escolares apresentam funções disciplinares, moldando espíritos e comportamentos.

Os textos e, nesse sentido, os livros e manuais utilizados no ensino da técnica de enfermagem, transmitiam um conhecimento que se desejava veicular, produzindo efeitos de caráter prático nos espaços em que circulavam. Tais textos apresentavam diferentes funções, que variavam conforme o leitor, a disciplina e o contexto no qual eram elaborados e utilizados (GARBOSA, 2009, p. 20-27).

Enquanto textos que constroem representações, os livros ou manuais escolares de técnica guardavam vestígios sobre sua circulação, sobre as concepções de leitura e de leitor, e sobre aquilo que se privilegiou ou não para ser lido e conservado em uma dada época (GARBOSA, 2009, p. 26). Da mesma forma, o ensino, através da organização do currículo e das disciplinas, produzia representações objetivando a modificação de uma ordem, configurando-se em fontes privilegiadas para a investigação da cultura do ensino de enfermagem. Em face disso, o livro didático configurou-se na “chave dos paradigmas de leitura ou das práticas de leitura próprias de comunidades particulares”, sustenta Chartier (2001, p. 162).

O delineamento aproximado da comunidade de leitores do livro *Técnica de Enfermagem* foi aqui investigado através dos indícios de sua circulação em uma instituição de ensino e das formas de apropriação de seu conteúdo. Percebemos a existência de maneiras de ler que compartilhavam princípios comuns e funcionavam como guias para o ordenamento do processo de ensino e formação. E o caminho a ser percorrido era indicado por meio da construção de um espaço legitimado na atuação da enfermagem.

Portanto, os registros evidenciam a valorização de uma prática de leitura fundada em argumentações compatíveis com as exigências científicas da época. Os parâmetros de então priorizavam a utilização de referências de autoridades no assunto. A finalidade era consolidar um estatuto de legitimação das representações que o autor fazia da atividade de enfermagem. Mais ainda, de uma prática científica de argumentação consoante com a defesa dos interesses particulares de edificação de uma cultura científica que se pretendia para a Enfermagem. E a difusão da autoridade de enfermeiras como Zaíra Cintra Vidal e Rachel Haddock Lobo cumpria um papel importante no processo de legitimação da atividade de enfermagem.

Cabe aqui um comentário sobre qual vem a ser o papel do pesquisador nesta verdadeira multidão de atores. A nós é permitido transitar entre protocolos de leitura e práticas reais e registrar a história da educação de enfermagem, aqui em nosso caso, numa perspectiva voltada para a utilização da técnica em nosso país. Para tanto, partimos da materialidade dos livros, da sua estética textual, do conhecimento da autora e seus colaboradores e da comunidade de leitores. Consideramos, além disso, a compreensão que os diversos protagonistas do processo tinham do contexto da época em que vivenciaram suas experiências. E nos debruçamos, ainda, sobre as possíveis formas de ler em sala de aula ou no cotidiano profissional, além de perscrutar as práticas que envolviam os processos de ensino e de aprendizagem.

A materialidade dos textos não se constitui somente a partir do livro impresso (GARBOSA, 2009, p. 27), mas de representações de um texto sobre o ensino e a prática, do conhecimento compartilhado no grupo e pelo grupo. Grupo no qual nós, os pesquisadores, honrosamente nos incluímos.

## **6 REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS - IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA ENFERMAGEM**

Considerar a técnica como integrante dos conhecimentos que a circundam e a explicam e dos produtos dela decorrentes, indica-nos investigar o necessário carácter histórico de que se reveste. Pinto (2005, p. 204-205) afirma ainda, que o homem existe em virtude dos atos produtivos que exerce, em escala crescente de complexidade, resistindo às forças ambientes, que do contrário o esmagariam. A técnica, da simplória à mais avançada, constitui, assim, uma manifestação da historicidade essencial do ser humano.

Compreender as representações da técnica de enfermagem através de um livro requer ainda alcançar a significância da técnica enquanto elemento norteador de um saber, para uma profissão. Para tal, por meio de um suporte cultural representativo no que pese a formação, buscamos apreender a técnica pela técnica, sua historicidade, lutas e expressões na conformação de uma certa autonomia do saber de enfermagem.

### **6.1 Técnicas de Enfermagem – expressões de um saber**

Se alguma reflexão é permitido fazer com fundamento nas criações humanas, só terá possibilidades de alcançar a verdade aquela cujo núcleo central contiver o conceito de mudança, de supressão e sucessão das bases da realidade vigente. Pois, se apenas admitirmos a transformação dos produtos sem condicioná-la à transformação daquilo que os produz, estaremos no puro terreno da intuição, do qual facilmente se resvala para o da ficção. Ora, o que se produz decorre de uma estruturação da sociedade ou de grupos específicos. Os homens nada criam, nada inventam nem fabricam que não seja expressão das suas necessidades (PINTO, 2005, p. 49).

A reflexão sobre a técnica que a desliga dos seus alicerces e, por conseguinte, exclui a significação do homem e de seu esforço intelectual em racionalizar os dados da

realidade para se aproveitar dos recursos oferecidos, tira-lhe toda a objetividade (PINTO, 2005, p. 49).

Nesse sentido, olhar para a técnica nesse estudo, “que foi sempre existente, mas diferente em cada momento histórico”, nas palavras de Pinto (2005, p. 51), no campo específico da enfermagem, impõe compreendê-la como um novo saber à época da publicação da primeira edição do livro *Técnica de Enfermagem*, o qual se constituiu naquele momento, impulsionado por um investimento da profissão para se fazer representar enquanto uma ciência.

Segundo Almeida e Rocha (1989, p. 29), a técnica consiste na descrição do procedimento de enfermagem a ser executado, passo a passo, e especificam também a relação do instrumental utilizado. Tanto pode ser um procedimento a ser realizado com o paciente, como banho no leito, curativo, sondagem e outros, como um procedimento relativo à rotina administrativa. Outros procedimentos, como manuseio de material hospitalar e montagem de sala de operação, também contemplam o conceito de técnica de enfermagem, corroborando com o conteúdo publicado por Zaíra Cintra Vidal em seu livro.

O ensino de enfermagem organizou e sistematizou a técnica e esta passou a fazer parte de uma das três áreas de conhecimentos básicos dos currículos de enfermagem, que foram organizados nas primeiras décadas do século XX, nos EUA<sup>90</sup>. Almeida e Rocha (1989, p. 30), contemplando estudo de Isabel Stewart, afirmam que essas três áreas contemplavam os princípios englobados na denominação de ciência de enfermagem (com ênfase na ciência biológica, física e social, ciência médica e sanitária); as técnicas especializadas (manuais, sociais, intelectuais ou administrativas); e os ideais, entendidos como a atitude social e padrão profissional de conduta. Esses padrões foram introduzidos em vários países, como o apoio de organizações internacionais, como o Conselho Internacional de Enfermagem.

Dessa forma, é possível compreender a configuração da enfermagem, à época da publicação do livro de Zaíra C. Vidal, assim como as representações transportadas para o livro, no seu complexo contexto de produção de sentidos. Ao explicitar as três áreas de conhecimento que compunham o currículo de enfermagem, Isabel Stewart deixou

---

<sup>90</sup> O primeiro currículo norte-americano, denominado Standard Curriculum for Schools of Nursing, foi organizado em 1917, pelo Comitê de Educação da National League of Nursing Education (ALMEIDA; ROCHA, 1989, p. 30).

claro a posição da técnica como uma das grandes áreas, em conformidade com o triângulo equilátero que projetou.

Nesse sentido, Almeida e Rocha (1989, p. 30) destacam ainda trecho de Isabel Stewart, que enfatiza o exposto.

Enfermagem e artes correlatas formam o âmago principal de todo o programa educacional sendo que os demais estudos existem principalmente como contribuição a ela. Os pontos a salientar neste grupo são a proficiência das técnicas e habilidades, assim como a aplicação de princípios científicos e de ideias sociais ao tratamento dos doentes e à prevenção de doenças.

A técnica de enfermagem, denominada também como “arte” de enfermagem, era, portanto, o saber valorizado no ensino de enfermagem, “o âmago principal de todo o programa educacional” (ALMEIDA; ROCHA, 1989, p. 31). Tais dimensões puderam ser constatadas ao estudarmos o livro *Técnica de Enfermagem*, através de suas representações, identificando o destaque da técnica no contexto educacional e prático da enfermagem, principalmente nas décadas de 1930 e 1940.

Conceitualmente, a análise do termo técnica também merece destaque. Não desejando alongar-nos em uma revisão histórica das especulações travadas em torno deste conceito, para não nos desviarmos das principais considerações acerca da temática, mencionaremos apenas as ideias de Aristóteles a respeito da técnica, onde foi possível encontrar semelhanças com os conceitos do campo da enfermagem. Para Aristóteles, a técnica, *techne*, representada pelo latim pelo termo *ars*, é o conceito do trabalho sem a matéria (PINTO, 2005, p. 137).

Aristóteles, segundo Pinto (2005, p. 138), precisou seu pensamento ao dizer:

O calor e o frio podem tornar o ferro brando ou duro mas o que faz uma espada é o movimento dos instrumentos empregados, e este movimento contém o princípio da arte (técnica). Pois a técnica é o ponto de partida (ou o princípio, *arquê*) e a forma do produto.

Ainda sob análise de Pinto (2005, p. 138), Aristóteles considerava a técnica um modo de ser específico do homem e a compreendia como um conceito, uma razão, um *logos*, que precedia a realização da ação, sendo lícito supor que imaginasse nele a prefiguração dos resultados do ato, e assim o tomasse por um dos elementos da constituição da finalidade que determina a ação humana.

Záira Cintra Vidal não trouxe em seu livro, em nenhuma das edições analisadas, uma definição clara de técnica de enfermagem. Ainda que constatado no prefácio, por

Rachel H. Lobo, que era o primeiro livro brasileiro sobre a temática, não houve investimento nos conceitos teóricos sobre o assunto. É a própria Rachel H. Lobo, aliás, no prefácio do livro, que traz algumas das poucas questões encontradas sobre o tema: “É a *technica scientifica* a evolução moderna de quasi todas as profissões e a ella se poderia bem denominar: ‘A Theoria da pratica scientifica’.”<sup>91</sup>

Nas obras, até então, a primeira abordagem conceitual foi descrita por Elvira de Felice, em seu livro, intitulado *Manual de Técnica de Enfermagem*, publicado em 1959 (2ª edição). A autora traz a seguinte definição:

Técnica é o conjunto dos processos de uma Arte. Mas não toda a Arte. Esta supõe uma inspiração, um ideal e aptidões capazes de uma realização à qual o artista imprime o cunho de sua personalidade. A arte de enfermagem, toda dedicada à contribuição para a melhoria da saúde do indivíduo e da coletividade, tem sua técnica própria. A importância da técnica na Arte de Enfermagem é imensa, pois sua finalidade é garantir o trabalho da enfermeira (SOUZA *apud* ALMEIDA; ROCHA, 1989, p. 32).

É possível observar nesse conceito a ideia da técnica como uma arte, tal qual proposto por Aristóteles, abordado nas discussões de estudo de Pinto (2005). Este mesmo autor evolui ainda ao trazer que a historicidade da técnica reflete um aspecto de outra historicidade, tida por ele como mais radical e concreta, a do homem, “único ser que sente a insuficiência de um procedimento e a necessidade de substituí-lo” (PINTO, 2005, p. 243-244).

Compreender o conceito de técnica numa perspectiva histórica, em nosso caso, ensaiado pela primeira vez por Rachel H. Lobo no prefácio do livro de Zaíra C. Vidal, nos leva a depreender a evolução do mesmo, quando nos deparamos com o conceito trazido por Elvira de Felice. Ainda que não tenha havido uma substituição, como sugere Pinto (2005, p. 243-244), sua notória evolução há de ser destacada. A evolução e clareza do conceito resultaram de uma imposição sentida pelo homem, genericamente falando, o qual, em certa situação, percebe como deficiência ou carência aquilo que até então lhe parecia realidade satisfatória (PINTO, 2005, p. 244).

As representações da técnica enquanto uma arte de enfermagem, impulsionaram, portanto, a produção e a construção de um saber de enfermagem, que evoluiu ao longo dos anos. Tal entendimento fica ainda mais claro quando voltamos nosso olhar para a 3ª edição, de 1962, do livro de Elvira de Felice Souza, que já aparece com novo título,

---

<sup>91</sup> Trecho do prefácio escrito por Rachel Haddock Lobo, no livro “Técnica de Enfermagem”, de Zaíra Cintra Vidal, comum à todas as edições.

*Novo Manual de Técnica de Enfermagem*. Nessa edição, encontra-se a seguinte definição:

Enfermagem, no seu sentido lato, é uma arte e uma ciência, que visa ao paciente como um todo – corpo, mente e espírito. [...] O que seria, então, Técnica de Enfermagem? É a aplicação dos conhecimentos dessa arte e dessa ciência. É a adaptação dos meios, a prática dos ensinamentos, o procedimento da enfermeira dentro do seu campo de ação, o uso dos métodos e o emprêgo correto das determinações, com absoluta observância de seus detalhes (SOUZA, 1962, p. 11).

Pinto (2005, p. 244) afirma, nesse sentido, que o que determina a mudança de atitude no que diz respeito a um pensamento é a forma com que a acumulação dos efeitos que os dados presentes de uma realidade, decorrentes de uma fase anterior, operam sobre a consciência, mostrando as imperfeições do mundo existente, incitando à descoberta de novos objetos, métodos e técnicas para substituir as presentemente em vigor, ou, nesse caso, estimulando o surgimento de novos conceitos, à medida que novos livros, novas autoridades passam a se debruçar sobre o assunto em questão.

No intuito de consolidar-se enquanto um saber científico, a enfermagem brasileira investiu na técnica, que era considerada um “saber próprio da profissão”. Mais do que reduzir-se a garantir o trabalho da enfermeira, conforme afirmou Souza (1962, p. 11), as representações da técnica enquanto a teoria da prática científica, tal qual afirmou Rachel H. Lobo, diferenciavam e colocavam em destaque o papel da enfermeira, além de, segundo Kruse (2006, p. 404), assegurar uma independência profissional.

A técnica de enfermagem teve um desenvolvimento pleno nas décadas de 1930, 1940 e 1950. O aprofundamento sobre o livro de Zaíra C. Vidal nos permitiu descortinar um contexto onde a técnica de enfermagem, através de suas representações, caracterizava o saber da profissão. Porém, ao analisar a evolução do seu conceito ao longo dos anos, é possível entender o movimento daqueles que eram autoridades do campo, através das produções de novas obras, no intuito do aprimoramento e avanço do conhecimento.

## **6.2 Trajetória das Técnicas de Enfermagem – significados históricos**

Avançando para além dos aspectos conceituais de técnica de enfermagem e suas raízes, enquanto o primeiro saber de enfermagem, faz-se necessário ainda complementar o significado desse saber, através de sua construção histórica. O saber não é uma instância abstrata, neutra, desvinculada da prática. Ele é histórico justamente por se tratar de uma dimensão dessa prática. Ele vai se compondo e se organizando pelo comando da prática (ALMEIDA; ROCHA, 1989, p. 35-36).

Como foi visto, a técnica foi o primeiro instrumento que a enfermagem utilizou para construir e embasar o cuidado de enfermagem. Ela começou a ser organizada no final do século XIX, quando a enfermagem na Inglaterra também começou a se constituir. Foi implementada nos EUA, nas primeiras décadas do século XX, mas é possível identificá-la em outros momentos históricos, como simples rituais de cuidados. A técnica possibilitou a instrumentalização do cuidado de enfermagem, antes caracterizado por procedimentos naturais e intuitivos (ALMEIDA; ROCHA, 1989, p. 36).

O modelo religioso de enfermagem emerge no mundo cristão, atravessa a Idade Média e vai confrontar-se com o capitalismo na Inglaterra, no final do século XVIII e início do século XIX. Junto com a ascensão da burguesia e sua instalação como classe social considerada dominante, emerge o significado de arte ou vocação à prática de enfermagem, para tornar possível o treinamento de alguns agentes. Dessa forma, o modelo religioso cede espaço para o modelo vocacional, ou ao modelo da arte de enfermagem (ALMEIDA; ROCHA, 1989, p. 45), que foi assim definido por Florence Nightingale (1946, p. 6):

A enfermagem é uma arte e, para realizá-la como arte, requer uma devoção tão exclusiva, um preparo tão rigoroso, como a obra de qualquer pintor ou escultor; pois, o que é tratar da tela morta ou do frio mármore comparado ao tratar do corpo vivo – o templo do espírito de Deus? É uma das artes; e eu quase diria, a mais bela das Belas Artes.

Com as transformações socioculturais, a prática médica também se transforma para dar resposta ao modelo então vigente. O saber médico começa a se estruturar tendo como objeto o corpo. O saber médico traduz-se também em poder, que se cristaliza no topo da hierarquia hospitalar, e passa a dirigir todas as práticas advindas da divisão social do trabalho no hospital. As relações se estabelecem, e a prática de enfermagem se caracteriza, nesse contexto, como dependente e subordinada à prática médica (ALMEIDA; ROCHA, 1989, p. 45; 40).

A disciplina, a obediência e o espírito de devoção, tão facilmente encontrados nas representações da prática de enfermagem, nas primeiras décadas do século XX, além de comandar uma imagem desejada daquelas que serviam à profissão, teve a função também de legitimar o poder através da hierarquia hospitalar. O médico necessitava de um assistente que pudesse trabalhar cientificamente e pudesse assisti-lo inteligentemente, mas sob sua subordinação (ALMEIDA; ROCHA, 1989, p. 44; 47).

Segundo Almeida e Rocha (1989, p. 48), a técnica de enfermagem que veio se desenvolver nesse período, teve, portanto, sua gênese sob o comando da disciplina espacial (nos termos de Foucault) para a constituição do micropoder hospitalar. Assim sendo, na origem da enfermagem moderna não se observava uma preocupação maior com os instrumentos de trabalho que permitiriam prestar o cuidado de enfermagem, mas essa mesma disciplina vai ser o elemento-chave também no momento da sistematização da técnica de enfermagem.

Dessa forma, até o período da institucionalização da enfermagem, não havia elaboração de um conhecimento, um saber que pudesse conduzir o cuidado de enfermagem. Havia uma elaboração de práticas ideológicas, que eram traduzidas pelo modelo vocacional da enfermagem, comandado pela técnica disciplinar, a fim de tornar o trabalho de enfermagem possível, dentro de uma hierarquia de poder, com o objetivo principal de auxiliar o trabalho médico. Isto posto, percebe-se que o cuidado de enfermagem não era o alvo de preocupação dos agentes que norteavam o saber do campo, os médicos, mas sim o disciplinamento daqueles que eram de seu interesse para tornar o espaço hospitalar possível como meio de cura (ALMEIDA; ROCHA, 1989, p. 48-49).

A técnica, primeira expressão do saber de enfermagem, evoluiu nesta fase para dar conta, em primeiro lugar, não do objeto da enfermagem – o cuidado, mas do aumento crescente dos cuidados de enfermagem, no que diz respeito à sua demanda, devido ao grande número de internações nos hospitais. Assim como também, para dar conta do aumento de ações que, consideradas “manuais”, passam das mãos dos médicos para as enfermeiras (ALMEIDA; ROCHA, 1989, p. 56).

Ao trazer as palavras de Simmons e Henderson, que lembraram que “nas primeiras escolas o médico foi, de fato, a única pessoa qualificada para ensinar a enfermeira e ele decidia quais das suas funções poderia colocar nas mãos dela”, Almeida e Rocha (1989, p. 57), esclarecem as representações de poder dos médicos à frente das disciplinas teóricas básicas do currículo de enfermagem, tais como anatomia,

fisiologia e microbiologia, além de confirmar a valorização da carga horária destinada às disciplinas sobre a técnica de enfermagem frente as outras disciplinas. Fica clara a ênfase no fazer, mais do que no pensar, como já foi discutido. Conclui-se, agora envolto dos fundamentos teóricos e históricos que consolidaram a técnica enquanto um saber, que projetava-se a profissão médica para “pensar, decidir, prescrever” e a profissão enfermeira para “fazer, cumprir, executar”.

A enfermagem recebe a técnica das mãos dos médicos, num ato aparentemente passivo. O redirecionamento dado à técnica, porém, ao longo do tempo, através da apropriação e valorização da mesma, dá a enfermagem a possibilidade de construir um saber e aprimorá-lo, consolidando-se não apenas como uma profissão, mas como um saber científico. Um remodelamento de um fazer para um saber. Tal estratégia não foi dada a revelia, o que chama a atenção. Como se pode notar ao longo desse estudo a consolidação das representações da técnica se deu aliada à figura do médico e seu saber.

A identificação de um médico, Dr. João Cardoso de Castro, enquanto revisor do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal (nas 4ª e 6ª edições, de 1943 e 1948, respectivamente), deixa claro as representações de autoridade e notório saber destes sobre a enfermagem à época. A presença de médicos nas escolas de enfermagem lecionando as disciplinas básicas do currículo e a própria publicação de livros para a enfermagem, como fez o Dr. Mário Rangel, corroboram com o exposto até então. Tal fato pode ser visto de outra forma também. Uma aliança intencional existente entre estes deve ser ressaltada. A associação do saber e da obra à uma figura de representatividade no campo ficaram claros, num momento de consolidação da profissão.

O investimento na técnica de enfermagem enquanto um saber e a valorização da profissão com a vinda e influência das enfermeiras norte-americanas ao país, contribuiu ainda para a produção de conhecimentos à época, já que o intuito era cientificizar a profissão. A primeira publicação específica para a enfermagem, produzida por enfermeiras, segundo publicação de Marina de Andrade Resende<sup>92</sup>, foi o *Manual Preparado para as Enfermeiras de Saúde Pública*, do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública do Brasil, de autoria da Missão Técnica de Enfermeiras Americanas, em 1925.

As produções sobre técnica de enfermagem especificamente começaram a partir da publicação do livro de Zaíra Cintra Vidal, com primeira edição em 1933. A obra

---

<sup>92</sup> Marina de Andrade Resende publicou “Literatura profissional e Enfermagem”, na Revista Brasileira de Enfermagem, Junho de 1963: Página 134.

padronizou os [até então reduzidos a] procedimentos e concedeu uma organização no fazer e no saber. Assim como seu livro sobre técnica de enfermagem, os títulos *Drogas e Soluções* (1934) e *Técnicas de Ataduras* (1938) também deixam claro o foco inicial no fazer.

Destaca-se, porém, que tal posição era, até então, ocupada pelos médicos, que elaboravam de forma ordenada seus escritos para leitura dos que desejavam estar ou habitavam o mundo da enfermagem. Além da valorização de um saber “cedido” por estes, a enfermagem brasileira conquista, a partir desse momento, uma posição de prestígio, até então [também] privativa dos médicos – a escrita. Apropriam-se de um fazer e consolidam-no, já como saber, através da publicação de obras que passam a nortear o conhecimento da profissão.

Os livros de Zaíra refletiram o momento de destaque da técnica à época, determinada pela execução programada e organizada, não atentando para os fundamentos do que se colocava em prática. Depreendeu-se, até aqui, portanto, a distinção de Zaíra enquanto porta-voz de um conhecimento, apesar da inexpressiva circulação de suas obras. Tal fato não ofuscou a relevância do tema, que circulava no meio prático e acadêmico com mais facilidade e intencionalidade que a obra em questão. A fala de Marina de Andrade Resende, em publicação<sup>93</sup> no ano de 1963, vem a corroborar com o constatado, ampliando ainda o olhar sobre as possíveis causas influenciadoras:

Em países onde é grande a produção de literatura profissional, a dificuldade consiste em encontrar tempo para as leituras que se impõem pela presença de muitos livros; a atualização se faz sobretudo pela leitura das revistas profissionais. No Brasil, onde a literatura é escassa, constata-se o desinteresse pelo pouco que é publicado. Urge abolir esse fator negativo, sem que o consumo da literatura permanecerá pequeno e ocasionará indecisões nas editoras que forem abordadas comercialmente para a publicação de livros.

Percebe-se, assim, o interesse para a consolidação de um saber de enfermagem, ainda que pautado apenas no cuidado enquanto uma execução de tarefas. A preocupação com o investimento na formação das futuras enfermeiras, a influência norte-americana na conformação da enfermagem a partir da década de 1920, a atenção dispensada para as publicações científicas, ainda que escassas, foram fatores que começaram a moldar o

---

<sup>93</sup> Marina de Andrade Resende em “Literatura profissional e Enfermagem”. Revista Brasileira de Enfermagem. Junho de 1963. Página 139.

campo científico da enfermagem nas décadas de 1920 e 1930, contribuindo para o despertar de novos interesses e evoluções a partir da década de 1940.

### **6.3 A Técnica e suas relações com o desenvolvimento da Enfermagem**

O florescer da década de 1940 despertou novos investimentos no campo do saber da enfermagem. Um novo livro sobre técnica de enfermagem é publicado, em 1941, em São Paulo, pelos enfermeiros Ana Vitória Reidt e Domingos Albano. Inspirado nas publicações de Zaíra Cintra Vidal, o livro evolui ao deixar de ser apenas um manual descritivo e apresentar alguns aspectos teóricos. Uma nova preocupação, a fundamentação da prática de enfermagem, começa a ser esboçada.

A preocupação em organizar os princípios científicos que deveriam nortear a prática de enfermagem se destaca mais claramente na década de 1950. O fato da enfermagem ser vista como não científica pelos demais e suas ações serem consideradas baseadas na intuição serviu de estímulo a uma virada nas discussões e produções do conhecimento à época (ALMEIDA; ROCHA, 1989, p. 58).

A proposta dos princípios científicos foi encabeçada por educadores de enfermagem norte-americanos, através de um estudo realizado na Escola de Enfermagem da Universidade de Washington, patrocinado pela *The Commonwealth Found.* Denominado *Princípios Científicos aplicados na Enfermagem*, o estudo foi editado pela primeira vez no ano de 1959, e teve sua importância destacada no estudo de Almeida e Rocha (1989, p. 59), que sublinharam:

Com muita insistência tem-se assinalado a importância que têm para a educação da enfermeira as ciências sociais, físicas e biológicas. Espera-se que a estudante disponha de um amplo conhecimento científico e que o aplique em uma grande variedade de situações durante a prática de enfermagem. Supõe-se que ela seja capaz de observar as relações que existem entre numerosos fatos, princípios e conceitos e a importância que têm em um problema particular de enfermagem; e que com base neste conhecimento tome decisões adequadas para suas atividades como enfermeira. [...] Estes princípios são derivados da psicologia, sociologia, antropologia, química, física, anatomia, fisiologia e microbiologia.

A proposta dos princípios científicos, analisada por Almeida e Rocha (1989, p. 60) com base em estudo de Nordmark e Rohweder, definia a seguinte meta para a enfermagem:

Como a vida de um indivíduo depende da conservação de um meio interno constante (homeostasia fisiológica), e, com a doença, o meio interno está ameaçado, [...], a conservação e restabelecimento da homeostasia são as metas principais da enfermeira. Assim também, o bem-estar e a adaptação adequadas do homem a situações cotidianas dependem da conservação da homeostasia psicológica e como a doença e a hospitalização sejam causadas ou não por um transtorno da função fisiológica, perturbam o padrão total ou satisfação das necessidades psicossociais do indivíduo, a enfermeira deve ocupar-se também de conservar ou restabelecer a homeostasia psicológica.

A técnica pela técnica, então, passou a ter que submeter a sua lógica (da descrição passo a passo) à um conjunto de ciências que se desenvolveram de maneira rápida, impondo saltos e adequações à enfermagem, que pretendia consolidar um saber. As representações da técnica e dos livros que se apoderaram desse conhecimento para nortear a profissão sofrem também essa imposição de mudanças, adequações e avanços.

Os conceitos e definições de enfermagem de Virginia Henderson, que também nortearam as mudanças de pensamento no decorrer da década de 1950, têm também como fundamentação os princípios científicos. Ao aprofundarem-se nos estudos de Virginia Henderson, Almeida e Rocha (1989, p. 60-61) afirmam que a autora deixou claro que a enfermeira era a autoridade do cuidado básico de enfermagem e “sua única” função, na qual ela trabalhava independente e estavam relacionadas a este cuidado, eram as funções da vida física, psíquica e social. Para desenvolver essas atividades, ela deveria buscar, portanto, os conhecimentos nas ciências biológicas e sociais. Os conceitos de Virginia Henderson estão contidos no livro *Textbook of the principles and practice of nursing*, de 1955 e nos livros *Basic principles of nursing care*, publicado pelo Conselho Internacional de Enfermagem, em 1960, traduzido em várias línguas, e *The nature of nursing*, em 1966.

Diante do exposto, pelos seus precedentes, o saber de enfermagem na década de 1950 procurou delinear-se, buscando uma fundamentação para a técnica de enfermagem, e esta fundamentação era tida como científica, tendo sua base principalmente nas ciências naturais (anatomia, microbiologia, fisiologia, patologia) e nas ciências sociais. Portanto, o saber de enfermagem, ao mesmo tempo em que queria tornar-se científico, procurava essa cientificidade na aproximação com o saber da

medicina e, conseqüentemente, com suas representações de autoridade (ALMEIDA; ROCHA, 1989, p. 61).

Dessa forma, tem-se um saber de enfermagem imbricado ao saber da medicina. Saber este que parece, segundo Almeida e Rocha (1989, p. 62), ter sido recortado pela própria prática, para dar conta dos novos conhecimentos e perspectivas e, conseqüentemente, necessários para o desempenho da prática de enfermagem. Assim sendo, o saber de enfermagem, do início do século XX até a década de 1950, refletiu uma enfermagem que buscava, em outras áreas do saber, conhecimentos para organizar e fundamentar a sua prática.

À técnica de enfermagem, que não possuía uma teoria para fundamentá-la, procurou-se agregar a teoria do objeto da enfermagem, trazida de outras áreas do conhecimento. Objetivou-se, dessa forma, construir os instrumentos que permitissem apreender o objeto, conhecê-lo, possibilitando a dimensão intelectual, e não mais apenas manual, do trabalho de enfermagem (ALMEIDA; ROCHA, 1989, p. 62).

E as produções de conhecimento na área de enfermagem contribuíram para a evolução do saber, acompanhando essa fase. No que diz respeito, especificamente, à técnica de enfermagem, Zaíra Cintra Vidal, apesar de ter publicado novas edições de seu livro sobre técnica de enfermagem já nesse novo período de desenvolvimento do saber, não investiu em mudanças e/ou atualização nesse sentido. Seu livro manteve-se com as características de um manual passo a passo, com menos fundamentações teóricas sobre esse fazer, mas com mais padronização do fazer das enfermeiras. Tal fato abriu caminho para novas obras, novas representações sobre a técnica.

Elvira de Felice foi a autora que se destacou na sucessão cedida pelo livro de Zaíra. A autora escreveu o *Manual de Técnica de Enfermagem*, publicado pela primeira vez em 1957, já contemplando uma abordagem com fundamentações teóricas. Ao publicar a sua 4ª edição, em 1966, o livro surge com um novo título, *Novo Manual de Técnica de Enfermagem*, enfatizando o novo olhar sobre esse saber, e consolidando no campo o espaço e o direito da escrita e da literatura autorizada sobre técnica/arte da enfermagem.

Em 1959, a enfermeira Judith Perez de Queiroz e Silva escreveu *Técnica de Enfermagem das Moléstias Infecto-Contagiosas*, abordando um campo específico das técnicas de enfermagem. Outra obra sobre técnica é publicada também na efervescência dos princípios científicos, o *Manual de Enfermagem – Técnicas e Cuidados Básicos*. Este manual foi publicado pela SORTEC, em 1960, sob a coordenação da Enfermeira

Ariadne Lopes de Menezes e com a participação da equipe de enfermagem daquele serviço<sup>94</sup>.

A ABEn - Seção do Paraná, publicou ainda “Encontro de Médicos e Enfermeiras”, em 1962, abordando questões de ética<sup>90</sup>. Apesar de não ser uma publicação específica sobre técnica de enfermagem, destacou-se nos achados pela abordagem de uma relação de saber/poder, historicamente estabelecida, e evidenciada no aprofundamento sobre o desenvolvimento do saber de enfermagem, como foi visto até aqui.

A escrita autônoma permitiria, dessa forma, uma leitura mais autônoma da prática da enfermagem, assim constatada pela força da representação de um saber – a técnica – no desenvolvimento desta profissão no Brasil ligado diretamente ao fazer e ao conhecimento deste campo. A posição da escrita foi conquistada culturalmente primeiro para depois repercutir socialmente dentro do campo. E a coleção de obras ligadas ao desenvolvimento do saber e suas representações foram definindo uma nova posição também para a enfermagem – a de produtora de conhecimentos.

Percebe-se, dessa forma, que o caminho que ia se delineando, pela força das representações da técnica da enfermagem, através dos investimentos direcionados na compreensão do saber da enfermagem, era na tendência de um trabalho intelectual (ALMEIDA; ROCHA, 1989, p. 62). Os princípios científicos de enfermagem eram vistos como um avanço em relação à técnica de enfermagem, pois representavam a incorporação dos princípios da ciência à prática da enfermagem (KRUSE, 2006, p. 409).

Apesar de a representação sobre a técnica enquanto apenas uma ferramenta do fazer ter sido reduzida, ainda é citada a importância dessa arte da enfermagem. A enfermagem eficiente passa a ser vista como uma confluência entre os porquês (ciência), acrescidos das habilidades (fazer) e atitudes (comportamentos) (KRUSE, 2006, p. 409).

Concordamos com Kruse (2006, p. 409), quando esta afirma que um dos aspectos daquilo que poderíamos chamar de “grande transição”, pelo menos no aspecto profissional da enfermagem, já estava em andamento naqueles dias. Os estudos sobre os princípios científicos e a necessidade constante de aprofundamento e evolução dos conhecimentos possibilitaram a transição para o estudo das teorias de enfermagem, um modelo já em curso avançado nos Estados Unidos, e que, como não poderia deixar de

---

<sup>94</sup> Marina de Andrade Resende. Literatura profissional e Enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem. Junho de 1963. Página 135.

ser, chegou ao Brasil na década de 1970. A notória influência norte-americana é claramente visualizada na criação da Escola de Enfermagem Anna Nery e na Escola de Enfermagem da USP, nos moldes e sob a direção de enfermeiras norte-americanas; na apropriação do modelo biomédico como paradigma para o ensino e a assistência; no destaque, nos anos 1950 e 1960, do modelo americano de assistência baseado nos princípios científicos; na incorporação do tecnicismo como forma de organização de seu trabalho e, a partir da década de 1970, a apropriação da nova onda norte-americana das teorias de enfermagem, buscando consolidar-se como ciência e ocupar um certo status social.

A chamada “nova onda americana”, iniciada pelas enfermeiras norte-americanas, no final dos anos 1960 e na década de 1970 do século XX, das teorias de enfermagem representava parte de um processo histórico de construção das bases de uma ciência de enfermagem, a elaboração de um corpo de conhecimentos próprios, específicos da profissão. As teorias de enfermagem relacionavam conceitos, proposições e princípios sobre a natureza da enfermagem, seu campo de ação e seus métodos de trabalho. Elas foram a condição de possibilidade de produção de um discurso que colocava a enfermagem em igualdade de condições, como profissão autônoma, no rol das profissões da área de saúde (KRUSE, 2006, p. 409). Mas essa é uma nova fase, uma parte da história que nos serve como desfecho na evolução dos saberes da profissão, tendo como marco as representações da técnica de enfermagem, mas que certamente subsidiará novos estudos, novas inquietações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de cientificação da enfermagem ocorreu de diversos modos, de acordo com suas evoluções em contextos histórico-culturais, com as características da comunidade científica e as lutas que conformaram o campo da enfermagem nos seus diferentes momentos. O seu processo de construção e desenvolvimento, permitiu, assim, identificar as bases fundamentais dos saberes considerados responsáveis pelo progresso da profissão. Compreender o livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, nesse contexto, enquanto suporte para a transmissão desses saberes, foi o que despertou as questões que nortearam este estudo.

Depositário de inesgotável riqueza, o livro exerce há muito um irresistível encantamento e vem a ser uma das fontes mais ricas para aqueles que se debruçam sobre a história da enfermagem no Brasil. É possível encontrar nesses documentos históricos e objetos culturais as características e indícios do espaço social onde ele foi escrito, o entendimento e intenções do seu autor, os vestígios de seus leitores. Durante sua leitura identificamos também os grupos sociais específicos a ele ligados. Tudo o que está ali contido transcende suas páginas. Investigar o livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, significou, assim, muito mais do que o simples cumprimento de uma necessidade acadêmica.

A análise do livro na perspectiva da Nova História Cultural, tendo como fio condutor as suas representações, compreendidas através de estudo sobre a materialidade e a estética textual da referida obra, enquanto potencial revelador das formas, usos e efeitos da escrita na determinação de um campo concorrencial, nos possibilitou remontar o seu contexto de produção, seus significados, as suas formas de apropriação e o processo de construção de conhecimentos da enfermagem brasileira.

A preocupação com o ensino e a influência norte-americana na Escola Anna Nery foram fatores que direcionaram a formação pensada de líderes da enfermagem, que angariariam posições estratégicas no campo da saúde e da educação. Fatores estes que nortearam o processo de formação e profissionalização da enfermagem, numa incessante busca pela qualidade. Zaíra Cintra Vidal foi uma dessas personalidades

buriladas, cuja prática, conhecimentos e produção científica influenciaram na configuração do campo da enfermagem ao longo de alguns anos.

A formação e a atuação profissional de Zaíra Cintra Vidal a colocou em posição de destaque. Não só como pioneira, mas personalidade e porta-voz da profissão. Enquanto uma autoridade preparada para enunciar o que era verdadeiro, cuja hierarquia das ordens e do poder era ao mesmo tempo uma hierarquia das posições sociais e da credibilidade da palavra, Zaíra Cintra Vidal, destacou-se ao publicar três livros: *Técnica de Enfermagem* (com primeira edição em 1933), *Drogas e Soluções* (1934) e *Técnica de Ataduras* (1938).

Os planos configurados no intuito de consolidar a técnica de enfermagem enquanto um saber da profissão ficaram evidentes ao analisar o livro do ponto de vista de sua materialidade e estética textual. Todo o conjunto de elementos que compõem a materialidade do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, foi, para efeito deste estudo, portanto, analisado na perspectiva de identificar as estratégias mobilizadas pela autora para exercer um controle sobre a leitura de mundo. Uma leitura nos moldes em que ela não só acreditava, mas queria fazer com que os demais acreditassem: formas de assistência específicas, que desempenhavam o papel de qualidade no conceito e execução de um cuidado, e, consolidavam-se como um saber da profissão.

Diversas representações puderam ser descortinadas durante a análise do livro, alinhavando aspectos contextuais e históricos da profissão com o que estava sendo planejado e projetado. Representações de autoridade, poder e institucionalização do saber foram marcadas nos elementos pré-textuais do livro. A capa do livro, ao passar a trazer imagens em sua composição, por si só deixou explícita a amplitude do seu entendimento e significados.

Esses signos deveriam chamar a atenção do leitor para a construção do sentido que se pretendia inculcar no seu inconsciente: a ideia do comportamento e de atributos esperados e a consequente imagem esperada de uma candidata, além dos ideais que norteavam a profissão. A inserção destas imagens ia ao encontro e reafirmavam a ideia inicial da obra, desde sua primeira edição: a premissa de que o *Técnica de Enfermagem* seria o enunciador científico dos fundamentos da prática do cuidado de enfermagem, representados nele pela técnica.

Um livro dedicado à Rachel Haddock Lobo e prefaciado por esta. Mais do que simplesmente anunciar a obra *Técnica de Enfermagem*, Rachel Haddock Lobo faz do seu discurso um instrumento capaz de levar a comunidade de leitores não só a confiar e

adquirir o livro, mas reconhecer a autora como produtora de um conhecimento científico e nova representante e porta-voz da profissão. Num discurso repleto de significados, ela ainda enaltece a profissão, através do uso do livro a ser lido e utilizado pela comunidade de leitores. Percebe-se que, ao trazer a figura de Rachel Haddock Lobo, enquanto legítima representante da profissão à época, com sua representação de autoridade na profissão, poder e institucionalização do saber, apresentando a autora e a obra através do prefácio, o livro se apresentou para o público como uma fonte de saber institucionalizado e confiável.

A organização textual interna do livro também auxiliou a desvendar outras representações planejadas. *Técnica de Enfermagem* trazia uma descrição e detalhamento de diversas técnicas. As técnicas foram descritas uma após a outra e deixam entrever um certo ordenamento, começando pelas mais básicas e evoluindo para as mais complexas e específicas. Fazendo uso de termos técnicos e de uma linguagem científica, as técnicas foram descritas passo a passo, de forma clara e didática. Tal organização da descrição das técnicas se destacou pela sua praticidade, facilidade de leitura e assimilação do exposto, características, aliás, de um livro didático. Ao término de cada técnica um espaço intitulado “APONTAMENTOS” foi destinado ao registro de eventuais observações pelo leitor.

Organizar um livro com um espaço destinado à comentários e observações para cada item abordado pressupõe a participação do público que se pretendia alcançar. Esperar que as alunas de enfermagem à época e as profissionais já formadas fizessem destaques, notas ou até mesmo complementassem as informações do livro deixou claro a representação de uma competência intelectual esperada delas: não bastava saber, não bastava fazer. Presumia-se que estas soubessem também registrar seus conhecimentos.

Desta forma, foi possível compreender que as obras estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. De fato, os autores visaram fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deveria impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, não se pode ignorar o fato de que o leitor é livre, e essa liberdade influencia numa recepção, que também inventa, desloca e distorce.

Nesse sentido, ao analisar os indícios de circulação do livro em uma instituição de ensino e em órgão de divulgação, como a REBEn, foi possível observar a

inexpressividade da obra frente a importância de um tema valorizado e divulgado. O objeto maior deste trabalho apareceu nos mapas de frequência à biblioteca da atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, de 1949 até 1963, apesar do acesso a ele não ter sido tão relevante quando comparado com outras obras. Se compararmos os acessos aos livros sobre técnicas de enfermagem com os acessos à outros livros, como os literários, por exemplo, no mesmo período, percebe-se a falta de expressividade nos números de consultas feitas aos que até então eram tidos como livros-textos e contemplavam o que se acreditava ser a estrutura do saber de enfermagem, o que era tida como a arte da enfermagem: a sua técnica.

Já a REBEn, na qualidade de um órgão de divulgação, subordinado à associação de classe da profissão, veiculava, em qualquer época, um discurso que pretendia produzir um certo tipo de ordem na assistência à saúde. E a técnica de enfermagem se fez representar, como um conhecimento científico em construção pela Enfermagem, em momentos distintos e de formas diferenciadas, e, dessa forma, como um saber de enfermagem valorizado. O livro, porém, pouco apareceu durante o período em que a técnica de enfermagem teve seu espaço garantido no periódico. Se destacou nas publicações, coincidentemente, nos momentos em que Zaíra Cintra Vidal figurava com prestígio e poder na ABEn e REBEn.

A materialidade do livro afeta, assim, a construção do sentido do texto e ao mesmo tempo aponta para os traços de circulação, descortina também as possibilidades de apropriação do livro. Mais do que conhecer a obra e sua autora, o estudo dos vestígios encontrados permitiu redesenhar as formas com que os leitores se apropriaram de fato desse objeto cultural, enriquecendo as possibilidades de análise sobre o mesmo.

Os vestígios deixados pelos leitores nos espaços destinados à anotações, assim como os encontrados nos espaços onde não era prevista sua participação, deixaram claro as representações de intelectualidade esperadas desses. E atendidas, pela clareza de suas escritas e pela qualidade das enfermeiras formadas à época, já constatada. Porém, os vestígios encontrados nos espaços não “autorizados”, permitiram compreender a liberdade daqueles que utilizam a obra. Uma liberdade que corrige, que acrescenta informações ao livro, que estimula esse leitor.

Foi importante constatar que um texto não necessariamente é lido, só por pertencer a uma pessoa. O livro pode ser possuído não como um objeto de leitura. Foi possível compreender usos para o livro muito além de suas funções programadas, que são a leitura e o armazenamento de informações. Algumas das obras analisadas nos

remeteram à outras possibilidades de apropriação: a de apenas possuir o livro, seja em casa ou numa biblioteca. As bibliotecas eram, antes de tudo, espaços para conservar os livros e textos, aliando a isso certa ostentação social. E ter muitos livros em casa poderia indicar sua condição financeira ou mesmo intelectual e, assim, cobrir-se de status.

A técnica de enfermagem representou, nesse processo de evolução, a primeira manifestação organizada do saber de enfermagem. O ensino de enfermagem organizou e sistematizou a técnica enquanto um conhecimento base da profissão. Sua importância enquanto saber se destacou no âmbito do ensino, do fazer e nas publicações científicas.

O livro *Técnica de Enfermagem*, escrito por uma enfermeira brasileira, atravessou décadas (sua primeira edição data de 1933 e a última edição identificada data de 1963), e se destacou pelo seu pioneirismo. As representações da técnica enquanto uma arte de enfermagem evoluíram para além da obra, o que possibilitou um salto nas concepções e, conseqüentemente, na evolução do saber de enfermagem. Ao não acompanhar as mudanças, Zaíra abriu espaço para novas obras, que contemplavam as discussões mais avançadas do campo da enfermagem.

Compreender a historicidade da técnica, a evolução das discussões para o alcance e abordagem dos princípios científicos e, posteriormente, das teorias de enfermagem possibilitou um aprofundamento e uma melhor apreensão de todos os aspectos até então estudados sobre a arte da enfermagem. Um fazer que com o tempo foi sobreposto pelo saber. Mas que não perdeu sua importância, nem deixou de existir. Deste modo, nesta investigação, considerando as possibilidades de uma leitura representativa da obra e os limites inerentes a primeira experiência, conclui-se que, a proposta do livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, ordenou pensamentos e condutas relativas à assistência de enfermagem, por meio da força de suas representações da técnica. O que o fez com atributo de qualidade, aqui comprovado pela constatação do uso do mesmo como um manual de referência para estudantes e a reestruturação de uma escrita científica mais autônoma, na hierarquia de mundo da Enfermagem profissional brasileira.



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J.R.D.M. Um leque que respira: a questão do objeto em história. In: PORTOCARRERO, V.; CASTELO BRANCO, G. (Organizadores). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro (RJ): NAU; 2000. p.117-37.

ALBUQUERQUE, C.C.; NÓBREGA, M.M.L.; FONTES, W.D. Sistematização da assistência de enfermagem a um binômio mãe-lactentes utilizando a Teoria das Necessidades Humanas Básicas e a CIPE© versão 1.0. **Cienc Cuid Saúde** 2008 Jul./Set; 7(3): 392 – 398.

ALMEIDA, M.C.P; ROCHA J.S.Y. **O saber de Enfermagem e sua dimensão prática**. São Paulo (SP): Cortez; 1986.

ALMEIDA, M.C.P.; ROCHA, J.S.Y. **O Saber da Enfermagem e sua Dimensão Prática**. São Paulo: Cortez, 1989; 2ª edição.

ALMEIDA, M.A. **Competências e o processo ensino-aprendizagem do Diagnóstico de Enfermagem: concepções de docentes e discentes** (tese). Porto Alegre (RS): Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2002.

ALMEIDA FILHO, O.J. Historiografia, história da educação e pesquisas sobre o livro didático no Brasil. **Revista Eletrônica Saberes Interdisciplinares**, Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo de Almeida Neves – IPTAN. Ano I, nº 1, jan-jun/2008. Disponível em: [www.iptan.edu.br/publicacoes/saberes\\_interdisciplinares/pdf/revista01/Historiog.pdf](http://www.iptan.edu.br/publicacoes/saberes_interdisciplinares/pdf/revista01/Historiog.pdf).

ALTIERI, J. Uma análise da obra de Roger Chartier sobre a História da Leitura. Trabalho apresentado no DT 8 – **Estudos Interdisciplinares do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, realizado em Vitória/ES, de 13 a 15 de maio de 2010.

ARAÚJO, M.A. **História da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo: gestão Celina Viegas**. Belo Horizonte (MG): Escola de Enfermagem/UFMG; 2002.

ARAÚJO, E. **A Construção do Livro**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital; São Paulo: Fundação Editora da Unesp. 2ª ed. revisada e atualizada, 2008.

ARAÚJO NETO, M.L. Sobre a Materialidade dos Livros e seus Sentidos. **Rev. de Letras** – nº 28 – Vol. 1/2 – jan/dez. 2006.

ARÓSTEGUI, J. **A Pesquisa Histórica: Teoria e Método**. Bauru (SP): Edusc, 2006.

ARRUDA, J.J.A.; PILETTI, N. **Toda a história: história geral e do Brasil**. São Paulo: Editora Ática; 2000.

AZEVEDO, J.M.; CARVALHO, V.; GOMES, M.L.B. Waleska Paixão: uma Biografia a Serviço da Enfermagem Brasileira. **Esc Anna Nery Rev Enferm** 2009 jan-mar; 13 (1): 31-35.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes (Coleção Ensino Superior), 1992.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Fratesch Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAPTISTA, S. de S.; BARREIRA, I. de A. **A luta da enfermagem por um espaço na universidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 194p.

BAPTISTA, S.S; BARREIRA, I.A. Anna Nava, baluarte da Escola Anna Nery (anos 1940/1970). **Esc Anna Nery Rev Enferm** 2009 jul-set; 13 (3): 543-51.

BARBOSA, J.C.; SANTOS, T.C.F. Nexos entre a Teoria Ambientalista de Florence Nigtingale e o Manual "Técnicas de Enfermagem" de Zaira Cintra Vidal. **Anais... Trabalho apresentado no 17º Pesquisando em Enfermagem / 13º Jornada Nacional de História da Enfermagem** (2010), com resumo disponível em: <http://www.pesquisando.eean.ufrj.br/viewpaper.php?id=761&print=1&cf=4>.

BARROS, J.A. A história cultural Francesa – Caminhos de Investigação. **Revista de História e Estudos Culturais**. Outubro/Novembro/Dezembro de 2005. Vol. 2 Ano II, nº 4. Disponível em: [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br), acessado em 18/01/2014.

BELO, A. **História & Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, 1ª edição, 1ª reimp.

BEZERRA, J.A.B. Educação alimentar e a constituição de trabalhadores fortes, robustos e produtivos: análise da produção científica em nutrição no Brasil, 1934 – 1941. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.19, n.1, jan.-mar. 2012, p. 157-179.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2ª ed. Trad. Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (Orgs.) **Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010. 664p.

BRAVO, M.I.S. “As Políticas de Seguridade Social Saúde”. In: CFESS/CEAD. **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo III: Política Social. Brasília: UnB- CEAD/ CFESS, 2000.

BRAVO, M.I.S. "A Política de Saúde no Brasil: trajetória histórica". In: **Capacitação para Conselheiros de Saúde - textos de apoio**. Rio de Janeiro: UERJ/DEPEXT/NAPE, 2001.

BRUNER, J.; MC KENNA, F. Flexibilidade nas Técnicas de Enfermagem (Flexibility in Nursing Procedures) [Resumo]. **Anais de Enfermagem**, abr. 1950, p. 95.

CALDAS, N.P. **Os caminhos da lembrança: um olhar retrospectivo sobre a memória da Faculdade de Enfermagem da UERJ**. Tese para ingresso na carreira do magistério como professora titular. Rio de Janeiro, 1995. 248p.

CALDAS, N.P. Zaira Cintra Vidal: uma vida consagrada à Enfermagem e à saúde do povo brasileiro. **R. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 435 – 440, dez. 1998.

CAMPOS, A. L. V. de. **Políticas Internacionais de Saúde na Era Vargas: O Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960**. Rio de Janeiro: Ed Fiocruz, 2006.

CARDOSO, R. (Org.). **O design brasileiro antes do design**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CARDOSO, C.F. Entrevista à **Revista de História.com.br** em 2012, disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/ciro-flamarion>, acessada em 20 de julho de 2014.

CARVALHO, A.C. **Orientação e Ensino de Estudantes De Enfermagem no Campo Clínico**. São Paulo, 1972, 126p. Tese de Doutorado. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

CARVALHO, A.C. **Associação Brasileira de Enfermagem, 1926 – 1927. Documentário**. Rio de Janeiro: ABEn, 1976.

CARVALHO, V. Sobre construtos epistemológicos nas ciências – uma contribuição para a enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem** 2003 julho-agosto; 11(4): 420-8.

CARVALHO, F.A.L. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998. Vol. 01. (Coleção Múltiplas Escritas)

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. Vol. 02. (Coleção Múltiplas Escritas)

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estud. av.**, São Paulo, v. 5, n. 11, abr. 1991. Disponível em (acessado em 18 de junho de 2014): [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso).

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução de Mary del Priore, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, R. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

CHARTIER, R. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade / UFRGS, 2002.

CHARTIER, R. **Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Tradução de Maria de Lourdes Meireles Matencio. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003a.

CHARTIER, R. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003b.

CHARTIER, R. [et al]. **Práticas da Leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 4ª ed.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução: Antunes, C. 2ª edição. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2010a.

CHARTIER, R. Aula inaugural no *Collège de France*. In: ROCHA, João Carlos de Castro (Org.). **Roger Chartier - a força das representações: história e ficção**. Chapecó, SC: Argos, 2011.

CHARTIER, R. O que é um autor? Revisão de uma genealogia. Tradução: Luzmara Curcino; Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2012a.

CHARTIER, R. Roger Chartier entrevistado por Robert Darnton. Transcrição do original “Roger chartier interviewed by Robert Darnton” por Dorothée de Bruchard, apresentação e notas por Sandra Reimão. **Aulas inaugurais do Collège de France com o título “Écouter lês morts avec lês yeux”**. São Paulo: Matrizes. Ano 5 – nº 2, jan./jun. 2012b, p. 159 – 177.

CHARTIER, R. Autoria e história cultural da ciência. Priscila Faulhaber e José Sérgio Leite Lopes (orgs). Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012c.

COELHO, C.P. **Escola de Enfermagem Anna Nery: sua história, nossas memórias**. Rio de Janeiro(RJ): Cultura; 1997.

COSTA, L.M.C.; SANTOS, R.M.; TREZZA, M.C.S.F.; ROZENDO, C.A.; ALMEIDA, L.M.W.S. Produção de pesquisa histórica relativa a criação de cursos de graduação em enfermagem: uma revisão integrativa. **História da Enfermagem – Revista Eletrônica**, vol. 3, n. 1, jan-jul. 2012, p. 1-16.

CYSNE, R.P. A Economia Brasileira no Período Militar. **Est. Econ.**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 185 – 226, mai-ago, 1993.

DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de teoria da história**. Tradução de Sara Baldus e Julio Bentivoglio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DUTRA, E.F. Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (*Orgs.*) **Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010. p. 67 - 87.

EL FAR, A. Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (*Orgs.*) **Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010. p. 89 - 99.

FÁVERO, M.L.A. O pesquisador e o desafio das fontes. In: **História da educação: desafios teóricos e empíricos**. MENDONÇA, A.W.C.P.; ALVES, C.; GONDRA, J.G.; XAVIER, L.N.; BONATO, N.M.C. (orgs.). Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2009, p. 111-123.

FERNANDES, C.A.F. História da escola de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro: 1944 – 1964. **Revista Rural**, Niterói, p. 07-49, 1964.

FIGUEIREDO, N.M.A.; CARVALHO, V.; TYRRELL, M.A.R. (Re)Lembrando Elvira de Felice: Gestod e Falas de Enfermeiras sobre o Banho no Leito, uma Técnica/Tecnologia de Enfermagem. **Esc Anna Nery R Enferm** 2006 abr; 10 (1): 18 - 28.

FONTE, A.S. **A Escola de Enfermagem Anna Nery e a nova ordem no campo da educação em Enfermagem**. Dissertação (mestrado) – UFRJ/EEAN/ Programa de Pós-graduação em Enfermagem, 2009. Orientadora: Tânia Cristina Franco Santos. Rio de Janeiro: UFRJ/EEAN, 2009.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 6ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária; 2000.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: **Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema** (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p.264-298.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Editora: Loyola, 9ª ed., 2005.

FRADE, I.C.A.S. Livros para ensinar a ler e a escrever: uma pequena análise da visualidade de livros produzidos no Brasil, em Portugal e na França, entre os séculos XIX e XX. In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (*Orgs.*) **Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010. p. 171 - 190.

FREDERIKSEN, K. A discourse analysis comparing Danish textbooks for nursing and medical students between 1870 and 1956. **Nursing Inquiry** 2010; 17 (2): 151-164.

FREIRE, M.A.M.; AMORIM, W.M. A Enfermagem de Saúde Pública no Distrito

Federal: A Influência do Relatório Goldmark (1923-1927). **Esc Anna Nery Rev Enferm**, 2008 mar; 12 (1): 115-24.

FREIRE, M.A.M.; AMORIM, W.M. Documentary research: the background to fundraising for nursing necessities, Brazil. **Online braz j nurs** [periodic online]. 2012 Dec [cited year month day]; 11 (3):800-14. Available from: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3591>.

FREIRE MAM, CALDAS NPC, AMORIM WM. **Gênero Masculino na Escola de Enfermeiras Rachel Haddock (1963)** – [internet]. Rio de Janeiro (Br); 2014 [Acesso em: 07/08/2014]. Disponível em: <http://lacenf.com.br/> [<http://lacenf.com.br/?p=399>].

FREITAS, G.F. Memória e história da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo: 70 anos. 2012. Disponível em: <http://www.ee.usp.br/eeusp/historico.asp>, acessado em 02 de outubro de 2014.

GADOTTI, M. **Diversidade cultural e educação para todos**. São Paulo: Ed. Graal, 1992.

GALLEGUILLOS, T.G.B.; OLIVEIRA, M.A.C. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. **Rev Esc Enf USP**, v.35, n. 1,p. 80-7, mar. 2001.

GARBOSA, L.W.F. Contribuições Teórico-Methodológicas da História da Leitura para o Campo da Educação Musical: a perspectiva de Roger Chartier. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 22, p. 19-28, set. 2009.

GERMANO, R.M. **Educação e Ideologia da Enfermagem no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 3ª ed., 1993.

GERMANO, R.M. Tecendo saberes, formando uma profissão: 70 anos da Revista Brasileira de Enfermagem. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 55, n. 3, p. 314-322, maio/jun. 2002.

GINZBURG, C. **Nenhuma ilha é uma ilha: quarto visões da literatura inglesa**. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOMES, E.L.R. **Administração em enfermagem: construção histórico-social do conhecimento**. Ribeirão Preto, 1991. Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

GRUSZYNSKI, A.C. O design de periódicos científicos no Brasil: projeto de leitura e campo científico. In: **Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, 7., 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: P&D, 2006.

GUEDES, P.C. **Da redação à produção textual; o ensino da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HALLEWELL, L. **O Livro no Brasil: sua História**. [tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza] – 3. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

HÉBRARD, J. “O autodidatismo exemplar. Como Jamerey-Duval aprendeu a ler?”. In: CHARTIER, R. (org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, 1996, p. 35-74.

KRUSE, M.H.L. Enfermagem Moderna: a ordem do cuidado. **Rev Bras Enferm** 2006; 59(esp): 403-10.

KRUSE, M.H.L. É possível pensar de outro modo a educação em Enfermagem? **Esc Anna Nery Rev Enferm** 2008 jun; 12 (2): 348 - 52.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. (Tradução de Bernardo Leitão). Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1990.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1992.

LIMA, T.G.F.M.S.; BAPTISTA, S.S. Circunstâncias de criação das escolas de enfermagem do estado do Rio de Janeiro. **Esc Anna Nery Rev Enferm** 2000 ago; vol. 4, n. 2, p. 197 – 208.

LIMA, A.L.G.S.; PINTO, M.M.S. Fontes para a história dos 50 anos do Ministério da Saúde. **História, Ciências, Saúde**. Manginhos, vol. 10(3): 1037-51, set.-dez. 2003.

LIMA, G.C.; MARIZ, A.S. Editora Civilização Brasileira: novos parâmetros na produção editorial brasileira. In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (Orgs.) **Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010. p. 253 - 270.

LIMA, J.C.R. Roger Chartier, o universo simbólico e a escrita da história. **Nearco: revista eletrônica de antiguidade**. Vol. 1, Ano IV, n. 2 (2011) – Rio de Janeiro: UERJ/NEA, 2011. p. 181-189. Disponível em: [www.nea.uerj.br/nearco/arquivos](http://www.nea.uerj.br/nearco/arquivos).

LOPES, G.T; CALDAS, N.P.; LIMA, T.C.S.; MARTINGIL, I.C. A Vida e a Obra de Zaíra Cintra Vidal. **R. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 53, n. 4, p. 253 – 260, abr./jun. 2001.

LOPES, GT. A trajetória da investigação científica no âmbito da enfermagem. **Esc. Anna Nery R. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 53-62, abr. 2002.

LUCA, T.R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C.B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

LUCENA, I.C.D.; BARREIRA, I.A.; BAPTISTA, S.S. Cinquentenário do “Manual de Técnica de Enfermagem” (1957-2007): contribuições na construção do saber de enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enferm** 2010 jan-mar; 14 (1): 13-18.

MANDU, E.N.T.; ALMEIDA, M.C.P. Necessidades em saúde: questões importantes para o trabalho da Enfermagem. **Rev Bras Enferm** 1999 jan-mar; 52(1): 54-66.

MANCIA, J.R.; PADILHA, M.I.C.S. Trajetória de Edith Magalhães Fraenkel. **Rev Bras Enferm** 2006; 59(esp): 432-7.

MARCHIORI, P.Z.; ADAMI, A. Autoria e leitura de artigos por docentes pesquisadores: motivações e barreiras. In: FERREIRA, S.M.S.P.; TARGINO, M.G. **Preparação de Revistas Científicas – teoria e prática**. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005, PP. 73 – 100.

MARQUES NETO, J.C.; ROSA, F.G. Editoras universitárias: academia ou mercado? Reflexões sobre um falso problema. In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (*Orgs.*) **Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010. p. 331 - 347.

MCCLAIN, E.; GRAGG, S. **Princípios científicos em Enfermagem**. Rio de Janeiro (RJ): Científica; 1965.

MEDEIROS, M.; TIPPLE, A.F.V.; MUNARI, D.B. A Expansão das Escolas de Enfermagem no Brasil na Primeira Metade do Século XX. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet] 2008; 10(1). Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n3/v10n3aXX.htm>

MERHY, E.E.; QUEIROZ, M.S. Saúde pública, rede básica e o sistema de saúde brasileiro. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, Junho 1993. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1993000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000200009&lng=en&nrm=iso). Acessado em 03/07/2014.

MOLES, A.A. **As Ciências do Impreciso**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1995.

MOTT, M.L.; TSUNECHIRO, M.A. Os cursos de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira e o início da Enfermagem Profissional no Brasil. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 55, n. 5, p. 592-599, set./out., 2002.

NASCIMENTO, E.S.; SANTOS, G.F.; CALDEIRA, V.P.; TEIXEIRA, V.M.N. Noções sobre Enfermeira na Revista Brasileira de Enfermagem: Reflexão sobre Ideal, Ciência e Arte. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 55, n. 3, p. 306-313, maio/jun. 2002.

NIGHTTINGALE, F. A arte da enfermagem. **Annaes Enferm**, 1946, jan-mar;18(1): 6.

NIGHTTINGALE, F. **Notas sobre Enfermagem – o que é e o que não é**. São Paulo: Cortez; 1989.

NUNES, B.M.V.T. *et al.* História da enfermagem brasileira: contribuições e perspectivas para o desenvolvimento da profissão. **Enfermagem Atual**, São Paulo (SP), v. 3, p. 07-13, 2003.

PADILHA, M.I.C.S.; SOBRAL, V.R.S.; LEITE, L.M.R.; PERES, M.A.A.; ARAÚJO, A.C. Enfermeira – a construção de um modelo a partir do discurso médico. **Rev. Esc. Enf. USP**. v.31, n.3, p.437-51, dez, 1997.

PAIXÃO, W. A ética profissional nas escolas de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 221-231, dez. 1956.

PARK, M. B. **Histórias e leituras de almanaque no Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura no Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999 – Coleção Histórias de Leitura.

PELLON, L.H.C. **As representações científicas da assistência na revista Ceará Médico (1931-1935)**. Rio de Janeiro, 2013. Tese (Enfermagem e Biociências) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, dezembro/2013.

PINTO, A.V. **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, volume I.

PORTO, F. **Os Ritos Institucionais e a Imagem Pública da Enfermeira Brasileira na Imprensa Ilustrada: O Poder Simbólico no Click Fotográfico (1919-1925)**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery. Rio de Janeiro: UFRJ/EEAN, 2007.

PORTO, F.; SANTOS, T.C.F. Sede da Cruz Vermelha no Brasil completa cem anos. **Revista de História.com.br**. Publicado em 17/11/2008 (2008). Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/historia-da-enfermagem>, acessado em 06/10/2014.

RANGEL, M. **Arte e Técnica da Enfermagem**. Rio de Janeiro: Irmãos Di Giorgio & CIA LTDA Editores, 1953.

RODRIGUES, M.A.; GOMES, C.; ALMEIDA, R. Documento *ad usum et beneficium* Curso de Enfermeiros. **Revista Referência**. IIª Série – nº 8 – Dez. 2008, p. 87-90.

ROTHEN, J.C. Os bastidores da Reforma Universitária de 1968. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 453-475, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

SÁ EARP, F.; KORNIS, G. Em queda livre? A economia do livro no Brasil (1995 – 2006). In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (*Orgs.*) **Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010. p. 349 - 362.

SALLES, E.B.; BARREIRA, I.A. Formação da Comunidade Científica de Enfermagem no Brasil. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2010 Jan-Mar; 19(1): 137-46.

SALMON, P. **História e Crítica**. Coimbra: Editora Almedina, 1979, p. 60-180.

SAMARA, E.M.; TUPY, I.S.S.T. **História & Documento e Metodologia de Pesquisa**. Editora Autêntica. Coleção História & Reflexões. 2007.

SANTOS, T.C.F; BARREIRA, I.A. Rachel Haddock Lobo, mito de enfermeira nos anos 30. **Esc. Anna Nery R. Enferm.**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 29-38, abr. 2002.

SANTOS, G.F.; CALDEIRA, V.P.; MOREIRA, S.A. A Inserção de Waleska Paixão na Enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enferm** 2010 abr-jun; 14 (2): 268-274.

SANTOS, T.C.F.; BARREIRA, I.A.; FONTE, A.S.; OLIVEIRA, A.B. Participação americana na formação de um modelo de enfermeira na sociedade brasileira na década de 1920. **Rev Esc Enferm USP**, 2011; 45(4): 966-73.

SEYMOUR, L. The writings of Florence Nightingale. In: **Ninth Congress of the International Council of Nurse**. Atlantic City (USA); 1947. (Florence Nightingale Oration 2).

SILVA, R.M. **Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras: a contribuição para o ensino de enfermagem no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, J.R. Livro didático como documento histórico: possibilidades, questões e limites de abordagem. **Revista de Teoria da História** – Universidade Federal de Goiás. Ano 2, Número 5, junho/2011. Disponível em: [www.revistadeteoria.historia.ufg.br](http://www.revistadeteoria.historia.ufg.br).

SILVA JUNIOR, O.C. Pesquisa Documental. In: OGUISSO, T.; CAMPOS, P.F.S.; FREITAS, G.F. (orgs.). **Pesquisa em História da Enfermagem**. 2ª Ed. Barueri, SP: Manole, 2011 (Série Enfermagem e Saúde), p. 339 – 362.

SIMIELE, M.F; BARIZON-LUCHESI, L.; PORTO, F.; OLIVEIRA-SOUSA, T.; SILVA-SANTIAGO, E.; AGUIAR, S. Rito Católico e a Imagem da Enfermeira (1957). **Aquichan**, vol. 14, num. 1, marzo 2014, p. 109 – 118.

SOUZA, E.F. **Novo Manual de Técnica de Enfermagem**. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1962. 3ª ed.

TOLEDO, J.R; SANTOS, T.C.F.; ARAÚJO, M.A.; ALMEIDA FILHO, A.J. Emblemas e Rituais: reconstruindo a história da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo. **Esc. Anna Nery**. 2008; 12(2): 243 – 250.

TOLEDO, M.R.A. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado de livros. In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (Orgs.) **Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010. p. 139 - 156.

TYRREL, M.A.R; SANTOS, T.C.F. Setenta anos de vida universitária da Escola de Enfermagem Anna Nery: uma breve reflexão. **Esc Anna Nery R Enferm** 2007 mar; 11 (1): 138 - 42.

VENANCIO, G.M. Objetos da arte da palavra: livros brasileiros na Coleção Eurico Facó (1815 – 1900). In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (Orgs.) **Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010. p. 489 - 501.

VIDAL, Z.C. **Livro de Technica de Enfermagem da Escola de Enfermeiras Anna Nery do D.N.S.P**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933.

VIDAL, Z.C. O triângulo da enfermeira (editorial). **Annaes Enferm** 1934 abr; 2(3): 11-12.

VIDAL, Z.C. O trabalho prático nas enfermarias. **Annaes Enferm** 1937 maio; 5(9): 39-41.

VIEIRA, R.Q.; CAVERNI, L.M.R. Técnicas de revulsão na prática das enfermeiras brasileiras: os rubefacientes físicos (1932-1942). **Rev Enferm UFSM** 2013a Jan/Abril; 3(1):1-7.

VIEIRA, R.Q.; CAVERNI, L.M.R. Os rubefacientes mecânicos na prática das enfermeiras brasileiras: a massagem terapêutica (1932-1941). História da Enfermagem – **Revista Eletrônica (HERE)** 2013b Jan-Jul; vol. 4 n. 1: 18-26.



## DOCUMENTOS

### Documento-Objeto

VIDAL, Z.C. **Técnica de Enfermagem**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933.

VIDAL, Z.C. **Técnica de Enfermagem**. Rio de Janeiro: [s.n], 1942, 3ª ed.

VIDAL, Z.C. **Técnica de Enfermagem**. Rio de Janeiro: [s.n], 1943, 4ª ed.

VIDAL, Z.C. **Técnica de Enfermagem**. Rio de Janeiro: [s.n], 1948, 6ª ed.

VIDAL, Z.C. **Técnica de Enfermagem**. Rio de Janeiro: Oficinas Gráf. do Jornal do Brasil, 1953, 7ª ed.

VIDAL, Z.C. **Técnica de Enfermagem**. Rio de Janeiro: Editor Borsoi, 1959, 9ª ed.

VIDAL, Z.C. **Técnica de Enfermagem**. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S/A, 1963, 10ª ed.

### Obras de Apoio à Análise

VIDAL, Z.C. **Técnica de Ataduras**. Manual da Enfermeira. Rio de Janeiro: [s.n], 1938.

VIDAL, Z.C. **Drogas e Soluções em dez aulas**. Rio de Janeiro: [s.n], 1934.

VIDAL, Z.C. **Manual da Enfermeira: Técnica de Ataduras**. Rio de Janeiro: [s.n], 1938.

RANGEL, M. **Arte e Técnica da Enfermagem**. Rio de Janeiro: Irmãos Di Giorgio & CIA LTDA Editores, 1953.

REIDT, A.V.; ALBANO, D. **Técnica de Enfermagem**. São Paulo: [s.n], 1941-42.

SMITH, M.R. (org.) **An Introduction to the Principles of Nursing Care**. Second Edition Revised. Philadelphia – London – New York – Montreal: J. B. Lippincott Company, 1939.

SOUZA, E.F. **Novo Manual de Técnica de Enfermagem**. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1962. 3ª ed.

SOUZA, E.F. **Novo Manual de Técnica de Enfermagem**. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1966. 4ª ed.

SOUZA, E.F. **Novo Manual de Técnica de Enfermagem**. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1972. 5ª ed.

### **Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – EEAP/UNIRIO**

- Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem – Lacenf:

Foram consultados os originais dos *Annaes de Enfermagem*, listados abaixo. Os textos de interesse foram fotografados.

#### *Annaes de Enfermagem:*

Anno I – maio 1932 – Num. 1; Anno II – dezembro 1933 – Num. 2; Anno II – abril 1934 – Num. 3; Anno II – julho 1934 – Num. 4; Anno II – outubro 1934 – Num. 5; Anno III – janeiro 1935 – Num. 6; Anno III – maio 1935 – Num. 7; Anno IV – novembro 1936 – Num. 8; Anno V – maio 1937 – Num. 9.

#### *Anais de Enfermagem:*

Janeiro-março de 1946 – N. 18; julho-setembro de 1946 – N. 20; abril-junho de 1947 – N. 23; julho de 1948; abril de 1950; julho de 1950; outubro de 1950; abril de 1952; julho de 1952; outubro de 1952; junho de 1953; dezembro de 1953; março de 1954; junho de 1954; setembro de 1954; dezembro de 1954.

#### *Revista Brasileira de Enfermagem:*

Março de 1956; junho de 1956; setembro de 1956; dezembro de 1956; março de 1957; junho de 1957; setembro de 1957; dezembro de 1957; março de 1958; junho de 1958; setembro de 1958; dezembro de 1958; março de 1959; março de 1960; junho de 1960; setembro de 1960; dezembro de 1960; fevereiro de 1961; abril de 1961; junho de 1961; agosto de 1961; outubro de 1961; dezembro de 1961; fevereiro de 1962; abril de 1962; junho de 1962; agosto de 1962; outubro de 1962; dezembro de 1962; fevereiro de 1963; abril de 1963; junho de 1963; agosto de 1963; outubro de 1963; dezembro de 1963; fevereiro e abril de 1964; junho e agosto de 1964; outubro de 1964; dezembro de 1964; fevereiro de 1965; dezembro de 1965; fevereiro de 1966; abril e junho de 1966; janeiro e fevereiro de 1967.

### **Faculdade de Enfermagem da UERJ**

- Centro de Memória Dr<sup>a</sup> Nalva Pereira Caldas

Foram consultados e fotografados os seguintes documentos:

#### *As Pioneiras*

Órgão do Diretório Acadêmico Carlos Chagas da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo – número do mês de junho de 1951.

#### *Relatórios das Atividades Desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo enviados ao MEC*

Caixa com os relatórios das diretoras da escola referentes aos anos de 1949 a 1956; 1956 a 1959; 1960; 1961; 1962.

#### *Sondagem feitas aos estudantes em 1961*

Foram fotografados cinco relatórios que continham comentários a respeito da escola feitos por estudantes em 1961.

#### *Monografias*

Foram consultadas as caixas com monografias produzidas no período de 1978 a 1986.

#### *Prontuários das Alunas*

Foi consultada a ficha da então aluna Maria Aurineide da Silva.

*Prontuários dos Servidores*

Foi consultada a ficha da então servidora (docente) Maria Aurineide da Silva Nogueira.

**Leis e Decretos Consultados**

Decreto 20.109, de 15 de junho de 1931 - concedeu à Escola Anna Nery o ‘título’ de Escola Oficial Padrão, referência para o ensino da enfermagem no Brasil.

Decreto nº 6.275 de 16/02/44 – criação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo (atual Faculdade de Enfermagem da UERJ).

Decreto-Lei nº 1.130, de 19/04/1944 - criação da Escola de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro (atual Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, da UFF – Universidade Federal Fluminense).

Lei 775/49 – regulamenta o ensino de enfermagem no Brasil.

Lei nº 1.920, de 25 de julho de 1953 – institui o Ministério da Saúde, desdobrando, assim, o então Ministério da Educação e Saúde em dois ministérios: o da Saúde e o da Educação e Cultura.

Lei n. 4.024/1961 – institui o Conselho Federal de Educação – CFE, conhecida como a LDB/1961.

## **RESUMO BIOGRÁFICO DOS PRINCIPAIS ATORES QUE COMPÕEM O ESTUDO**

### **Amália Corrêa de Carvalho**

Professora Doutora Amália Corrêa de Carvalho, docente aposentada do Departamento de Orientação Profissional da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, viveu longa e profícua trajetória de contribuições no ensino de graduação e pós-graduação em enfermagem, na pesquisa científica e na organização de entidades nacionais de classe. Disponível em: <http://www.ee.usp.br/eeusp/historico.asp>, acessado em 12/04/2011.

### **Edith Magalhães Fraenkel**

Edith Magalhães Fraenkel nasceu em 9 de maio de 1889, no bairro de Santa Thereza, no Rio de Janeiro, antiga Capital da República. Era neta, pelo lado materno do líder republicano Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Sua ascendência seguramente a favoreceu durante toda a vida, abrindo a ela espaços sociais e políticos na profissão de Enfermagem. Sua cultura incomum proveniente não só de seu parentesco ilustre, mas de suas inúmeras viagens também contribuiu muito com sua trajetória profissional. Mancia e Padilha (2006) contam sua história. Com a idade de dois anos, ela parte com a família para a Alemanha, acompanhando o pai, que havia sido nomeado cônsul do Brasil em Berlim. Permanece fora do país por mais de uma década e inicia, assim, sua alfabetização em outro país. Edith retornou ao Brasil com a idade de 14 anos. Como exercia a diplomacia, seu pai, com frequência, mudava de residência, de forma que Edith viveu e estudou em outros países, como Suécia e Uruguai. Nestes países aprendeu a língua local, além do idioma então oficialmente falado nas embaixadas, o francês. Porém, no ano de 1906, com a morte do pai, volta definitivamente com sua família e fixa residência no Rio de Janeiro. O pai de Edith desejava que a filha seguisse a carreira médica, uma vez que sua família era de médicos e advogados, profissões de grande destaque social à época. Porém, com a morte do pai e as dificuldades financeiras enfrentadas por sua mãe, viúva, Edith completou o curso Normal e foi lecionar em uma escola particular no Bairro de Santa Thereza. A diretora dessa escola era cunhada de

Maurício de Abreu, secretário do Departamento de Saúde Pública. Deste modo, Edith tomou conhecimento da existência do curso para visitadoras sanitárias da Cruz Vermelha Brasileira. Ela conclui, em 1918, o curso da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha, destinado ao preparo de socorristas voluntárias para atender aos feridos da Primeira Grande Guerra. Este conhecimento lhe dá subsídios para atuar intensamente na epidemia de Gripe Espanhola que se alastrara no Rio de Janeiro naquele mesmo ano. Em reconhecimento pela sua atuação nesse episódio, ela recebe o título de sócia remida da Cruz Vermelha Brasileira (MANCIA; PADILHA, 2006).

Em fins de 1921, Ethel Parsons promove uma aproximação com Edith Magalhães Fraenkel e a convida para proferir palestras, participar de almoços e fazer o curso completo de enfermagem em nível superior nos Estados Unidos. Edith à época desfrutava de uma vida social intensa e distinta, pois já era enfermeira-chefe do Serviço de Visitadoras da Inspetoria de Tuberculose do Departamento Nacional de Saúde Pública-DNSP, cargo para o qual havia sido nomeada logo após a conclusão do curso de visitadora, com a idade de 29 anos (MANCIA; PADILHA, 2006).

As enfermeiras americanas oferecem a ela a oportunidade de fazer o curso de graduação em enfermagem nos Estados Unidos. Ela aceita o convite e embarca para aquele país, em 1922, com a idade de 33 anos a fim de realizar o curso superior de enfermagem na Filadélfia. Lá, Edith se destaca como aluna, principalmente pelo domínio do inglês, motivo de elogios da diretora da Escola, e conhece Lilian Clayton, professora de Ética da Escola de Enfermagem da Filadélfia. A disciplina filosófica terá, a partir daí, profunda influência em sua carreira. Os ensinamentos adquiridos a levam a concluir que uma profissão para se firmar num determinado espaço social necessitava de uma Associação e de uma Revista (MANCIA; PADILHA, 2006).

Edith Magalhães Fraenkel retorna ao Brasil, em 1925, com o diploma de enfermeira, registrado no Departamento de Saúde Pública dos Estados Unidos. Aqui chegando, imediatamente é nomeada instrutora da Escola de Enfermeiras Anna Nery (EAN), em substituição a uma professora americana (MANCIA; PADILHA, 2006).

Em 1940, Edith Magalhães Fraenkel voltou aos Estados Unidos com bolsa da Fundação Rockefeller para realizar estudos complementares. Lá permaneceu durante quase dois anos e recebeu o convite para criar, organizar e dirigir a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Em agosto de 1941, Edith retornou ao Brasil e, em novembro, foi comissionada pelo Governo Federal junto à USP. No final do ano seguinte, foi nomeada, pelo Governo de São Paulo, diretora da Escola de

Enfermagem da Universidade de São Paulo, que havia sido criada com base no decreto estadual n. 13.040, de 31 de outubro de 1942 (MANCIA; PADILHA, 2006).

Edith Magalhães Fraenkel colaboraria ainda, durante o ano de 1951, na reorganização da Associação de Enfermagem do Uruguai, tendo em vista a filiação desta no CIE. Naquele país a influente profissional sugeriu medidas para melhoria das escolas de enfermagem locais (MANCIA; PADILHA, 2006).

É tarefa difícil enumerar os cargos e atividades desenvolvidos por Edith Magalhães Fraenkel ao longo de sua vida profissional, mas alinhavamos aqui alguns deles. De 1938 a 1946, por exemplo, ela foi membro da Divisão de Educação da ABEn, que posteriormente se chamou Comissão de Educação (atualmente se denomina Diretoria de Educação). Colaborou, em 1949, com a reorganização da Escola de Enfermagem da UFBA Salvador-Bahia; no ano de 1952 participou da criação de Escolas de Auxiliares de Enfermagem; em 1953, visitou os Estados Unidos a convite, frequentou cursos e realizou conferências nas Universidades e Escolas de Enfermagem daquele país sobre o sistema de ensino de enfermagem do Brasil. Realizou em Petrópolis, no Rio de Janeiro, o XI Congresso do CIE em 1953. No ano seguinte (1954) instalou o curso de auxiliares de Enfermagem na Escola de Enfermagem da USP. A partir de 1956 coordenou o Departamento de Ensino da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e lá permaneceu até 1961. Em 1965 presidiu a Comissão do Histórico da ABEn, atividade que desenvolveu até 1968, quando entregou a ABEn um documento de 160 páginas datilografadas contando a história da Associação até então. Informou, à época, que não considerava o relato completo e que o material deveria ser complementado. O histórico de Edith Magalhães Fraenkel, no entanto, foi utilizado por Anayde Correa de Carvalho para a realização do documentário da ABEn, exibido em 1976 por ocasião dos 50 anos da Associação. No ano de 1967, Edith, aos 78 anos de idade, reorganizou e dirigiu o serviço de enfermagem da Casa de Saúde e Maternidade Santa Maria, na cidade do Rio de Janeiro (MANCIA; PADILHA, 2006).

### **Elvira de Felice Souza**

Elvira de Felice Souza, filha de Jacintho de Felice e de Thereza Bragassa, nasceu em 27 de junho de 1920, na cidade de São Paulo. O casal teve quatro filhas, duas das quais faleceram ainda na juventude. Educada com as irmãs no rigor da cultura italiana, desde cedo Elvira cultivou seus dotes para o canto lírico. Fez o curso secundário na Escola São Vicente de Paulo, em São Paulo. Concluiu os estudos em 1940 e continuou

morando com os pais, ocupando-se em costurar em casa para pessoas amigas, enquanto cultivava o desejo de ser normalista. Quando estava se preparando para ingressar na Escola Normal, com o incentivo de uma amiga carioca, que não a via “nem como normalista nem costureira, e sim como enfermeira”, a jovem Elvira veio para a Escola Ana Néri, sendo afetuosamente recebida pela então diretora Laís Netto dos Reys. Na chegada de Elvira, a diretora fez também questão que sua irmã mais velha, Josefina, que veio ao Rio de Janeiro para acompanhá-la, dormisse na Escola (LUCENA; BARREIRA; BAPTISTA, 2010, p. 15 – 16).

Uma vez aprovada nos exames de conhecimentos e na entrevista de seleção pela diretora Laís Netto dos Reys e pela chefe da divisão de ensino Olga Lacorte, ela inicia o curso em 03 de junho de 1942, então com 22 anos de idade. Acostumada à educação rígida dos pais, Elvira de Felice adaptou-se bem ao regime disciplinar da escola. A identificação com a profissão logo se manifestou. Concluiu o curso em 19 de junho de 1945. Seu desejo de permanecer no Rio de Janeiro e continuar um namoro iniciado no baile de formatura da escola transformou-se em realidade: a diretora da instituição a convidou, em 1946, para lecionar a disciplina “Arte de Enfermagem” e, mais tarde, a matéria “Fundamentos de Enfermagem”. Iniciou-se, assim, uma carreira docente bastante profícua. Além de “Fundamentos de Enfermagem” (ex-“Arte de Enfermagem”), disciplina que lecionou por 27 anos (1946 – 1973), Elvira de Felice Souza ministrou aulas de outras disciplinas, como “Drogas e Soluções” (1946 – 1971), “Higiene” (1946 – 1950), “Ataduras” (1948 – 1969) e “Revisão de Técnica de Enfermagem” (1948 – 1962). No período de 1947 a 1949, ela fez um curso sobre Ensino de Enfermagem na Escola Ana Néri (LUCENA; BARREIRA; BAPTISTA, 2010, p. 15 – 16).

De setembro de 1951 a setembro de 1952, com bolsa da Fundação Kellogg, ela cursou a pós-graduação na Syracuse University, no estado de Nova Iorque, EUA, o que mais tarde lhe valeu o credenciamento para atuar nos cursos de pós-graduação. Os cargos administrativos ocupados por Elvira, na UFRJ, incluem a chefia da Maternidade Escola, de 1947 a 1951; a vice-direção da EEAN, de 1967 a 1971; e a direção da própria Escola, de 1971 a 1975. Dentre os inúmeros trabalhos realizados, merecem destaque sua participação no “Estudo sobre o Problema da Lotação de Pessoal Docente da EEAN”, publicado na Revista Brasileira de Enfermagem em 1970, bem como a publicação de artigos nessa mesma revista sobre as Técnicas de Enfermagem, de 1949 a 1955. Como atividade de extensão, podemos mencionar o Curso Enfermagem no Lar, levado ao ar

no Programa Edna Savaget, da TV Globo, de 1965 a 1966, e na TV Tupi, de 1966 a 1970. Ao se aposentar, Elvira de Felice foi agraciada com o título de professora emérita da UFRJ (LUCENA; BARREIRA; BAPTISTA, 2010, p. 15 – 16).

### **Emanuel Araújo**

Emanuel Oliveira de Araújo, historiador, tradutor e editor brasileiro, nasceu em 24 de dezembro de 1942, em Aracaju, no estado de Sergipe, no Brasil, e faleceu em 15 de junho de 2000, em Brasília, Brasil. Graduado pela Universidade Federal da Bahia em Teoria do Teatro em 1965, concluiu o mestrado, na Universidade de Brasília (1968), com o trabalho “O Oriente Próximo e o Egeu: elaboração e vigência dos substratos orientais no mundo egípcio desde o neolítico até o século VII a.C.”, tendo por orientador o Prof. Eudoro de Souza. O tema da tese de Doutorado, na mesma Universidade de Brasília (1969) foi “O Êxodo Hebreu: raízes histórico-sociais da unidade judaica”, orientado pelo Prof. Oswaldo Colatino de Araújo Góes.

Emanuel exerceu a docência e a pesquisa no Departamento de História da Universidade de Brasília, entre 1968 e 1971, retornando em 1989, na condição de professor reintegrado. Em 22 de março de 1995, tornou-se professor titular, tendo recebido nota máxima nas provas de títulos e na arguição. Recebeu o título de Professor Emérito (*post mortem*) da Universidade de Brasília em 2002. Concluiu em 1965 o curso de teoria do teatro da Escola de teatro da Universidade Federal da Bahia. Ali chegou a ministrar cursos de dramaturgia e literatura dramática. Também foi crítico de teatro, escrevendo para o *Jornal da Bahia*, em Salvador.

Chefiou os setores de editoração no Centro de Pesquisa e Documentação Histórica da Fundação Getúlio Vargas e do Arquivo Nacional. Desta produtiva experiência surgiram dois textos: *Publicações de documentos históricos*, de 1985, e uma das maiores obras da arte editorial escrita em português, *A Construção do Livro: princípios da técnica de editoração* (1986). Para muitos seria, com efeito, uma espécie de complemento ao clássico *Elementos de Bibliologia* de Antônio Houaiss – filólogo, membro da Academia Brasileira de Letras e editor chefe do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* – com quem Emanuel estabeleceu uma parceria de trabalho e uma amizade. Houaiss prefaciou *A construção do livro*, elogiando-o como um novo passo e um grande ganho para o mundo lusófono.

*A construção do livro* continua sendo a obra de referência mais consultada por profissionais e leigos interessados no processo de produção editorial. Apostando na

sobrevivência do livro-objeto através dos séculos futuros, e ciente dos avanços tecnológicos gráficos e editoriais, o autor explica, em sua obra, os antecedentes históricos da produção, e detalha os procedimentos mais recentes de sua época. Uma nova edição, revista e atualizada, foi lançada em 2008 pela Lexikon Obras de Referência e a Fundação Editora da UNESP, com o apoio da Fundação Biblioteca Nacional. O texto original foi acrescido das técnicas surgidas nas últimas duas décadas desde sua primeira publicação.

### **Florence Nightingale**

Proveniente de uma abonada e aristocrática família inglesa, a lendária enfermeira nasceu em Florença, em 1820, e possuía uma formação e nível cultural pouco comuns até para os homens da época vitoriana em que vivia. Interessava-se por política e pessoas mas, principalmente, por instituições de caridade. Florence Nightingale é considerada a fundadora da Enfermagem Moderna em todo o mundo, obtendo projeção maior a partir de sua participação como voluntária na Guerra da Criméia, em 1854. Ao retornar da guerra, tornou-se uma figura popular nacionalmente e seu nome virou sinônimo de doçura, eficiência e heroísmo. O trabalho que realizara durante a Guerra teve um impacto muito maior do que simplesmente a ação de reorganizar a enfermagem e salvar vidas. Nightingale, na verdade, quebrara o preconceito que existia em torno da participação da mulher no Exército e transformou definitivamente a visão da sociedade em relação à enfermagem e ao estabelecimento de uma ocupação útil para a mulher. A Enfermagem, para Nightingale, era uma arte que requeria treinamento organizado, prático e científico. A enfermeira deveria ser uma pessoa capacitada para servir à medicina, cirurgia e higiene e não servir aos profissionais dessas áreas. O grande mérito de Florence Nightingale foi dar voz ao silêncio daqueles que prestavam cuidados de enfermagem. Estes profissionais provavelmente não percebiam a importância dos rituais que professavam e que já indicavam uma prática profissional organizada. Ao institucionalizar a enfermagem como profissão, Florence emprestou um significado a uma prática até então engessada por regulamentos e correspondências internas. À época, as instituições de cuidado eram geridas e faziam parte de associações geralmente religiosas que tinham por princípio servir ao próximo, por amor a Deus. Os métodos de Florence Nightingale estão descritos em seus livros. O mais conhecido deles, *Notes on Nursing* foi publicado em 1859. Ela destaca a importância da água, do ar, da alimentação e do regime geral para se

alcançar a cura, acompanhando o modelo da época que entendia a doença como um fenômeno da natureza (KRUSE, 2006; COSTA *et al*, 2009).

### **Glete de Alcântara**

A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Glete de Alcântara licenciou-se em Ciências Sociais em 1951, pela USP, e obteve o título de “Mestre em Currículo e Ensino de Escolas de Enfermagem” na Universidade de Columbia – EUA. Uma bolsa de estudo concedida pela Fundação Rockefeller, em 1941, levou-a a Toronto, no Canadá, para fazer um aperfeiçoamento acadêmico. Em 1944, ao retornar para o Brasil, ela passa a ensinar a disciplina “Arte de Enfermagem” na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Apesar de nunca ter pertencido ao quadro do Hospital das Clínicas, acabaria assumindo a chefia de uma de suas unidades de internação. Glete teve atuação de destaque na Associação Brasileira de Enfermagem, ocupando inclusive a presidência da entidade em dois períodos: de 1952 a 1954 e de 1972 a 1974. Teve também importante atuação na Revista da Associação e foi autora de uma vasta obra escrita, contribuindo para a pesquisa em enfermagem. A profissional foi ainda responsável pela fundação e criação do espaço sócio-pedagógico, científico e cultural da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, atual EERP-USP. Por isso, assumiu, nesta última instituição, a estruturação do processo de ensino-aprendizagem na formação dos enfermeiros ali matriculados nos anos 50. Glete de Alcântara apresentou, em 1963, em Ribeirão Preto, sua tese de cátedra intitulada “A Enfermagem Moderna como Categoria Profissional: Obstáculos à sua Expansão na Sociedade Brasileira”. Faleceu em 03/11/1974, quando exercia segundo mandato a frente da ABEn Nacional (BUENO, 2008, p. 156; MENDES; LEITE; LEITE; TREVIZAN, 2002, p. 271 – 273).

### **Haydée Guanais Dourado**

Haydée, terceira filha de Anna Guanais de Lima Dourado e do presbítero José Augusto da Silva Dourado, nasceu no dia 23 de março de 1915, no sertão da Bahia, no município de Irecê, no Morro do Chapéu, Chapada Diamantina. Localizada no interior rural progressista do Médio São Francisco, a região é conhecida como uma zona de criação de gado e de plantação de algodão. Haydée nasceu no seio de uma família protestante com convicções democráticas. Seu trisavô foi degredado para a África, por ser republicano. Sua mãe, filha de exportador de café, estudou em um colégio de freiras chamado Os Perdões, mas também frequentou a escola onde estudaram Castro Alves e

Rui Barbosa. Órfã aos catorze anos, casou-se com um viúvo com dois filhos e teve mais sete filhos. Os pais de Haydée eram professores rurais. Sua mãe alfabetizou cerca de oitocentos alunos, em seis lugares, sendo que em três deles seu pai mandou construir a sede da escola. Ela era líder da comunidade, dava assistência, receitava homeopatia, era chamada para atender casos e falava inglês com os estrangeiros da missão presbiteriana. Dos sete aos onze anos Haydée frequentou a escola particular regida por sua mãe. Depois foi estudar no Instituto Ponte Nova, até 1931 (BARREIRA; BAPTISTA, 2002).

Haydée e seus irmãos estudaram no Colégio da Missão Presbiteriana do Brasil Central, fundada pelo engenheiro William Alfred Wadell, em Ponte Nova, nos Lençóis, a 100 km do município onde nasceram, distante três dias de viagem a cavalo. A estação missionária incluía a Igreja, um pequeno hospital e a escola, que ensinava do primeiro grau até o curso normal, nos moldes da Escola Ativa, segundo as concepções de Pestalozzi. Lá, Haydée estudou inglês durante cinco anos e conviveu com uma enfermeira norte-americana, formada na universidade de Stanford, na Califórnia. Ficaram gravadas nela, para sempre, a visão cristã reformada, a educação como valor permanente e universal e a admiração pela civilização norte-americana (BARREIRA; BAPTISTA, 2002).

Sua irmã mais velha, Anita Dourado, já professora rural, ao solicitar material de propaganda sanitária ao Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), recebeu um prospecto da Escola Anna Nery, de cuja existência ela tinha conhecimento. A admissão de Anita na Escola foi fácil, porque as candidatas, com o curso normal, não tinham que prestar exame vestibular. Quando Haydée, aos dezessete anos, terminou o Normal, sua mãe escreveu à Anita, para que recomendasse a irmã à direção da Escola Anna Nery. Com a autorização da diretora da instituição, Haydée viajou para o Rio em dezembro de 1935 e tomou posse no cargo de enfermeira de saúde pública federal. Ela passou a atuar, então, na recém-criada rede de centros de saúde. Posteriormente, trabalhou no Maranhão e no Piauí, implementando e organizando nestes estados serviços de enfermagem (BARREIRA; BAPTISTA, 2002).

Haydée Dourado foi para os Estados Unidos no final de novembro de 1940 acompanhando, na qualidade de enfermeira, uma senhora que era mãe de conhecidos da família no Rio de Janeiro. Nos primeiros dias de janeiro de 1941, Haydée é agraciada com uma bolsa de estudos da Fundação Rockefeller, na universidade de Toronto. Ela permanece no Canadá de setembro de 1941 a dezembro de 1942. Antes, porém, durante os oito meses de espera pela bolsa (de novembro de 1940 a agosto de 1941), ela

conseguiu boas oportunidades. Em New Haven, estagiou na Escola de Enfermagem e no hospital da universidade de Yale. E antes de ir para Toronto, no Canadá, esteve na Escola de Enfermagem da Universidade de Vanderbilt, em Nashville, Tennessee, no sul dos Estados Unidos (BARREIRA; BAPTISTA, 2002).

A partir de setembro de 1941, e durante dez meses, Haydée estudou na Escola de Enfermagem da Universidade de Toronto, no sul do Canadá, no curso "Teaching and Supervision in Schools of Nursing". A atividade correspondia a um curso de pós-graduação de um ano, em Pedagogia, Didática e Supervisão. Ela só retorna ao Brasil em 1942 (BARREIRA; BAPTISTA, 2002).

Aqui, como docente da Escola de Enfermagem da USP, desempenhou as funções de instrutora técnica e depois de professora contratada em tempo integral. Na área de administração acadêmica, foi membro do conselho administrativo da Escola e coordenadora do currículo do ciclo básico do curso de graduação – até porque cursara várias dessas disciplinas no curso de medicina no Rio de Janeiro. Haydée assumiu ainda o cargo de substituta eventual da diretora, mas ainda não estava satisfeita com a formação até então adquirida. Assim, de 1943 a 1945, ela faz o curso de Ciências Políticas e Sociais na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Nesta instituição particular foi aluna de Donald Pierson, professor visitante pela Smithsonian Institution. Atuou também na Divisão de Organização Sanitária do Departamento Nacional de Saúde (BARREIRA; BAPTISTA, 2002).

Sua carreira é repleta de experiências e títulos. Em 1951, por exemplo, foi nomeada Superintendente do Serviço de Enfermagem da Campanha Nacional Contra a Tuberculose (CNCT). Sócia da atual ABEn desde 1944, no início da década de 1950 tornou-se diretora e depois redatora da REBEn. Por isso, passou a integrar o Conselho Deliberativo da então ABEd. Mais adiante, em 1953, quando terminou o curso de jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, Haydée tornou-se redatora-chefe da REBEn e contribuiu decisivamente para a mudança da capa da revista. Em 1955, por força de reforma estatutária, a REBEn passou a ser um órgão independente do Conselho e ganhou sede própria. Nesta época, Haydée passou a ocupar o cargo de diretora redatora-chefe da Revista, subordinada à presidente da ABEn. Haydée permaneceu no cargo até 1986. Contribuiu ainda com o planejamento e execução do "Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil", a primeira pesquisa feita para levantar as necessidades da enfermagem no país (BARREIRA; BAPTISTA, 2002).

### João Cardoso de Castro

Prof. João Cardoso de Castro aparece assim intitulado no site de anatomia da atual UERJ, no item “Memorial”, junto com outros professores que já pertenceram à esta instituição. É possível encontrar ainda a data “1945 – 1972”, abaixo do seu nome, especificando o período em que esteve atuando na instituição, na cadeira de Anatomia. Foi também professor da cadeira de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Atuou como chefe do Serviço de Cirurgia do Hospital Carlos Chagas; foi membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, atuando, inclusive como Secretário-Geral na 21ª Diretoria, dentre outros títulos, o que o mantinha em uma posição de destaque à época, conforme notícia publicada no Diário de Notícias (de 27 de agosto de 1952) destacando a sua aprovação no Concurso de Livre Docente em Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil:

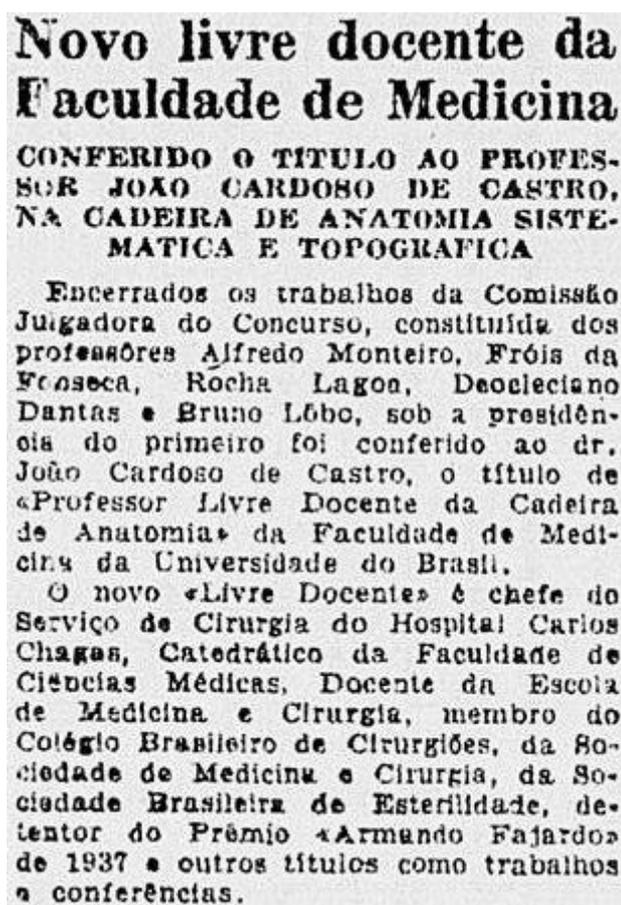


Imagem 71 – recorte de notícia publicada no Diário de Notícias (de 27 de agosto de 1952).

Disponível em: <http://www.anatomia.uerj.br/archive.htm>; <https://www.cbc.org.br/o-cbc/a-historia/>; <https://www.cbc.org.br/livro-historico/#1/z>; e <http://hemerotecadigital.bn.br/> (Diário de Notícias, de 27 de agosto de 1952).

### **Maria Aurineide da Silva Nogueira**

Formou-se em Enfermagem em 09/08/1951 pela Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo. Veio do Ceará para o Rio de Janeiro para estudar enfermagem. Antes, fez seus estudos primário, secundário e normal no Instituto de Educação de Fortaleza, Ceará, concluídos no ano de 1944. Exerceu as funções de professora primária, da Secretaria de Educação do Estado do Ceará e a de funcionária do Departamento de Correios e Telégrafos, do mesmo Estado. Lecionou na série primária do Colégio Farias Brito, em Fortaleza, Ceará. Foi bolsista do Serviço Nacional contra a Tuberculose (1948 a 1951) e solicitada para exercer a função de Instrutora de Alunas da Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo no ano de 1951. No mesmo ano é nomeada Enfermeira da P.D.F. e leciona Dietética Infantil (prática). Faz um estágio no Lactário da Fundação Romão Batista em 1952. Exerce também as funções de Instrutora de Enfermagem em Clínica das Doenças Transmissíveis e Dietética Infantil, no Hospital Isolamento Francisco de Castro. Atua ainda como Instrutora em Sala de Operações no Hospital Pedro Ernesto e Enfermagem em Obstetrícia na Maternidade Fernando Magalhães. Nomeada para lecionar a cadeira de doenças Infecto-Contagiosas, acumula o cargo de Instrutora de Alunas no Estágio de Doenças Transmissíveis, no Hospital Isolamento Francisco de Castro. Por solicitação da Diretora deste último, é nomeada professora de Enfermagem Tisiológica. Conclui, em 1960, o curso de Aperfeiçoamento de Enfermagem em Cirurgia Torácica, no Hospital Escola de Curicica, da C.N.T., do Ministério da Saúde. Ocupou também, durante nove anos, a cadeira de Enfermagem em Doenças Transmissíveis na Escola de Auxiliares de Enfermagem da Assistência Médico Social da Armada (Ministério da Marinha). Em 1962, por motivo da Integração da Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo à Universidade da Guanabara, foi nomeada Professora da Cadeira de Enfermagem Pediátrica nessa Escola. Sua trajetória na profissão incluiu ainda a Supervisão do serviço noturno da Maternidade Casa da Mãe Pobre, em 1954. Maria Aurineide foi membro da Comissão de Legislação da Associação Brasileira de Enfermagem, e presidente da Associação das Ex-Alunas da Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo. Em seu vasto currículo, a profissional afirma ter participado de todos os Congressos de Enfermagem Nacionais e

Internacionais realizados no Distrito Federal, Estado do Rio e Estado da Guanabara.  
 Fonte: Fichas dos alunos e prontuários dos servidores – Centro de Memória da Faculdade de Enfermagem da UERJ.



Imagens 72, 73 e 74 – Maria Aurineide quando aluna, formada e docente da Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, respectivamente. Fonte: Fichas dos alunos e prontuários dos servidores – Centro de Memória da Faculdade de Enfermagem da UERJ.

### **Maria Rosa Sousa Pinheiro**

Foi enfermeira, com atuação reconhecida na área de saúde pública, formada pela Escola de Enfermagem da Universidade de Toronto, no Canadá, em 1943. Concluiu o Mestrado em 1948 pela Teacher's College, da Universidade Columbia, em Nova York (EUA). Atuou na direção da Escola de Enfermagem da USP (como vice-diretora, de 1944 a 1951, e como diretora, de 1955 a 1978). Foi diretora da Divisão de Enfermagem do Serviço Especial de Saúde Pública – SESP, 1951 – 1955. Ocupou a presidência da ABEn no período de 1954 a 1958 e integrou o Conselho Federal de Enfermagem – COFEN no período de abril de 1975 a abril de 1977. Maria de Souza Pinheiro atuou também na Organização Mundial de Saúde, junto ao Ministério da Educação, ao Governo do Estado de São Paulo, entre outros órgãos e/ou instituições. A história de vida de Maria Rosa nos revela uma mulher cosmopolita e extremamente interessada nos assuntos que envolviam a enfermagem. Sua trajetória fez dela uma das maiores líderes da profissão no Brasil. No exercício de suas funções amealhou títulos honorários e prêmios, entre eles o de “Enfermeira do Ano”, em 1969 (OGUISSO; CAMPOS; SANTIAGO, 2009; SECAF, 1988).

### **Marina de Andrade Resende**

Nasceu em 1918, formou-se na Escola de Enfermagem da Universidade Católica de Washington, fez vários cursos de especialização e obteve grau de mestre em Administração de Ensino na Teacher's College, da Universidade de Columbia. Foi bolsista da *Kellogg Foundation* em 1945, realizando um curso no *Providence School of Nursing*, nos Estados Unidos. Na década de 1950, tornou-se Diretora da Divisão de Enfermagem do Rio de Janeiro. Exerceu intensa atividade na Associação Brasileira de Enfermagem e ali ocupou vários cargos. Foi presidente da entidade em dois mandatos, biênio de 1958 a 1960 e de 1960 a 1962. Foi editora da Revista Brasileira de Enfermagem e deu ênfase à literatura profissional de Enfermagem. Criou inclusive o Concurso "Semana da Enfermagem", em 1963, para despertar nos alunos de graduação a atenção para o tema. Faleceu em 1965. Fonte: <http://www.eerp.usp.br/entidades-estudantis-camar/>, acessado em 12 de julho de 2014.

### **Martha Ruth Smith and Colleagues**

Foi assistente de diretor e supervisora de ensino da prática de Enfermagem no Hospital Geral de Massachusetts, Boston. Contou com a colaboração de diversos autores na construção do livro "An Introduction to the Principles of Nursing Care", de 1939 (1ª edição em 1937). Alinhavamos aqui seus nomes: Anne L. Austin (professora associada da Escola de Enfermagem da Western Reserve University, Cleveland, Ohio); Sister M. Berenice Beck (reitora e professora de enfermagem, da Marquette University College of Nursing, Milwaukee, Wisconsin); Jean Broadhurst (professor de bacteriologia, Teachers College, Columbia University, New York City); Katharine J. Densford (diretora da escola de Enfermagem da University of Minnesota, Minneapolis, Minnesota); Charles P. Emerson (professor pesquisador de medicina da Indiana University); Ann H. Gardiner (professora assistente da Duke University School of Nursing, Durham, North Carolina); Agnes B. Meade (instrutora de ciência da Escola de enfermagem do Medical Center, Jersey City, New Jersey); Florence K. Wilson (diretora da Escola de Enfermagem do Syracuse Memorial Hospital, Syracuse, N.Y.); Lulu K. Wolf (professor associado da Escola de Enfermagem da Vanderbilt University, Nashville, Tenn) (SMITH, 1939).

### **Nalva Pereira Caldas**

Nalva nasceu no dia 14 de março de 1931, na cidade de Aracajú, no Estado de Sergipe. Seu interesse pela enfermagem foi despertado por uma amiga que cursava

enfermagem na Escola Anna Nery, no Rio de Janeiro, e, quando viajava até Aracajú, passava a ela informações sobre a profissão. Suas conversas giravam inclusive em torno da possibilidade de se obter bolsas de estudo. De acordo com depoimento da própria Nalva, “naquela época, em Aracajú, havia poucas possibilidades para a mulher conseguir uma colocação no mercado de trabalho e se profissionalizar”.

Assim foi que Nalva não pensou duas vezes ao obter uma bolsa de estudos para atuar na Campanha Nacional Contra Tuberculose (CNCT). A jovem estudante interrompeu o curso normal e foi estudar enfermagem, no Rio de Janeiro. A futura enfermeira ingressou na Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FENF/UERJ), em julho de 1948. No mesmo ano de sua formatura, em julho de 1952, participa de um Curso de Administração Hospitalar, na Secretaria Geral de Saúde e Assistência da Prefeitura do Distrito Federal. Após a conclusão do curso, ainda em 1952, é encaminhada, pela CNCT, para trabalhar no Conjunto Sanatorial de Curicica. Ali permanece até outubro de 1953 e só sai quando surge a oportunidade de trabalhar na mesma área, em Aracajú. De volta á sua terra natal, participa, ao longo dos anos subsequentes, até 1958, da organização e implementação de um sanatório na cidade. No período em que se dedicou ao Sanatório de Aracaju, teve a oportunidade de completar o segundo grau, no Colégio Tobias Barreto.

Também por essa época presidiu a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), Seção do Estado de Sergipe. Em 1956, a CNCT a enviou a Recife para fazer um Curso de Enfermagem em Tisiologia, oferecido pela Faculdade de Medicina local. Após o curso, por iniciativa própria, fez seis meses de estágios no Hospital Oswaldo Cruz, no Conjunto Sanatorial Otávio de Freitas e no Dispensário de Tuberculose do Centro de Saúde Agamenon Magalhães. A organização modelar e sistêmica da CNCT, abrangendo todo território nacional, despertou seu interesse pela área da administração. Em 1958, Nalva, já desligada da CNCT e por vontade própria, volta ao Rio de Janeiro. Em dezembro daquele ano, ingressa no Hospital Pedro Ernesto, aprovada em concurso para Enfermeiros da Prefeitura do Distrito Federal. Também atuou no Hospital Julia Kubitschek (Belo Horizonte), no Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI) e na Policlínica (Rio de Janeiro).

No biênio 1963/1964, Nalva Caldas participa do Curso de Especialização em Administração de Pessoal e Organização e Métodos, promovido pela Escola Brasileira de Administração Pública, na Fundação Getúlio Vargas. Ela participa da elaboração de

um livro de procedimentos de enfermagem: *Manual de Enfermagem – Técnicas e Cuidados Básicos*. O reconhecimento de sua competência administrativa faz com que a profissional seja convidada para dirigir a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo. Sentindo a necessidade de se qualificar para a docência, e após participar de um Curso de Didática, sob a direção da Professora Simone Fomm Rivera, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Nalva faz o Curso de Mestrado da Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas, concluído em 1964. Nalva estava casada, desde 1960, com Cidelviro Almeida Caldas, Sub-Oficial da Marinha do Brasil, e passara a se chamar e assinar Nalva Pereira Caldas.

Em 1961, ela foi nomeada, pelo governador Carlos Lacerda, diretora da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo. Nessa época, Nalva Pereira Caldas (NPC) era enfermeira do Estado da Guanabara, lotada na Secretaria Geral de Saúde e Assistência, à qual pertencia a Escola. No ano de 1964, a Escola de Enfermagem passou a ser dirigida pelo professor Lafayette Silveira, tendo a professora Nalva como vice-diretora, acumulando a função de docente e de chefe do Departamento de Enfermagem Social, de 1965 a 1973. Em 1974, assume a Coordenação do Curso de Graduação da Faculdade de Enfermagem da UERJ. Em 1982, ela trabalharia como docente na Universidade Federal do Maranhão, no curso Técnico de Enfermagem da Escola de Enfermagem Luiza de Marilac e no Curso de Graduação da Universidade Gama Filho.

Ainda em 1974, Nalva submeteu-se ao Concurso para Livre-Docência, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, com a tese intitulada “Considerações sobre Modelos do Serviço de Enfermagem nos Hospitais Universitários do Município do Rio de Janeiro”. Obteve simultaneamente o título de doutora, conforme facultava a legislação da época, de modo a viabilizar a criação dos programas de pós-graduação *stricto sensu*. A partir de então foi convidada a participar das atividades de ensino e pesquisa no Curso de Mestrado da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ), e no Curso de Mestrado de Enfermagem na Escola de Enfermagem (EE) da UNIRIO. Em 1995, tornou-se professora titular da FENF/UERJ, mediante concurso público. Entre 1993 e 1997, foi membro do Conselho Deliberativo da Revista de Enfermagem da UERJ e, a partir de 1998, passou a atuar como membro do Conselho Editorial da publicação. Por todos os serviços prestados à FENF/UERJ, e por sua dedicação ao recuperar e organizar seu acervo histórico, o Centro de Memória da Faculdade de Enfermagem recebeu seu

nome, em 2001. Em 2002, recebeu o título de Professora Emérita da UERJ (SILVA; BARREIRA, 2005, p. 398 – 401).

### **Rachel Haddock Lobo**

Rachel Haddock Lobo, enfermeira brasileira, diplomou-se pela École des Enfermières de L'Assistance Publique, em Paris, e completou sua formação durante quatro meses, aprofundando conhecimentos sobre Saúde Pública, na Escola de Enfermagem Anna Nery. Em 1927, viajou para os Estados Unidos, com bolsa de estudos patrocinada pela Fundação Rockefeller, preparando-se especificamente, para assumir a direção da escola. Designada diretora em 1931, foi a primeira diretora brasileira da Escola de Enfermagem Anna Nery. Faleceu súbita e prematuramente em setembro de 1933, sem completar sua gestão (OLIVEIRA; SANTOS; OLIVEIRA, 2002).

### **Roger Chartier**

Roger Chartier é um historiador francês vinculado à atual historiografia da Escola dos Annales. Ele trabalha sobre a história do livro, da edição e da leitura. Roger nasceu em 09 de dezembro de 1945, em Lyon, filho de uma família operária. Formou-se professor e historiador simultaneamente pela Escola Normal Superior de Saint Cloud e na Universidade de Sorbonne. O francês estuda a história da cultura e dos livros, a trajetória da leitura e da escrita como práticas sociais (CHARTIER, 2009).

### **Waleska Paixão**

Waleska Paixão nasceu no dia 3 de novembro de 1903, em Petrópolis, Rio de Janeiro, onde cursou o ensino fundamental e médio. Excepcionalmente, de fato, ela aprendeu, além de sua própria língua – o português - a comunicar-se também em três línguas estrangeiras: inglês, francês e espanhol. Waleska era a sexta filha de seus pais, Ludovinia Vale Paixão e Henrique Paixão, e tinha dois irmãos e cinco irmãs. O pai era engenheiro, e a mãe detinha capital cultural apreciável para os padrões da época. E com a experiência de casa, ela mesma tornou-se professora e catequista autodidata, lecionou desde os 14 anos de idade no Externato Paixão, fundado por seu avô, e assumiu a diretoria do estabelecimento, por algum tempo. Na segunda década do século XX, o mundo enfrentava não só as consequências da primeira Guerra Mundial, mas a

pandemia da Gripe Espanhola. Waleska Paixão, que na ocasião contava com apenas 15 anos, aprendeu, quase que por intuição, o “ofício de enfermeira”. Ainda adolescente, prestou cuidados a irmã mais velha que contraiu a gripe e necessitava de constantes visitas médicas e de alguém que administrasse medicamentos injetáveis na doente para amenizar a sintomatologia da gripe. Ainda durante a epidemia, Waleska prestou o mesmo tipo de cuidado à vizinhança acometida pela moléstia. A pedido e sob orientação do próprio médico, a moça aprendeu a praticar procedimentos técnicos de enfermagem mais simples (AZEVEDO; CARVALHO; GOMES, 2009, p. 32 – 33).

Seu envolvimento formal com a Enfermagem só acabaria ocorrendo quando ela contava com 33 anos de idade. Waleska, no entanto, cogitara fazer o curso de Enfermagem aos 19 anos, mas, na época, sua mãe não permitiu. Mas, em 1933, ela foi convidada por Laís Netto dos Reys, amiga de sua família e que, à época, dirigia a Escola de Enfermagem Carlos Chagas - EECC em Belo Horizonte, para lecionar a disciplina “Drogas e Soluções”. É que havia uma carência de professoras na Escola e o conteúdo desta disciplina estava mais relacionado a cálculos do que a conhecimento específico de enfermagem. Waleska relutou em aceitar a incumbência. Apesar de ter conhecimentos na área, alegou não ter preparação especializada para desempenhar a função. Mas, a insistência e a persuasão de Dona Laís acabaram convencendo-a a aceitar o desafio (AZEVEDO; CARVALHO; GOMES, 2009, p. 32 – 33).

Waleska acabaria sendo professora e aluna ao mesmo tempo. E foi até adiante. No período em que estudou e lecionou na EECC, também prestou serviços na área administrativa, sob a supervisão de Laís Netto dos Reys, pois já dispunha de conhecimentos administrativos, adquiridos no Externato Paixão. Aos 35 anos, recebeu o diploma de enfermeira e, não demorou muito, quatro meses depois, foi designada para assumir o cargo de Diretora da EECC, onde trabalhou arduamente e conseguiu a equiparação da EECC ao padrão Anna Nery, em 1942. Em 1943, vislumbrou e aproveitou a oportunidade de cursar pós-graduação em Administração e Ensino de Enfermagem na Universidade de Cornell, Nova York, com bolsa de estudo custeada pelo Instituto de Assuntos Interamericanos. Após 10 meses no exterior, regressou ao Brasil, para dar continuidade ao seu trabalho na EECC (AZEVEDO; CARVALHO; GOMES, 2009, p. 32 – 33).

Em 1946, mobilizou-se para criar um órgão defensor do exercício da profissão de enfermagem, em Minas Gerais. Na ocasião, a única entidade de classe da Enfermagem era a Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas – ABED, criada

em 1926, no Rio de Janeiro, hoje Associação Brasileira de Enfermagem – ABEn. Iniciava-se, à época, um movimento de expansão, e três seções estaduais da entidade já haviam sido criadas em território brasileiro, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Amazonas. Consciente da necessidade, Waleska reuniu algumas enfermeiras que comungavam de seu ideal e articulou a criação de uma Seção Estadual da ABED em Minas Gerais. Em 05 de fevereiro de 1947, com muito esforço, foi criada a ABED - Seção MG, tornando-se Waleska Paixão sócia fundadora e primeira presidente dessa seção. Todavia, o reconhecimento da mesma seção só ocorreu dois anos depois de sua criação (AZEVEDO; CARVALHO; GOMES, 2009, p. 32 – 33).

Com a saúde debilitada e emocionalmente preocupada com a família, em 1948, nossa protagonista pediu a exoneração do cargo de Diretora da Escola e retornou ao seu estado de origem, Rio de Janeiro, para permanecer próxima de sua família, residente em Petrópolis. Em paralelo, aproveitou para aceitar o convite de Laís Netto dos Reys, que à época dirigia a Escola de Enfermagem Anna Nery, para trabalhar na referida escola. Em junho do mesmo ano, foi admitida na EAN segundo a Portaria nº 91 de 24 de junho de 1948; publicada no Diário Oficial de 30/06/1948. Assumiu para exercer o cargo de enfermeira em 01 de julho de 1948 (AZEVEDO; CARVALHO; GOMES, 2009, p. 32 – 33).

Após ministrar aulas durante dois anos, além de colaborar com a diretoria da Escola, em 10 de julho de 1950, ela foi nomeada pelo Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, Diretora da Escola Anna Nery, da Universidade do Brasil, cargo vago em virtude do falecimento de D. Laís. Waleska Paixão dirigiu a EEAN durante 16 anos (1950-1966) e usou a sua inteligência e determinação para alcançar êxito nas lutas travadas em prol do crescimento e desenvolvimento da profissão, além de garantir os avanços palpáveis da EAN no período. Ainda na qualidade de diretora da EAN, desempenhou várias atividades, tais como professora das disciplinas de Ética Profissional, História e Legislação de Enfermagem (AZEVEDO; CARVALHO; GOMES, 2009, p. 32 – 33).

Waleska Paixão destacou-se ainda pela publicação de “Páginas de História da Enfermagem”, livro de sua autoria, publicado em 1951, que a transformou na primeira historiadora enfermeira do país. No prefácio da primeira edição do livro, sabedora da uma escassez bibliográfica presente na área até pouco tempo atrás, Waleska demonstraria sua preocupação com o ensino de história da enfermagem: “representam estas páginas apenas uma pequena contribuição para a formação de nossas

profissionais” e “apesar de modesta, resolvi publicá-las, para diminuir um pouco as dificuldades de professores e alunas”, assinalou na obra. Waleska acrescentou ainda que o livro foi fruto dos doze anos em que lecionou História da Enfermagem, nove dos quais na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC). O livro tornou-se uma referência e, depois de 53 anos e cinco edições, continua sendo apontado informalmente como referência para o estudo e a pesquisa em História da Enfermagem (SANTOS; CALDEIRA; MOREIRA, 2010, p. 269).

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, J.M.; CARVALHO, V.; GOMES, M.L.B. Waleska Paixão: uma biografia a serviço da enfermagem brasileira. **Esc Anna Nery Rev Enferm** 2009 jan-mar; 13 (1): 31-35.

BARREIRA, I.A.; BAPTISTA, S.S. Haydée Guanais Dourado: carisma e personalidade a serviço de um ideal. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 55, n. 3, p. 275-292, maio/jun. 2002.

BUENO, S.M.V. Glete de Alcântara: Vida Intelectual e Profissional da Primeira Diretora da EERP-USP. Comissão de Cultura e Extensão Universitária da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, organizadores. **Anais da V Semana Professora Glete de Alcântara e II Mostra Científica de História da Enfermagem, Ribeirão Preto**, 4-8 agosto 2008. Universidade de São Paulo. Centro de Memória da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Ribeirão Preto (SP): EERP/USP, 2008. ISSN: 1982-8144. Disponível em: <http://www.eerp.usp.br/cemeerp/VISemanaGlete/arquivos/anaisV.pdf>, acessado em 06/12/2010.

CHARTIER, R. (org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 4ª ed., 2009.

COSTA, R.; PADILHA, M.I.; AMANTE, L.N.; COSTA, E.; BOCK, L.F. O Legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2009 Out-Dez; 18(4): 661-9.

KRUSE, M.H.L. Enfermagem Moderna: a ordem do cuidado. **Rev Bras Enferm** 2006; 59(esp): 403-10.

LUCENA, I.C.D.; BARREIRA, I.A.; BAPTISTA, S.S. Cinquentenário do “Manual de Técnica de Enfermagem” (1957-2007): contribuições na construção do saber de enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enferm** 2010 jan-mar; 14 (1): 13-18.

MANCIA, J.R.; PADILHA, M.I.C.S. Trajetória de Edith Magalhães Fraenkel. **Rev Bras Enferm** 2006; 59(esp): 432-7.

MENDES, I.A.C.; LEITE, JOSÉTE L.; LEITE, JUÇARA L.; TREVIZAN, M.A. A REBEn no Contexto da História da Enfermagem Brasileira: a Importância da Memória de D<sup>a</sup> Glete de Alcântara. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 55, n. 3, p. 270 – 274, maio/jun. 2002.

OGUISSO T., CAMPOS P.F.S., SANTIAGO E.S. Maria Rosa Sousa Pinheiro e a Reconfiguração da Enfermagem Brasileira. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2009; Out-Dez; 18(4): 643-51.

OLIVEIRA, S.T.; SANTOS, T.C.F.; OLIVEIRA, C.S. O tempo de Rachel Haddock Lobo como diretora da Escola de Enfermagem Anna Nery. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, vol. 6, núm. 2, agosto, 2002, p. 229 – 240.

SANTOS, G.F.; CALDEIRA, V.P.; MOREIRA, S.A. A inserção de Waleska Paixão na Enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enferm** 2010 abr-jun; 14 (2): 268-274.

SECAF, V. (org.). **Maria Rosa Sousa Pinheiro: Personalidade Marcante**. São Paulo: 1988. 2<sup>a</sup> ed.

SILVA, R.L.M; BARREIRA, I.A. Nalva Pereira Caldas, uma Trajetória de Sucesso. **R Enferm UERJ** 2005; 13: 397-02.

SMITH, M.R. (org.) **An Introduction to the Principles of Nursing Care**. Second Edition Revised. Philadelphia – London – New York – Montreal: J. B. Lippincott Company, 1939.

## APÊNDICES

**Apêndice 1:** Quadro I - Grupos de Pesquisa que atuam com estudos sobre a Nova História Cultural

<b>Grupo de Pesquisa</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano de Criação</b>	<b>Linhas de Pesquisa</b>	<b>Áreas do Conhecimento</b>
Núcleo de Pesquisa e estudos em História Cultural.	Universidade Federal Fluminense – UFF	1992	Cultura e Gênero. Cultura e Identidade.	Ordem social; Poder; Relações de Gênero; Grupos Sociais; Memória.
Instituições e Representações de Saúde.	Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ	1994	História das Profissões do Cuidar. Práticas e Instituições de Saúde: abordagens históricas e sociais.	História da Enfermagem; Representações da Saúde.
História e Cultura.	Universidade Federal de Uberlândia – UFU	1999	História Cultural.	História Cultural.
Estudos teóricos, práticos, históricos e culturais em saúde.	Universidade Federal de Sergipe – UFS	2000	História e Saúde.	História da Enfermagem; Imagem Cultural; História e Saúde.
Núcleo de Pesquisa Livro e História Editorial no Brasil.	Universidade Federal Fluminense – UFF	2003	Comunicação e Cultura no Brasil. História do Livro. História Editorial Brasileira.	História; História do Brasil; Jornalismo e Editoração; História Editorial; Livro e cultura; Livro e sociedade; Livros e artes gráficas.
Centro de estudos sobre a história da leitura, do livro e da biblioteca.	Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG	2004	Discursos, representações: produção de sentidos.	História; História da leitura.
Núcleo de Estudos e Pesquisas em História, Cultura e Identidade.	Universidade Tiradentes – UNIT	2005	História, Identidade Cultural e Sociedade.	Cultura; História; Sociedade.
Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e das	Universidade Federal do Maranhão – UFMA	2005	História do livro e da leitura.	História da Educação; Educação; Ciências

Práticas Leitoras no Maranhão.				Humanas; Ciências Sociais Aplicadas.
Estudos em História Cultural.	Universidade Estadual do Centro-Oeste	2006	Narrativas e teorias da história.	Leitura; Representações.
História, Cultura e Representação.	Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES	2009	História Cultural.	Cultura; História.
Laboratório de Estudos em História Cultural.	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB	2010	Michel Foucault e a História Cultural.	Cultura; Poder.
Educação, História e Memória.	Universidade Federal do Espírito Santo – UFES	2011	Memória. História Cultural. Livro didático.	História; História Cultural; Sociedade e Cultura; Cultura.
Memórias de leitura, memórias de imprensa.	Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP	2012	Memória de impressos e leituras.	História da leitura; História do livro; Memória Cultural.
CEADHIC - Círculo de Estudos em Análise do Discurso e História Cultural.	Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL	2012	História, Sociedade e Cultura.	Cultura; História; Memória; Representação; Sociedade.
Livros, materiais, recursos e novas tecnologias em contextos de ensino aprendizagem.	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio	2013	Gêneros do discurso em livros, materiais e recursos didáticos. Livro didático na contemporaneidade: novos e multiletramentos.	Linguística, Letras e Artes; Livro didático.

Fonte/Buscas: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/>, em janeiro de 2014.

**Apêndice 2:** Quadro II – Universidades Federais do Brasil com Escolas de Enfermagem – processo de busca pelo documento-objeto.

	<b>Universidades</b>	<b>Estado</b>	<b>Escola de Enfermagem</b>	<b>E-Mail / Contato Biblioteca</b>	<b>Achados</b>
<b>01</b>	Universidade de Brasília - UNB	Distrito Federal	Sim	<a href="http://www.bce.unb.br/">http://www.bce.unb.br/</a>	*Busca On-line: Tem o “Técnicas de Ataduras”, Zaira C. Vidal, 1938.
<b>02</b>	Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD	Mato Grosso do Sul	Não	-----	-----
<b>03</b>	Universidade Federal de Goiás - UFG	Goiás	Sim	<a href="http://www.bc.ufg.br/">http://www.bc.ufg.br/</a>	*Busca On-line: não tem.
<b>04</b>	Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT	Mato Grosso	Sim	<a href="http://www.biblioteca.ufmt.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://www.biblioteca.ufmt.br/pergamum/biblioteca/index.php</a> <a href="http://bdtb.ibict.br/">http://bdtb.ibict.br/</a>	*Busca On-line: não tem.
<b>05</b>	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS	Mato Grosso do Sul	Sim	<a href="http://www.cbc.ufms.br/Biblioteca/">http://www.cbc.ufms.br/Biblioteca/</a>	*Busca On-line: não tem.
<b>06</b>	Universidade Federal da Bahia - UFBA	Bahia	Sim	<a href="http://www.sibi.ufba.br/">http://www.sibi.ufba.br/</a>	*Busca On-line: não tem.
<b>07</b>	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB	Bahia	Sim	<a href="http://www.ufrb.edu.br/bibliotecaccs/">http://www.ufrb.edu.br/bibliotecaccs/</a>	*Busca On-line: não tem.
<b>08</b>	Universidade Federal da Integração	Ceará	Sim	<a href="mailto:biblioteca@unilab.edu.br">biblioteca@unilab.edu.br</a>	*Busca On-line: não tem.

	Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB				
09	Universidade Federal da Paraíba - UFPB	Paraíba	Sim	<a href="http://www.biblioteca.ufpb.br/">http://www.biblioteca.ufpb.br/</a> <a href="https://sistemas.ufpb.br/sigaa/public/home.jsf">https://sistemas.ufpb.br/sigaa/public/home.jsf</a>	*Busca On-line: não tem.
10	Universidade Federal do Cariri - UFCA	Ceará	Não	-----	-----
11	Universidade Federal de Alagoas - UFAL	Alagoas	Sim	<a href="http://www.sibi.ufal.br/">http://www.sibi.ufal.br/</a>	*Busca On-line: não tem.
12	Universidade Federal de Campina Grande - UFCG	Paraíba	Sim	<a href="http://biblioteca.ufcg.edu.br/acervo/">http://biblioteca.ufcg.edu.br/acervo/</a> <a href="http://www.arquivogeral.ufcg.edu.br/">http://www.arquivogeral.ufcg.edu.br/</a>	*Busca On-line: não tem.
13	Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	Pernambuco	Sim	<a href="http://www.biblioteca.ufpe.br/pergamum/biblioteca/">http://www.biblioteca.ufpe.br/pergamum/biblioteca/</a>	*Busca On-line: Tem o “Novo Manual de Técnica de Enfermagem”, de Elvira de Felice Souza, 1966, 4ª ed.
14	Universidade Federal de Sergipe - UFS	Sergipe	Sim	<a href="http://bibliotecas.ufs.br/">http://bibliotecas.ufs.br/</a>	*Busca On-line: não tem.
15	Universidade Federal do Ceará - UFC	Ceará	Sim	<a href="http://www.biblioteca.ufc.br/">http://www.biblioteca.ufc.br/</a>	*Busca On-line: não tem.
16	Universidade Federal do Maranhão - UFMA	Maranhão	Sim	<a href="http://sigaa.ufma.br/sigaa/public/home.jsf">http://sigaa.ufma.br/sigaa/public/home.jsf</a> <a href="http://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/biblioteca.jsf">http://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/biblioteca.jsf</a>	*Busca On-line:  *Tem “Novo Manual de Técnica de Enfermagem”, de Elvira de Felice Souza, 1991 – 01 na Biblioteca de Enfermagem e 02 em outras bibliotecas da universidade.  *Tem “Novo Manual de Técnica de Enfermagem”, de Elvira de Felice Souza, 1962, 3ª ed – 01 na Biblioteca de Enfermagem.

					<p>*Tem “Técnica de Enfermagem”, de Zaira Cintra Vidal, de 1963 – 02 na Biblioteca de Enfermagem.</p> <p>*Tem “Técnica de Ataduras – manual de enfermeira”, de Zaira Cintra Vidal, de 1948 – 01 na Biblioteca de Enfermagem.</p>
17	Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOBA	Bahia	Não	-----	-----
18	Universidade Federal do Piauí - UFPI	Piauí	Sim	<a href="http://www.ufpi.br/bccb/">http://www.ufpi.br/bccb/</a>	*Busca On-line: não tem.
19	Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN	Rio Grande do Norte	Sim	<a href="http://www.ufrn.br/ufrn/conteudo/servicos/bibliotecas.php">http://www.ufrn.br/ufrn/conteudo/servicos/bibliotecas.php</a>	*Busca On-line: não tem.
20	Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB	Bahia	-----	<i>Universidade a ser implantada em 2014.2.</i>	-----
21	Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF	Pernambuco Bahia Piauí	Sim	<a href="http://www.graduacao.univasf.edu.br/sibi/">http://www.graduacao.univasf.edu.br/sibi/</a>	*Busca On-line: não tem.
22	Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE	Pernambuco	Não	-----	-----
23	Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA	Rio Grande do Norte	Não	-----	-----
24	Universidade Federal	Rondônia	Sim	<a href="http://www.sibi.unir.br/">http://www.sibi.unir.br/</a>	*Consulta ao acervo online indisponível.

	de Rondônia - UNIR					*Não houve retorno via e-mail.
25	Universidade Federal de Roraima - UFRR	Roraima	Sim	<a href="http://www.bc.ufrr.br/">http://www.bc.ufrr.br/</a>		*Busca On-line: não tem.
26	Universidade Federal do Acre - UFAC	Acre	Sim	<a href="http://www.ufac.br/portal/unidades-administrativas/orgaos-complementares/biblioteca-central">http://www.ufac.br/portal/unidades-administrativas/orgaos-complementares/biblioteca-central</a> <a href="http://200.129.173.3:3128/">http://200.129.173.3:3128/</a>		*Busca On-line: não tem.
27	Universidade Federal do Amapá - UNIFAP	Amapá	Sim	<a href="http://www2.unifap.br/biblioteca/">http://www2.unifap.br/biblioteca/</a>		*Busca On-line: não tem.
28	Universidade Federal do Amazonas - UFAM	Amazonas	Sim	<a href="http://bc.ufam.edu.br/">http://bc.ufam.edu.br/</a> <a href="http://pergamum.ufam.edu.br/biblioteca/index.php">http://pergamum.ufam.edu.br/biblioteca/index.php</a>		*Busca On-line: não tem.
29	Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA	Pará	Não	-----		-----
30	Universidade Federal do Pará - UFPA	Pará	Sim	<a href="http://bc.ufpa.br/site/">http://bc.ufpa.br/site/</a> <a href="http://bibcentral.ufpa.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://bibcentral.ufpa.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>		*Busca On-line: não tem.
31	Universidade Federal do Tocantins - UFT	Tocantins	Sim	<a href="http://www.site.uft.edu.br/painel/painel.php">http://www.site.uft.edu.br/painel/painel.php</a>		*Busca On-line: não tem.
32	Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA	Pará	Não	-----		-----
33	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA	Pará	Não	-----		-----
34	Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL	Minas Gerais	Sim	<a href="https://biblioweb.unifal-mg.edu.br/biblioweb/">https://biblioweb.unifal-mg.edu.br/biblioweb/</a>		*Busca On-line: não tem.

35	Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI	Minas Gerais	Não	-----	-----
36	Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF	Minas Gerais	Sim	<a href="http://www.ufjf.br/biblioteca/">http://www.ufjf.br/biblioteca/</a>	<p>*Busca On-line:</p> <p>- Tem o “Técnicas de Enfermagem”, de Zaira C. Vidal, 1942, 3ª Ed. – 01 exemplar.</p> <p>- Tem o “Técnica de Ataduras”, de Zaira C. Vidal, 1948 – 01 exemplar.</p> <p>- Tem o “Novo Manual de Técnica de Enfermagem”, de Elvira de Felice Souza, 1962, 3ª Ed. – 02 exemplares.</p> <p>- Tem o “Novo Manual de Técnica de Enfermagem: procedimentos e cuidados básicos”, de Elvira de Felice Souza, 1976, 6ª Ed. – 11 exemplares.</p>
37	Universidade Federal de Lavras - UFLA	Minas Gerais	Não	-----	-----
38	Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG	Minas Gerais	Sim	<a href="https://www.ufmg.br/biblioteca/index.shtml">https://www.ufmg.br/biblioteca/index.shtml</a> <a href="https://catalogobiblioteca.ufmg.br/pergamum/biblioteca/index.php">https://catalogobiblioteca.ufmg.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	*Busca On-line: Tem o “Técnicas de Enfermagem”, de Zaira Cintra Vidal, de 1957, 8ª Ed. - Faculdade de Medicina (Campus Saúde) – 01 exemplar.
39	Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP	Minas Gerais	Não	-----	-----
40	Universidade Federal de São Carlos - UFSCar	São Paulo	Sim	<a href="http://www.bco.ufscar.br/">http://www.bco.ufscar.br/</a> <a href="http://www2.ufscar.br/interface_frames/index.php?link=http://www.bco.ufscar.br">http://www2.ufscar.br/interface_frames/index.php?link=http://www.bco.ufscar.br</a> <a href="http://www.ph13.ufscar.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=ph182.xis&amp;cipar=ph182.cip&amp;lang=por">http://www.ph13.ufscar.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=ph182.xis&amp;cipar=ph182.cip&amp;lang=por</a>	*Busca On-line: não tem.

41	Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ	Minas Gerais	Sim	<a href="http://www.dibib.ufsj.edu.br/site/">http://www.dibib.ufsj.edu.br/site/</a> <a href="http://www.dibib.ufsj.edu.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl82.xis&amp;cipar=phl82.cip&amp;lang=por">http://www.dibib.ufsj.edu.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl82.xis&amp;cipar=phl82.cip&amp;lang=por</a>	*Busca On-line: não tem.
42	Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP	São Paulo	Sim	<a href="mailto:biblioteca@epm.br">biblioteca@epm.br</a> <a href="mailto:biblioteca.bs@unifesp.br">biblioteca.bs@unifesp.br</a>	*Não existe busca on-line. *Não houve retorno via e-mail.
43	Universidade de São Paulo - USP	São Paulo	Sim	<a href="http://www.usp.br/sibi/">http://www.usp.br/sibi/</a> <a href="http://www.obrasraras.usp.br/">http://www.obrasraras.usp.br/</a>	Busca On-line:  *Tem o “Novo manual de enfermagem procedimentos e cuidados básicos”, de Elvira de Felice Souza, 01 livro de 1988 no Hosp. Universitário, 01 de 1976 na Escola de Enfermagem e 01 na Facul de Saúde Pública, 01 de 1972 na Escola de Enfermagem da USP e 01 na de Ribeirão Preto.  *Tem o “Técnicas de Enfermagem”, de Zaira Cintra Vidal, 1939, 01 obra na Faculdade de Medicina (610.73:V667T 2.Ed 1939 ).  *Tem o “Manual de técnica de enfermagem”, de Elvira Felice Souza, 1959, na Esc de Enfermagem da USP e na de Ribeirão Preto.  *Tem o “Novo manual de técnica de enfermagem”, de Elvira de Felice Souza, 1966, 02 obras na Escola de Enfermagem.  *Tem o “Técnicas de Enfermagem”, Zaira Cintra Vidal, 1942, 01 na Fac de Medicina (610.73:V667T 3.Ed 1942).
44	Universidade Federal de Uberlândia - UFU	Minas Gerais	Sim	<a href="http://www.bibliotecas.ufu.br/">http://www.bibliotecas.ufu.br/</a>	*Busca On-line: não tem.
45	Universidade Federal	Minas	Sim	<a href="http://www.bbt.ufv.br/">http://www.bbt.ufv.br/</a>	*Busca On-line: indisponível.

	de Viçosa – UFV	Gerais			
46	Universidade Federal do ABC - UFABC	São Paulo	Não	-----	-----
47	Universidade Federal do Espírito Santo - UFES	Espírito Santo	Sim	<a href="http://www.bc.ufes.br/">http://www.bc.ufes.br/</a>	*Busca On-line: não tem.
48	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO	Rio de Janeiro	Sim	<a href="http://www.biblioteca.unirio.br/">http://www.biblioteca.unirio.br/</a>	01 exemplar do livro “Técnicas de Enfermagem”, de Zaira C. Vidal, 1953, no Lacenf/EEAP/UNIRIO.
49	Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ	Rio de Janeiro	Sim	biblioteca@hucff.ufrj.br bibliotecaean@gmail.com biblioteca@eean.ufrj.br	*Página de busca on-line fora do ar por problemas técnicos. *Responsável pelo CEDOC/EEAN/UFRJ alegou que o mesmo está fechado, via e-mail. A mesma não sabe dizer se possui o livro “Técnicas de Enfermagem”, de Zaira C. Vidal.
50	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	Minas Gerais	Sim	<a href="http://bibli.uftm.edu.br/sophia_web/">http://bibli.uftm.edu.br/sophia_web/</a>	*Busca On-line: Tem o “Novo manual de enfermagem: procedimentos e cuidados básicos” – 6ª edição, 1988, de Elvira de Felice Souza (03 exemplares na Biblioteca Central).
51	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM	Minas Gerais	Sim	<a href="http://www.ufvjm.edu.br/biblioteca/">http://www.ufvjm.edu.br/biblioteca/</a> <a href="http://siga.ufvjm.edu.br/index.php?module=biblioteca&amp;action=main">http://siga.ufvjm.edu.br/index.php?module=biblioteca&amp;action=main</a>	*Busca On-line: não tem.
52	Universidade Federal Fluminense - UFF	Rio de Janeiro	Sim	<a href="https://sistemas.uff.br/pergamum/biblioteca/index.php">https://sistemas.uff.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	*Busca via e-mail: não há o livro “Técnicas de Enfermagem”, de Zaira C. Vidal no acervo.  *Busca On-line: - Administração de medicamentos e preparo de soluções / Elvira de Felice Souza / 3. Ed / Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1978 (11 exemplares no Acervo Geral). - Administração de medicamentos e preparo de soluções / Elvira de Felice Souza /

					<p>3.ed / Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1978 (12 exemplares no Acervo Geral).</p> <p>- Enfermagem básica / Elvira de Felice Souza / Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972 (01 exemplar no Acervo Geral).</p> <p>- Novo manual de enfermagem: procedimentos e cuidados básicos / Elvira de Felice Souza / 5. ed. rev. / Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1972 (01 exemplar no Acervo Geral).</p> <p>- Novo manual de enfermagem: procedimentos e cuidados básicos / Elvira de Felice Souza / 6. Ed / Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1976 (06 exemplares no Acervo Geral).</p> <p>- Novo manual de enfermagem: procedimentos e cuidados básicos / Elvira de Felice Souza / 6. Ed / Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1976 (06 exemplares no Acervo Geral).</p>
53	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ	Rio de Janeiro	Não	-----	-----
54	Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS	Santa Catarina Paraná Rio Grande do Sul	Sim	<a href="http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&amp;view=category&amp;layout=blog&amp;id=274&amp;Itemid=853&amp;site=biblio">http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&amp;view=category&amp;layout=blog&amp;id=274&amp;Itemid=853&amp;site=biblio</a>	*Busca On-line: não tem.
55	Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA	Paraná	Não	-----	-----
56	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre - UFCSPA	Rio Grande do Sul	Sim	<a href="http://ufcspa.phlweb.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl82.xis&amp;cipar=phl82.cip&amp;lang=por">http://ufcspa.phlweb.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl82.xis&amp;cipar=phl82.cip&amp;lang=por</a>	*Busca On-line: não tem.

57	Universidade Federal de Pelotas - UFPEL	Rio Grande do Sul	Sim	<a href="http://pergamum.ufpel.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://pergamum.ufpel.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	<p>*Busca On-line:</p> <p>- Enfermagem básica / Elvira de Felice Souza [et al.]. Brasília: Expressão e cultura, 1972. (Coleção atendente de enfermagem) (01 exemplar na Biblioteca do Campus Porto).</p> <p>- Novo manual de enfermagem: procedimentos e cuidados básicos / Elvira de Felice Souza. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1984. 6. ed. (06 exemplares na Biblioteca do Campus Porto).</p> <p>- Novo manual de técnica de enfermagem / Elvira de Felice Souza. 46. ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1966. (01 exemplar na Biblioteca do Campus Porto).</p>
58	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Santa Catarina	Sim	<a href="http://150.162.1.90/pergamum/biblioteca/index.php">http://150.162.1.90/pergamum/biblioteca/index.php</a>	<p>*Busca On-line:</p> <p>- Novo manual de enfermagem: (procedimentos e cuidados básicos)/ Elvira de Felice Souza ; colaboradoras Maria Dolores Lins de Andrade ... [et.al.]- 6. ed.- Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1976. (01 exemplar na Biblioteca Central)</p> <p>- Novo manual de enfermagem; procedimentos e cuidados básicos. Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1972. Elvira de Felice Souza.</p> <p>- Novo manual de técnica de enfermagem. Rio de Janeiro: B. Buccini, [19- ]. Elvira de Felice Souza.</p>
59	Universidade Federal de Santa Maria - UFSM	Rio Grande do Sul	Sim	<a href="http://w3.ufsm.br/biblioteca/">http://w3.ufsm.br/biblioteca/</a>	<p>*Busca On-line:</p> <p>- Souza, Elvira de Felice / Administração de medicamentos e preparo de soluções / 3. ed. / Rio de Janeiro: Cultura Medica, 1978 – área do</p>

					conhecimento/classificação: farmácia. (01 exemplar).
60	Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA	Rio Grande do Sul	Sim	<a href="http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/sisbi/">http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/sisbi/</a> <a href="http://bibweb.unipampa.edu.br/">http://bibweb.unipampa.edu.br/</a>	*Busca On-line: não tem.
61	Universidade Federal do Paraná - UFPR	Paraná	Sim	<a href="http://acervo.ufpr.br/">http://acervo.ufpr.br/</a>	*Busca On-line:  - Administração de medicamentos e preparo de soluções / Elvira de Felice Souza. 3. ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1978. (01 exemplar)  - Enfermagem básica / Elvira de Felice Souza [et al.]. Brasília: Expressão e Cultura, 1972. Editado em convênio com o Instituto Nacional do Livro/PIPMO/MEC. (01 exemplar)  - Novo manual de enfermagem: procedimentos e cuidados básicos / Elvira de Felice Souza; colaboradoras: Maria Dolores Lins de Andrade... [et al.]. 6. ed., 9. reimp.1980; 11. reimp. 1983; 13. reimp.1984; 16. reimp. 1986. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1976. A Biblioteca possui a 11ª. reimp., a 13ª. reimpr. e a 24ª. reimpr. (09 exemplares)  - Novo manual de enfermagem: procedimentos e cuidados básicos / Elvira de Felice Souza; colaboradoras : Maria Dolores Lins de Andrade ... [et al.]. 5. ed. rev. e ampl . Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1972. (01 exemplar)
62	Universidade Federal do Rio Grande - FURG	Rio Grande do Sul	Sim	<a href="http://www.biblioteca.furg.br/">http://www.biblioteca.furg.br/</a> <a href="http://www.argo.furg.br/">http://www.argo.furg.br/</a>	*Busca On-line: não tem.
63	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Sim	<a href="http://sabi.ufrgs.br/F?RN=538806290">http://sabi.ufrgs.br/F?RN=538806290</a>	*Busca On-line:

	- UFRGS				<p>- Técnica de Enfermagem, Zaira Cintra Vidal, 9ª Ed., Rio de Janeiro: Dias Pereira, 1959. 395 p.: il.; 22 cm. (03 exemplares).</p> <p>- Técnica de Enfermagem, Zaira Cintra Vidal, 2.ed., Rio de Janeiro: Dias Pereira, 1939. 220 p.: il.; 24 cm. (01 exemplar).</p> <p>- Manual de enfermeira: técnica de ataduras, Zaira Cintra Vidal, Rio de Janeiro: S.ed., 1938. 144 p.: il.; 23 cm. (01 exemplar)</p> <p>(todos na biblioteca de enfermagem)</p> <p>- <a href="#">Administração de medicamentos e preparo de soluções</a>, Elvira de Felice Souza, 3.ed., Rio de Janeiro: Editora Cultura Médica, 1988. 128 p. (04 exemplares na biblioteca de enfermagem)</p> <p>- Souza, Elvira de Felice. Novo manual de enfermagem: procedimentos e cuidados básicos. Rio de Janeiro: Ed. Cultura Médica, 1987. 491 p.: il. (03 exemplares na biblioteca de enfermagem)</p> <p>- Souza, Elvira de Felice. Novo manual de enfermagem: procedimentos e cuidados básicos. 6.ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1984. 491 p.: il. (03 exemplares na biblioteca de enfermagem)</p> <p>- Souza, Elvira de Felice. Manual de enfermagem básica. Rio de Janeiro: Mtb, 1978. 119 p.: il. (01 exemplar na biblioteca de enfermagem)</p> <p>- Souza, Elvira de Felice. Novo manual de enfermagem: procedimentos e</p>
--	---------	--	--	--	---

					<p>cuidados básicos. 1976. 491 p.: il. (01 exemplar na biblioteca de enfermagem)</p> <p>- Souza, Elvira de Felice. Novo manual de enfermagem : procedimentos e cuidados básicos. 5.ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1972. 496 p.: il. (01 exemplar na biblioteca de enfermagem)</p> <p>- Coleção atendente de enfermagem. Brasília: Editora Expressão e Cultura, 1972. 6 v. : il.</p> <p>v.1. Enfermagem básica. - v.2. Enfermagem psiquiátrica. - v.3. Enfermagem de unidade sanitária. - v.4. Enfermagem pediátrica. - v.5. Enfermagem médico-cirúrgica. - v.6. Enfermagem obstétrica.</p> <p>Autores:</p> <p>Souza, Elvira de Felice; Rhodus, Cilei Chaves; Silva, Maria Tereza da; Carvalho, Viviana Lanzarini de; Sena, Tereza de Jesus; Elsas, Berenice Xavier; Castro, Ieda Barreira e; Matos, Adalgisa Vieira; Rocha, Dulce Neves da; Paim, Lygia; Ribeiro, Cleonice Vicente; Dantas, Maria do Carmo; Coimbra, Aracy; Costa, Luiza Aparecida Teixeira; Oliveira, Dely Goncalves de; Taira, Sono.</p> <p>(V. 1, 2, 3, 4, 5 e 6 disponíveis, 01 exemplar de cada na bibliot de enf)</p>
64	Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR	Paraná	Não	-----	-----

Fonte: Buscas realizadas pela internet em 11 e 17 de abril de 2014.

**Apêndice 3:** Quadros III a XVI – Mapas de Frequência à Biblioteca da atual Faculdade de Enfermagem da UERJ, detalhados por ano (1949 a 1963).

**Quadro III** - Mapa de Frequência à Biblioteca – 1949

Obras Consultadas	1ª Série	2ª Série	3ª Série
Patologia Médica	---	50	---
Patologia Cirúrgica	---	65	---
Anatomia	55	---	---
Fisiologia	58	---	---
Obstetrícia	---	---	40
Sociologia	30	---	---
Psicologia	35	40	---
Química	50	---	---
Enfermagem	60	65	60
Enciclopédia	30	45	50
Microbiologia	50	---	---
Nutrição	40	45	---
Doenças Transmissíveis	---	---	50
Drogas e Soluções	38	---	---
Atadura	40	---	---
Higiene	33	---	---

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

\*As obras consultadas aparecem na listagem pelo seu nome ou pela categoria em que se enquadra.

**Quadro IV** - Mapa de Frequência à Biblioteca – 1950 (1º semestre)

Obras Consultadas	1ª Série	2ª Série
Recreativas	---	05
Higiene	---	01
Obstetrícia	01	05
Pediatria	---	04
Terapêutica	---	02
Anatomia	14	---

Fisiologia	14	---
Atadura	07	---
Puericultura	---	01
Química Biológica	01	---
Química Orgânica	01	---
Técnica de Enfermagem	04	---
Psicologia	---	02
História Universal	---	01
Dicionário Termos Médicos	---	01
Microbiologia	01	---
Pat. Cirúrgica	01	---
Dermatologia	---	01
Enf. Obstetrícia	---	01
Medicina de Urgência	---	01
Técnica de Laboratório	---	01
Ginecologia	---	01

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

\*As obras consultadas aparecem na listagem pelo seu nome ou pela categoria em que se enquadra.

\*\*Alguns nomes foram digitados da forma em que se encontravam nos relatórios, no intuito de não se causar equívocos.

#### Quadro V - Mapa de Frequência à Biblioteca – 1952 (1º semestre)

Obras Consultadas	Diplomadas	1ª Série	2ª Série	3ª Série
Prática Médica	---	01	---	01
Retrato de um Casamento	01	02	01	01
O idiota	---	---	---	03
O morro dos ventos uivantes	---	---	02	---
Semiologia Médica	---	---	---	03
Guia das Mães	03	---	---	---
Técnica de Enfermagem	---	11	11	09
Um espírito que se achou a si mesmo	---	---	---	01
Maria Antonieta	---	---	---	01
Técnica Cirúrgica	---	---	---	04
Propedêutica Obstétrica	---	---	03	31
Dietética Infantil	02	---	---	---

Verde, sinal de perigo	---	---	02	---
A sombra das raparigas em flor	---	02	---	---
Olhai os lírios do campo	---	02	---	---
Atlas de Anatomia	---	07	---	---
Anatomia e Fisiologia Humana	---	02	---	---
A Short History of Nursing	---	---	---	01
Bioquímica	---	01	02	01
O diabo que resolva	---	---	---	01
Convém matar um amigo	---	---	---	02
Princípios de Sociologia	---	---	---	06
Servidão Humana	---	---	---	01
Otorrinolaringologia	---	01	01	03
Tratado de Higiene	---	01	---	---
Técnica de Atadura	---	05	01	---
Medicina de Urgência	01	---	---	---
Manual Prático de Cirurgia	---	---	02	---
Tratado de Obstetrícia	---	---	---	01
Manual Obstétrico	---	---	---	03

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

\*As obras consultadas aparecem na listagem pelo seu nome ou pela categoria em que se enquadra.

\*\*Alguns nomes foram digitados da forma em que se encontravam nos relatórios, no intuito de não se causar equívocos.

\*\*\*Não foi possível listar algumas obras que constavam no relatório devido à dificuldade de identificar seus títulos, tendo em vista a apresentação já apagada ou manchada das letras datilografadas em tonalidade azul.

**Quadro VI - Mapa de Frequência à Biblioteca – 1953 (2º semestre)**

Obras Consultadas	1ª Série	2ª Série	3ª Série	Diplomadas
Língua Portuguesa	---	01	---	---
Tratado de Cl. Dç. Infec. e Parasit.	---	11	111	---
Comer Melhor	---	---	---	01
Tratado de Fisiologia	01	---	---	01
Anatomia e Fisiologia	02	---	---	---
Retrato de um casamento	---	01	---	---
Tratado de Ginecologia	---	---	---	01
Dicionário Francês Português	---	---	---	02
Dicionário Termos Médicos	---	01	---	---

Técnica de Enfermagem	---	01	---	---
Manual de Ginecologia	---	---	01	---
Um espírito que se achou a si mesmo	01	---	---	---
Compêndio de Enfermagem	---	01	---	---
Técnica de Ataduras	01	---	---	---
Atlas de Anatomia	01	---	---	---
Patologia Cirúrgica	---	---	---	01

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

\*As obras consultadas aparecem na listagem pelo seu nome ou pela categoria em que se enquadram.

\*\*Alguns nomes foram digitados da forma em que se encontravam nos relatórios, no intuito de não se causar equívocos.

\*\*\*Não foi possível listar algumas obras que constavam no relatório devido a dificuldade de identificar seus títulos, tendo em vista a apresentação já apagada ou manchada das letras datilografadas em tonalidade azul.

#### Quadro VII - Mapa de Frequência à Biblioteca – 1954 (1º e 2º semestres)

Obras Consultadas	Diplomadas	1ª Série	2ª Série	3ª Série
Como era verde o meu vale	---	---	01	---
O mundo que eu vi	---	---	02	---
Sociologia Experimental	01	---	---	---
Noções de H. de Filosofia	01	---	---	---
Princípios de Sociologia	01	---	---	---
Clínica Dermatológica	---	---	---	01
Manual de Pedagogia	02	---	---	---
História de Filosofia	02	---	---	---
Manual de Doenças dos Olhos	01	---	---	---
Educação e Vida Perfeita	01	02	01	---
Moléstias Infecciosas	---	---	01	03
Clínica Neurológica	---	01	01	---
Atlas de Anatomia	---	---	01	---
O Apóstolo	01	---	---	---
Psiquiatria Básica	---	---	---	01
Olhai os Lírios do Campo	---	01	---	---
Música ao Longe	---	01	---	---
Base da Clínica Neurológica	---	01	---	---
Os Fundamentos da Psicanálise	---	---	---	01
Tuberculose Pulmonar	---	01	---	---

Sistema Nervoso	---	---	01	---
Tratado de Clínica de Olhos	---	---	---	01
Clínica Médica	---	---	---	01
Psicologia Volutiva	01	01	---	---
Encontro de Amor	---	---	---	01
Doenças Tropicais	---	---	---	01
Moléstias Parasitárias	---	---	---	01
Código Civil Brasileiro	---	---	---	01
Para formar o caráter	---	01	01	---
Provérbios	---	---	01	01
O Idiota	---	01	01	---
Maria Stuart	---	---	---	02
Obstetrícia	---	---	01	01
A Ciência Avança	---	---	01	---
O mundo em que vivemos	---	---	03	---
Servidão Humana	---	---	01	---
Sociologia	---	---	01	---
Psicologia do Adolescente	---	---	01	---
Três poetas de sua vida	---	---	01	---
O combate pela vida	---	---	01	---

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

\*As obras consultadas aparecem na listagem pelo seu nome ou pela categoria em que se enquadra.

\*\*Alguns nomes foram digitados da forma em que se encontravam nos relatórios, no intuito de não se causar equívocos.

\*\*\*Não foi possível listar duas obras que constavam no relatório devido a dificuldade de identificar seus títulos, tendo em vista a apresentação já apagada ou manchada das letras datilografadas em tonalidade azul.

#### Quadro VIII - Mapa de Frequência à Biblioteca – 1955 (1º e 2º semestres)

Obras Consultadas	Diplomadas	1ª Série	2ª Série	3ª Série
Tratado de Clín. dos Olhos	---	---	---	04
Sistema Nervoso	---	---	03	---
Clínica Médica	---	---	---	02
Psicologia Evolutiva	02	01	---	---
Encontro de amor	---	---	---	03
Doenças Tropicais	---	---	---	01
Moléstias Parasitárias	---	---	---	01

Código Civil Brasileiro	---	03	---	---
Para formar o caráter	03	01	01	01
Provérbios	---	04	02	02
O Idiota	03	---	03	01
Maria Stuart	01	---	05	---
Obstetrícia	04	01	01	03
Atlas de Anatomia	---	---	02	---
O Apóstolo	---	---	01	---
Psiquiatria Básica	01	---	---	01
Olhai os lírios do campo	---	01	---	---
Música ao longe	---	01	---	---
Base da Clínica Neurológica	---	01	---	02
Os Fundamentos da Psicanálise	02	02	03	01
Psicologia Volutiva	---	---	03	04
Moléstias Infecciosas	---	---	01	03
Noções da H. de Filosofia	03	---	---	---
O mundo que vi	---	---	02	---
Sociologia Experimental	02	02	01	---
Manual de Pedagogia	---	---	01	01
Educação e vida perfeita	01	01	01	---
Tuberculose Pulmonar	---	---	01	---
H. da Raça	---	---	01	---
A Ciência Avança	---	---	01	---
O mundo em que vivemos	---	---	03	---
Servidão Humana	---	---	01	---
Sociologia	---	---	01	---
Psicologia do Adolescente	---	---	01	04
Três poetas de sua vida	---	02	01	---
O combate pela vida	---	03	01	03

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

\*As obras consultadas aparecem na listagem pelo seu nome ou pela categoria em que se enquadra.

\*\*Alguns nomes foram digitados da forma em que se encontravam nos relatórios, no intuito de não se causar equívocos.

#### Quadro IX - Mapa de Frequência à Biblioteca – 1956 (1º e 2º semestres)

Obras Consultadas	Diplomadas	1ª Série	2ª Série	3ª Série
Tratado de Clín. dos Olhos	---	---	---	03
Sistema Nervoso	---	---	05	---
Clínica Médica	---	---	---	04
Psicologia Evolutiva	04	03	---	---
Encontro de amor	---	---	---	06
Doenças Tropicais	---	---	---	01
Moléstias Parasitárias	---	---	---	02
Código Civil Brasileiro	---	03	---	---
Para formar o caráter	05	01	---	05
Provérbios	---	04	06	01
O Idiota	05	---	03	01
Maria Stuart	01	---	02	---
Obstetrícia	03	01	05	05
Atlas de Anatomia	---	---	02	---
O Apóstolo	---	---	01	---
Psiquiatria Básica	01	---	---	01
Olhai os lírios do campo	---	02	---	---
Música ao longe	---	01	---	---
Base da Clínica Neurológica	---	01	---	03
Os Fundamentos da Psicanálise	02	03	---	01
Psicologia Volutiva	---	---	03	04
Moléstias Infecciosas	08	03	06	03
Noções da H. de Filosofia	03	---	---	---
O mundo que vi	06	---	01	---
Sociologia Experimental	02	02	01	---
Manual de Pedagogia	---	---	01	01
Educação e vida perfeita	01	05	03	---
Tuberculose Pulmonar	---	---	02	---
Problemas Atuais de Psicologia	---	---	03	---
Princípios de Psicologia	---	04	---	---
Obras completas	06	---	---	03
Biologia Educacional	---	07	02	01
Tratado de Fisiologia	---	08	---	---
Noções de Téc. Fisiológica	---	06	---	---

Anatomia Humana	---	07	08	04
A Ciência Avança	04	---	---	---
O mundo em que vivemos	09	---	---	---
Servidão Humana	05	---	04	03
Sociologia	02	---	---	03
O combate pela vida	03	---	---	---
Três poetas de sua vida	---	03	---	02
Balsac	---	---	---	04
Joseph Fouché	---	05	---	---
Os Grandes Pensadores	---	---	01	---

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

\*As obras consultadas aparecem na listagem pelo seu nome ou pela categoria em que se enquadra.

\*\*Alguns nomes foram digitados da forma em que se encontravam nos relatórios, no intuito de não se causar equívocos.

#### Quadro X - Mapa de Frequência à Biblioteca – 1957 (2º semestre)

Obras Consultadas	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série
Who is my patient	01	---	---	---
Dictionary Eng-Port	01	---	---	---
Atlas de Anatomia Humana	01	---	---	---
Enciclopedia Hippodromia	01	---	---	---
Química Elementar	01	---	---	---
Anatomia e Fisiologia Humana	01	---	---	---
Psicologia do Adolescente	01	---	---	---
Dicionário Port. e Inglês	01	---	---	---
Dicionário Língua Portuguesa	01	---	---	---
Memória de um negro	01	---	---	---
Compêndio de Parasitologia	01	---	---	---
Servidão Humana	01	---	---	---
Destino de um homem	01	---	---	---
Tuberculose Pulmonar	---	---	01	---
Tratado de Pat. Médica	---	---	01	---
Tratado de Neurol.	---	---	01	---
Meios Diagnósticos da Tuberculose	---	---	01	---
Manual C. Terapêutico	---	---	01	---

Prob. de Psicol.	---	---	01	---
Hist. da Humanidade	---	---	01	---
Proped. Obstétrica	---	---	01	---
Patologia Cirúrgica	---	01	---	---
Música de Longe	---	01	---	---
Maria Stuart	---	01	---	---
Manual de Pat. Externa	---	01	---	---
Semiologia Médica	---	---	---	01
Clínica Médica	---	---	---	01

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

\*As obras consultadas aparecem na listagem pelo seu nome ou pela categoria em que se enquadra.

\*\*Alguns nomes foram digitados da forma em que se encontravam nos relatórios, no intuito de não se causar equívocos.

#### Quadro XI - Mapa de Frequência à Biblioteca – 1958 (1º e 2º semestres)

Obras Consultadas	Diplomadas	1ª Série	2ª Série	3ª Série
Anatomia Humana	---	07	01	01
Anatomia e Fisiologia Humana	---	01	---	---
As bases da farmacologia da terapêutica	---	---	03	---
Abdômen Agudo	---	---	---	01
Anus e Reto	---	---	---	01
Alimentação Sadia	---	01	---	---
A vida de S. Agostinho	---	---	01	02
A cidadela	---	---	---	02
A ciência da vida	---	01	01	---
As 8 pancadas do relógio	---	01	01	01
As vinhas da ira	---	01	---	01
Atlas de Anatomia	---	09	04	---
Clínica Médica	---	06	01	06
Compêndio de Parasitologia	---	---	01	---
Cirurgia da guerra moderna	---	---	---	03
Compêndio de Otorrinolaringologia	---	---	01	02
Como educar meu filho	---	01	01	---
Caso das sandálias perdidas	---	01	---	---
Compêndio de Psiquiatria	---	---	---	03

Cirurgia de Urgência	---	---	01	04
Compêndio de Pediatria	---	---	---	03
Convém matar um amigo	---	---	01	---
Choque e colapso	---	---	---	01
Destino de um homem	---	---	---	01
Dietética Infantil	---	---	---	03
Dicionário de Termos Médicos	---	---	---	03
Dicionário Enc. Brasileiro	---	---	---	02
Distúrbio de I. N. do Lactente	---	---	---	01
Doenças Tropicais	---	06	---	02
Enfermagem Obstetrícia e Ginecologia	---	---	02	01
Enfermagem Equipe de Saúde Pública	---	---	---	01
Enfermagem Ortopédica	---	---	---	01
Fisioterapia	---	---	01	---
Ginecologia	---	---	---	01
Guia do tuberculoso e do predisposto	---	---	02	01
Guia para criar o bebê	---	---	---	01
Guia das mães	---	---	---	01
Hotel Shangai	---	---	01	01
Introdução de Sociologia	---	---	---	01
Introdução de Psiquiatria	---	---	---	02
Manual de Pedagogia	03	---	---	---
Manual de Psiquiatria	---	---	01	04
Maria Stuart	---	---	---	03
Manual de Obstetrícia	---	---	01	01
Noções de Otorrinolaringologia	---	---	---	01
Mais seguro na enfermagem	---	---	---	02
Manual de dissecação	---	01	---	---
Medicina Infantil	---	---	---	01
Medicina de Urgência	---	01	---	---
Moléstias Infecciosas	---	02	---	02
Medicina Preventiva	---	---	---	01
Noções H. Filosofia	---	02	---	---
Noções de Bioestatística	---	---	---	01
Noções de Higiene Infantil	---	---	01	02

Nursing Mental	---	---	01	02
Nurses Handbook	---	---	01	---
O Apóstolo	---	05	---	---
O Idiota	---	---	02	01
O mundo que eu vi	---	01	01	---
Obstetrícia	---	---	---	04
Olhai os lírios dos campos	---	---	01	---
O espírito que se achou a si mesmo	---	01	---	---
O que o livro da S. Michel me contou	---	---	---	01
Os grandes pensadores	---	---	---	01
O diabo que resolva	---	---	01	---
O caráter	---	01	01	---
Operações Ginecológicas	---	---	---	01
Os meios diagnósticos da tuberculose	---	---	---	01
O homem de roupa marrom	---	---	01	---
Oswaldo Cruz	---	---	01	---
Para formar caráter	02	---	---	---
Patologia Funcional	---	---	01	---
Patologia Geral	---	---	01	---
Patologia Cirúrgica	---	---	01	03
Provérbios	---	---	---	06
Propedêutica Obstétrica	---	---	03	10
Psicologia do Adolescente	---	---	01	---
Psicologia Evolutiva	---	---	---	01
Psiquiatria Básica	03	---	---	---
Puericultura	---	01	---	01
Sistema Nervoso	---	---	04	---
Sociologia Educacional	---	---	---	01
Sociologia Experimental	---	---	02	---
Sociologia e Psicanálise	---	01	02	01
Tratado da C. de Olhos	---	---	03	05
Tuberculose Pulmonar	---	01	---	---

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

\*As obras consultadas aparecem na listagem pelo seu nome ou pela categoria em que se enquadra.

\*\*Alguns nomes foram digitados da forma em que se encontravam nos relatórios, no intuito de não se causar equívocos.

**Quadro XII** - Mapa de Frequência à Biblioteca – 1959 (1º e 2º semestres)

<b>Obras Consultadas</b>	<b>Diplomadas</b>	<b>1ª Série</b>	<b>2ª Série</b>	<b>3ª Série</b>
Tratado de C. dos Olhos	---	---	06	04
Sistema Nervoso	---	---	05	---
Clínica Médica	---	08	---	---
Psicologia Evolutiva	06	---	---	05
Encontro com Amor	---	05	---	---
Doenças Tropicais	---	---	05	02
Moléstias Parasitárias	---	07	---	---
Código Civil Brasileiro	05	---	---	---
Para formar caráter	---	03	02	06
Provérbios	---	---	---	04
O Idiota	---	04	---	---
Maria Stuart	03	---	04	---
Obstetrícia	---	---	03	05
Atlas de Anatomia	---	03	---	---
O Apóstolo	---	---	01	---
Psiquiatria Básica	---	01	---	---
Olhai os lírios do campo	---	---	---	03
Música ao longe	01	---	---	---
Base da C. Neurológica	---	---	02	---
Fundamentos da Psicanálise	02	---	---	---
Psicologia Volutiva	---	---	---	03
Moléstias Infecciosas	---	02	---	---
Noções de Filosofia	---	---	03	---
O mundo que vi	01	---	---	---
Sociologia Espiritual	---	---	---	01
Manual de Pedagogia	03	---	---	---
Educação da vida perfeita	---	01	---	---
Tuberculose Pulmonar	---	---	01	---
Psicologia	---	05	03	---
Elementos de Anatomia e Fisiologia	---	08	05	---
Medicina de Urgência	---	03	04	---
Química Biológica	---	07	01	---
Manual Prático do Cirurgião	---	02	---	03

Administração de Medicamentos e Preparo de Solução	---	---	02	05
História da Enfermagem	---	---	---	08
Cultura da Ética	---	02	---	03
Deuses, túmulos e sábios	---	---	01	03
História da literatura	---	---	01	02
E a Bíblia tinha razão	---	01	02	---
Convém matar um amigo	---	---	03	01
Enfermagem em Obstetrícia e Ginecologia	---	---	01	02
Fisioterapia	---	01	---	---
Guia do tuberculoso e do predisposto	---	---	02	03
Enfermagem em Ortopedia	---	01	01	---
Técnica de Enfermagem	---	03	01	02
Técnica de Ataduras	---	04	02	---
Compêndio de Parasitologia	---	03	01	---
Dicionário de Termos Médicos	---	02	---	03
Florence Nightingale	---	---	---	02
São Francisco de Assis	---	01	---	---
O enforcado	---	---	---	04
Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa	---	---	---	02
Sayonara	---	03	02	05
Retirada da Laguna	---	---	03	---
Choque e colapso	---	01	02	---
Dietética Infantil	---	---	02	01
Compêndio de Pediatria	---	01	03	02

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

\*As obras consultadas aparecem na listagem pelo seu nome ou pela categoria em que se enquadra.

\*\*Alguns nomes foram digitados da forma em que se encontravam nos relatórios, no intuito de não se causar equívocos.

#### Quadro XIII - Mapa de Frequência à Biblioteca – 1960 (1º e 2º semestres)

Obras Consultadas	Diplomadas	1ª Série	2ª Série	3ª Série
Manual de Pedagogia	---	01	---	---
Provérbios	02	---	---	---
O mundo que vi	---	---	---	03

Doenças Tropicais	---	01	---	---
Para formar caráter	01	---	---	---
Obstetrícia	---	---	---	02
Atlas de Anatomia	---	---	03	---
O Apóstolo	01	---	---	---
Psiquiatria Básica	---	---	01	---
Sistema Nervoso	---	02	---	---
Tuberculose Pulmonar	---	---	---	01
Olhai os lírios dos campos	---	---	02	---
Educação da vida perfeita	---	01	---	---
Sociologia espiritual	---	---	---	01
Moléstias Infecciosas	02	---	---	---
O Idiota	---	---	04	---
Música ao longe	---	01	---	---
Código Civil Brasileiro	04	---	---	---
Fundamentos da Psicanálise	---	01	---	---
Maria Stuart	---	---	01	---
Psicologia Evolutiva	---	---	---	02
Tratado C. de Olhos	---	02	---	---
Moléstias Parasitárias	---	---	01	---
Base da Clínica Neurológica	01	---	---	---
Noções de H. de Filosofia	---	---	---	01
Patologia Médica	---	---	01	04
Dicionário de Termos Médicos	---	02	---	01
Dicionário Prático da LÍng. Nacional	---	01	---	---
Bacteriologia	---	---	---	01
Esterilização	---	02	---	---
Ataduras	---	01	---	---
Tratado de Higiene	---	04	---	---
Saneamento	---	02	---	---
Saúde Pública	---	01	---	---
A vida de Florence Nightingale	---	01	---	01
Manual de Técnica	---	---	---	01
Elementos de Anatomia	---	01	---	---
Fisiologia	---	01	---	---

Técnica de Enfermagem	---	01	---	---
Anatomia	---	01	---	---
Enfermeira Médica	---	01	---	---

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

\*As obras consultadas aparecem na listagem pelo seu nome ou pela categoria em que se enquadra.

\*\*Alguns nomes foram digitados da forma em que se encontravam nos relatórios, no intuito de não se causar equívocos.

#### Quadro XIV - Mapa de Frequência à Biblioteca – 1961 (1º e 2º semestres)

Obras Consultadas	Diplomadas	1ª Série	2ª Série	3ª Série
Técnica de Enfermagem	---	06	04	---
Anatomia	---	01	01	---
Enfer. Médica	---	02	01	---
Saneamento	---	06	---	---
Clínica Médica	---	---	01	02
Urologia	---	---	01	---
Trat. Higiene	---	15	---	---
Serviço Social	---	01	---	---
Dicio. Ter. Médi.	---	03	04	---
Saúde Pública	---	---	---	01
Boletim Saúde	---	01	---	---
C. Parasitologia	---	04	02	---
Química	---	01	---	---
Dicionário Português	---	08	08	---
Oxigenioterapia	---	---	01	---
Epidemiologia	---	01	---	---
C. de Filosofia	---	02	---	---
Farmacologia	---	01	02	---
Téc. Laboratório	01	---	---	---
Fisioterapia	---	---	---	01
Obstetrícia	---	---	---	02
Otorrinolaringologia	---	---	---	02
Patologia Geral	---	01	03	---
Ginecologia	---	---	02	---
História da Cruz Vermelha	---	01	---	---

História da Civilização	---	03	---	---
História da Enfermagem	---	02	---	---
História da Humanidade	---	01	---	---
História Geral	---	01	---	---
Tratado de Enfermagem	---	01	01	---
Sociologia	---	---	---	01
Massagem	---	---	06	---
Biologia	---	---	02	---
Higiene Mental	---	01	---	---
Oftalmologia	---	01	---	---
Ética	---	01	---	---
Compêndio de Neurologia	---	---	---	01
Literatura	---	---	01	---
Revistas	---	---	01	---
Primeiros Socorros	---	---	01	---
Chamada de urgência	---	---	01	---
Fisiologia	---	02	02	---
Patologia Externa	---	---	---	01
Enfermagem em Doenças Transmissíveis	---	---	07	---
Ginecologia e Endocrinologia	---	---	01	---
Ortopedia	---	---	01	---
Cirurgia	---	01	---	---
Tisiologia	---	---	01	---
M. Prático do Cirurgião	---	01	---	---

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

\*As obras consultadas aparecem na listagem pelo seu nome ou pela categoria em que se enquadra.

\*\*Alguns nomes foram digitados da forma em que se encontravam nos relatórios, no intuito de não se causar equívocos.

#### Quadro XV - Mapa de Frequência à Biblioteca – 1962 (1º semestre)

Obras Consultadas	Diplomadas	1ª Série	2ª Série	3ª Série
Técnica de Enfermagem	02	07	02	15
Técnica de Ataduras	---	02	---	---
Enfermeira Médica	---	09	---	02
Enfermeira Cirúrgica	01	01	01	---

Enfermeira Obstétrica	---	---	---	05
Enfermeira Pediátrica	---	---	---	01
Enfermeira Ortopédica	01	---	---	---
Enfermagem Saúde Pública	---	---	---	05
Manual Prát. Cirurg.	---	04	03	01
Element. Anat. Fisiol.	02	05	---	02
Neurologia	---	---	---	02
Psiquiatria	04	---	---	---
Profilax. Doen. Trans.	---	09	04	03
Psicologia	---	---	---	03
Primeiros Socorros	01	---	---	---
Ginecologia	01	---	---	---
Clínica Médica	01	---	---	---
Legislação	01	---	---	---
Dietética	---	---	---	01
Obstetrícia	---	---	---	02
Tisiologia	01	---	01	02
Administ. e Prep. Sal.	---	01	---	---
Higiene	---	---	---	02
Senhora	---	01	---	01
Um espírito que se achou a si mesmo	01	---	---	01
Alguém a minha espe.	---	---	01	02
O enforcado	---	01	---	---
Uma luta contra a morte	---	01	---	---
Princesa do mar	---	01	---	---
As Pupilas do Senhor Reitor	---	01	---	01
Poesia e Prosa	---	---	01	01
Melodia do antig. Amor	---	---	01	---
A princesa do exílio	---	---	02	---
O Anel da Rainha de Sabá	---	---	01	---
Seis novelas	---	01	---	---
Hist. Sherlock Holmes	---	01	---	---
Sayonara	---	---	---	01
Contos escolhidos	---	01	---	01
Solar dos Schillings	---	01	---	---

Civilização	01	---	---	---
Os Grandes Homens da Ciência	---	02	---	01
A corrente	---	---	01	01
A viúva, a cortesã, a religiosa	---	01	---	01
E Bíblia tinha razão	---	---	01	---
O tempo e o vento	---	02	01	01
A aldeia ancestral	---	---	01	---
A Bíblia	---	01	---	---
Noções Domésticas	---	01	---	---
Apenas um coração solitário	---	01	---	---
Casamento moderno	---	---	---	01
Milagres de sua mente	---	---	---	01
Morro dos ventos uivantes	---	01	---	01
O amor acima de tudo	---	01	---	04
O grilo da lareira	---	01	---	---
A hora antes do amanhecer	---	01	---	---
O noivo ideal	---	01	---	01
A dama de fogo	---	01	---	---
Vedik	---	01	01	---
O resto é silêncio	---	01	---	---
A primeira esposa	---	01	---	---
Verde, sinal de perigo	---	---	01	---
Escândalo Hollywood	---	02	---	---

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

\*As obras consultadas aparecem na listagem pelo seu nome ou pela categoria em que se enquadra.

\*\*Alguns nomes foram digitados da forma em que se encontravam nos relatórios, no intuito de não se causar equívocos.

#### Quadro XVI - Mapa de Frequência à Biblioteca – 1963 (1º semestre)

Obras Consultadas	Diplomadas	1ª Série	2ª Série	3ª Série
Finalid. Recreativa	---	04	---	82
Dicionário	---	04	---	18
Socor. Urgência	---	---	---	02
Drogas e Soluções	---	---	---	02
Dças Venéreas	---	---	---	15

Técnica de Enfermagem	05	14	---	01
Anatomia	---	24	---	08
C.R.L.	---	---	---	65
Dietet. Infantil	---	---	---	07
Enfermagem	---	13	---	02
Tisiologia	---	---	---	24
Saúde Pública	---	01	---	12
Neurologia	---	---	---	43
Microbiologia	---	21	---	---
Nutrição	01	---	---	01
Bioquímica	---	18	---	---
Pediatria	---	---	---	03
Chefia	01	01	---	02
Dietoterapia	---	---	---	01
Obstetrícia	02	---	---	24
Literatura	03	---	---	02
Fisiologia	---	02	---	---
Psiquiatria	01	---	---	12
Ortopedia	---	---	---	01
Sociologia	---	---	---	09
Oftalmologia	---	---	---	17
Higiene	---	14	---	---
Ginecologia	---	---	---	01
Parasitologia	---	03	---	01
Francês	01	---	---	---
Ajustm. Profissional	---	01	---	02
Ética	---	01	---	02
Psicologia	---	---	---	03

Fonte: Relatório das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ. Acervo do Centro de Memória da FENF/UERJ.

\*As obras consultadas aparecem na listagem pelo seu nome ou pela categoria em que se enquadra.

\*\*Alguns nomes foram digitados da forma em que se encontravam nos relatórios, no intuito de não se causar equívocos.